

REVISTA DA SEMANA

N.º 13

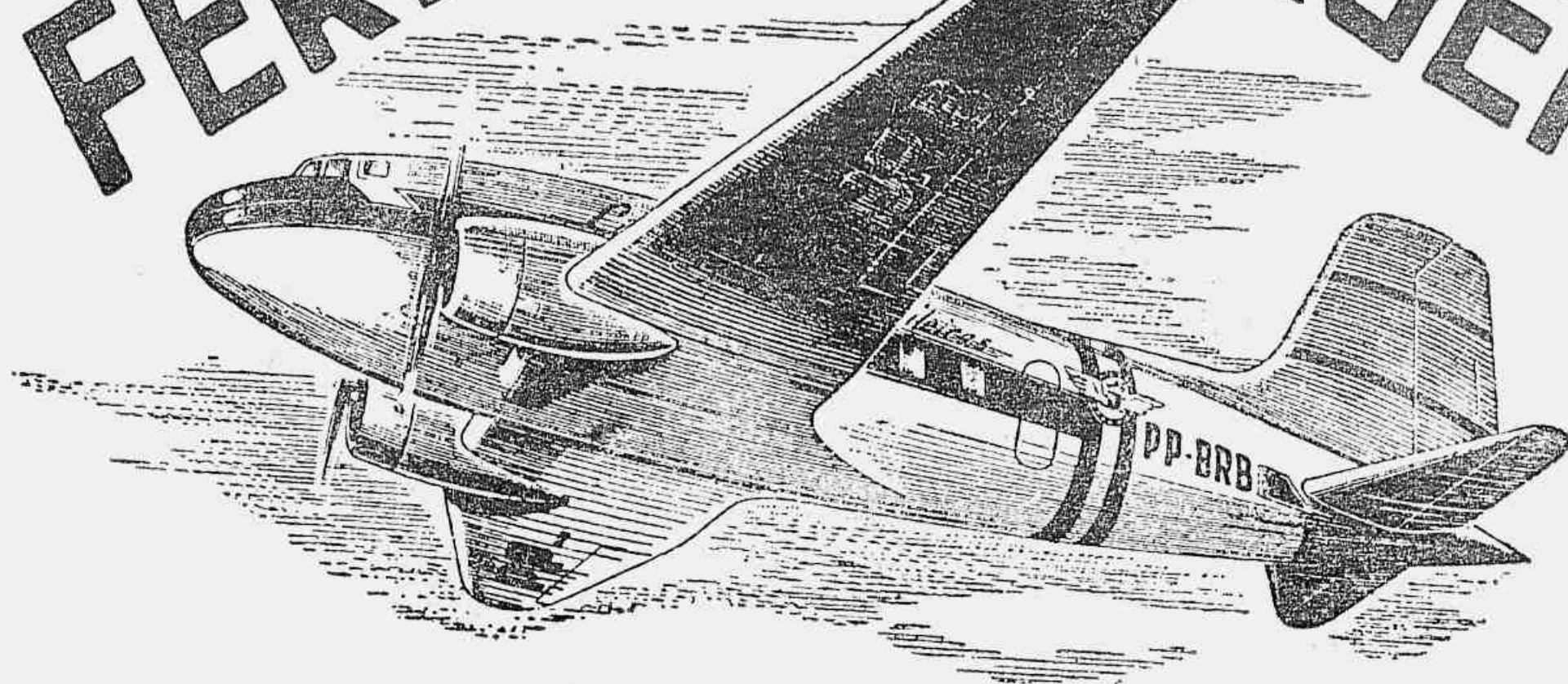
CR\$ 3,00 EM TODO O BRASIL

26-3-1949



FÉRIAS.

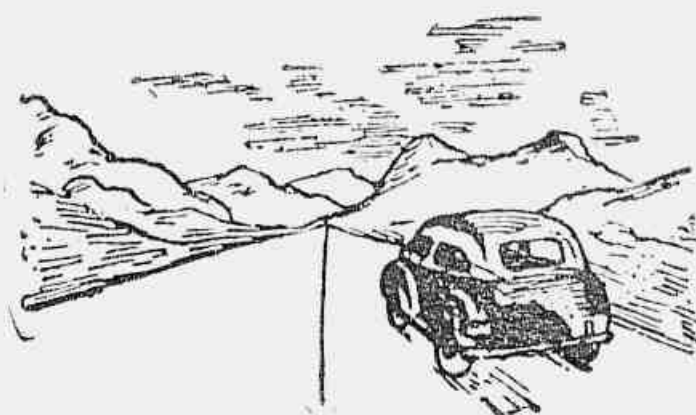
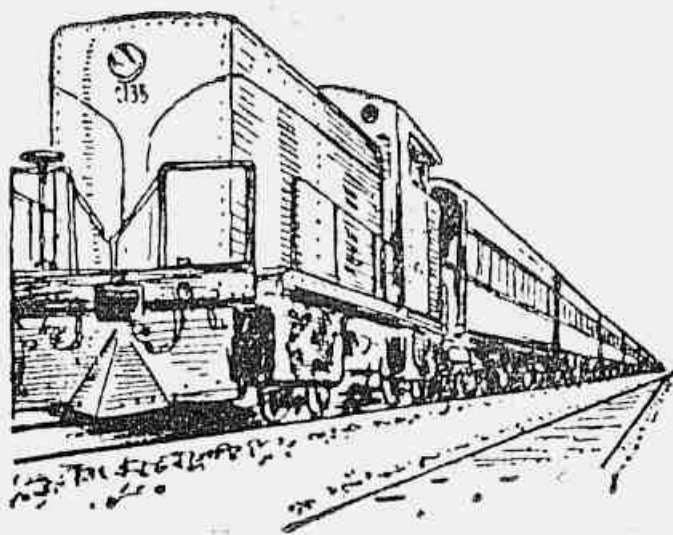
VIAGEM.



SE VAI ENTRAR EM FÉRIAS OU VAI VIAJAR
NÃO DEIXE O COMPANHEIRO INESQUECÍVEL

O ALMANAQUE EU SEI TUDO, para
1949, que está à venda em todo o
Brasil.

Por Cr\$ 15,00, — no país inteiro, —
os seus leitores conhecerão o que há
de mais moderno e interessante em
todo o mundo e o que guarda, atra-
vés dos tempos, a eterna beleza do
passado. Ciência, arte, esporte, lite-
ratura, charadas, diversões, aconteci-
mentos palpitantes, e um calendário
completo para 1949.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO
POSTAL SEM AUMENTO DE
PREÇO

Pedidos à COMPANHIA EDITORA
AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape n.º 15
—Rio de Janeiro

ALMANAQUE EU SEI TUDO

E o mundo não se acabou

EM todos os países do planeta há a crença de que está para breve o estouro dêste mundo. O Criador já o arrasou uma vez, cobrindo-o d'água; mas, coração piedoso e tolerante, fiou-se em Noé, confiando-lhe a missão de alta responsabilidade e prazo infinito, de formar nova humanidade. Que vimos, porém? Mal acabava de encostar a barca nos cumes do Ararat, a primeira coisa que fez foi embebedar-se, tomando o maior pifão de que reza a história judaica.

Não podia sair dali uma humanidade regenerada. Além do mais, os suínos também foram salvos, e isso contribuiu para que continuasse no mundo a influência do espírito de porco.

Depois do dilúvio universal, os homens continuaram a pecar, a cometer atos degradantes, a promover guerras, assassinios, roubos, enfim, toda a espécie de delitos. Então, segundo os mais velhos, Deus ameaçou: "Da próxima vez Eu os aniquilarei a Fogo".

Essa tradição não existe apenas entre os cristãos. Ela se espalhou por muitos povos de crenças diferentes. Só com fogo se apagará da Terra a maldição da humanidade.

Contam nossos avós, que já ouviam dos seus esta profecia: "Não passará de dois mil". Do ano dois mil. Estamos em 1949, portanto há um saldinho a aproveitar. Para provar a predição divina, narram os mais velhos que, ao subir aos céus, Nossa Senhora, Mãe de Jesus, ainda com o coração lanceolado pelas ingratidões terrenas, apanhou um punhado de terra da Judéia e, jogando-a ao vento, disse: "Cada ano será um grão dessa areia; quando esgotar-se, será o fim do mundo".

Já houve quem procurasse apurar isso, contando os grãosinhos de terra que poderiam caber na pequenina mão da Virgem. Mas nunca se chegou a qualquer conclusão. Por êsse motivo, ficaram os técnicos entre 1900 e 2000. Dentro dêsse limite o mundo se acabará. Em princípios do atual século, com o aparecimento do Biela, houve pânico. O mesmo quando surgiu, em 1910, o belíssimo Halley. Houve nervosismo, preces, novenas, promessas, velas a derreter para afastar o perigo. Agora, na Alemanha, um cidadão anônimo declarou ter visto uma cruz negra no sol. Cruz negra no sol só poderia ser o sinal celeste da morte da Terra.

A imprensa, o rádio, os vizinhos foram divulgando o fenômeno e suas consequências fatais. O mundo ia acabar. Estava na hora. Nas áreas rurais da Alemanha ocidental, onde teve grande curso a notícia, o povo caiu em pânico. Encheram-se as igrejas e ninguém trabalhou. Era preciso conciliar-se com Deus. Os padres, as autoridades, procuravam acalmar as multidões aflitas, explicando que nada iria acontecer. Debalde. Todo mundo estava certo de que chegara a hora do Juízo Final. Esgotara-se a última partícula do punhado de areia de Nossa Senhora, areia que só existia agora nos olhos dos que não queriam ver.

E, por verdadeiro azar, em Bayirsche, manifestou-se violentíssima ventania, à noite, arrancando cabos de energia elétrica, provocando curtos-circuitos, derrubando postes, alarmando todo mundo.

Era o fim. O povo se excitou. Altares foram erguidos em muitos lares, encheram-se os templos católicos, protestantes... O Bureau de Meteorologia de Ries, próximo de Passau, se viu louco com os repetidos e aflitos pedidos de notícias. Todos queriam saber se demorava muito a agonia da Terra que já entrara em transe. Queriam saber a hora exata da catástrofe. O Observatório de Frankfurt também se viu sitiado por pedidos de notícias.

E se repetiu a anedota da cabra, ao tempo em que os bichos também tinham a infelicidade de falar. Um macaco brincalhão inventou que o mundo ia acabar. Um instante depois caiu uma fôlha na cabeça da cabra; espantada, correu a gritar que o mundo estava tremendo. A bicharada inteira estourou nos campos, nas florestas, nos rios, nas praias. Só o macaco aproveitou a brincadeira, comendo do bom e do melhor, na ausência dos alarmados em pânico.

Assim também em Bayirsche. Herr Fritz, pouco se lhe dando que o mundo estourasse pelas costas ou pela frente, do lado ocidental ou oriental, pelo polo sul ou pelo do norte, vendo tanta cerveja abandonada nas mesas enquanto todo mundo orava pedindo misericórdia a Deus, com a maior calma dêste mundo louco, foi esvaziando os copacos e dizendo: **oh, que vida boa!**

Meu caro leitor. Todos dizem que esta vida não presta, que o mundo é um inferno, que a humanidade está perdida. Mas por que motivo todos correm para as igrejas, para os altares, para as casas de oração quando algum profeta anônimo, sem eira nem beira, espalha que o mundo vai acabar? Não pensem que os aflitos vão pedir a Deus a salvação de suas almas. Nada! O que desejam é continuar nessa vidinha...

E tinha razão Mendes Fradique quando filosofava: "Êste mundo é um vale de lágrimas; mas ainda é um bom vale".

RUYS SAULO ★ Especial para «REVISTA DA SEMANA»

REVISTA DA SEMANA

Sumário :

SEÇÕES PERMANENTES

E o mundo não se acabou (Ruy Saulo) ...	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	51

REPORTAGENS

As mulheres assaltaram a marinha (Harold Green)	4/ 6
A vida atribulada de um condutor de massas	28/33
O submarino do futuro	58

CARICATURA

O mundo manca e a mula murcha	7
Bom humor	11

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária	15

ROMANCE

Dedos queimados (Kathleen Norris)	12/13
---	-------

BIOGRAFIA

A vida de Bacon	14
-----------------------	----

RÁDIO

Broadcast (A. Migueis)	18
------------------------------	----

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos	19
Noites de elegância	20/21
Sugestões para você	24/25
Novos modelos	25
A volta da tailleur	26
O pequeno vestido	27
Novamente a fita	27
Detalhes e novidades	34/35
Mães e filhos (Anamaria Célia)	35
Modernos penteados	36
Cabeças pequenas	36
Week-end na cozinha	37
Renda	38
Decotes	39
Modelos elegantes	40

CONTOS

O madrinheiro (Antônio de O. Varela)	42
Sinhá da casa grande (Ruth M. L. de Almeida)	22

NOVELA

Um casamento na Escócia (Mary Just)	44/45
--	-------

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra) ..	46
--	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	47
---	----

MÚSICA (Roberto Lyra Filho)

TEATRO

Um caso na vida teatral	49
-------------------------------	----

FOLHETIM

Drago	53/54
-------------	-------

ARTES PLÁSTICAS

Saul Baizermann (Angelus Ravel)	55
---------------------------------------	----

CINEMA

Cine-revista (Frank Stein)	56/57
----------------------------------	-------

ILUSTRADORES

Luis Canabrava
Armando Pacheco

REVISTA DA SEMANA

NOSSA CAPA

Apresentamos na capa do presente número da REVISTA DA SEMANA Ann Sothern, uma das mais conhecidas e elegantes "estrelas" de Hollywood. Após um longo afastamento das nossas telas, a incorrigível e endiabrada Maisie promete-nos para breve a sua volta.

(Foto M.G.M.)



Ao alto: Esta é a senhorita Kathleen Ritchie, que está mostrando não ser verdade que a mulher é a parte fraca. Antes de partir para longas terras, o "Fordillera" foi abastecido de víveres e bebidas e estas duas meninas pegaram no pesado. Em baixo: A Beulah Panell coube um serviço mais leve, porém de muita responsabilidade: arrumar os camarotes e dar-lhes aspectos agradáveis. Lá vão elas para terra, depois de longos, intermináveis meses em pleno oceano. Trazem lembranças para amigos e parentes



AS MULHERES ASSALTARAM A MARINHA

Texto de **HAROLD GREEN**
Fotos **KEYSTONE**



Kathleen Ritchie, chefe da despensa, escreve suas impressões de viagem e anota episódios do que ia ocorrendo a bordo do "Cordillera"

Não é comum ver-se uma tripulação toda feminina em navios mercantes, ou mesmo mista, com uma parte composta de homens e outra de mulheres. Dizem os que combatem a presença de saias nas tripulações, que a mulher em navio mercante é sempre motivo de perturbações da ordem. Onde há mulher a serpente bordeja a procura de maçãs para comprometer a vida do desgraçado Adão.

Antes da guerra os grandes transatlânticos italianos do porte do "Netúnia", possuíam grande número de moças de rara beleza e finíssima educação em serviço interno nos navios da companhia. As famílias que tinham a felicidade de ser servidas pelas camareiras daquela estirpe, deixavam os navios com saudade do tratamento e com a mais agradável impressão.

Alguns países da Europa admitem tripulação feminina, até mesmo em seu todo. Embora se trate de serviço pesado e fatigante, exigindo horários estafantes, força muscular e técnica de carga e descarga, as mulheres dão exemplo de disciplina e eficiência, causando admiração.

Mas isso não é novo. Nas próprias guerras o elemento feminino tomou parte ativa integrando tripulações nas linhas de batalha. Desde Nelson isso sucedia, e as mulheres tomavam parte em combates navais com a mesma bravura com que atuavam os marujos experimentados e habituados ao fragor da guerra.

Apesar de todos estes exemplos, sempre houve certa resistência entre armadores. Entretanto, o elemento feminino como parte integrante nas tripulações, seja em barcos de passageiros, seja em navios de carga, nunca decepcionou.

Em face desses antecedentes, as mulheres estão voltando ao trabalho nos "decks", camarotes e porões de carga, auxiliando com a mais absoluta eficiência o serviço que, até pouco tempo, só era confiado aos homens.

Recentemente o armador H. G. Mann empregou catorze mulheres em seus navios de 3.600 toneladas numa viagem de Hull, porto inglês, para a África do Sul, Brasil e outros pontos do mundo.

Não se trata de vapores de cruzeiros turísticos e sim, de barcos de carga, onde o trabalho é redobrado e muito mais perigoso.

Num desses navios sob o comando do cap. M. Prame, o "Cordillera", essas jovens formam ótima seção no corpo das tripulações e dão ao barco um clima de trabalho agradável e de felicidade social. Quanto ao nível moral, é ele mantido no mais elevado grau. Dizem os capitães que o serviço num navio desses não é nenhum



Dra. Marguerite Sheare, médica de bordo do cargueiro "Cordillera", a primeira que desempenha esse serviço

"pic-nic", como poderia parecer, dada a presença de lindas garotas, dividindo com os homens o trabalho de limpeza, carga e descarga de um alentado navio em longas viagens entre os continentes e em visita a povos de variadas raças e costumes.

O expediente é severo e de grandes responsabilidades. Dez horas por dia e sete dias na semana. Para compensar isso, têm elas excelentes acomodações a bordo, com camarotes para duas, ótimas cabines, muito limpas



Diante da curiosidade das marujas, o engenheiro-chefe H. Forster e seu assistente J. Smith, mostram como funciona a engrenagem



Esta é Margaret Kennedy, cognominada a "tigre" de bordo sinônimo de líder das outras, e que a todos encanta

e modernas. Recebem uniformes para o trabalho, e são admitidas ao serviço, dos dezessete aos quarenta e três anos, tudo dependendo, naturalmente, do vigor físico, saúde, bons costumes, etc.

Que fazem essas moças nos barcos de H. G. Mann? Desempenham os mais variados mistérios a bordo. Há umas que são despenseiras, outras trabalham na cozinha, na copa, nos camarotes, auxiliam nos serviços de carga e descarga, além de outras ocupações de bordo.

Uma das mais recentes viagens dessas moças foi à Austrália, ao Canadá e América do Sul, com a duração de cinco meses pelo mundo. Isso é muito atraente e desperta interesse no espírito das moças dispostas a enfrentar certas responsabilidades em serviços que, até hoje, só eram desempenhados pelos homens.

Perguntaram ao capitão de um desses vapores se ele estava satisfeito com o trabalho da equipe feminina, e

sua resposta foi afirmativa, afirmando que elas se desempenhavam a contento e eram caprichosas no cumprimento de seus deveres, executando as tarefas com o mais perfeito conhecimento profissional.

Essas jovens, aliás, já haviam servido no "Women's Royal Naval Service", que congregava todas as mulheres dedicadas ao serviço auxiliar de guerra e que foi organizado na Inglaterra durante a última guerra mundial, destinado a socorrer os marujos náufragos nas costas do país, por tempestades ou resultante de lutas nos mares.

Desta forma, todas essas marinheiras de verdade já são peritos experimentados nas batalhas da vida e da morte, tanto na defesa da pátria como no serviço árduo de seu soerguimento econômico.

Na recente longa viagem do "Cordillera", ocupava o lugar de camareira miss Beulah Pannell, sendo muito

bons os seus serviços. Além dessa, ocupou o cargo de despenseira de bordo, miss Ritchie, verdadeira lady pelo tratar cordial e elevada educação demonstrada entre todos os membros da tripulação.

Outras duas moças que muito comprovaram sua capacidade de trabalho, foram Barbara Lee, de Chesterfield, e Pearl Faulkner, de Aberdeen, a quem cumpria re-abastecer a despensa de tudo o que fosse necessário à longa viagem, antes de o navio zarpar das docas de Hull.

Por sua vez a "garçonete" Dorothy Reed se impôs à tripulação, servindo café aos seus companheiros do outro sexo, sempre com um sorriso nos lábios.

A curiosidade das tripulantes não ficou satisfeita com o mais completo conhecimento de suas funções, e elas

(Continua na pág. 32)



Aqui estão estas duas jovens da tripulação feminina do "Cordillera", entregues aos serviços de despensa e alimentação. Nada como um cafezinho bem fresco e cheiroso servido no intervalo dos trabalhos por uma colega como Dorothy Reed



MUNDO MANCA



MULA MURCHA

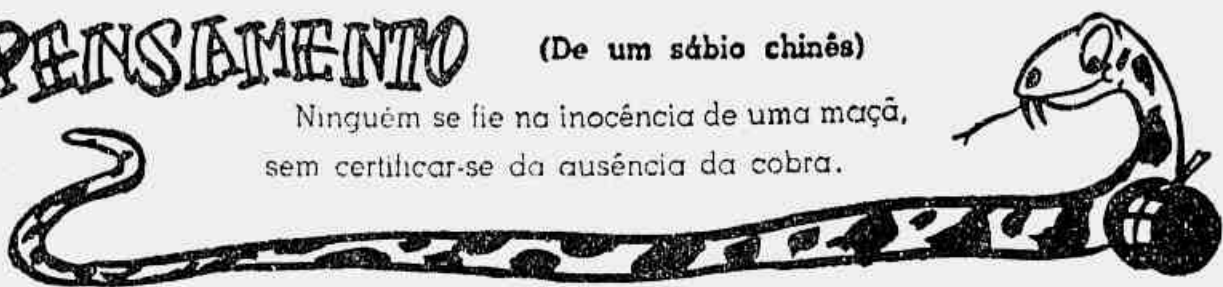


BONECOS DE RAFAEL • PÁGINA DE AGITAÇÕES ATÔNITAS-ARTE-MANHA • DIREÇÃO DO C^{DE} SALAMALEQUES

PENSAMENTO

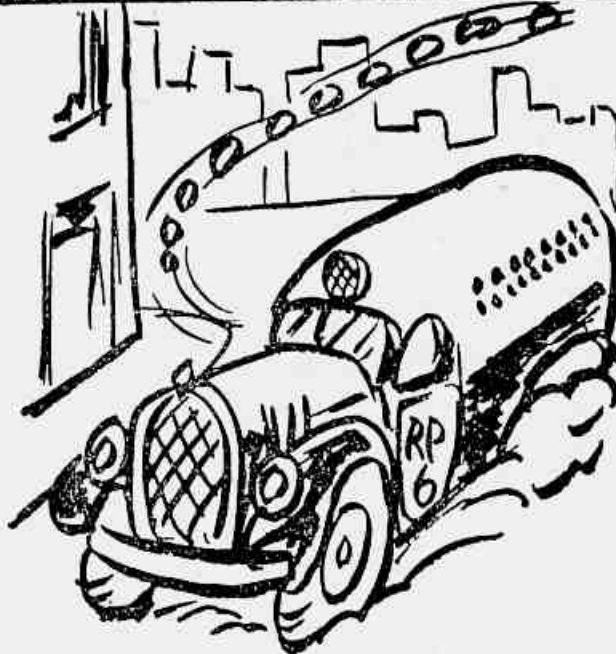
(De um sábio chinês)

Ninguém se fie na inocência de uma maçã, sem certificar-se da ausência da cobra.



SUCIALS

Inauguração — Com uma sessão festiva, inaugurou-se em casa do amigo João Ferro a perna de pau de seu sogro, que estava sem poder andar desde o acidente ao pular o muro do vizinho para tirar umas mangas. Durante a festa o homenageado dançou a marchinha «Pirata da perna de pau», com muito sucesso e como propaganda da casa ortopédica que ainda lhe pagou algum



Viajantes — Depois de várias excursões pela ilha dos Porcos, Fernando Noronha e outros lugares de aprazível turismo correcional, viajaram para as Neves, em Belo Horizonte, os distintos sentenciados Volta Sêca e Volta Cruel, detidos em Volta Redonda, depois de darem umas voltas no carro de presos, pelas ruas desta cidade, que lhes pareceu muito insípida

Garantias — Tendo surpreendido sua esposa d. Araci Dido a ler o livro «A vida das abelhas», pediu garantias à polícia o nosso prestimoso açougueiro Semeão Atur. Fazemos votos para que volte a paz ao lar do casal Atur-Dido



PARE!

Ler muito é prejudicial: descanse cinco minutos e depois continue.



Matrinha (Passa Quatro) — O marquês de Pombal foi um grande estadista de Portugal do século XVIII e nada tem que ver com a ilha de Paquetá, Pombal de amôres

Dircinha (Ubá) — Nem sempre se faz aumentativo acrescentando o sufixo ão à palavra primitiva. **Botão** nunca foi **bota grande**, nem tão pouco **latão** chegou a ser uma **grande lata**. Por sua vez, **corda grossa** jamais pode ser um **cordão**. Assim, se seu pai se chama **Jô**, por mais paciente que seja nunca poderá ser um **João**

Joaminha (Catumbi) — A diferença que há entre fome e apetite é simplesmente social: quando um pobre come, mata a fome, e quando um rico vai à mesa, satisfaz o apetite. Um come para viver, enquanto o outro vive para comer. E comer alto!

Barão do Buteco



CONSELHOS DE UM PAI INCOGNITO



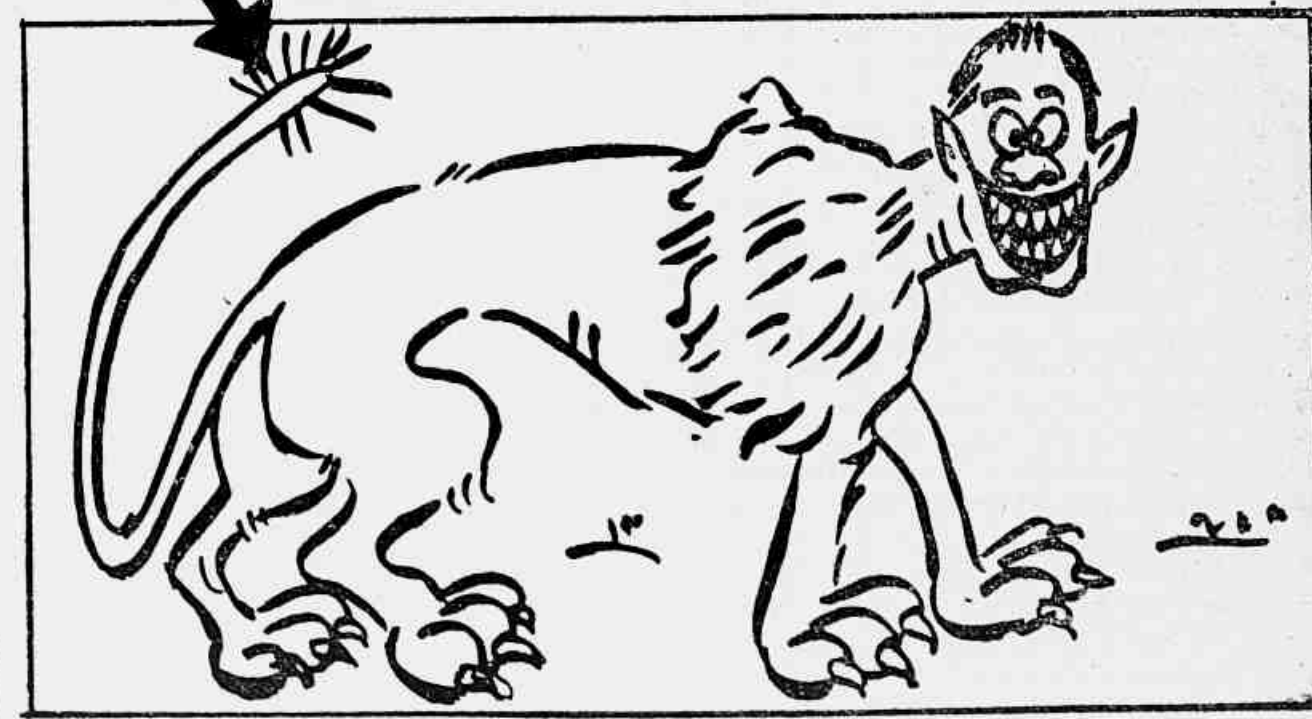
Não posso deixar de revelar minhas velhas e novas mágoas contra o descaso, o desprestígio, com que a alta sociedade me trata, desde que fui surpreendido no Jockey Club a alterar, de boa fé, uma **poule** para receber uma «barbada». Não tinha nenhuma intenção de receber dinheiro ilícitamente, e sim, caso pegasse a habilidade, tudo o que viesse para o meu bolso honrado, seria oferecido aos pobres de cidades da China e de outros países mais distantes. Por essas e outras foi que não fui convidado para tomar parte na exposição canina da próxima «saison», para a qual já encomendara meu traje a rigor, apesar das dúvidas do meu alfaiate em acreditar que sou um rapaz direito, pelo único motivo de ter uma perna torta.

Minha vingança, porém, é que todos os exibicionistas de cachorros de todos os tipos classificados e desclassificados vão morder-se como cães, quando virem meu espécime, único no mundo, a rondar as imediações do certame do «Cachorro-Clube» a saborear, na minha companhia, o seu cachorro-quente. Como não tenho receio de qualquer tentativa de falsificação, aqui estampo, em ponto pequeno, o tipo de animal que exibirei algum dia, desagravando a ofensa à linhagem dos Salamaleques

Conde de Salamaleques

Clichê:

Rara espécie de cão comedor de cachorro-quente, cujo único exemplar no mundo pertence aos Salamaleques.





Os fatos que se desenrolam nesta antemã das lutas partidárias para a campanha da sucessão do próximo período presidencial, tiveram seu ponto mais alto com a escolha do sr. Cirilo Junior para presidente da Câmara dos Deputados, na semana que findou.

Esse político paulista, figura destacada do P.S.D., esteve em grande evidência quando disputou a eleição para vice-governador do Estado de S. Paulo, contra o sr. Novelli Junior.

Político desde jovem, o sr. Cirilo Junior tem ocupado cargos eletivos como representante do povo no Legislativo de sua terra e no Congresso Federal, desempenhando sempre lugares de confiança, como sucedeu por ocasião da última Constituinte, quando foi líder da maioria.

Por ocasião da Conferência da Paz, foi à Europa como membro da delegação do governo brasileiro.

Trata-se, pois, de um nome que reúne condições político-partidárias de relevo. Agora, com o reinício do período normal do legislativo federal, novamente o sr. Cirilo Junior passou a ocupar as atenções dos políticos, dos jornalistas e de quantos se interessam pelas competições nas altas esferas da situação nacional, em face de ter sido o seu nome o mais cotado para suceder o sr. Samuel Duarte na Presidência da Câmara.



O sr. Cirilo Junior, que acaba de ser eleito presidente da Câmara, visto por um dos nossos caricaturistas

Embora todos procurem retardar o grau térmico do fervedouro da sucessão presidencial com o objetivo de não haver maiores discórdias na política brasileira, é evidente que a eleição do sr. Cirilo Junior é uma consequência dessa estratégia de partidos na frente de combate que se vai delineando, por etapas, entre os bastidores.

A presidência de qualquer das casas do Legislativo Federal impõe sérios compromissos e exige do seu titular a maior firmeza de caráter político-partidário, embora seja preciso manter o mais sadio clima de compreensão e possível neutralidade em face de certos conflitos que, não raro, provocam crises de natureza grave.

O sr. Cirilo Junior é político de experiências acumuladas através do tempo e do espaço, e já provou do bom ou mau tempero dos cardápios eleitorais. Está, pois, muito bem a par de suas responsabilidades no pósto que ora ocupa.

É oportuno registrar que s. excia., por ocasião da escolha do novo Comitê da Imprensa da Câmara para o novo período legislativo ora iniciado, recebeu os jornalistas em seu gabinete, mantendo com todos cordial e animada palestra, assegurando-lhes as mais amplas facilidades para o desempenho de suas funções, as quais, segundo expressão sua, representavam verdadeira colaboração com o Legislativo.

a SEMANA EM REVISTA

OS TRENS DA CENTRAL. Notícia das mais auspiciosas foi esta que vimos através de uma agência telegráfica dos Estados Unidos para a nossa imprensa: vai a Central do Brasil melhorar bastante o serviço de passageiros nas linhas para São Paulo e para Belo Horizonte. Como sabemos, os carros dormitórios, os de poltronas, os restaurantes, já não oferecem o necessário conforto ao passageiro nessas longas viagens. É verdade que, há uns dois anos, a Central do Brasil melhorou os carros de passageiros de primeira classe, adotando poltronas do tipo aviação, cômodas, com espaldar de inclinação, cinzeiro embutido, etc. Mas, continuaram os carros dormitórios nos mesmos moldes dos começos do século, exceção dos do "Cruzeiro do Sul", já antiquados. Apesar das aperturas, a administração da Central do Brasil não descansa e procura melhorar os serviços, oferecendo ao público instalações mais perfeitas e modernas. Para isso encomendou nos Estados Unidos vultosa partida de vagões, cuja primeira remessa já foi embarcada em Filadélfia com destino ao Rio. Trata-se de vinte e três carros de passageiros, dos 73 encomendados, todos de aço, com 72 e 85 pés de comprimento. São carros-dormitórios, carros-salão, carros-restaurantes, bagageiros, vagões-postais, de observação e administração. Todos eles são providos de ar condicionado e dispõem de moderno sistema de luz fluorescente. A Central do Brasil, aos poucos, vai conquistando a confiança e a preferência dos que viajam, anulando os incômodos da poeira, da fumaça e das más acomodações. A ela se ajusta o ditado: devagar e sempre.

AS FLORESTAS DO RIO Certa vez, perguntaram a uma escritora estrangeira que nos visitava pela primeira vez, que achava da capital do Brasil. Com muito espírito de observação ela respondeu: "Uma cabeça que vai ficando careca". De lá para esta parte de nossa vida, o crânio do Rio se descabelou diariamente, cresce a careca alarmantemente. Para coibir os abusos e evitar os crimes anti-botânicos, criou o governo uma entidade especialmente destinada ao policiamento das florestas em geral e das do Rio em particular. Foi durante uma dessas reuniões que os seus membros trocaram idéias a respeito da devastação das matas que formam o mais belo background urbano do mundo. E veio à baila o caso do antigo terreno do jardim zoológico de Vila Isabel; vieram à tona as devastações de matas no Leblon, na Gávea, etc., cada qual mais criminosa, comprometendo a beleza panorâmica do Rio, prejudicando a saúde de seus habitantes, concorrendo para piorar nossas condições climáticas. O Rio de Janeiro é, a respeito de sua moldura, a mais original e bela cidade do planeta. As linhas de serras com seus picos e cabeços de variadas formas, a massa florestal que sobe das bases e se vai alcançando até as culminâncias, entre pedras gigantes e pináculos cobertos de matas, desde pequenos morros de 150 metros até aos limites de montanhas de mil e tantos metros, como sucede com o pico da Tijuca, tudo isso constitui a mais estonteante beleza panorâmica que se pode imaginar, sabendo-se que, a poucos quilômetros está uma cidade de dois milhões de habitantes, à beira do mar. Entretanto, se o Conselho Florestal Federal não detiver o machado e o fogo dos destruidores, a careca desabitará o Rio...

BANCO DE OLHOS A guerra, ou melhor, as guerras, causam terríveis desgraças ao povo em geral; mas, em compensação, trazem no tumulto das batalhas e no ambiente aflitivo dos hospitais, o germe de descobertas científicas de grande valor para a própria humanidade. São as contradições da vida no entrelhecho dos atos humanos. Foi o que resultou da cirurgia de guerra. Já havia Bancos de Sangue, estabelecimentos que salvaram milhares de vidas durante a última grande conflagração e continuam a salvar outro tanto em plena paz. A ciência, porém, não descansa. Desde muito tempo, os laboratórios de pesquisas nos maiores e mais adiantados centros de cirurgia da Europa e América do Norte, vinham rebuscando meios para dar vida e luz a olhos que não viam, olhos de retinas mortas, de pupilas sem utilidade. O enxerto era possível; mas, como adquirir elementos oculares sadios e ainda vivos, para colocá-los no lugar dos mortos em vida? Sabia a ciência que o enxerto de córneas normais e em perfeito estado, mesmo providas de indivíduo já cadáver, seria capaz de produzir num cego a resurreição de seus olhos sem luz. Contudo, contra esse processo se erguiam barreiras de difícil transposição. Ninguém permitia que, de seus mortos queridos, fossem tiradas quaisquer partes do corpo e doadas a outros. Muito menos se essas partes fossem os olhos. É verdade que os olhos de um cadáver de nada mais servem. Se eles pudessem servir de restauração da vista de um cego que ainda está entre os homens a sofrer a escuridão impenetrável de uma morte em vida, seria isso uma felicidade para o cego e um grande serviço prestado pelo morto. Agora, felizmente, os Bancos de Olhos estão vencendo as superstições, e, paradoxalmente, são Bancos que não operam pelos olhos da cara... assim esperamos do Prof. Abreu Fialho, a quem vai o Brasil dever o primeiro Banco de Olhos.

AS VOLTAS DO MUNDO Ninguém se admira quando sabe que uma questão rolou anos e anos pelos meandros da Justiça até chegar ao seu ponto final. Apesar de todos os governos prometerem ao povo uma Justiça rápida e barata, cada vez é ela mais morosa e cara; mas cara no sentido de alto preço e não no de querida. Em virtude dessa rapidez de tartaruga, sucedem coisas pitorescas. Milton Campos, em 1935 exercia a profissão de advogado e patrocinou a defesa do médico José Antenor de Castro, residente em Passa Tempo, Minas Gerais. Depois de seguir todos os trâmites legais, demorando-se em todas as estações da via-sacra oficial a que são obrigados os que queriam com o Estado, recebeu despacho a ação, e o prejudicado ganhou o feito através das conclusões do juiz Gentil Guilherme de Faria e Sousa. Milton Campos, advogado, e agora o Estado foi condenado a pagar ao seu constituinte o total de 175 mil cruzeiros de indenização por ter sido exonerado injustamente do cargo de cirurgião do Hospital Psiquiátrico da cidade de Oliveira; mas, qual o governador que vai mandar entregar os cobres? O próprio Milton Campos! Voltas que este mundo dá. Contudo, no caso atual, a culpa dessa demora não coube à Justiça, e sim ao próprio querelante, dr. Antenor de Castro. Na petição tudo foi datado de lante, dr. Antenor de Castro. Na petição tudo foi louvaram Passa Tempo, e, escrivães, testemunhas e juizes se louvaram nesse princípio antigo como a serra do Curral del Rei: obediência à letra dos autos para que a Justiça possa agir com a devida serenidade e eficácia. Quem demanda em Passa Tempo é porque não se incomodará que passe o tempo...

O LEGISLADOR CEGO Acaba de falecer nos Estados Unidos um homem extraordinário. Chamava-se Thomas Pryor Gore e fora o primeiro cidadão cego que ocupou uma cadeira no senado federal daquele país. Antes de legislador, exercera a profissão de advogado. Político militante, pertencia às hostes do Partido Devogado, sendo eleito por três vezes senador pelo Estado de Oklahoma. Seu último mandato terminou em 1937. É curioso notar que ele, em 1917, votou contra a declaração de guerra à Alemanha, bem como se opôs à entrada dos Estados Unidos na Liga das Nações. Embora do mesmo partido que Roosevelt, colocou-se contra o "New Deal". Pelo que parece esse senador sem o sentido da visão, via longe... Ou então era do contra. Não sabemos se no Brasil poderíamos eleger um candidato cego, para o senado. Ignoramos se o Código Eleitoral trata dessas condições físicas dos candidatos registráveis. Mas, aí está uma coisa emocionante. Um homem cego ocupar uma cadeira no Legislativo Federal do Brasil e discutir leis e regulamentos com os seus pares. Tomar atitudes energéticas contra os desmandos políticos, denunciar escândalos e pedir providências legais contra os que estão vendo e fecham os olhos, enquanto ele sem nada ver abre cada vez mais os olhos da nação. Ora, como uma coisa sempre traz outra, era natural que os surdos-mudos pleiteassem o direito de ocupar também uma cadeira no Senado ou na Câmara dos Deputados, e, assim, também trabalhar pela felicidade do país. Estamos certos de que ninguém negaria seu voto a um candidato surdo-mudo. E, com a prática chegaríamos à conclusão de que as sessões se tornariam pacíficas, calmas, silenciosas, felizes...

CUIDADO, SENADORES Durante o governo dos Cesares, Roma viveu em permanentes agitações. Guerras externas, revoltas do povo, expedições punitivas, conspirações, suicídios, assassinios. Os augures eram procurados por todos os imperadores, suas famílias, amigos e inimigos. Um voo de aguias, um ralo que caía, qualquer acontecimento nos tempos dos deuses, nas estátuas dos grandes mortos, tudo servia de pretexto para profecias a favor ou contra Cesares e senadores, generais e pessoas da família dos governantes. Roma se enchia de mendigos. Os soldados perdiam a disciplina. As províncias se rebelavam. Cada general era um disfarçado inimigo de Cesar. Isso durou mais de um século. Era a decadência romana. Agora, no Senado de Washington o sr. Thomas C. Williams, de Buffalo, com 69 anos, suicidou-se a tiros de pistola no próprio peito, como protesto contra a falta de progresso do mundo, do ponto de vista moral, ético e político, repetindo cenas romanas. Suicidou-se de vergonha. Era um homem puro. Talvez um filósofo sem maiores consequências. Entretanto, o seu gesto envolve certo perigo para os senadores, pelo menos os da de Washington. Para mostrar a razão de sua atitude, o herói Thomas C. Williams deixou duas notas para a posteridade. Numa delas denuncia a humanidade atual, como egoísta, ignorante, ambiciosa, ataca os acambradores, os dispendiosos e os políticos, apontando-os como causadores da infelicidade do mundo. Se usasse barbas e pudesse atrair as multidões para a beira de um rio, de um lago, ou para o alto de uma montanha, seria um profeta, um novo S. João, um Elias, um enviado. Mas Williams era sincero. Não usou de subterfúgios. Deu um tiro no peito e pediu aos senadores que se mirassem no seu exemplo...

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 13 — 26-3-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples	— Um ano	Cr\$ 140,00	Seis meses	Cr\$ 70,00
Registrada	— Um ano	Cr\$ 170,00	Seis meses	Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	— Um ano	Cr\$ 270,00	Seis meses	Cr\$ 140,00
------------	----------	-------------	------------	-------------

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro

Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corresp.: - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes: — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituintes 1746, Montevideo. Na Argentina: "Interprensa" - Florida, 299 - Tel.: 32, Av. 9109, Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados

OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

★ ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Em Washington a assinatura do Pacto do Atlântico. Ratificada imediatamente a nomeação do "premier" chinês. Grave alteração da ordem em Havana, tendo um grupo de marinheiros americanos profanado a estátua do apóstolo José Martí, provocando grande indignação popular, que terminou com o apedrejamento da Embaixada dos Estados Unidos em Cuba. Celebrada missa pontifícia na Capela Sistina, no Vaticano, pelo décimo aniversário do coroamento de Pio XII. Eleito o novo presidente da Câmara dos Deputados, sr. Cirilo Junior. Maior fiscalização na execução das leis trabalhistas, determina o ministro do Trabalho às autoridades do Departamento Nacional do Trabalho. Pleiteiam os funcionários do Banco do Brasil o reajustamento de seus vencimentos. Cedido ao governo brasileiro, pela Itália, o terreno onde está situado o cemitério de Pistóia. Novas alterações na liderança da União Soviética, afastados os presidentes da Suprema Corte e da Comissão de Planejamento. Confiscou a Casa Branca todos os aspectos cinematográficos do presidente Truman em seu retiro de Key West, tendo diversos fotografos preferido expor seus negativos à luz do sol a submetê-los à censura. Tropas judaicas na fronteira da Transjordânia. Manganês do Brasil para os Estados Unidos, deixando aquele país de depender da Rússia ante a perspectiva do fornecimento brasileiro. Einstein comemora seu 70º aniversário. Pressão russa contra o Irã. Canonização de cinco bem-aventurados, pelo consistório secreto do Vaticano. Reduzida a produção carbonífera americana. Chega ao Rio a segunda leva de imigrantes holandeses. Estabelecido um código de ética para a propaganda no Brasil. Suspendido pela Administração da Central do Brasil o fornecimento de energia para fins particulares. Instituído o Salão Municipal de Belas Artes, para exibição de obras de artistas que exerçam suas atividades no Distrito Federal. Vai ser solucionada pelo ministro da Aeronáutica a questão das taxas aéreas portuárias. Telegramas de Toronto informam que diminuíram as rendas da Light & Power, no mês de dezembro de 1948. Puramente defendido o caráter do Pacto do Atlântico. Rejeitada pela Assembléia Francesa uma moção de censura contra Henri Queuille. Ho-Ying-Chin negociará uma paz permanente com os comunistas chineses. Truman sofre dois reveses no Congresso com a emenda do projeto de lei sobre aluguéis e recusa da nomeação de um alto funcionário. Um filho de Roosevelt candidato a deputado, na vaga deixada por Sol Bloom, recentemente falecido. Divergências fundamentais determinam o abandono, por parte dos delegados latino-americanos nas Nações Unidas, da idéia de um protesto conjunto contra a condenação do cardeal Mindszenty. Entrevista coletiva à imprensa nacional e estrangeira pelo presidente Dutra, ao ensejo do envio da mensagem anual do chefe do Executivo às Câmaras Legislativas. Despejada uma repartição da Prefeitura do Distrito Federal por falta de pagamento de aluguéis. Projeto de lei apresentado à Câmara dos Representantes dos Estados Unidos para que percam a cidadania os comunistas americanos. Desmente o presidente provisório do Paraguai os rumores de revolução em seu país. Participará a Itália do Pacto do Atlântico Norte. Promulgada a nova Constituição da República Argentina, tendo sido paralisadas todas as atividades do país, para que o povo em geral pudesse comparecer à cerimônia. Morreu Thomas Gore, o primeiro cego do Senado americano. Sem solução o caso da moeda em Berlim. Temem os americanos que o Conselho Nacional de Artes, Ciências e Profissões, a se reunir pela primeira vez em Nova York, seja dominado pelos comunistas, por figurar a Rússia com 23 delegados. Tropeça no primeiro obstáculo o chefe do governo chinês, com a aprovação apressada, pelo Legislativo, de uma lei reduzindo o gabinete de 18 para 10 membros apenas. Rearmamento antes da crise diplomática com a Rússia, é o que aconselha o "comité" das cinco nações, da União Ocidental da Europa. Projeto de lei apresentado à Câmara pelo deputado Café Filho instituindo um auxílio vocacional a todos os diplomados por escolas superiores civis, de Cr\$ 2.000,00, pelo prazo de doze meses, até que estejam em condições de melhor se ajustarem na vida civil. Embarcados em Filadélfia 23 vagões modernos para a Central do Brasil, todos de aço providos de ar condicionado e equipamento de luz fluorescente. Apreendido pela polícia de Belo Horizonte o primeiro número do jornal "O Liberal", que surgiu em substituição ao "Jornal do Povo", suspenso por ordem do ministro da Justiça. Chega a 800%, segundo noticiam jornais desta capital, o aumento no preço das assinaturas dos telefones no Rio. Dado a público pelas potências negociadoras o texto do futuro Pacto do Atlântico Norte, sendo, por uma das cláusulas, obrigados os Estados Unidos a enfrentar qualquer ataque armado contra os signatários. O chefe de Polícia de Buenos Aires vai bater-se em duelo com um deputado argentino ora no exílio.

IV Centenário
DA FUNDAÇÃO DE
SALVADOR

ASSISTA ÀS GRANDES
FESTAS, VIAJANDO PE-
LOS MAGNÍFICOS AVIÕES

DA

SERVIÇOS AÉREOS
CRUZEIRO DO SUL
LTDA.

SAÍDAS TODOS OS DIAS
AV. RIO BRANCO, 128
INF. 42-6060

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

- 1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: **Conto para a REVISTA DA SEMANA.**
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

SOMBRAS E CLARIDADES

★
Versos de
SEBASTIAO NORONHA

★
Belo Horizonte
1948

de se tornar melhor. Assim, frequentemente se nos deparam rimas de dois verbos do mesmo tempo ou dois adjetivos, mudanças do acento tônico das palavras, outros senões que seria trabalhoso, além de supérfluo, apurar. Parece-nos que, sem tanta agilidade em metrificar e rimar; forçado, realmente, a procurar, encontraria o artista expressões mais puras, tanto quanto possível aproximadas da perfeição. Se nos não enganamos, foi Eduardo Prado quem disse: "O Brasil tem quase tudo; só lhe falta a necessidade". Não deixa de ter cabimento aquela sentença aplicada ao poeta das "Sombras e clareidades" e tal aproximação só o deve lisonjear. Como artista do verso tem quase tudo; só lhe falta a dificuldade.

A primeira parte do livro, toda em redondilhas, compõe-se de longas séries de imagens e variantes inspiradas na Água, o Vento, o Fogo. As "Sugestões das águas" assim principiam:

As águas também têm mágoas
As águas têm sentimento
Quantas vezes é um lamento
O murmúrio das águas.

Elas também têm saudades...
Também sonham no seu sono.
Têm tristezas de abandono
E sofrem nas tempestades.
Volumosas ou em fios,
Podem ser más ou ser boas:
Tranquilas como as lagoas
Ou correntes como os rios.

Os três poematos referidos ocupam nada menos de cem das duzentas e sessenta páginas do volume. Em outras partes o soneto domina. E há em todas estas páginas — mesmo quando a inspiração se inclina um tanto para a filosofia, um fino e rico fundo sentimental. Entre os sonetos de amor que mais nos agradam está o de título "Tanto me basta":

Não me queixo da sorte. Não me importa
Que o meu esforço não valesse nada,
Que eu viva incompreendido e que a sonhada
Felicidade me fechasse a porta.

Não me lastimo. Quando a dor me corta
O coração, a alma, transfigurada
— Tanto mais forte quanto mais provada
No sacrifício — ainda se reconforta.

Não desespero, nem quando imagino
Que se desdobra sobre o meu destino
Uma sombra tristíssima e pressaga.

Seja a vida o que for, uma peleja,
O sofrimento, por maior que seja,
Um minuto de amor compensa e paga.

CONTOS E VERSOS

★
Coletânea organizada por
VICENTE PEIXOTO

★
Publicação da Campanha
pela Biblioteca do
Alfabetizado
São Paulo
1948

que ele se destinava. Iria ter às mãos dos recém-alfabetizados, a cuja capacidade de apreensão, de assimilação se não devia exigir o mesmo interesse das pessoas já suficientemente esclarecidas. Cumpriria, pois, tomarem-se obras não apenas edificantes, mas de conceito bem nítido e forma singela. Prender a atenção daqueles indivíduos ainda meio incultos, de olhos por enquanto mal abertos para as belas coisas do espírito; envolvê-los e penetrá-los de um ambiente de poesia, de arte, capaz de lhes tornar superior a inteligência e mais puro o coração;

O sr. Sebastião Noronha verseja com grande facilidade. As vezes, até facilidade de mais. Porque a destreza adquirida, a rapidez com que exterioriza os seus pensamentos e as suas emoções o induz a liberdades de forma, que, se lhe não estragam a obra, pelo menos a impedem

encaminhá-los para a curiosidade de outras leituras, cada vez mais elevadas e proveitosas; dar-lhes a esperança do seu próprio aperfeiçoamento no sentido das doutrinas que forem conhecendo e com as quais se possam familiarizar — eis o programa do empreendimento em que consiste a Campanha pela Biblioteca do Alfabetizado, a já bem conhecida C P B A que, tendo surgido em São Paulo, hoje chama para si a simpatia e o respeito de todo o Brasil. Foi a uma senhora de superior inteligência sempre consagrada às nobres causas, D. Maria Ana do Vale Macedo, que coube aquela iniciativa verdadeiramente inspirada. E, para se fazer idéia do vulto e do alcance já adquiridos por tal instituição bastará saber-se que, com pouco mais de um ano de fundação, ela fez, em janeiro último, no estádio do Pacaembu, uma distribuição solene de nada menos de quarenta mil volumes.

O presente livro oferece composições poéticas de Castilho, João de Deus, Lafayette Rodrigues Pereira, Augusto Gil, Teófilo Barbosa, contos, crônicas, apólogos de Olavo Bilac, Eça de Queiroz, Júlia Lopes de Almeida, Aluizio Azevedo, Humberto de Campos, Monteiro Lobato, Latino Coelho e ainda outros escritores de nomeada. E, bem a propósito, abrindo o volume, vem o soneto de Filinto de Almeida, inspirado no lema do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro e dedicado ao seu insigne e benemérito fundador Bethencourt da Silva:

Esta, que entrou aqui pobre e sem nada,
menina ou moça, que há de ser um dia
a mãe da geração forte e sadia
que há de romper da próxima alvorada;

Esta de toda a luz desamparada,
botão de flor que em ténebras abria,
essa, que tem de ser dos homens guia
da vida na trevosa e longa estrada;

esta que, vendo o igualitário mote
da entrada — simples e glorioso poema —
aqui veio paupérrima e sem dote, .

quando encontrar um coração dileto,
já pode ornar o virginal diadema
das vinte e cinco jóias do alfabeto.

TROÇAS E TROCAS

★
Uma comédia e várias outras produções alegres, de
CID CERCAL

★
Gráfica Mundial
Curitiba
1949

teressados. O volume compõe-se de uma comédia em três atos, uma série de crônicas humorísticas, outras de reflexões mais ou menos paradoxais, anedotas, etc. A comédia, que, segundo parece, ainda não foi representada, poderia bem alcançar essa consagração. O enredo não prima pelas situações empolgantes nem pelas reviravoltas ou surpresas sensacionais, chamadas "golpes de teatro"; o diálogo, porém, oferece bastante desenvoltura e francamente desperta o bom humor. Decorre por entre trocadilhos, equívocos de sentido e jogos de frase, mantendo sempre uma espécie de espírito a que não faltam admiradores. E assim temos uma farsa, na qual, em vez dos quiproquós da ação, é a linguagem que prevalece e dá todo o possível resultado.

A última parte do livro faz lembrar Jules Renard e as suas encantadoras "Histoires naturelles". Traz o título "Se os animais falassem" e obedece à ordem alfabética. Colheremos, entre os mais curtos, alguns desses conceitos... filosóficos:

Águia — Rainha dos ares? Pois sim! Já se foi esse tempo. Ah! Santos Dumont!...

Baleia — Os tais cientistas nunca nos viram engolir e expelir água; e pensam que a lua produz o fluxo e o refluxo no mar...

Besouro — Fico bravo às vezes, ronco, ronco — e não foguei! Surdos?

Burro — Eu caminho sobre quatro patas. O homem, para andar aproveita só duas... E eu é que sou o burro!

Cobra — As vezes até quase me quer parecer que os homens não gostam muito de mim...

Galo — Ninguém mata galinhas poedeiras. Enquanto vocês puserem, estaremos todos garantidos... Vejam lá!

Onça — Há pessoas tão minhas amigas, que eu até já ando desconfiada!

Papagaio — E o homem precisa de dois anos para aprender a falar!...

Pulgas — Que mulheres! Decididamente, não nos deixam sossegar!

Vaca — Não compreendo os patrões: vendem muito mais leite do que o que tiram de nós!

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DO SALVADOR

★
Documentos históricos
do Arquivo Municipal

★
Bahia
1949

Vale por um livro excelente cada volume desta publicação da Diretoria do Arquivo Divulgação e Estatística, do Salvador. Dirige tão valiosa obra, e tão importante em todos os sentidos, o sr. Antônio Loureiro de Sousa, por determinação do prefeito dr. José Wanderley de Araújo Pinho. É uma reconstituição histórica, organizada e executada por quem, conhecendo o valor e o interesse deste gênero de documentos, deveras se dedica a divulgá-los com tanta quanta possível fidelidade. É um caso não apenas de correção ou solicitude por parte de um funcionário exemplar, mas também de empenho sapiente em revelar e ensinar e do amor que se deve votar às reliquias dos anais de um povo, de uma nação. Estes papéis, desencantados do fundo das antigas estantes e das rumas de cartapácios vetustos, esclarecem as obscuridades e as dúvidas que possam surgir quanto ao valor moral e à obra realizadora das gerações. Ajudam os estudiosos a melhor compreender a inteligência e a ação dos homens do passado. E do que estes deixaram criado e duradouro; e do respeito que por isso merecem, provém o motivo maior por que se deve prezar uma raça e amar uma pátria. Merece, portanto, largos louvores um empreendimento de cultura e de patriotismo como este que a Prefeitura do Salvador está levando a efeito.

O presente volume, segundo da série, abrange o período de atas da Câmara, que veio de 1641 a 1649. As duas publicações representam — diz uma nota liminar — uma das contribuições da Prefeitura ao programa de celebração do quarto centenário da fundação da Cidade do Salvador. Segue-se uma rápida exposição das diligências que se empregaram no sentido de serem respeitados os originais no caráter como nas particularidades da forma. E a nota conclui:

"Reclamaram a cópia e a publicação deste segundo volume de Documentos Históricos sérios trabalhos de cuidadosa paciência, muitas vezes em difíceis interpretações do texto, carcomido pelo tempo, na difícil leitura dos caracteres seiscentistas, não raro quase apagados ou destruídos. O zelo da tarefa, ao preço de não pequena cansaça, parece corresponder à perfeição que se buscou atingir em publicações da natureza da que agora é oferecida ao público, à leitura dos estudiosos da história pátria e especialmente da Bahia e sua capital, a cidade do Salvador."

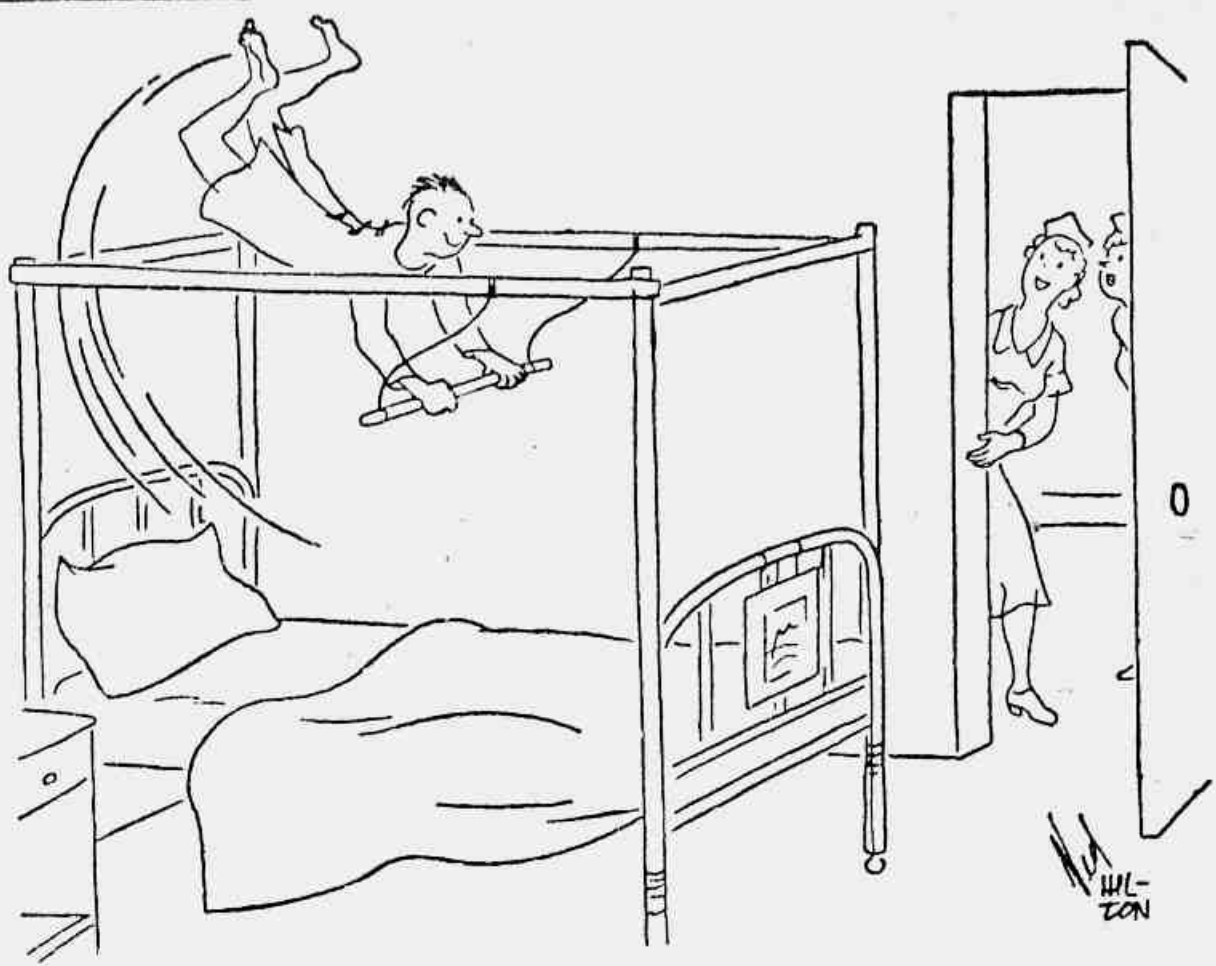
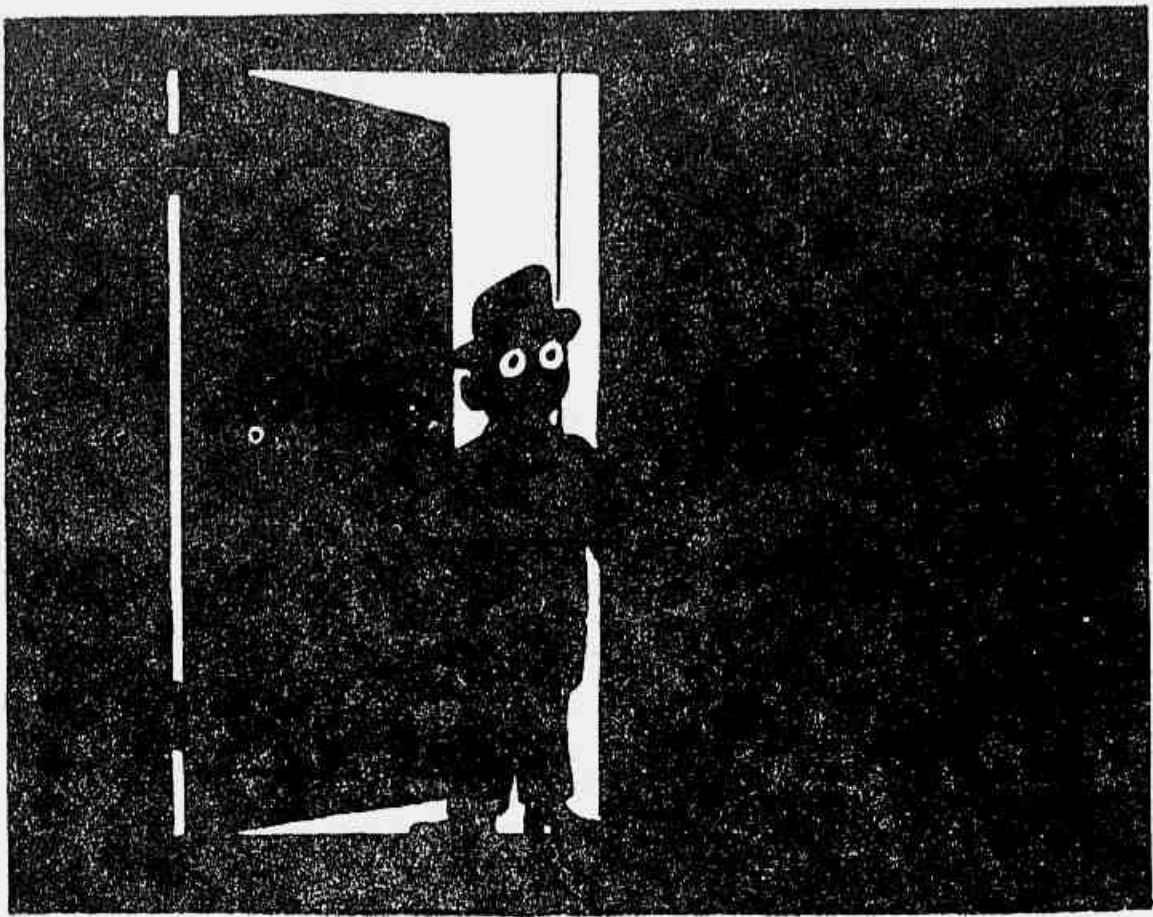
RECEBEMOS:

★
O Brasil na IV Reunião Plenária do Conselho Interamericano de Comércio e Produção em Chicago, exposição do presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, dr. João Daudt de Oliveira, em dezembro de 1948. Rio de Janeiro, 1948.

Revista Brasileira de Estatística, nº 34, Ano IX correspondente aos meses de abril e junho de 1948. E' seu diretor responsável o sr. Rafael Xavier e diretor secretário o sr. Valdemar Lopes. Além das seções de redação, traz o presente número trabalhos assinados por Luigi Amoroso, Giorgio Mortara, padre José de Almeida Batista Pereira, Antônio P. de Toledo Piza e Otávio Alexander de Moraes. Rio de Janeiro, 1949.

População, separata do Anuário Estatístico do Brasil, ano VII, 1946. Publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 1946.

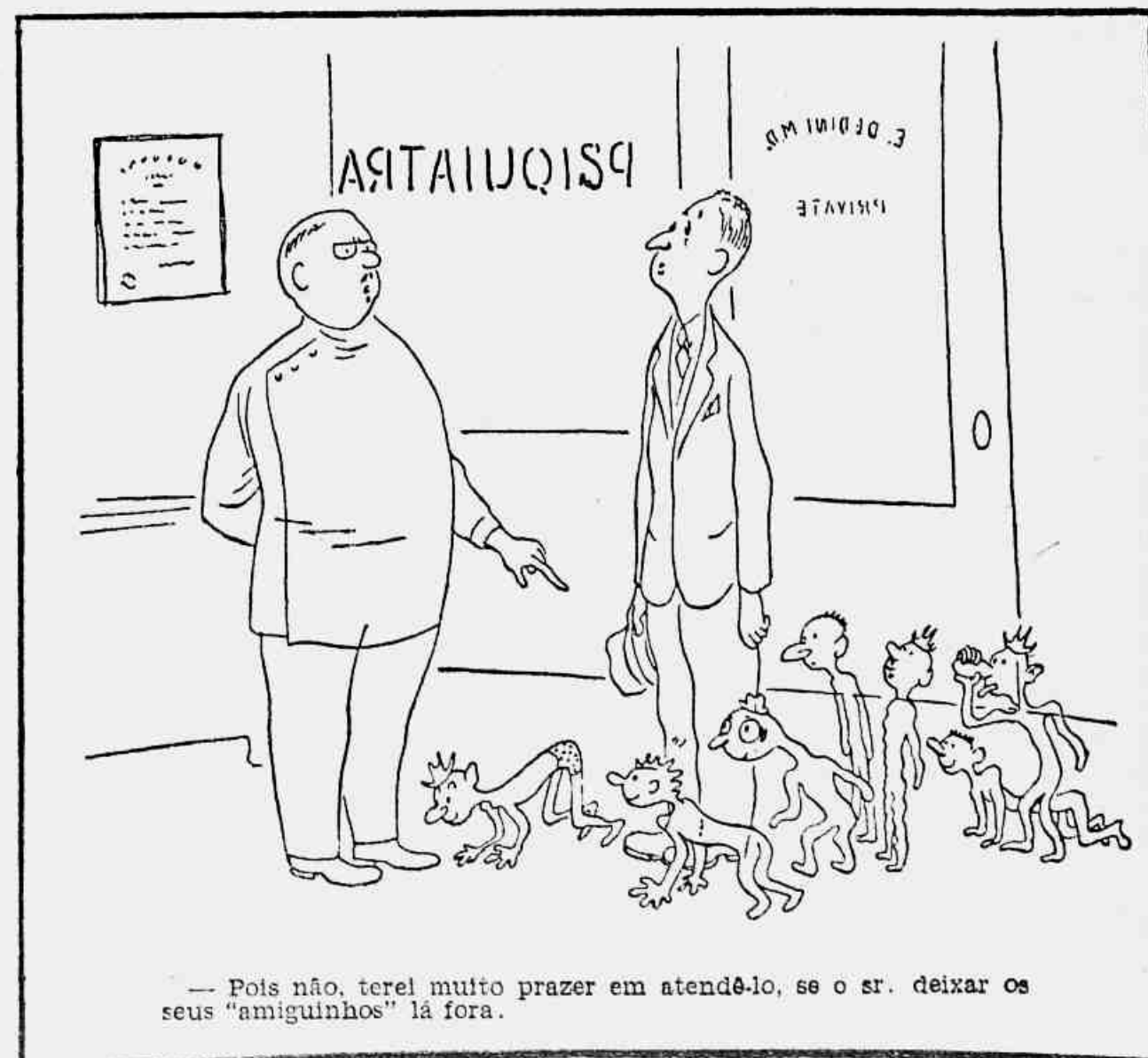
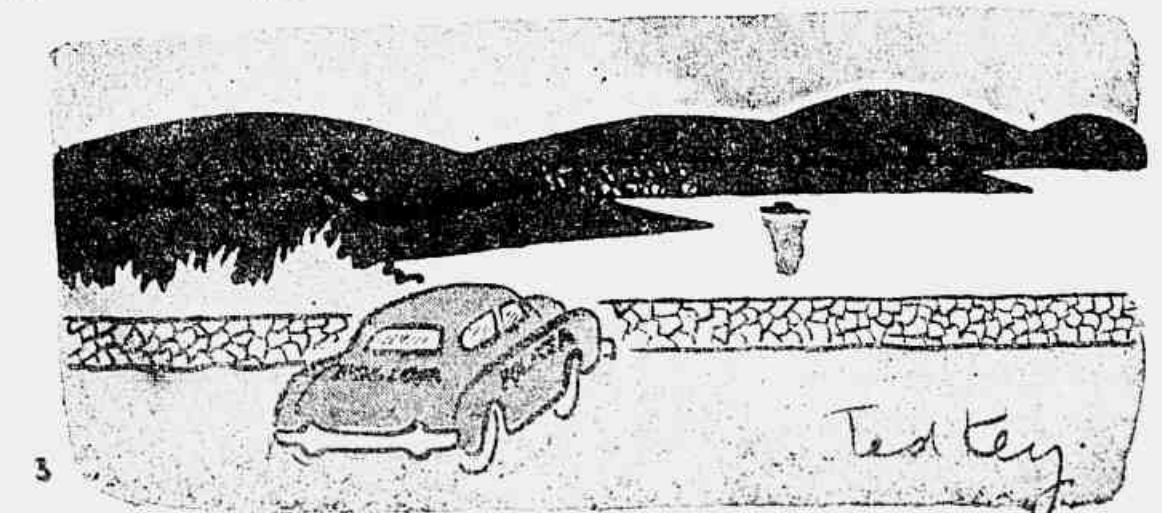
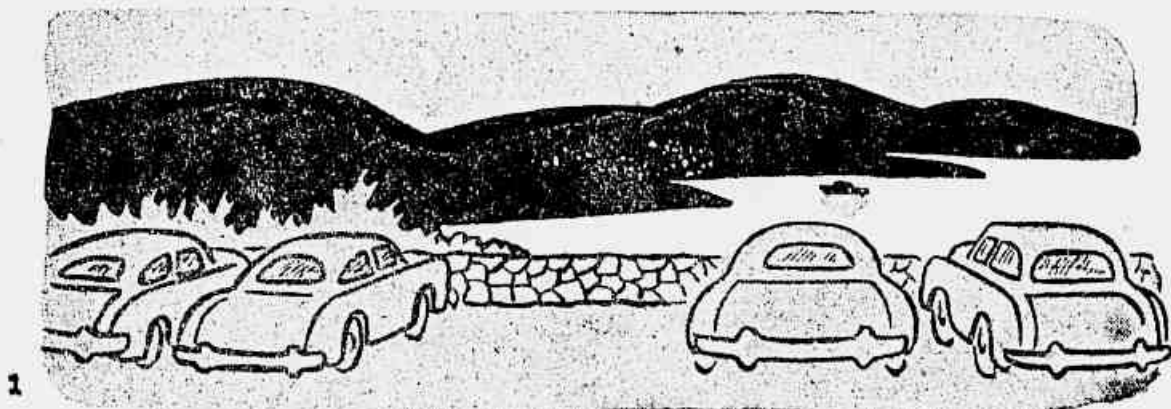
Revista de Portugal, nº 71, volume XIV, deste mensário dirigido pelo sr. Alvaro Pinto e de cujo texto, além das seções de redação, constam trabalhos assinados por Augusto Moreno, José Pedro Machado, Jacinto do Prado Coelho, Elza Pacheco, José de Sá Nunes e Francisco José Freire.



— Acho Doutor, que o sr. Bonifácio já está apto a deixar o Hospital.



BOM HUMOR



— Pois não, terel muito prazer em atendê-lo, se o sr. deixar os seus "amiguinhos" lá fora.

Eda e os QUEIMADOS

(Continuação)

CAPÍTULO III

PROSSEGUINDO Betty na citação de exemplos de amor entre os homens e as mulheres desprevenidas e confiadas de mais, chegou ao final da história de uma sua amiga de mocidade, Eda Rogers.

— A pobrezinha me disse que muito o amava e nele confiava cegamente. Tornou-se sua íntima e passava em sua companhia agradáveis noites lá no apartamento que ele alugara, sem a família legítima saber. Um dia, porém, tudo mudou, e ele ofereceu a Eda Rogers uma maleta de viagem, para ela sumir-se... Era o fim. Ela percebeu muito bem. Morávamos no mesmo edifício, e eu ouvi, durante a noite daquele dia, os seus lamentos, o seu pranto, os suspiros de arrependimentos, os monólogos denunciadores de quem se revolta consigo mesmo pelos maus passos que deu, inadvertidamente, confiando de mais. Do dia seguinte em diante, essa união entrava na fase de frieza definitiva. Ele não lhe telefonava mais. Para ver-se livre dela, de uma vez, arranhou-lhe emprêgo num escritório distante, tendo ela, depois, abandonado a colocação com o objetivo de reconquistá-lo. Tudo em vão. Ele, por fim, lhe dirigiu uma carta muito longa ponderando que sua situação de homem casado e com filhos menores que precisavam do amparo paterno, não lhe permitia manter aquela amizade com ela, e terminava com esta punhalada: não lhe escrevesse mais. A tola pegou então tudo o que recebera dele meteu na valise de viagem e mandou entregar à esposa do canalha, incluindo cartas e bilhetes. Nunca se soube, porém, se esse gesto da desesperada e pobre Eda produzia algum efeito. Penso mesmo que a esposa nenhuma importância ligasse ao episódio. Quanto à minha triste amiga, levada ao desespero, foi ao banheiro, trancou-se e bebeu lá violento veneno. Ao abrirem a porta, acharam-na já cadáver, estendida no assoalho. Como era bonita! Loura, de feições lindíssimas, mais bonita do que você, Jennifer. Tinha parentes suecos. Um tipo de beleza. Matou-se.

— Suicidou-se?... — perguntou a jovem como se não tivesse ouvido bem o fim da história.

— Claro. O seu sedutor, porém, argumentou com as razões que todos os homens alegam em tais circunstâncias. Que ela era uma jovem histérica e não o compreendera bem... Por isso lhe digo, minha filha: uma vez você caindo em tais desfiladeiros, jamais se erguerá. O caminho mais lógico e certo a seguir, será este: mostrar-se uma moça ajuizada e digna de desposar um moço bem intencionado.

Jennifer procurou amenizar a teoria de Betty e se saiu com esta:

— Isso sucedeu com Rogers; mas nem todos os homens são iguais.

— Todos são iguaizinhos em determinadas condições. No caso de Eda, a maior tolice dela foi ter devolvido todos os presentes do seu ex-patrão, à esposa do mesmo. Até a pele, a boba devolveu. Aquilo valia várias centenas de dólares. Deixando passar o tempo, bem poderia ter ela encontrado outro homem ao qual se unisse e tudo o que já possuía iria servir bastante. Bem — continuou, para arrematar a conversa. — Já contei muita coisa de questões de amor. Agora está na hora de você ir para sua cama.

Jennifer estava meio perturbada, mas recebeu todo aquele sermão como uma advertência e palavras de prevenção. Ela não desejava ir para seu quarto. Ficaria sozinha e não dormiria, a pensar na vida, no futuro, na situação que já se estabelecera entre ela e Sidney. Torturava-se a dar balanço na vida. Parecia que os acontecimentos daquele dia estavam determinando o caminho definitivo para toda a sua existência. Telefonara ao

de trajar, de pentear-se, de maquiar-se... Devia ser coisa de amor.

CAPÍTULO IV

Deixando-se cair desoladamente no leito, Jennifer entregou-se à meditação de sua vida, recordando-se dos tempos passados, sentindo na alma as flechadas de uma saudade indefinível.

Somente há poucas semanas começara a entregar-se a tais devaneios, a dar tratos ao seu coração na análise de dias idos e vividos, sempre culminando os pensamentos com a imagem de Sidney a pegar-lhe as mãos, a conversar com ela, olhos a se olharem mutuamente naquele doce sonhar acordado dos que se amam. Naquela noite, ela lembrava o momento em que conhecera o namorado. Encolhia-se a um portal para resguardar-se da chuva que então caía, e o vento impedia que a sombrinha a protegesse das gotas. Estava-se enchando cada vez mais. Nerse instante ele apareceu no seu carro. Encostou-o ao meio-fio e lhe ofereceu uma "carona", com o mais cativante dos sorrisos.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Jennifer Richie tomou-se de amores por Sidney Borrows, que, depois de iludí-la por algum tempo, não se dispôs a oficializar seu noivado, alegando impossibilidades financeiras. Jennifer, ao chegar a casa onde residia com sua madrastra, Betty, mostrou-se muito reservada e, após terminados os trabalhos domésticos e as duas meninas filhas de Betty irem para a cama, começou sua madrastra a dar-lhe conselhos acerca do amor e das intenções dos homens, citando vários exemplos como advertência para ela. Num desses momentos lhe disse Betty que um comerciante da esquina estava interessado por ela, Jennifer.

namorado pedindo que viesse falar-lhe à hora do almoço, e este, depois de mostrar-se como que surpreendido com essa sugestão, perguntou-lhe: "Que negócio? Falar sobre que assunto?". Enfim acedeu e foi ter com ela no restaurante "Kentucky Kitchen". Ela estava esperançosa antes de conversarem, excitada pelo que poderia surgir daquela entrevista. Depois... foi o que vimos. Embora o namorado se mostrasse esquivo e ágil no fugir do laço, ela estava satisfeita com a coragem que tivera para falar-lhe claramente, sem subterfúgios. Era preciso que se casassem, pois não poderia ficar assim a situação entre ambos. Estava certa de que se expressara com sensatez e dignidade embora gaguejante, nervosa, com ansiedades que, ela mesma, não podia explicar bem. Era a primeira vez que se via lançada num palco desses, diante de um homem a quem muito amava, mas não tinha ainda a certeza de que ele seria capaz de sacrificar-se por ela. Estava procurando atraí-lo cada vez mais, e até as sardas de seu nariz estavam desaparecendo, penteava-se com muita elegância, vestia-se com aprumo. Betty nada sabia desse namoro, mas estava pensando sobre o que ocorria com Jennifer, para vê-la assim tão mudada em suas maneiras

— Para onde quer ir?

— Bem... é em Page Street; mas antes preciso parar na confeitaria para comprar pão.

— Ora! Para que pensar nisso se temos aqui pertinho excelente casa do gênero!

— Bem... mas... é que... E' na outra onde sempre compramos.

— Não se preocupe. Tratarei do caso. Venha.

Como a rua em que estavam era pouco movimentada, não foi difícil encontrar vaga para deixar o carro junto ao passeio. Ele a tomou pelo braço mui delicadamente e a conduziu a belo estabelecimento. O ambiente a deslumbrou. Frutas de todas as espécies, queijos, pães, biscoitos, produtos alimentícios de renome e altos preços, tudo muito bem tratado e iluminado dava à vista excelente impressão. Minutos depois estava ela em casa, muito contente com aquele acidental encontro, e se sentia como que recém-instalada em mundos desconhecidos, em que seu orgulho, sua vaidade, seus temores, esperanças e sonhos de moça se entrecrocavam numa batalha incrível. Dai por diante começaram a sair juntos, ele sempre prestimoso e delicado, a almoçar com ela em bons restaurantes. Algumas

semanas mais tarde lhe disse Sidney que um seu primo residente em apartamento de um hotel da cidade, havia ido buscar a noiva para jantar lá. Seria excelente reunião, naquela véspera de Natal. Já haviam comprado todas as iguarias, e ele a convidava para ir em sua companhia. Nada havia a temer. O primo era noivo e a moça estaria lá para fazer companhia a Jennifer.

— Precisa avisar alguém em sua casa?

— Sim. A Betty. Que posso dizer para justificar essa ausência?

— Diga que, em virtude do Natal, você vai demorar mais no escritório.

— Em verdade, várias funcionárias vão fazer serão esta noite, o que, aliás, já aconteceu comigo em noites anteriores.

E assim se arranhou tudo. Jennifer telefonou a Betty comunicando-lhe que ia chegar mais tarde por motivo de serviço. A madrastra não se mostrou surpreendida e nada opôs.

Ao chegarem no edifício do apartamento do primo de Sidney, este disse a Jennifer:

— Eis-nos chegados!

Entraram para um elevador automático e subiram ao quinto andar, conduzindo pacotes de doces e frutas.

Ao entrar no apartamento de Cass, Jennifer estranhou não encontrar ali ninguém. Nem o tal primo, nem a noiva dele. Contudo, pelo estado da mesa de refeições, pareceu que algum jantar já estava em andamento. Vendo a cozinha muito pequena e limpa, ela se alegrou e foi até lá mostrar que era perita em matéria de arte culinária. Sid a ajudou a preparar a mesa, mas Jennifer ficou surpreendida ao verificar que ele estava pondo o jantar apenas para os dois.

— E seu primo Cass com a noiva? Não vêm?

— Não se preocupe. Estarão aqui depois. Com certeza andam a tomar seus aperitivos — explicou Sidney para acalmá-la.

De súbito viu a jovem que Sidney lhe segurava as mãos com ansiedade, beijava-a, acariciava-a.

Jennifer se recordava daquele momento crítico e difícil de evitar. Tivera medo, pavor, receio, mas não opusera resistência. Estava em pleno sonho de uma jovem órfã, habituada a duros trabalhos, a uma vida cheia de tormentos, de percalços, de dificuldades e sem vislumbrar um horizonte futuro. Amou aquele jovem simpático e liberal, solteiro, e que se dizia desejoso de casar-se com ela. Depois daquele jantar, muitos outros encontros tivera com Sidney. Confiências, queixumes, tristezas, lampejos de felicidade. Suas emoções eram muitas e o desejo de chegar ao fim glorioso de tudo aquilo a perseguia diariamente. Nunca imaginara que ele a traísse, a esquecesse, a abandonasse.

As juras de amor e de mútua con-

ORLANDO
MATTOS



fiança eram diárias. A jovem vivia entregue a esse lindo sonho.

Dentre suas contrariedades, uma lhe magoou profundamente o coração. Por três dias não recebera um telefonema dele, quando lhe chegou às mãos um bilhete que dizia: "Muitíssimo ocupado. Penso sempre em você. Jantaremos juntos logo que for possível". Depois disso ele foi passar umas férias em Palm Springs.

Logo que regressou lhe escreveu um bilhete assinado, como sempre, apenas assim: "Seu, S.". Pedia-lhe que não mais lhe telefonasse para o escritório, uma vez que seu tio, com quem trabalhava, não gostava disso. Que aguardasse um telefonema seu, de lugar mais conveniente.

E' inútil dizer que a moça se sentiu profundamente chocada com aquela atitude de Sidney. Depois desse transtorno, ela achou que o melhor seria enfrentar a vida como a vida se apresentava. Era preciso ter coragem e presença de espírito. Nunca lhe ocorrera que estava em situação de desigualdade com outras jovens, com uma casa menos luxuosa e de-

mais circunstâncias desfavoráveis. Agora, porém, com as atitudes esquivas dele, começou Jannifer a considerar o caso. Meditava em tudo o que fizera para conseguir manter o amor de Sidney. Mas faltavam certas coisas que outras possuíam: belos vestidos, elegância no usá-los, uma boa residência onde pudessem conversar confortavelmente, pai e mãe, posição, dinheiro, tudo isto constituía atrativos para amarrar um jovem à vida de uma mulher, conforme lhe diziam amigas suas mais experientes. Infelizmente isto tudo lhe faltava.

Certa vez ele a levou a uma grande e suntuosa loja a fim de comprar uns presentes de casamento que sua mãe lhe encomendara para remeter a certa jovem de Hillsborough, a quem ele mesmo ia também presentear. Depois das compras Jennifer fez umas perguntas a Sidney, como se estivesse desconfiada de espertezas do rapaz. Ele riu e explicou que o pai pagava suas contas naquele estabelecimento todos os meses e que não iria descobrir nada.

Esses episódios de sua amizade se

passaram no início de seus amores com o jovem. Como levava vida de nababo aquela família, possuindo louças de prata, objetos de uso e de casa com incrível superfluidade, enquanto ela se via na pobreza daquele aposento, ao lado da madrastra muito pobre e das crianças sem conforto! Como odiava tudo isso!

Outra vez ele a deixara para "alar a outra pessoa, pelo telefone. E ela agora sentia vergonha, o calor subir às faces, ao recordar-se do que lhe perguntou quando ele voltou da entrevista: "Quem foi que falou com você?". E a resposta de Sidney, inocente e muito calma: "minha querida, isto é assunto que você não deve procurar saber, de forma alguma!".

Outro momento de que jamais se poderia esquecer, fôra aquele em que, ao chegarem a grande restaurante, e quando Sidney já havia pedido ao garçon-chefe para arranjar-lhes mesa, de súbito se volta para ela e diz: "Vamos embora para o Cliff!". Que teria causado tal mudança no espírito de Sidney? — indagou ela naquele

mesmo instante. Pareceu que ele estava procurando fugir a alguma coisa que o constrangera. Daí o súbito desejo de escapar daquele restaurante. Como insistisse, ele esclareceu:

— Ora! E' que estava ali uma pessoa a quem não desejo ver.

Ao que ela respondeu com bravura:

— Sei! Alguma pessoa que você não quer que o veja... em minha companhia!

Lá fora o luar pleno enchia de claridade a natureza. Raios de luz atravessavam vidros e frestas e vinham cair formando figuras iluminadas e irregulares sobre o assoalho. Jennifer estava cansada de pensar, de recordar episódios de um passado tão próximo e que já lhe parecia de séculos. E ficou ali, na cama, deitada, até tarde, sem poder dormir, sentindo vergonha, o calor do vexame a ferver-lhe nas faces, roubando-lhe o sono, tirando-lhe a tranquilidade, como um inimigo implacável a perseguir a presa.

(Continua no próximo número)

A VIDA DE BACON

(ROGER BACON — 1214-1294)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

NÃO produziu grande alvoroço entre os seus contemporâneos. Foi um dos deserdados da natureza, de acordo com o estalão do êxito pessoal. Alcançou uma velhice desiludida, sem ver realizado nenhum dos seus sonhos. E, quando morreu, ninguém lhe registrou o dia do passamento.

Sem embargo, à medida que o seu nome foi emergindo de olvidados manuscritos e as fórmulas que lhe traziam a assinatura se foram desenrolando aos olhos incrédulos das gerações seguintes, um mundo de legenda tomou forma em torno do eixo das suas realizações. E os elogios de que o cobriram depois de morto foram tão ridículos como o descrédito que sofrera em vida. O cientista vivo tinha sido pouco mais que um pelotiqueiro; o "bruxo" morto foi pouco menos que um deus. "Mediante a condensação natural do ar", escreveu um erudito da Idade Média, "Frei Roger, chamado Bacon, fez uma ponte de trinta milhas por cima do mar, da Inglaterra ao Continente; e, depois de ter passado a salvo com toda a sua comitiva, destruiu a ponte rarefazendo o ar". Outro cronista do século XIV declarou que Roger Bacon havia construído dois espelhos. "Com um deles podia acender uma vela a qualquer hora do dia ou da noite; no outro, podia ver o que as pessoas estavam fazendo em qualquer parte do mundo". Asseverava-se ainda que o fradezinho franciscano tinha fabricado uma enorme cabeça de latão, "de que obtinha a resposta a qualquer pergunta que fizesse". E a sentença favorita desse oráculo de metal, acrescentavam os eruditos medievais, era a enigmática frase: "O tempo é, o tempo foi, o tempo passou".

Tal foi a idéia deformada que o mundo fez de Roger Bacon durante vários séculos. Mas, por fim, o pequeno franciscano obteve da humanidade volúvel a justa apreciação dos seus feitos. Há uma placa em Oxford, na sede dos Frades Cinzentos — a franciscana habitação do homem cujos trabalhos foram tão comicamente mal-entendidos. E é isto, em parte, o que diz a placa:

"O grande filósofo Roger Bacon... que por meio do método experimental ampliou... o domínio da ciência depois de longa vida de atividade incansável... adormeceu em Cristo no Ano da Graça de 1292".

II

Pouco se sabe dos acontecimentos exteriores da existência de Roger Bacon. Só o que temos é o sumário da sua vida interior — as suas idéias.

As idéias heterodoxas de Bacon resultaram da sua educação ortodoxa em Oxford. O frade franciscano empreendeu os seus experimentos científicos à guisa de protesto contra a atitude anticientífica de seus mestres. Sentia haver algo errado num sistema educativo que derivava a sua metafísica diretamente de Aristóteles e formulava, com respeito ao céu e à terra, uma série de dogmas insensatos sem apoio num único experimento científico que comprovasse a exatidão das doutrinas aristotélicas. Tal era o comatoso estado de ignorância em que o espírito humano permanecera nos últimos mil e quinhentos anos. A maioria dos chamados "professores de ciência" das universidades não passavam de eruditos doutores em patacoadas místicas. Contentavam-se com

"fazer como Aristóteles fizera", esquecendo, na sua estultice, que Aristóteles carecera dos instrumentos necessários à verificação de suas doutrinas científicas. De modo que, tal como Aristóteles, eles reuniam as suas ciências físicas, biológicas e matemáticas num sistema lógico universal e maciço, baseado na consideração do que devia ser verdade, e não no conhecimento exato do que era verdade. Não se adestravam na observação; moralizavam. Acreditavam que toda matéria estava animada por um fim consciente. Afirmavam, por exemplo, que os planetas do céu se moviam em círculos "para expressar sua divina perfeição nessa perfeita figura geométrica de Deus".

Para um homem sensato era evidente o ridículo dessa atitude conservantista. Para um homem sensível, era francamente revoltante o prestígio desfrutado por esses "contempladores da bola de cristal" do passado. Roger Bacon mal atingira os trinta anos quando reconheceu que nunca poderia adaptar-se ao sistema. Os professores de ilógica eram arrogantes, demasiado arrogantes na sua ignorância. O homem, pensava Bacon, devia seguir a trilha da humildade, se queria procurar a verdade. "O verdadeiro conhecimento não se deriva da autoridade alheia, nem da fidelidade cega a dogmas obsoletos". E, ao contrário, uma experiência sumamente pessoal — uma luz comunicada apenas ao mais íntimo do indivíduo através dos canais imparciais da sabedoria e do pensamento. "Mais segredos da ciência foram descobertos por homens simples e desprezados que por homens de prestígio popular", escrevia Bacon em seu caderno de notas. "E isso se dá por uma razão muito justa. Os homens de prestígio popular vivem ocupados com assuntos populares...". O verdadeiro sábio devia apartar-se das escolas. Bacon chegara a uma solução judiciosa — e um tanto paradoxal — dos seus problemas. Procuraria na religião a sua ciência. Deixaria o seu posto acadêmico — havia alguns anos que lecionava filosofia na Universidade de Paris — e far-se-ia franciscano.

E' verdade que o meigo Francisco de Assis, o fundador da ordem franciscana, desconfiava da cultura e recomendara aos seus discípulos que "pensassem pouco e fizesse muito". Mas, tal como Bacon, São Francisco nutrira suspeitas, não tanto contra o saber em si mesmo, mas contra a arrogância dos sábios. Espiritualmente, se não intelectualmente, São Francisco e Roger Bacon eram almas afins. Ambos eram verdadeiros cristãos num mundo que quase esquecera a essência do cristianismo. "Realizarei as minhas experiências sobre a força magnética do imã no mesmo santuário em que meu colega São Francisco efetuou os seus experimentos sobre a força magnética do amor".

III

Durante o resto da vida, Bacon desdenhou as "controvérsias e batalhas de palavras". Seguiu o pendor dos seus pensamentos e nestes "encontrou a paz". Por meio da observação, adquiriu conhecimento direto de "todo o reino natural". Os filósofos medievais tinham perseguido ansiosamente o fantasma da abstração teórica. "O que outros se esforçaram por ver obscura e confusamente, qual morcegos ao crepúsculo, eu investiguei à plena

luz do dia". Chamava a si mesmo um "mestre de experimentação". E seus experimentos estendiam-se a um território quase tão vasto como o mundo. Não ignorava nada que fosse conhecido pelos "leigos, mulheres velhas, soldados e lavradores". Manipulava metais e minerais, fabricava armas de guerra. Estudava agricultura e agrimensura. Tomava nota dos remédios e encantamentos usados pelas velhas comadres, e examinava os livros dos feiticeiros para poder "desmascarar as falsidades dos charlatões". Nada que merecesse investigação lhe escapava. De que modo poderia um homem reconhecer a glória de Deus, senão aprofundando-se no estudo de todas as Suas obras, grandes ou pequenas? "Que ninguém se vanglorie do seu saber, nem despreze os humildes, pois estes sabem muitos segredos que Deus não revelou aos que têm fama de sábios". A insaciável curiosidade de Bacon levou-o a descobrir muitos fatos positivos. Determinou as inexactidões do calendário empregado na época. Demonstrou as propriedades do campo magnético. Estudou as leis da ótica e sugeriu a possibilidade de fabricar óculos que seriam "úteis às pessoas idosas e aos que têm vista fraca". (Que fantasia! — pensavam os seus coevos.) Andou a pique de descobrir os princípios do telescópio. "Creio ter estabelecido certas leis pelas quais uma criança perceberia um gigante, e um homem daria a impressão de uma montanha... Dêsse modo um exército pequeno pareceria enorme... Também dêsse modo poderíamos fazer com que o sol, a lua e as estrelas descessem aparentemente cá para baixo, e assim se mostrassem acima das cabeças dos nossos inimigos...".

Tomou interesse pela análise química, deixando estranho apontamento relativo às suas descobertas nesse campo de pesquisas. "Provoquei um estampido, causado pela explosão de um pedaço de pergaminho, que abafaria o rugido do trovão, e um fulgor que ofuscaria o brilho do relâmpago". Mas, em seus manuscritos, ocultou a fórmula para a fabricação da pólvora — pois era essa a invenção — sob linguagem cifrada. Temia que o segredo caísse nas mãos de quem em-

pregasse mal tão perigoso invento. Para aplicar os princípios da ciência em proveito do homem, dizia ele, é preciso, não só engenho, mas inteligência. O homem não foi feito para a natureza, mas a natureza para o homem. "Observai as coisas, experimentai-as, averigui de que maneira atuam em vós, e como podereis atuar sobre elas".

Mas, afirmavam os sábios da época, isso de investigar os segredos de Deus em benefício do homem era pura blasfêmia. Até os franciscanos, entre os quais Bacon viera procurar a tranquilidade, acabaram perdendo a paciência com ele. Cientistas que faziam experimentos com as obras de Deus, em vez de aceitá-las com fé implícita, eram pura e simplesmente feiticeiros do mal. Os superiores da ordem acusaram-no de conspirar para introduzir "heresias e inovações" contra as tradições humanas consagradas. Foi preso e mantido em prisão celular durante quatorze anos. Quando, por fim, o libertaram, pouco antes de sua morte, era um homem de corpo alquebrado. Mas de espírito inquebrantável. "Quanto às riquezas", escreveu este sábio encarcerado e submetido a uma dieta de pão e água, "o verdadeiro homem de ciência não as recebe nem procura... Se frequentasse a sociedade de reis e príncipes, ser-lhe-ia fácil encontrar quem lhe dispensasse honrarias e riquezas. Mas isso lhe estorvaria a realização dos grandes experimentos que são o seu prazer... No seu afã de saber, o filósofo pode mesmo afastar as paredes da sua cela até aos últimos limites do mundo".

IV

Os vastos conhecimentos de Roger Bacon tinham despertado a atenção de pelo menos um homem capaz de apreciá-los. Esse homem era o papa. Alguns anos antes da prisão de Bacon, chegara ao conhecimento do papa que o modesto frade havia descoberto muitas soluções dos "segredos da natureza e muitos remédios para os males físicos do homem". Seguiu-se uma troca de cartas entre os dois. O papa solicitou-lhe que expusesse "por escrito os remédios que julgava indica-

(Continuação da pág. 48)



ROGER BACON

VIDA LITERÁRIA

O PARANÁ LITERÁRIO

O "Centro de Letras do Paraná", no intuito de estimular o gosto pela literatura em geral, brevemente divulgará as bases de interessante Concurso Literário para o corrente ano, outorgando valiosos prêmios para as obras classificadas em primeiro lugar. Desta forma, o "Centro" concorrerá para que mais alguns volumes de boa leitura aumente a "Estante Paranaense", desenvol-



Filosofia de um escritor otimista:
"Trabalha-se excessivamente para escrever um livro. Mas em "compensação" leva-se uma vida desgraçada..."

vendo ainda o poder de criação literária dos escritores dos demais Estados do Brasil.

J. J. ROUSSEAU

Esse imortal escritor francês sempre foi considerado o mais difícil de ser compreendido dentre os gênios da humanidade. Porém, da mesma forma, é o mais necessário a quem se interessa pela sociologia, pela política, pela filosofia. Agora, porém, vamos ler Rousseau em obras selecionadas e entregues à competência de um mes-

tre de sociologia, Prof. Paul Arbousse-Bastide, que, durante muitos anos regiu a cadeira de sociologia da Universidade de S. Paulo.

LITERATURA INTERPRETATIVA

Como sucede na música, na literatura também deveria usar-se a interpretação para que o leitor pudesse familiarizar-se melhor com certos trabalhos literários, como o conto, a poesia, etc.

Há nos Estados Unidos um escritor que vai ser divulgado em português, mas haverá no volume uma explicação sobre o mesmo que muito ajudará o leitor a penetrar no espírito do beletrista iânque. Trata-se do contista norte-americano Henry James, falecido em 1916. Esse literato é muito difícil de ser compreendido. O crítico Clifton Fadiman, selecionou vários contos de James, mas, cada história é seguida de comentário pormenorizado. Outro escritor que merece o mesmo sistema é Joseph Conrad, não devendo ainda ser esquecido o nome de Franz Kafka e, quem sabe? também o nosso inimitável Machado de Assis.

"SEGREDOS DA INFÂNCIA"

Augusto Meyer, poeta e ensaísta do Rio Grande do Sul, está aí nas vitrinas com o seu delicioso livro de recordações da infância, revelando-nos novas facetas do seu grande talento poético e literário.

MANIA DE GENIO

Rafael Bluteau, famoso dicionarista de nossa língua e a quem devem as letras celebre lexico português-latino, um dia se dedicou a formar uma espécie de quadrinho mágico com o seu nome. Gastou nisso quase dez anos, até que acertou com a "chave". Era um labirinto poético formado de letras colocadas em quadrinhos. Partindo-se do centro, de trinta maneiras diferentes obtinha-se sempre o nome Bluteau.

DICKENS

Esse grande romancista e escritor inglês não teve uma vida íntima muito pacífica. Depois de ter visto nascerem

A MAIS NOTÁVEL BIOGRAFIA DE SIMON BOLIVAR

GERHARD Masur escreveu uma nova biografia de Bolívar, e, no julgamento dos mestres é este livro o melhor e mais verdadeiro de quantos já têm aparecido em qualquer língua.

Para poder escrever a grande obra que possui 737 páginas, o autor dispendeu longo tempo em pesquisas na Europa e Estados Unidos, além do muito que rebuscou quando de sua residência em Bogotá. Só assim pôde realizar uma obra literária de alto valor, autoridade e absoluta convicção de que havia conseguido o seu objetivo.

Até agora os biografos de Bolívar, ou foram seus advogados, ou os seus críticos. Masur, que é atualmente professor de História no "Sweet Briar College", e já ocupou cadeira de História na Universidade de Berlim e na Universidade de Bogotá, pertence a uma outra estirpe de biografos. A este grupo, a que pertence outra notável inteligência, Jorge Basadre, do Peru, está ligado Masur, para quem mesmo os heróis podem ter momentos de fraqueza. Do ponto de vista exclusivamente militar, reconhece Masur a superioridade técnica do rival de Bolívar, José de San Martín, bem como a superioridade estratégica do seu amigo, Antonio José de Sucre. Desta forma esclarece o autor a relativa dificuldade que teve San Martín ao transpor os Andes em 1817, comparada com expedição semelhante levada a efeito, dois anos depois, por Bolívar.

A figura do grande libertador da vasta região da América do Sul está estudada com serenidade e justiça, resolvendo pontos controversos e de difícil penetração até agora indecifráveis por falta de pesquisas suficientes e comprovadas, como a do plano da "Federação dos Andes". O livro de Gerhard Masur, dissipa todas as dúvidas.



Simon Bolívar, em cuja história há pontos controversos e que são agora esclarecidos por Masur

dez filhos, separou-se da esposa, com quem, aliás, nunca viveu em harmonia. E o mais curioso é saber-se que ele, mesmo durante sua vida de casado e na companhia da mulher, apaixonou-se duas vezes por duas irmãs da esposa. Será que ele queria justificar o significado de Dickens no slang americano? Diabo! Dickens foi, na verdade, verdadeiro demônio.

A FORISMOS

De Oscar Wilde: "Dever é aquilo que a gente aguarda dos outros". E este mais: "Experiência é o nome que cada um dá às suas gafes". Agora estes dois de La Rochefoucauld: "Suportamos com grande coragem os sofrimentos alheios". "A hipocrisia é a homenagem que o vício presta à virtude".

LITERATURA ROMENA

Romena, rumânica, romênica, como quiserem. A verdade é que, mesmo falando língua co-irmã da nossa, nada, ou quase nada, se sabe no Brasil, de letras romenas. Agora, porém, graças à presença de um homem de letras da Romênia em Lisboa, Victor Buescu, professor da língua de sua pátria da Universidade de Lisboa, vamos todos entrar em contacto com as letras daquele país latino encravado em terras balcânicas, logo que recebermos seu livro "Recordações da Infância", de autoria de Ion Creanga, um clássico da literatura romena, tradução de Buescu.

ALBINO FORJAZ SAMPAIO

Um pouco antes da primeira grande guerra, as literárias do Brasil expunham o mais falado e discutido livro de Albino Forjaz Sampaio: "Palavras Cínicas". Esse livro fez estrondoso sucesso e era lido e relido pela mocidade de nossas escolas, especialmente. Livro de revolta, de ateísmo, de herege. Bofetadas verbais na cara da sociedade humana. Em seguida, com o seu nome apareceram outras produções: "Prosa Vil", "Vidas Sombrías", "Tibério, Filósofo e Moralista", etc. Albino Forjaz havia conquistado o leitor brasileiro e se colocara entre os maiores cronistas de nossas letras. Depois de tantos êxitos de livreria, de ter provocado tempestades de polêmica entre crentes e descrentes, esse escritor se foi afastando da celebridade, até apagar-se no cenário brasileiro, mesmo em vida. Aquele tempo tinha seus 28 a 30 anos. Era excelente cidadão, filho exemplar, moço de irreprochável procedimento. Esteve no Rio, há muito tempo e aqui apreciou livros seus serem vendidos por jornaleiros na rua do Ouvidor, apregoando suas obras a quinhentos réis. Morreu agora Albino Forjaz Sampaio, aos sessenta e cinco anos, com seu fardão acadêmico.

MICHAEL ROBERTS



POETA e crítico, filósofo e pensador dos mais brilhantes da Inglaterra, Michael Roberts era um apaixonado pelo alpinismo. Em setembro de 1948 ele executou duas subidas sensacionais. A primeira, acompanhado, galgou os Alpes; depois, sozinho, subiu ao Jura. Foi por essa ocasião que se viu acometido de leucemia. Durante três meses lutou contra a doença.

Esse grande homem das letras ocidentais, sempre se mostrou um defensor da civilização do oeste. A perda de sua vida constituiu um golpe rude e irreparável.

Tinha verdadeira obsessão pelos pontos culminantes das montanhas, e se sentia contente quando galgava

os seus mais altos píncaros. Elevava-se constantemente pela inteligência, pela cultura, pela civilização, e procurava também descortinar mundos desconhecidos, amplas vastidões, ao atingir as culminâncias das elevadas montanhas como os Alpes. E foi numa dessas excursões pelas cordilheiras cobertas de neve, que a morte o alvejou. Ironia do destino. Quanto mais subia a tais alturas, mais se julgava com direito de viver, mais alegre se achava, mais confiante na vida.

Interessava-se pelas gerações intelectuais da atualidade, e às mesmas dedicava suas obras de crítica e filosofia. Assim foi em "New Signatures" e "The Recovery of the West".

Esse notável homem de letras teve uma origem modesta e humilde. Filho de um açougueiro, nasceu em Southampton em 1902. Fez curso primário, frequentou a Universidade de Londres, e, em Cambridge, o "Trinity College". Desde cedo se mostrou inclinado à física, mas seu espírito se extasiava diante das coisas intelectuais. Deixando Cambridge, tornou-se professor na "Royal Grammar School", de Newcastle-upon-Tyne. Nos intervalos de suas aulas ele escrevia seus livros. Em 1935 casou-se com Janet Adam Smith, escritora de fina e delicada inteligência, com a qual partilha do interesse pelo alpinismo. Dêse casamento houve quatro filhos. De 1941 a 1945, trabalhou no serviço europeu da B.B.C. de Londres, ocupando nos últimos anos o lugar de catedrático dos colégios S. Marcos e S. João, estabelecimentos anglicanos para a formação de professores.

Em 1934 publicou o seu "Critique of Poetry", seguindo em 1936 e 1939 dois volumes de versos, "Poems" e "Orion Marches".

Mais tarde deu à publicidade "The Modern Mind", livro de filosofia, erudito, e escrito com muita segurança de convicções. Nele há esplanasões e crítica de várias correntes filosóficas, analisando a obra de Duns Scotus, William of Ockham, Roger Bacon, Hobbes, os poetas platônicos.

Sempre voltado para as perquirições filosóficas entre o homem, a ciência, a fé e a natureza, lançou "The Recovery of the West", em 1941. Em suas páginas há mais do que uma resposta a Spengler. Sua crença no futuro e na supremacia do cristianismo era invencível. E, ao falecer a 13 de dezembro do ano passado num hospital de Londres, aos 46 anos de idade, mantinha toda a lucidez de suas convicções filosóficas e a mais ardente fé numa vida melhor e mais cordial para os povos da Europa.

O BRASILEIRO GOSTA DE VIAJAR DE AVIÃO...
... e viaja com mais conforto nos novos DC-6

da **S.A.S.**



Os **possantes, luxuosos e super-confortáveis DC-6** S.A.S., dotados da famosa **Cabina Altimática**, que mantém, nas maiores altitudes, as **condições climáticas do nível do mar** o transportarão, com a **máxima rapidez**, à Europa, Montevideo ou Buenos Aires. Seja a sua viagem de **turismo** ou de **negócios**, obterá, na S.A.S., **serviço melhor pelo mesmo preço**. Goze da tradicional **cor-tezia e eficiência escandinavas**, viajando pela S.A.S..

SCANDINAVIAN AIRLINES

Linhas Aéreas Escandinavas

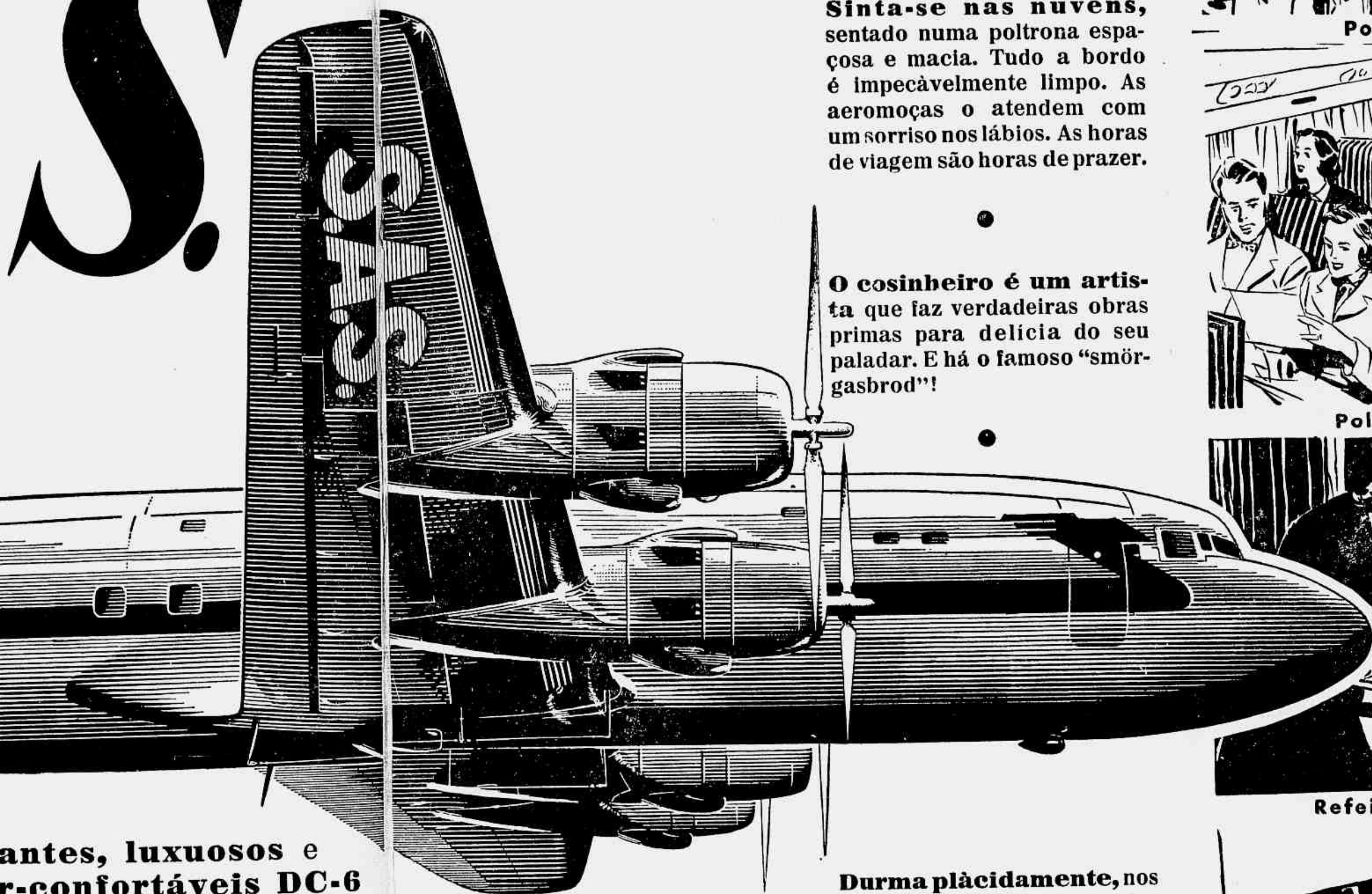
RIO Av. Rio Branco, 277 — loja 1 B D — Tel: 42-1704
SÃO PAULO Ladeira Dr. Falcão Filho, 56-s. 1075 — Tel: 6-4965
RECIFE Avenida Rio Branco, 155 — Tel: 9773

Ou em todas as Agências de Viagem e tes da "Aerovias Brasil" e "Cruzeiro"



**IR DE AVIÃO...
ovos DC-6**

S.



antes, luxuosos e
r-confortáveis DC-6
tados da famosa Cabi-
ltimática, que mantém,
es altitudes, as condi-
climatéricas do nível
o transportarão, com a
ma rapidez, à Europa,
o ou Buenos Aires. Seja
viagem de **turismo** ou de
os, obterá, na S.A.S.,
ço melhor pelo mesmo
Goze da tradicional **cor-**
e eficiência escandi-
viajando pela S.A.S..



INAVIAN AIRLINES SYSTEM

Linhas Aéreas Escandinavas

SÃO PAULO
sira Dr. Falcão Filho, 1075 — Tel: 6-4965

RECIFE
Avenida Rio Branco, 155
Tel: 9773

Ou em todas as Agências de Viagem e Carga e nos representa-
tes da "Aerovias Brasil" e "Cruzeiro do Sul", em todo o Brasil.

S.A.S. é o símbolo das Nações Unidas do Ar. Três companhias de aviação, dentre as quais a mais antiga do mundo, reunidas para prestarem aos passageiros o máximo conforto!

Sinta-se nas nuvens, sentado numa poltrona espaçosa e macia. Tudo a bordo é impecavelmente limpo. As aeromoças o atendem com um sorriso nos lábios. As horas de viagem são horas de prazer.

O cosinheiro é um artista que faz verdadeiras obras primas para delícia do seu paladar. E há o famoso "smörgasbrod"!

Durma plácidamente, nos compridos e largos leitos dos super-confortáveis DC-6 S.A.S. como em sua própria cama. Todos os leitos são dotados de janelas.

Nem sombra de cansaço ao chegar. Um alegre despertar, depois de um sono reparador, lhe permitirá descer na Europa ou aonde quer que vá, sem a mínima sombra de cansaço.



Pontualidade!



Poltronas Macias.



Refeições Deliciosas!



Leitos Magníficos.



Alegria ao Despertar!



CASADINHOS (Chôro)

LUIZ BITTENCOURT-TUIU
Gravação de Marlene e Cesar de Alencar

I

Um sorriso e depois um aperto de
[de mão
Um encontro no cinema, um namôro
[no portão
Muitos beijos e abraços dados com
[muito calor
Foi assim que começou o nosso
[grande amor.

Passam dias e semanas e passam
[mêses também
Vem papai, vem mamãe, mas tudo
[vai muito bem
Uma igreja, um altar, muita gente
[a cantar
La, la, la, la, etc.

II

Terminado o casamento, vão saindo
[os noivinhos
Mas agora com outro nome, pois
[estão amarradinhos
Muitos beijos e abraços, carinhos a
[granel
Foi assim que começou a nossa lua
[de mel.

Passam dias, passam meses, passam
[anos também
Sou mamãe, ele é papai, e vai tudo
[muito bem
Nosso ninho é feliz e bem juntinhos
[nós vivemos
Daquêlê grande dia não esquece-
[remos.

★

MULHER SEM CORAÇÃO (Samba)

**NOBREGA DE MACEDO E PAULO
DESENTO**
Gravação de Nelson Gonçalves

I

Deus
Tenha pena de mim
Amenizai no meu peito
Esta dor
Não me deixe não
Sofrer tanto assim
Ela não tem coração
Ela não gosta de mim.

II

Aquela mulher
Meu senhor
Fez comigo tanta maldade
Zombou do meu sincero amor
Me fez muita falsidade
Mesmo assim
O' meu Deus se quiseres
Tenha pena de mim
Eu não mereço
Sofrer assim.

★

MEU SONHO Valsa de JOSE CONDE Gravação de Alcides Gerardi

I

Oh meu amor
Como é sublime amar,
O encanto teu,
E' que me faz sonhar
Sonhei que me dizias
Nunca mais te esquecerei,
Pois nesta vida, não serei
De mais ninguém.

II

Foi um sonho lindo,
Que passou e não voltou,
Um sonho de amor,
Que ainda guardo, com ardor
Tu estavas linda eras mesmo uma
[flôr

Termina com um beijo,
O meu sonho de amor.



Violeta Cavalcanti deixou a PRA-9. E' mais uma que bate em retirada ante a situação difícil por que atravessa essa popular estação

RÁDIO-FLASHES

— Canarinho trocou a Mayrink Veiga pela Continental atendendo à difícil situação financeira que a mesma atravessa. Também a cantora Léa Coutinho desligou-se da PRA-9, falando-se no seu ingresso na PRB-7. Ainda do cast mairinquiniano saiu Violeta Cavalcanti, conhecida intérprete de sambas e marchas. ★ Zézé Gonzaga vem de firmar contrato com a Nacional, tendo estreado ao microfone da PRE-8, através do programa Luiz Vassalo. A egressa da PRA-3, há muito merecia melhor situação no sem fio carioca, atendendo a seus méritos de intérprete de nossas melodias populares. ★ "Páginas da vida", é a nova produção de Mário Faccini para a linha de programações da PRA-9. Colaboram para o êxito desse cartaz, Rodolfo Mayer, Sara Nobre, Manoel Braga, Lourdes Mayer, Vilma Faria e outros. ★ Zé Januário Gonzaga assinou contrato com a Rádio Globo a fim de participar de suas apresentações. Trata-se de elemento conhecido em nosso "broadcasting", pois já pertenceu ao cast de várias emissoras. ★ Entrou em negociações com a PRE-3, onde deverá estreiar após seu regresso de São Paulo, a cantora Maria da Graça, recém-chegada da Argentina. A querida artista animará, ainda, as festividades da fundação da Bahia. ★ Benvindo Edinaldo retornou às hostes mairinquinianas, assinando "Trinta minutos de emoção", cartaz que reúne cantores, rádio-atores e demais elementos do cast da PRA-9. ★ Apresta-se para regressar ao Rio, onde fixará residência definitiva, o popular



Maria da Graça voltou ao Rio. A querida intérprete da música luso-brasileira, após sua temporada em São Paulo, apresentará-se ao microfone da PRE-3

cantor Joel de Almeida. O ex-companheiro de Gaúcho, ao que se informa, voltará a formar a dupla. ★ George Fernandes desistiu de fixar-se no rádio bandeirante, assinando contrato com a Rádio Jornal do Brasil. Perde, assim, a PRE-8, um dos seus melhores cantores regionais. ★ Rumo aos Estados Unidos viajou o conhecido artista Russo do pandeiro. Enquanto isso, chega ao Rio, Dick Farney, artista exclusivo da "Capitol" ★ "Tia Carolina", é a nova história em capítulos que a Mayrink Veiga está apresentando. ★ Voltou ao ar, através do microfone PRE-3, o programa "Rapsódia Carioca", que reúne Raul Brunini, Luiz de Carvalho e Jorge Murad. ★ Assegura-se o ingresso de Jararaca e Ratinho no cast da Guanabara.

★

OPINIAO

Escrevendo a respeito dos aficionados do rádio, o crítico do "Correio Paulistano", emite a seguinte consideração: "Não sabemos se a mania é uma neurose, se reflete tendências anômalas, se falta de psicologia, se pouca inteligência. O fato é que esses pseudos artistas conseguem apoio dos diretores do rádio, cujo cargo exige, além de outros, requintes, a noção de responsabilidade.

Analisando-se esse humorismo ridículo e chocante do rádio, chega-se à conclusão de que os efeminados são menos responsáveis do que os diretores das emissoras, porque a estes cabe dirigilas com honestidade, zelando pelo bom-senso e pela moralidade pública".

RADIO-POLITICA

Com o prenúncio da sucessão presidencial e consequente renovação do Parlamento, as estações nacionais começam a preparar suas baterias, a fim de interferirem no pleito que se avizinha. Dentre as emissoras que tomarão parte na campanha eleitoral, está a PRD-8, até agora entregue às atividades desportivas. Segundo círculos ligados à corrente Adhemarista, a Continental defenderá a chapa do governador de São Paulo, trabalhando para levá-lo à suprema magistratura do país. Esta a razão de ter entrado em entendimentos com algumas figuras populares do "broadcasting" carioca, inclusive o locutor Luis de Carvalho que, a estas horas deve estar desligado dos compromissos que o prendiam à Globo, uma vez que pediu rescisão de contrato.

Na PRD-8, Luis de Carvalho continuará participando de atrações populares, pois lançará "Folias cariocas", programa de auditório, no gênero do "Trem da Alegria", e que será apresentado diretamente do cinema Odeon. Dêsse modo, ele aliará a política aos programas comuns.

VOCE SABIA...

que o locutor Carlos Frias estreou no rádio fazendo um número exótico, ou seja, executando uma melodia em solo de serrote?

... que o locutor Dilo Guardia, ora exercendo funções de relevo no Ministério do Trabalho, fez seu "debut" radiofônico, como pianista?

... que Celso Guimarães, nas horas vagas, gosta de interpretar músicas clássicas, sendo seu número preferido, a bonita canção "Olhos negros"?



Carlos Frias começou fazendo solos de serrote. Hoje, é um dos maiores da radiofonia brasileira, tendo aumentado sua popularidade, quando da campanha brigadista

MAIS CRITÉRIO, SENHORES!

O rádio, meus amigos, não é nenhum refúgio de mediocres. Sujeitos inteligentes, com super-abundância de massa cinzenta, podem ser encontrados facilmente nas mesas de redação das emissoras cariocas, martelando programas à altura do "broadcasting" nacional. São figuras que em nada diferem de nossos literatos, embora não lhes tenha dado na "telha" es-creverem romances ou biografias. Porém, isso não desmerece o valor intelectual de inúmeros "rádio-mens" que, à custa da própria inteligência, conseguiram atrair o público, para uma série de coisas notáveis que o microfone espalha para todos os recantos do território brasileiro. E, é preciso que se note, a maioria dos programas elaborados por esses imortais do rádio, enquadra-se perfeitamente, no princípio educativo. Há muito que aprender nas diversas realizações radiolônicas destes últimos tempos, embora alguns martelem a velha chapa de "que nada se faz de aproveitável nas estações cariocas".

Estes eternos derrotistas, somente escutam ou observam o lado ruim de nossas programações. Já mais se deram ao trabalho de ouvir um programa assinado por esse talentoso Paulo Roberto. Não querem nada com o que Genolino Amado produz. Fazem ouvidos moucos às realizações de José Mauro. Ignoram o trabalho pesquisador de Almirante. Nunca procuraram escutar os "broadcasts" idealizados por Lourival Marques. Fingem desconhecer as produções de Haroldo Barbosa. Nada que rem com o trabalho de Hélio Tys. Limitam-se, unicamente, a escutar os "abacaxis". Por isso, quais dom quixotes sem barbichas, esbravejam contra tudo e contra todos. Consideram o rádio brasileiro o pior do mundo, embora este seja um dos melhores. E, se porventura, aqui chega um artista estrangeiro, é-los, os eternos descontentes, o louvarem o turista, esquecidos de que possuímos coisa muito boa. Assim aconteceu com as irmãs Meirelles. Esqueceram-se de que temos as "Três Marias"... Felizmente, nem todos pensam da mesma maneira. Há gente criteriosa, de bom senso, capaz de abafar os do contra, que reconhece termos progredido bastante em matéria de rádio e já mais afirmaria ser o "broadcasting" nacional um refúgio de mediocres. Hoje, grande parte de nossas estações procura realizar algo de aproveitável, lançando mão de figuras de valor que honram a cultura brasileira. O que de ridículo, ainda, encontramos deve-se aos anunciantes. São eles os culpados da sobrevivência de determinados "facções", uma vez que à custa da publicidade financiada, garantem a permanência dos mesmos... Fora disso, o nosso rádio nada fica a dever ao estrangeiro. E, quem afirmar o contrário, está fazendo obra derrotista e impatriótica. Por um elemento incapaz e tendencioso, não se deve julgar toda uma coletividade nem taxar de mediocres os que trabalham honestamente para distrair alguns milhões de brasileiros.

A. MIGUEIS



Allida Valli, da RKO, exhibe um modelo para a noite constituído de saia de tafetá listrado e "sweater" muito justa e decotada

Voz Bastidores Femininos

A MULHER MODERNA Não basta à mulher de hoje saber fazer "crochet" ou "tricot", conhecer o ponto de cruz, o "richelieu", e fazer alguns pratinhos gostosos... Esses predicados que, há tempos atrás davam à moça o invejável qualificativo de "moça-prendada", tornando-a atraente aos olhos dos rapazes em busca de noivas, não possuem hoje a mesma força e nem mesmo constituem qualidades a serem enumeradas. A moça pôde cozer, fazer tricot, etc., mas isto pouco influirá na sua vida futura se não existirem qualidades muito superiores a essas, que a possibilitem de cuidar da sua vida e da sua casa, com inteligência e habilidade.

Energia, espírito de luta (sim, porque já vai longe o tempo em que só os homens lutavam...) e as já enume-

radas inteligência e habilidade, são mais do que necessárias para evitar que a sua vida venha a ser um fracasso.

Hoje, compete também à mulher enfrentar de rijo a vida e para isso ela deverá estar preparada. Não estamos mais na época em que a mulher vivia na dependência do homem; primeiro a do pai e em seguida a do esposo devendo prestar a ambos inteira obediência. Hoje, ela adquiriu a custa de muita luta e de esforço próprio, uma situação de maior liberdade e independência, renunciando, é verdade à alguns dos seus antigos privilégios mas conquistando, em troca direitos que agora ninguém lhes poderá tirar.

Trabalhando fora ou em casa, a mulher da classe média conseguiu a sua independência financeira com o que auxilia, muitas vezes, a manutenção do lar e com o que se

liberta também do domínio exclusivo do marido. Quando assim não acontecia, ela se submetia a tudo com espantosa resignação, mais talvez por saber que não dispunha de meios para manter-se e aos filhos.

Moralmente, portanto, a mulher se elevou; além de prestar ao esposo os pequenos serviços que já noutros tempos as mulheres prestavam, ela concorre ainda para o conforto e o bem estar moral e material, da família.

Eis porque, educar a mulher para o lar já não consiste apenas em ensinar-lhe pequenas maravilhas da arte culinária, alguns pontos de tricot etc., mas dar-lhe a necessária noção de responsabilidade que a torne capaz de realizar tudo o que a vida atual dela exige.



NOITES DE

Elegancia

NA PAGINA AO LADO —

De Jacques Fath, saia em tafetá listrado, de linhas retas, avolumando-se em baixo; blusa de "guipure", estola no tecido da saia

Bruyère recomenda, para a noite, o preto e o branco combinados, como neste modelo de túnica branca, "godet", da cintura para baixo e saia preta, muito reta

Christian Dior lançou, com êxito extraordinário esta nova "linha" para salas. O "godet" acumula-se em gomos, de um só lado da saia, estreitando para baixo



Ao alto: De Jacques Fath, modelo para a noite em cetim cinzento. Corpo justo, cintura alta, "pouff" formando volume atrás

NOITES DE ELEGANCIA

PARA as suas "toilettes" noturnas nestas duas páginas apresentamos algumas recentíssimas criações de notáveis costumes parisienses. São modelos de linhas impecáveis e elegância à toda prova, pois vêm assinados por nomes da classe do de Jacques Fath, Bryère, Dion, e outros expoentes máximos da elegância e distinção.

A direita: este notável modelo, para noite é uma sugestão de Madeleine Vramant. Formado por blusa e túnica de renda preta, que assenta maravilhosamente com o resto do vestido em tafetá também preto



prints

Sinhá DA CASA-GRANDE

CONTO DE RUTH MARIA LACERDA DE ALMEIDA

HÁ quase uma semana cheguei aqui, à Fazenda da "Felicidade", onde vim lecionar os filhos dos colonos. Que lindas as paisagens! Que pomar e que jardins maravilhosos! Ao descer da charrete que aqui me trouxe, tão longe da cidade, não foi a natureza majestosa o que mais me prendeu a atenção, não foi a beleza do céu, que ali me parecia muito mais azul! O que surpreendeu e chamou a atenção de meus olhos grandes e curiosos foi, ao entrar nas terras da propriedade do coronel "Zé" Domingos — o dono da Fazenda, aquela tábua com a inscrição: "Fazenda da Felicidade" — Por favor, não perturbe a paz deste rincão".

Estaquei, e os meus olhos pararam nas palavras: "Fazenda da Felicidade".

Pensei comigo: tudo aqui devia ser bonito como é, mas o que não concordo é com o nome da Fazenda. Pelo que me contaram...

Perguntei ao "seu" João (o empregado que me fôra buscar, na cidade) se eu devia me apresentar ao "patrão" naquela tarde mesmo.

— Não, senhora. Na segunda-feira ele vai à Escola. Vou lhe mostrar a Escola, e a senhora começa a dar aulas na terça que a meninada toda vai lá.

Um "sim senhor", cortês, foi a minha resposta ao velho empregado.

Olhei a Fazenda. Um casarão majestoso, parecendo dominar aquelas matas verdes, aquelas serras, aqueles montes! Um casarão lendário cujo nome era uma ironia cruel, e viviam cerradas as portas e janelas. E uma sombra de mistério e tristeza pairava sobre aquela casa grande — a Fazenda da "Felicidade".

Domingo. Pela manhã, cheguei à janela do meu quarto que o sol beijava com os seus raios tépidos. E a missa? Não sei se há capelão na Fazenda. Não sei de nada, porque vivo isolada: nem vi, ainda, o "seu" Zé Domingos, o fazendeiro.

Ao chegar à janela, dei, de repente, com um negrinho sujo, e procurei ser amável. Chamei-o:

— Vem cá, menino.

A resposta à minha amabilidade não se fez esperar por muito tempo; o negrinho mostrou-me a língua vermelha, formando um horrível contraste com os seus dentes mal tratados e a sua carinha preta: uma horrível careta desiludiu-me por completo. Saí, meio desapontada, da janela e pus-me a ler, num tédio medonho. Pensei na cidade bonita que eu deixara lá longe.

Na segunda-feira rumei para a escola. Surpreendeu-me deveras a ordem ali existente. Ao contrário do que eu esperava, tudo ali era limpo e agradável. Lá estava, também, à minha espera o fazendeiro "Zé" Domingos. Cumprimentei-o, sério e compenetrado, e ele, com um semblante bondoso e a aparência de quem pouco ou nada conhecia da vida alegre das grandes cidades, e, sim, sofrera muito, correspondeu ao meu gesto amável. Tudo ficou combinado muito bem. Eu seria a professora da Fazenda da "Felicidade" começaria as aulas terça-feira, faria as refeições no meu quarto, quase independente do casarão.

A tarde, Benedita — uma preta velha e forte, empregada antiga da Fazenda —

foi me levar o jantar, como o fazia desde que eu chegara.

— A senhora tá gostando daqui? Sabe dos caso horríveis da Fazenda? Pois escute, vou contá prá senhora:

E a preta começou a contar-me aquilo tudo que eu já conhecia de sobra, pelos rumores da cidade. Inspirei confiança à Benedita e ela foi desenrolando toda aquela história, na sua linguagem rústica e cansada.

★

José Domingos era moço bonito e muito rico, senhor de muitas terras e da Fazenda "Grande". Fez um pequeno curso, numa escola da cidade, e não quis ser "doutor", embora o pai dele sempre acalentasse o desejo de ter um filho médico. Foi para a Fazenda, aquele rapagão bonito, valente e ousado. Em pouco tempo, conheceu Cristina, a prima bonita e formada, que chegara há pouco tempo da cidade e morava com o pai, viúvo, na Fazenda das "Flores". José Domingos viu Cristina e se apaixonou por aquele jeitinho ingênuo, pelos olhos verdes e a boquinha vermelha da prima de dezoito anos. Saía pela madrugada, antes do nascer do sol, e lá se ia pela estrada a fora, num galope louco, a cavalo, deixando atrás de si, na estrada, aquela nuvem cinzenta de poeira. Ia cantar-lhe madrigais. Sorenetas...

O casamento foi um festão! Durante muito tempo falava-se dele, ali, naquelas paragens.

Dai a um ano, para maior felicidade ainda, nasceu o primeiro filho: uma belezinha! Recebeu o nome másculo e imponente de Frederico.

No dia em que nasceu Frederico, José Domingos, louco de felicidade, delirando, arguiu a grande inscrição à entrada de suas terras, mudando o nome da Fazenda "Grande": "Fazenda da Felicidade" — Por favor, não perturbe a paz deste rincão!"

★

Quando Frederico, o pequenino "Fred", completou 3 anos, nasceu Paulo César, o outro herdeiro de José Domingos. Não era bonito como o irmão, ao contrário: franzino e miúdo.

★

Foram crescendo os dois, muito unidos, muito amigos, a andar pelas mesmas terras, sob os mesmos céus... Estudaram, juntos, os primeiros anos, na Escola da Fazenda, junto com os colonos. À tardinha, iam os dois meninos — treze e dez anos, respectivamente — a passear juntos até a cachoeira grande. Às vezes, raras estas, discutiam — rixas infantis — por qualquer coisa banal:

— Olá, "Izinha", você por aqui? — Fred estava todo "um sorriso" para a mulatinha dengosa, de 11 anos, filha da empregada da Fazenda.

— "Vamo brincar", Fred?

Nem sequer ela olhou para Paulo César que, na sua humilde "miudeza", já estava corado de ciúme e raiva. Fred, mais bonito, mais ousado, para completar o ciúme do irmão, olhando-o superior e convencido, arriscou com um jeitinho de conquistador:

— E' comigo ou com Paulo César que você quer brincar?

(Continua na pág. 47)

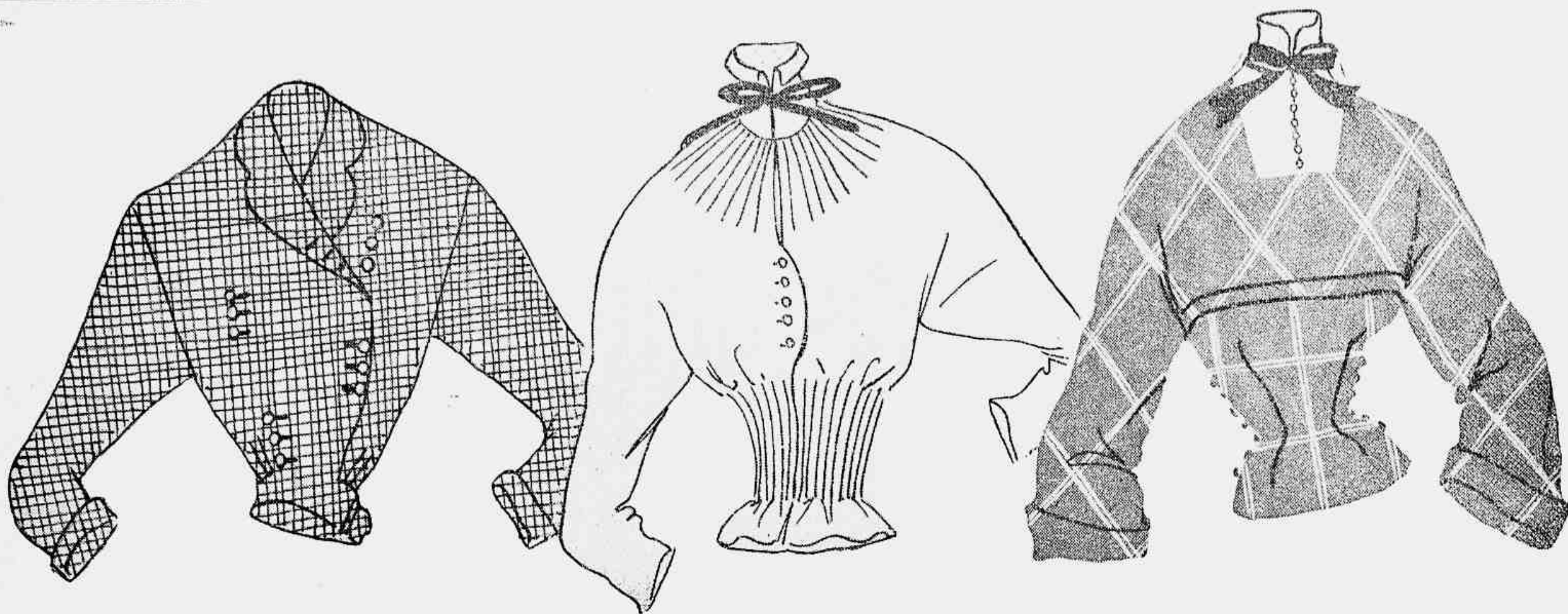
ILUSTRAÇÃO DE LUIS CANABRAVA
SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA



O PREÇO DA BELEZA

NÃO é apenas um belo vestido que dá à mulher um aspecto encantador e atraente. Existem, outrossim, numerosos detalhes que, combinados entre si, concorrem para proporcionar à mulher a beleza a graça e a elegância que ela procura. Ser bela é uma verdadeira arte. É a arte de se "maquillar", é a arte de andar, de sentar, de se pentear, de escolher um modelo adequado ao seu tipo e à sua idade; é a arte de manter sempre uma atitude erecta e graciosa, é a arte de se conservar dentro de uma norma de beleza que exige um pouco de paciência e sacrifício. Tomem, como exemplo, esta nossa heroína. Para ela quase não há descanso. Pratica o tenis, dá largas caminhadas e faz ginástica, a fim de manter sempre em boa forma as linhas do seu corpo. Além disso, conhece as melhores regras para uma boa "maquillage" e também "demaquillage". Sim, porque é preciso saber, também, remover, à hora de deitar, todo o "maquillage" do dia, sem deixar qualquer resíduo sobre a pele. Esta deverá "dormir" bastante limpa, para no dia seguinte receber o tratamento adequado. Mas o trabalho é compensador. Vejam com que satisfação ela espera o seu companheiro e vejam também a confiança que existe em seu olhar. É que ela sabe que está muito linda, e sabe também que muito trabalhou para isso... Não diga nunca que não tem tempo e não diga também que não vale a pena perder tanto tempo... A sua aparência é muito importante, não esqueça, para que você possa negligenciar.



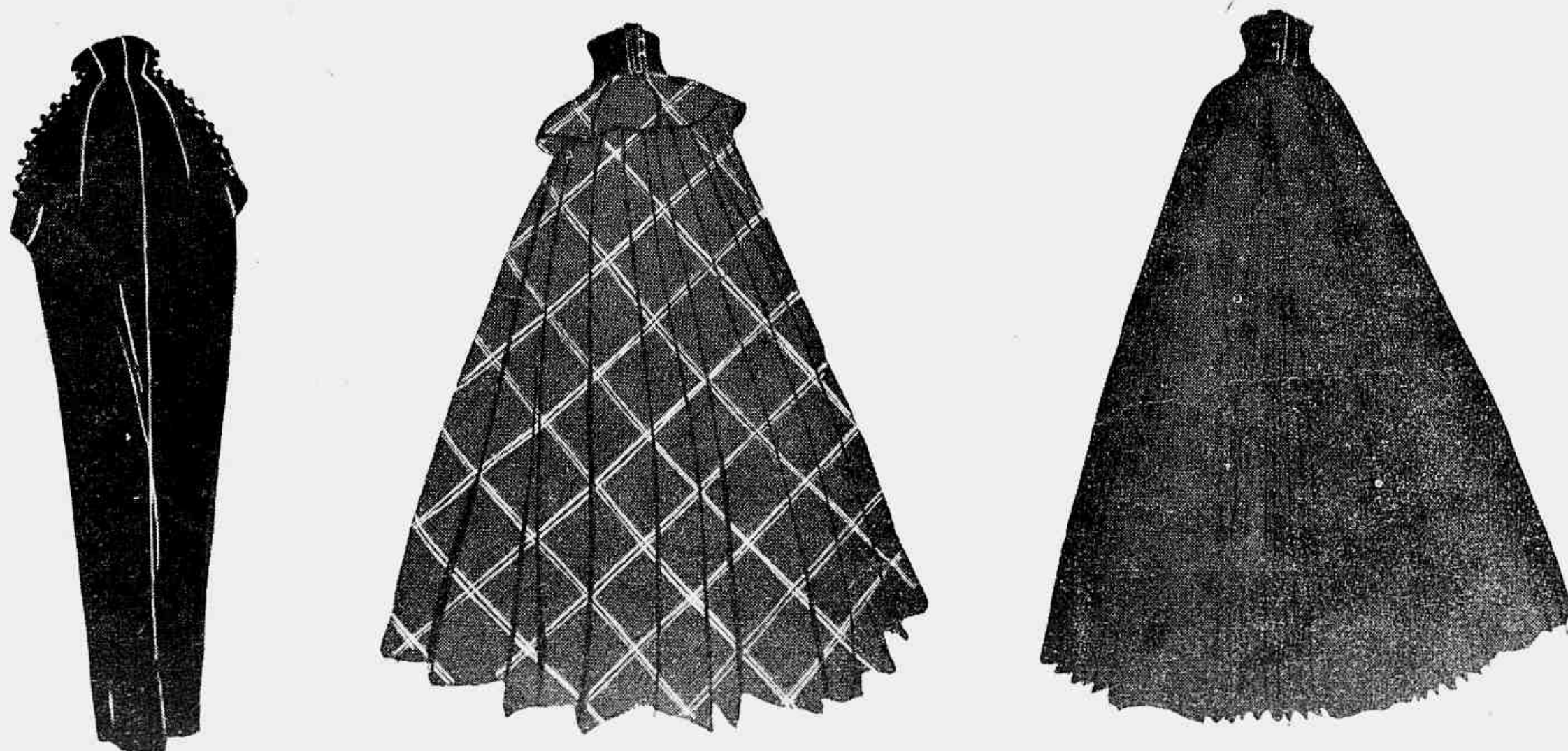


VÃO chegar os dias em que não saberemos como nos vestir... Isto é, a "meia-estação", quando não faz frio e nem calor, quando um vestido de verão já nos deixa arrepiadas e quando um vestido de inverno ainda é forçado. O melhor a fazer é recorrer às saias e às blusas. Os tecidos podem

SUGESTÕES PARA VOCÊ

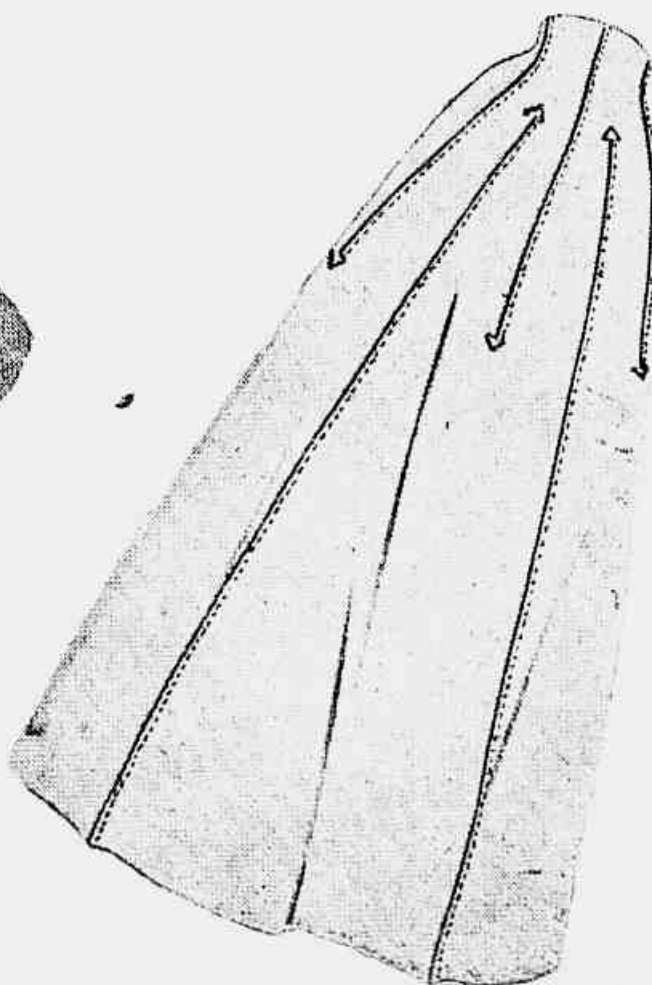
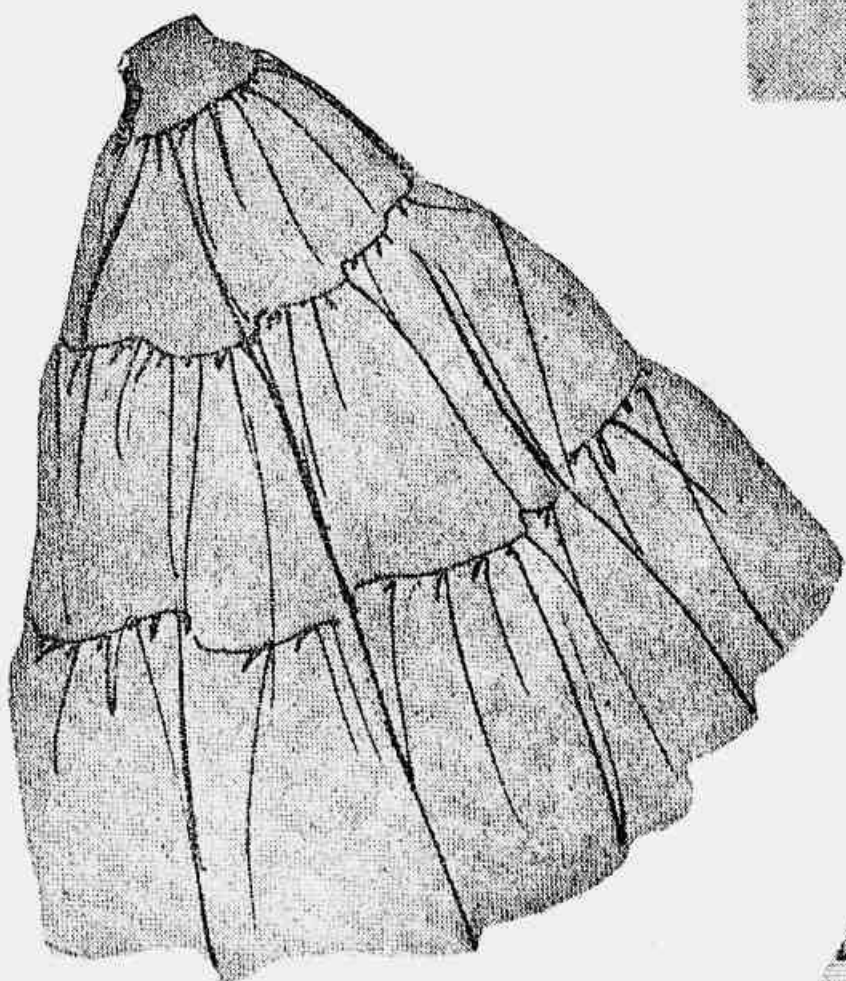


ser os mais variados possíveis, o mesmo acontecendo aos feitios. Além disso, a saia e a blusa podem também formar uma "toilette" mais fina, dependendo de tecido e dos modelos escolhidos. Nestas páginas vocês encontrarão algumas sugestões de verões interessantes e de grande utilidade para a próxima estação.





Eis nesta página mais algumas sugestões para você aproveitar no seu guarda-roupa. Usando inteligentemente as suas saias e as suas blusas, você poderá conseguir uma variedade infinita de trajes elegantes e para tôdas as ocasiões.



MOVOS MODELOS

Mary Kay Dodson, figurinista da Paramount, apresenta-nos aqui dois notáveis modelos para meia-estação. Ao alto, modelo em lã quadriculada, apresentado por Lucille Ball, em baixo, modelo em lã verde, apresentado por Audrey Totter.

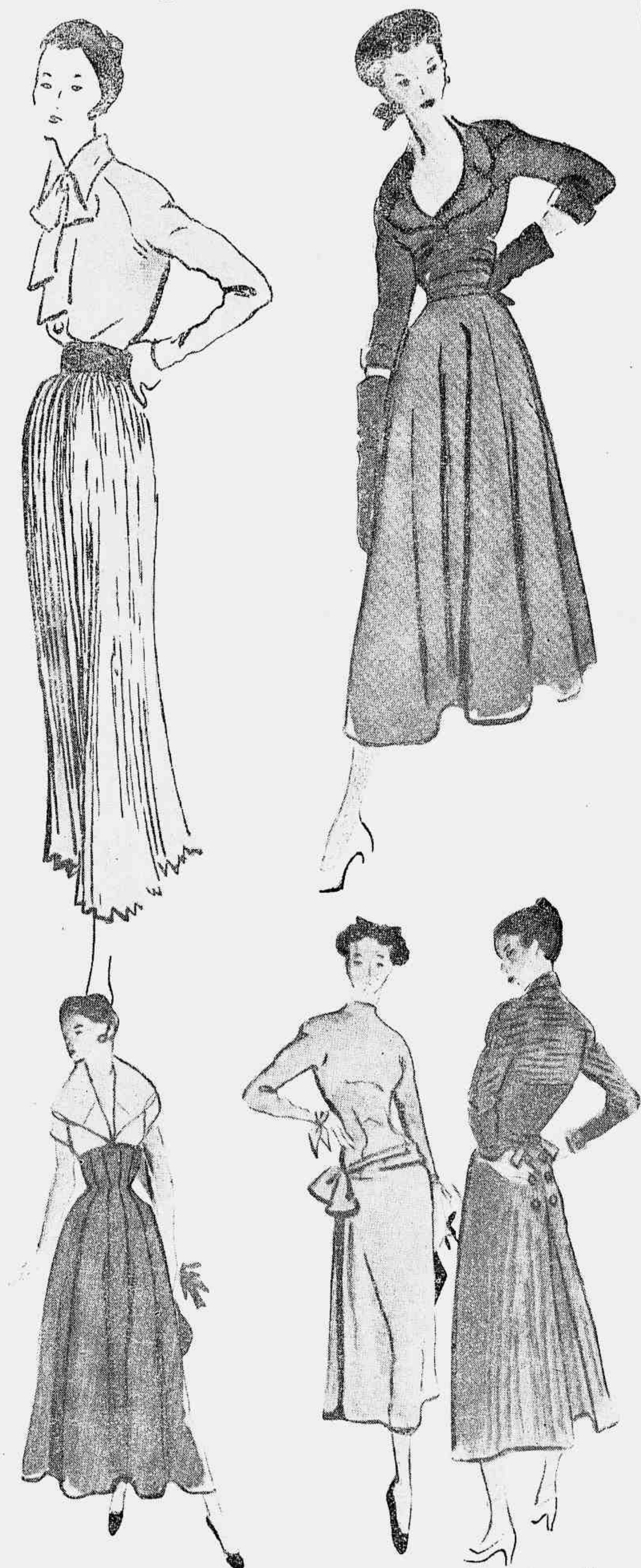


A VOLTA DO "TAILLEUR"



COM a completa derrota dos casaquinhos curtos e das "basques", volta a dominar o "tailleur". E ele será visto em todas as horas do dia, e em qualquer época do ano, dependendo apenas do tecido e do modelo escolhidos. Aqui, oferecemos às nossas leitoras alguns modelos que poderão ser executados em linho, gabardine e tropical, para o verão, ou em lã, para o inverno.

O "PEQUENO" VESTIDO



PARA a parisiense elegante, o "pequeno" vestido é aquele modelo que pelas suas linhas, se presta para ser usado a qualquer momento, dependendo, em grande parte, dos acessórios. É um vestido fácil de ser usado porque tanto fica bem com uma sandália sem saltos como com um elegantíssimo Luiz XV, com chapéu ou sem ele, para a manhã ou para a tarde. Alguns exemplos do "pequeno" vestido, tão indispensável ao guarda-roupa da elegante parisiense, estão aqui estampados. Alguns levam grandes decotes, outros pequenas golas fechadas bem alto, outros ainda, golas em ponta um tanto exageradas, mangas curtas ou mangas compridas, etc. São modelos que dificilmente deixam de "cair" bem...



NOVAMENTE A FITA

A fita está novamente adquirindo um extraordinário prestígio, passando a enfeitar as cabeças femininas, até mesmo em substituição ao chapéu. Em veludo ou cetim, é ela agora o complemento indispensável de um penteado, tal como aqui se verifica.





Uma atitude característica do candidato ao Governo do Rio G. do Norte discursando na Câmara Federal. E' o deputado que maior número de vizes ocupou a tribuna

A VIDA ATRIBULADA DE UM CONDUTOR DE MASSAS

O CINQUENTENÁRIO DO SR. CAFÉ FILHO ★ EM 1930, CHEFE DE POLÍCIA; EM 1931, NA PRISÃO ★ VITÓRIA ★ EXÍLIO ★ TRÊS "RECORDS" NA CÂMARA ★ O QUE FARIA SE FOSSE GOVERNO...

Reportagem de W. GUARNIERI ★ Fotos de A. VIEIRA



O sr. Café Filho no tempo das "vacas magras"... quando eleito pela primeira vez em 1934

A imprensa carioca noticiou há pouco a passagem do cinquentenário natalício do Deputado, pelo Rio Grande do Norte, sr. Café Filho.

Levado pela natural curiosidade de reporter, ocorreu-nos trazer a público algo mais do que a simples notícia daquele acontecimento. Não só porque o sr. Café Filho é um parlamentar que, pela sua atuação na Câmara Federal, vem sempre se destacando como trabalhador infatigável, ocupando, não raro, as "manchettes" dos jornais com seus pronunciamentos, o que lhe tem dado grande popularidade no cenário político do País — como também por se dizer que a sua vida política tem sido um verdadeiro romance de aventuras perigosas... Além desses motivos, um deles havia de maior importância ainda. E' que, como corcamento de sua vida de lutas, amigos seus haviam indicado o nome do sr. Café Filho para candidato, pelo Partido Social Progressista, ao cargo de Governador do Rio Grande do Norte, o que mereceu a homologação do comitê regional daquela agremiação política.

Por isso, escolhemos um dia em que o calor nos deu um pouco de folga, para uma entrevista em sua residência, à Av. N. S. de Copacabana.

O apartamento do representante potiguar, situado a cinquenta metros da praia mais linda do Mundo (como se referem os "tourists"...), é dotado de todo o conforto, inclusive um desses mo-

dermos "ôlho-mágico" na porta da frente, que pode servir, inclusive, para afugentar um reporter impertinente...

Tal não aconteceu conosco, no entanto. Logo que fomos anunciados, por uma das empregadas, o sr. Café Filho nos veio receber, mostrando-se de uma afabilidade tão grande, que logo nos pôs à vontade. O interior da residência, todavia, é sobriamente decorado, nada ostentando de incomum que mereça ser referido como extravagante. E o aluguel mensal então... é uma "pechincha", segundo soubemos mais tarde pelo próprio locatário: Três enormes quartos, duas salas e demais instalações, em pleno coração de Copacabana... por Cr\$ 1.800,00! E em 1944, quando o parlamentar o ocupou, não lhe cobraram luvas... Inteligente, esse proprietário!

O sr. Café Filho para nos atender havia interrompido o exame da correspondência que se avolumava sobre a secretária — na maioria telegramas de felicitações e congratulações de amigos e correligionários, e também muitas cartas de reclamações, procedentes dos mais variados pontos do País.

Apresentou-nos à sua esposa — D. Jandira, que logo se desculpa e desaparece da sala, para voltar pouco depois com duas doses de um autêntico "scotch"...

Quando lhe dissemos o objetivo de nossa visita, o sr. Café Filho mostrou-se esquivo, e o reporter adivinhou um certo



Café Filho em 1921 — quando pela primeira vez se apresentou candidato à Câmara de Vereadores de Natal. Depois de agitar a cidade inteira, com seus comícios revolucionários, obteve... 22 votos!

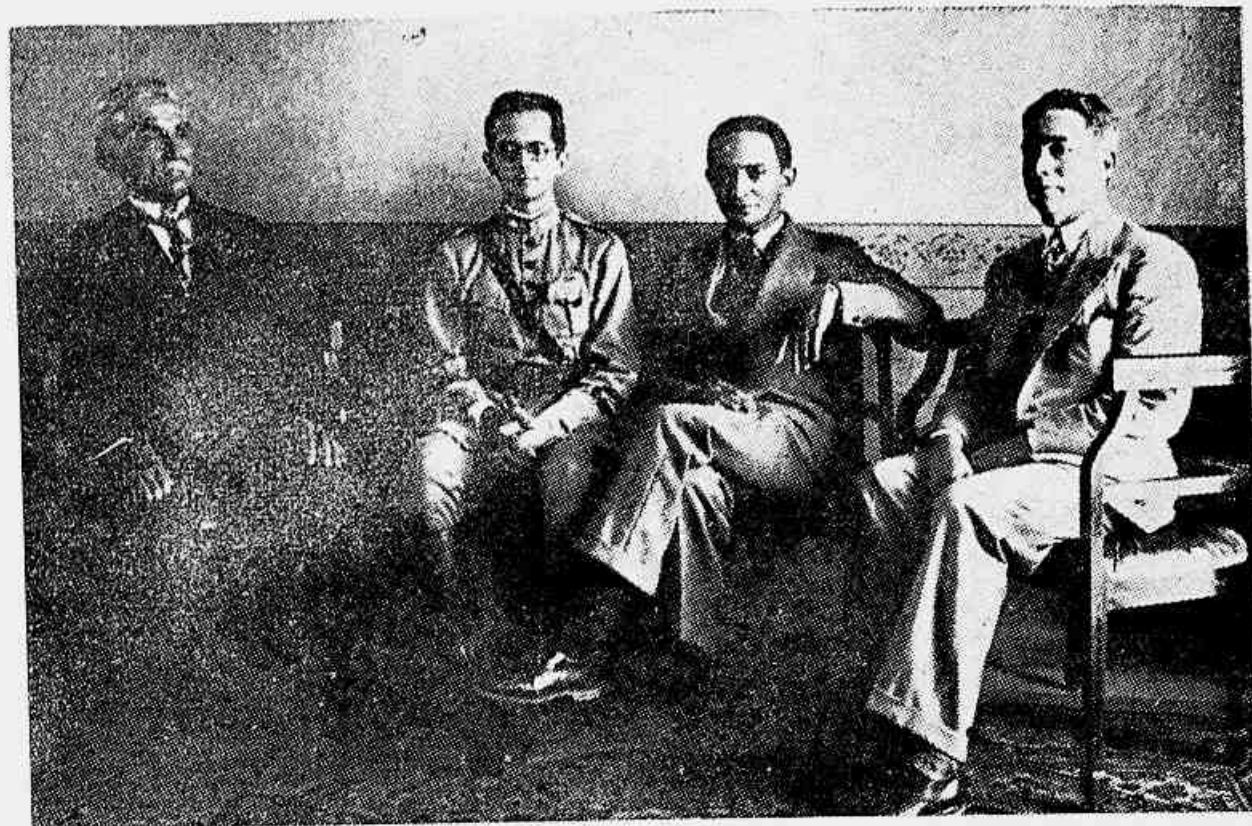
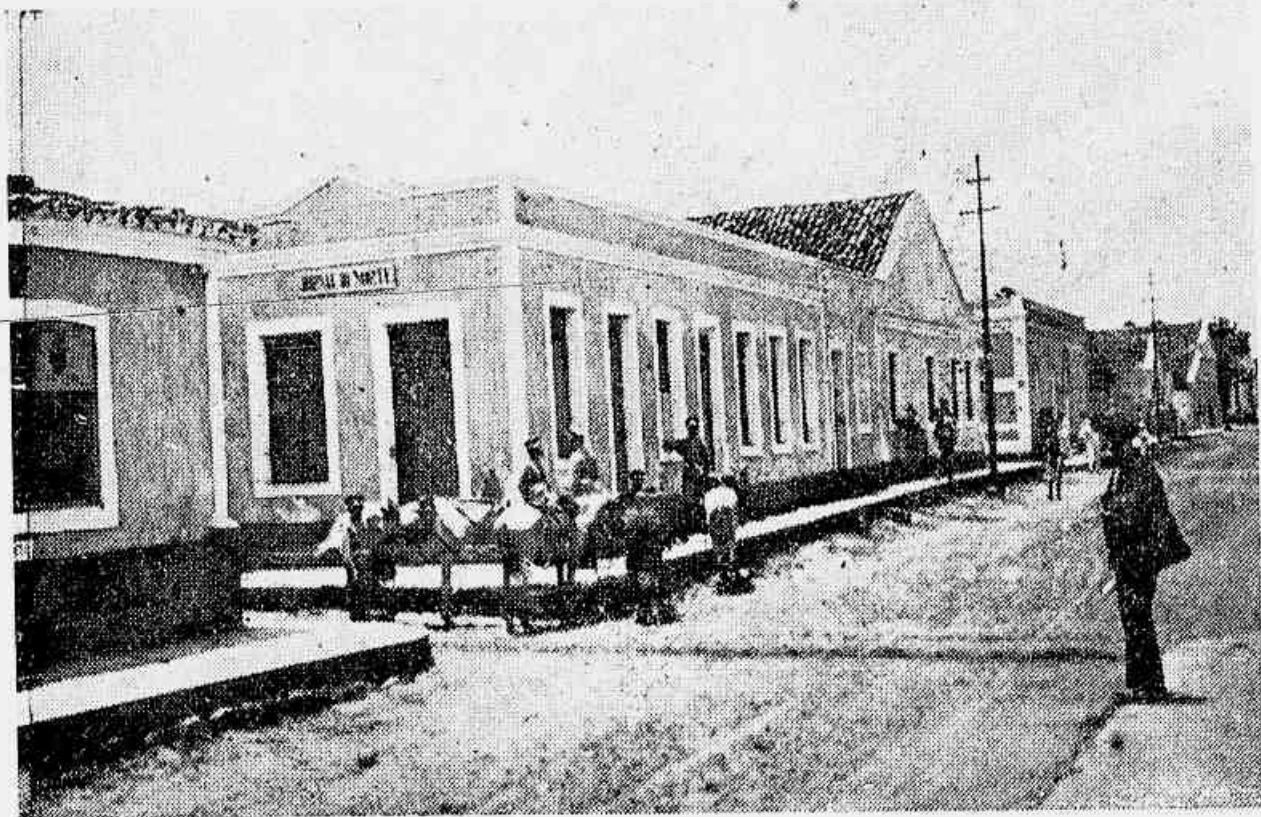
constrangimento por parte do parlamentar em lhe revelar fatos de sua vida política. Tivemos então que apelar para D. Jandira; e a maioria dos dados recolhidos para a reportagem que se vai ler, devemos à gentileza de sua esposa.

Após o estalido de língua, característico da boa qualidade do "whiskey" que ingerimos, o sr. Café Filho se dispôs a responder às perguntas já encaixadas sobre a sua anunciada candidatura ao Governo do Estado.

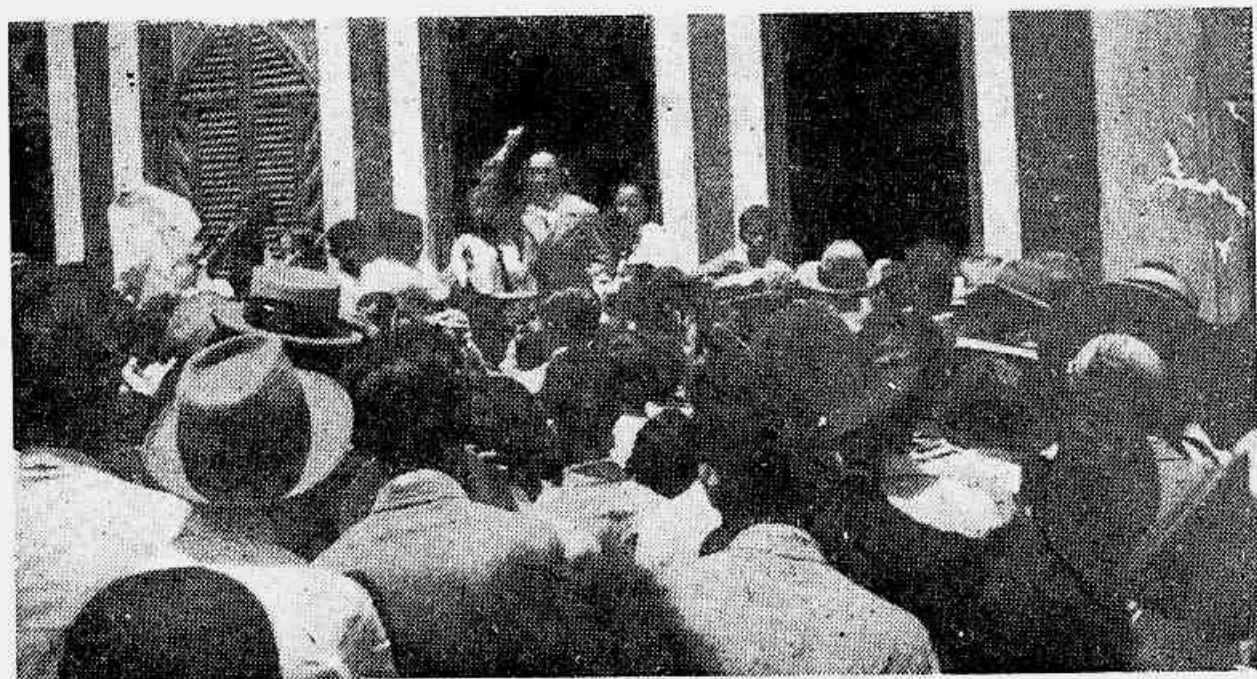
— Então, deputado, algum programa delineado para o próximo Governo?

— "Programa propriamente não. O que tenho são alguns estudos de há muito feitos sobre os problemas políticos e econômicos de meu Estado."

A menção de estudos econômicos, julgávamos que se tratasse de alguma reforma social de caráter drástico, e fize-



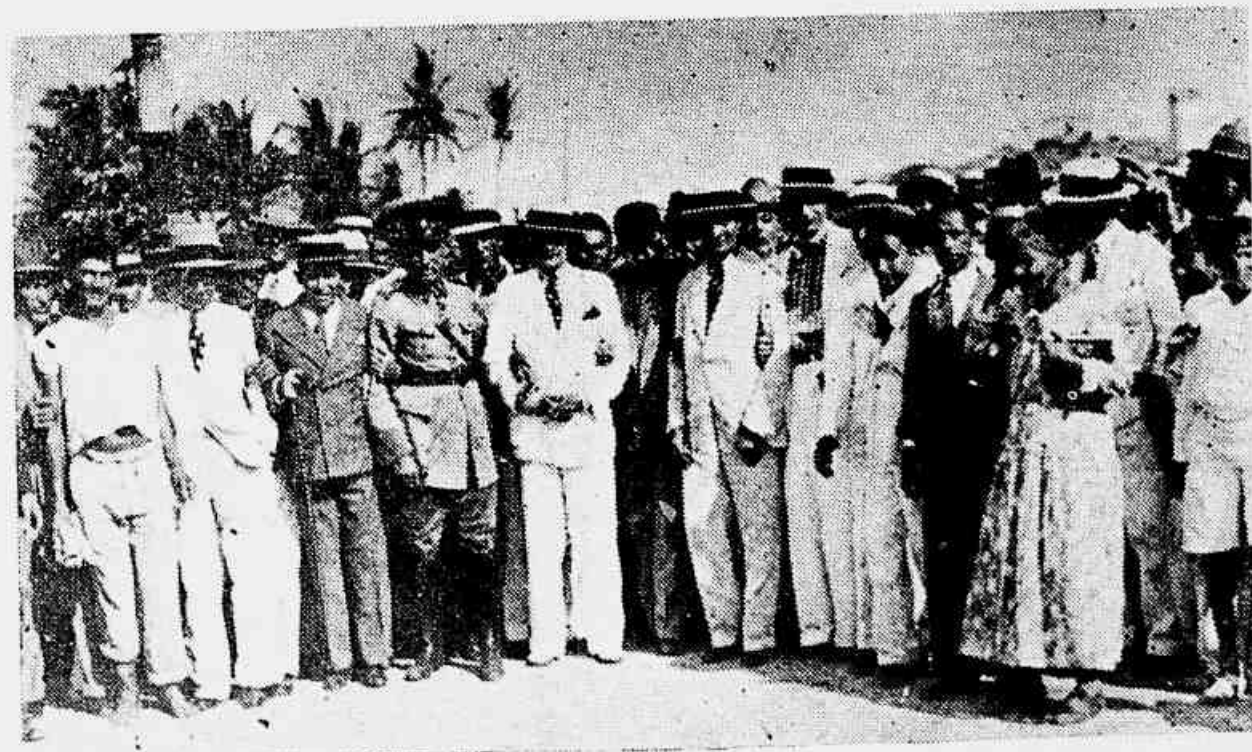
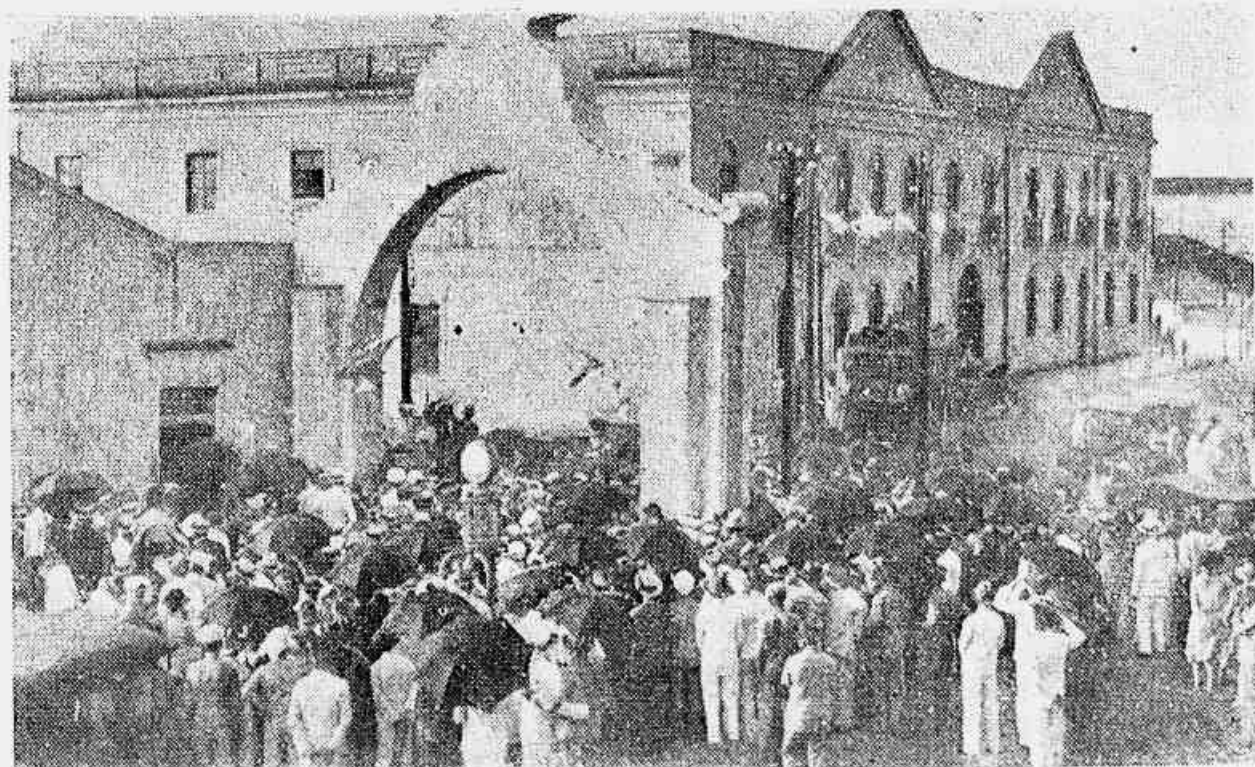
A esquerda: Elementos da polícia, cercando a redação do "Jornal do Norte" e a residência do deputado, em Natal. A direita: Café Filho, então chefe de polícia, em companhia do Cel. Felinto Elízio de Azevedo, figura de grande tradição política do R. G. Norte, Odon Bezerra Cavalcanti e do sr. Avelino Cunha Azevedo, comerciante na Paraíba



A esquerda: 1930 — Manifestação de solidariedade de estudantes paraibanos em frente à redação de seu jornal, no Recife. A direita: depois da passagem da caravana Assis Brasil, em fins de 1928, pelo Rio Grande do Norte, a redação do jornal de Café Filho — de onde saíam os manifestos violentos de apoio aos componentes da caravana e oposição ao governo — ficou assim...



Dois aspectos do parlamentar potiguar, fixados durante a realização de um comício em Porto Alegre e outro em Natal. E' bem um tribuno das massas, o futuro candidato ao governo de seu Estado. Eloquentes e de persuasão invulgar



A esquerda: Recepção à caravana de Batista Luzardo, na Paraíba. Nessa ocasião, Café, impedido de voltar ao R. G. do Norte, chefia um "comando" no território "inimigo" e realiza um comício-monstro em Alexandria. A direita: Quando Café foi eleito pela primeira vez, em 1932, a Comissão da Câmara disse que não valeu... Foi preciso uma subscrição pública, para que o deputado viesse ao Rio contestar a diplomação de seu adversário. Eis aí um aspecto de sua partida para o Rio, em 32



D. Jandira de vez em quando aparece com uma xícara de café — o homônimo estimulante — para manter alerta o deputado que maior número de "projetos de lei" apresentou a seus pares para aprovação



"Lar, doce lar..." — hoje o deputado pode fazer as vezes de pai de família, com a família reunida. Há alguns anos atrás, não

mas políticos e econômicos do Rio Grande do Norte, em função do bem estar social e da elevação do nível de vida do povo potiguar".

— Dentre os diferentes problemas que mencionou, quais os seus aspectos mais importantes?

— "De um modo geral, todas as questões de governo merecem igual estudo e já tenho algumas soluções assentadas, restando apenas serem postas em prática. Três pontos principais poderão constituir os alicerces de meu programa de Governo: 1.º) — Transporte. Esse como se sabe é um problema nacional.

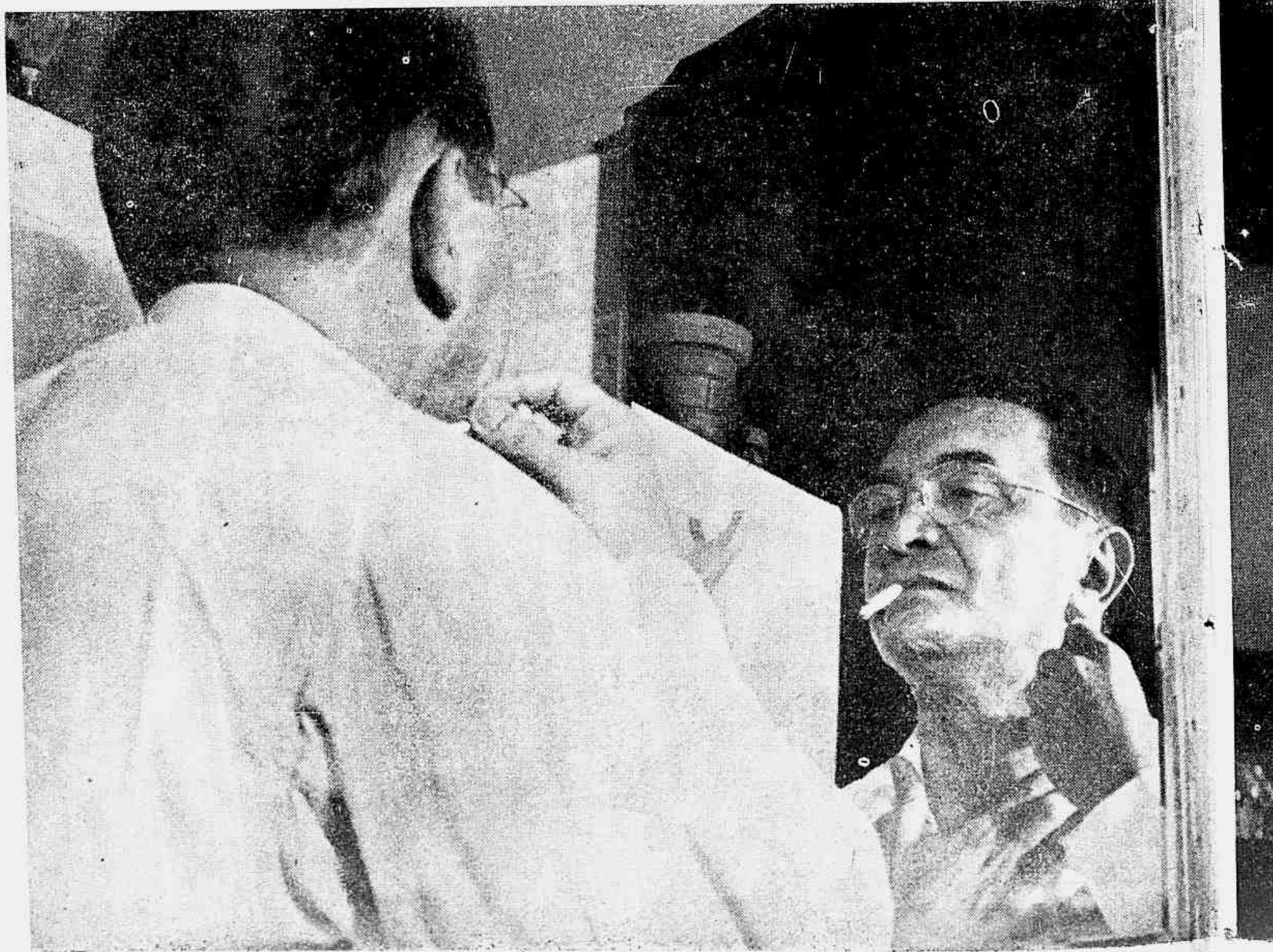
O Rio Grande do Norte oferece oportunidades excepcionais para o desenvolvimento de sua produção que viria dar vida ao Estado, o que no entanto não se verifica pela falta de incremento de suas vias de comunicação. 2.º) — Educação e Saúde. Combate efetivo ao analfabetismo, início de obras de saneamento de algumas regiões do Estado, e melhoramento das condições sanitárias das principais cidades e vilas do interior.

O ponto fundamental, entretanto, de

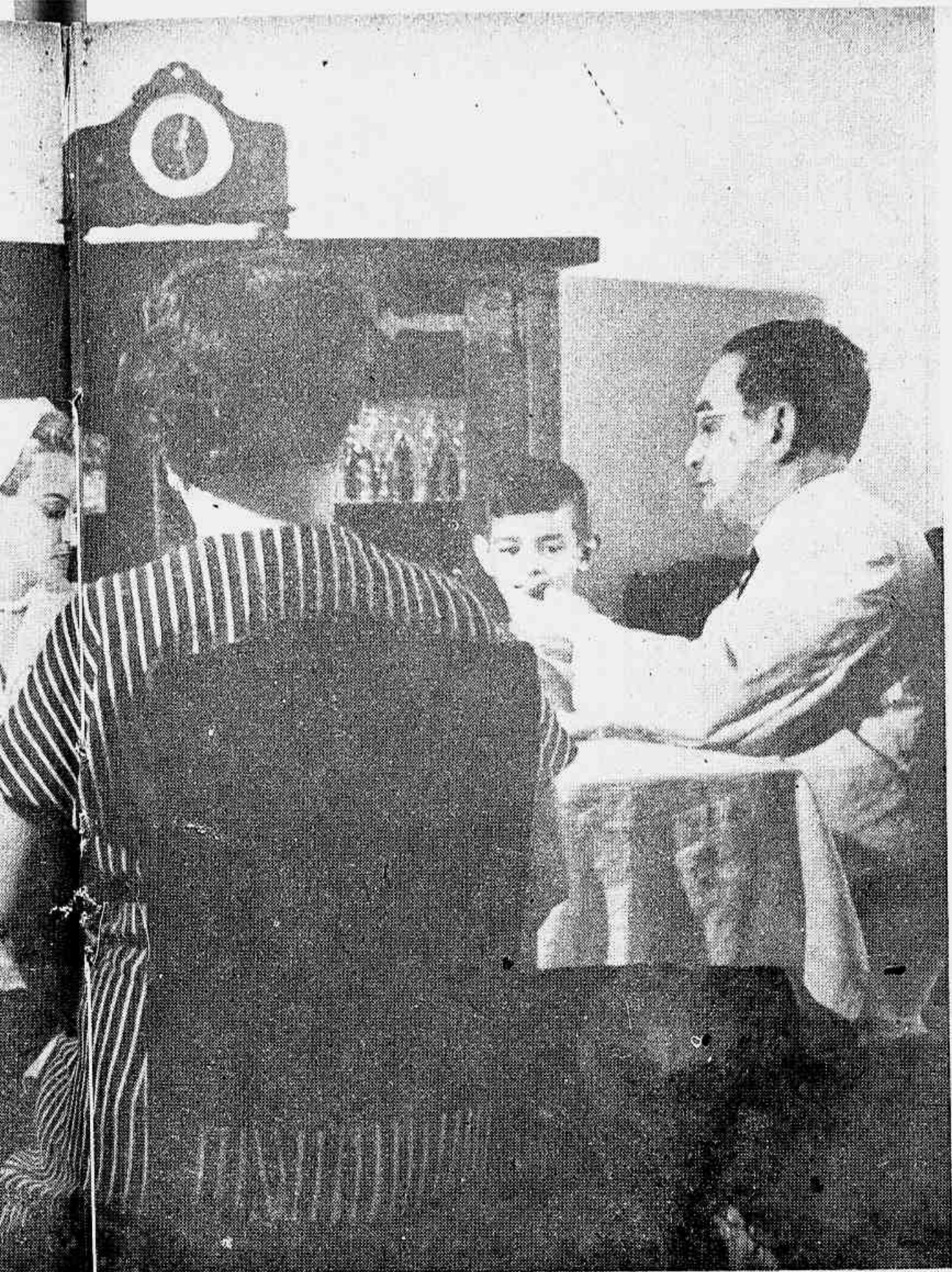
mos sentir isso, uma vez que as idéias políticas do sr. Café Filho de tão liberais que são, têm qualquer coisa de esquerdismo cor-de-rosa... Porém, a reação foi imediata.

— "Antes de tudo, desejo frisar que não irei fundamentar os princípios políticos que pretendo defender, em bases de nenhum programa de ordem revolucionária... O objetivo único de minha campanha é o equacionamento dos proble-

A' esquerda: A aparência é tudo para um parlamentar. Por isso, Café cuida de se escanhoar carta recebida de Natal, assinada por um menino de 14 anos, Jorge Andrade de Campos com



O parlamentar que até hoje maior número de "pedidos de informação" formulou ao Poder Executivo, consulta o fichário de seu gabinete, a procura de dados para a próxima inflação.



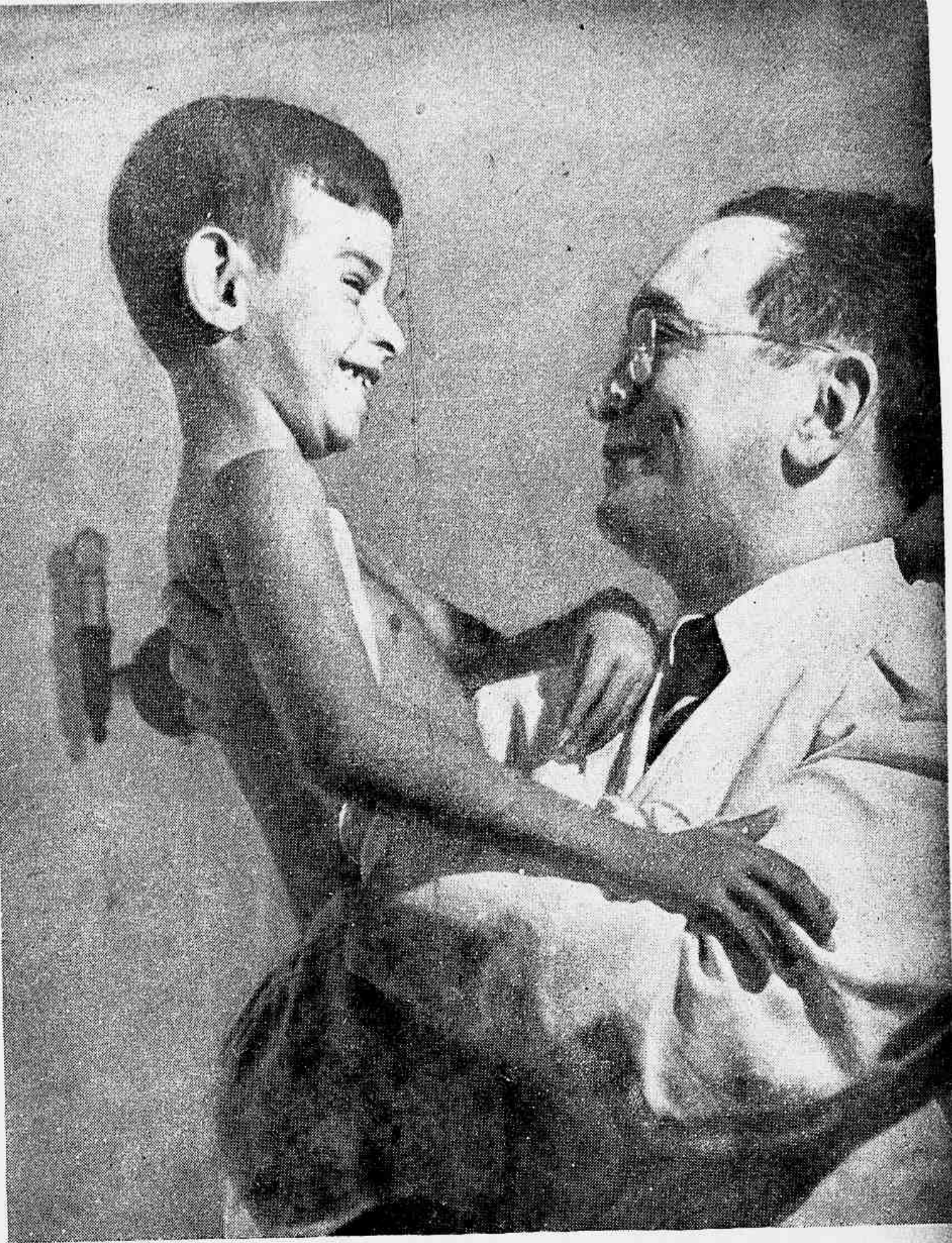
putado pode fazer as suas refeições tranquilamente, com
já alguns anos atrás, a coisa era bem diferente...

ce oportu-
desenvolvi-
viria dar
tanto não
mento de
o) — Edu-
vo ao anal-
saneamen-
ado, e me-
itárias das
interior.
retanto, da

minha diretriz governamental estaria na
eliminação das causas que originam o
atual desajustamento das classes pobres
e na consequente anulação do "ciclo mi-
gratório" — fenômeno periódico em
muitos estados nordestinos e grandemen-
te prejudicial ao desenvolvimento da
quela parte do Brasil. A fixação do ho-
mem trabalhador é o problema máximo
do Rio Grande do Norte."

— Qual a solução que proporia para
acabar com o êxodo?

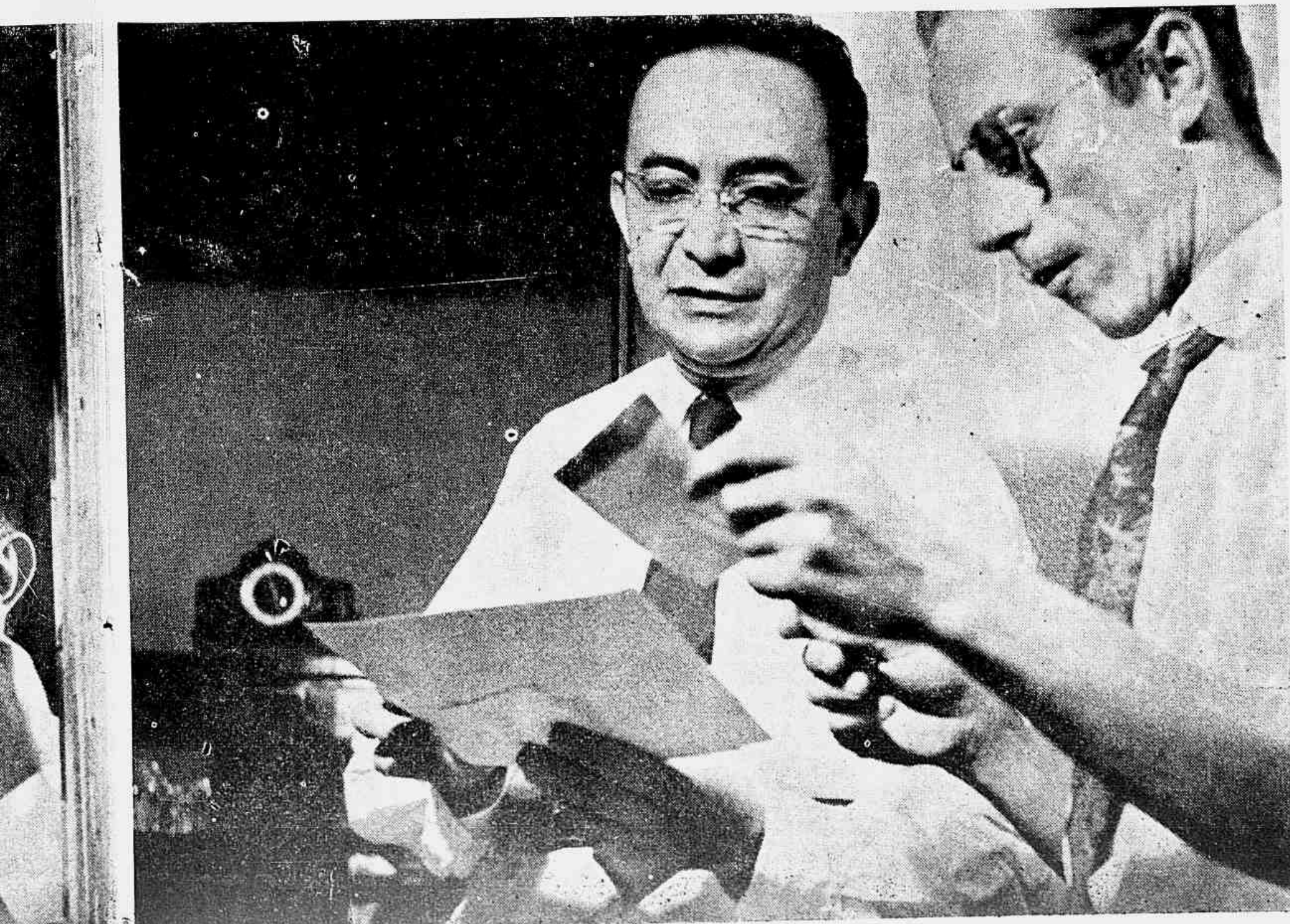
— "O problema é deveras complexo.
Os trabalhadores na indústria salineira
— uma das mais importantes de todo o
Estado — somente num certo período do
ano estão no desempenho ativo de suas
funções. Terminado o trabalho nas sa-
linas, não encontram outra ocupação e
se vêm forçados a emigrar para outras
regiões, em busca de alimento para si
e para os seus. O mesmo fenômeno acon-
tece com relação aos outros, principal-
mente os da lavoura algodoeira. Entre
a semeadura e a colheita e depois desta,
as condições se apresentam da mesma
maneira, obrigando o operário a mendi-



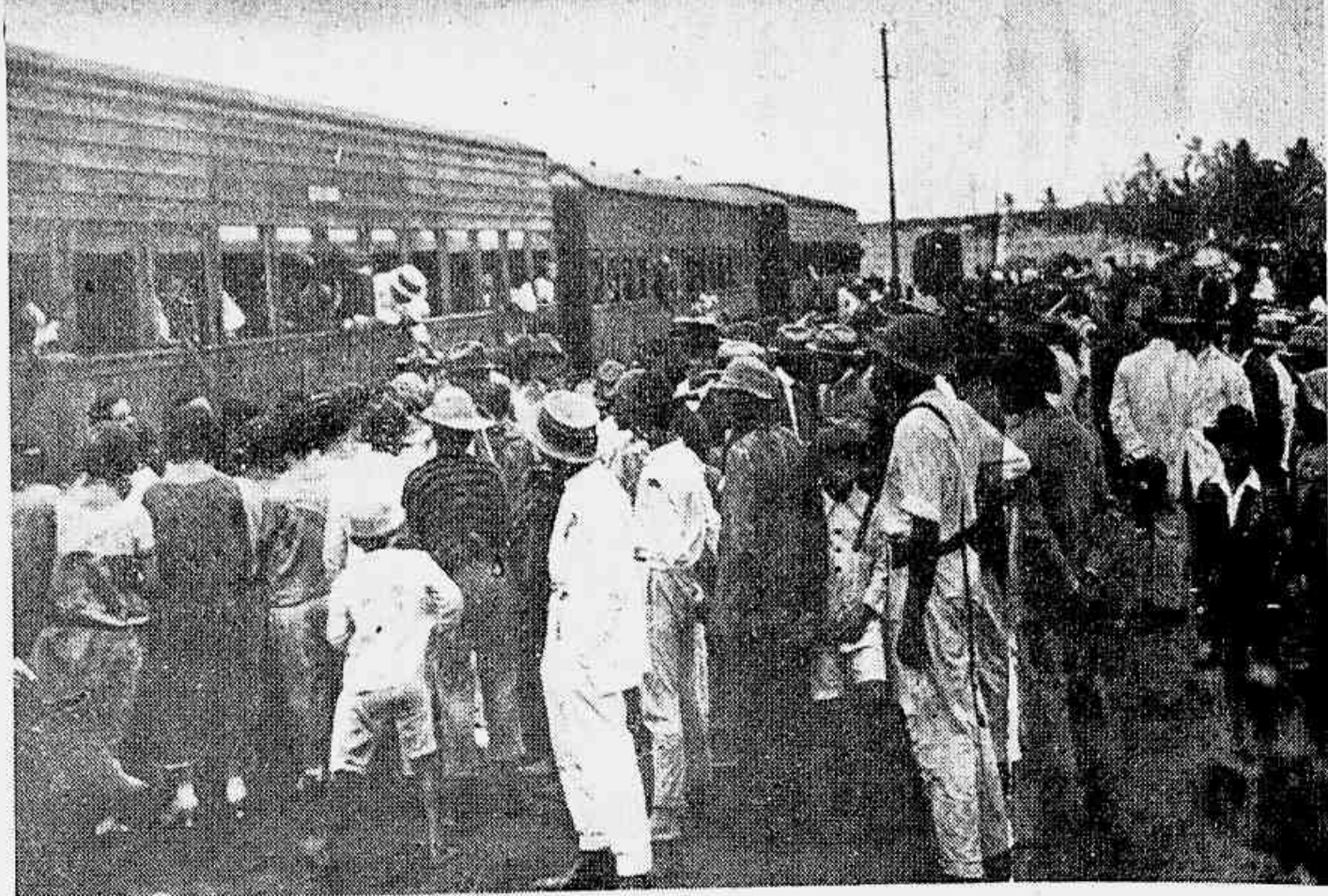
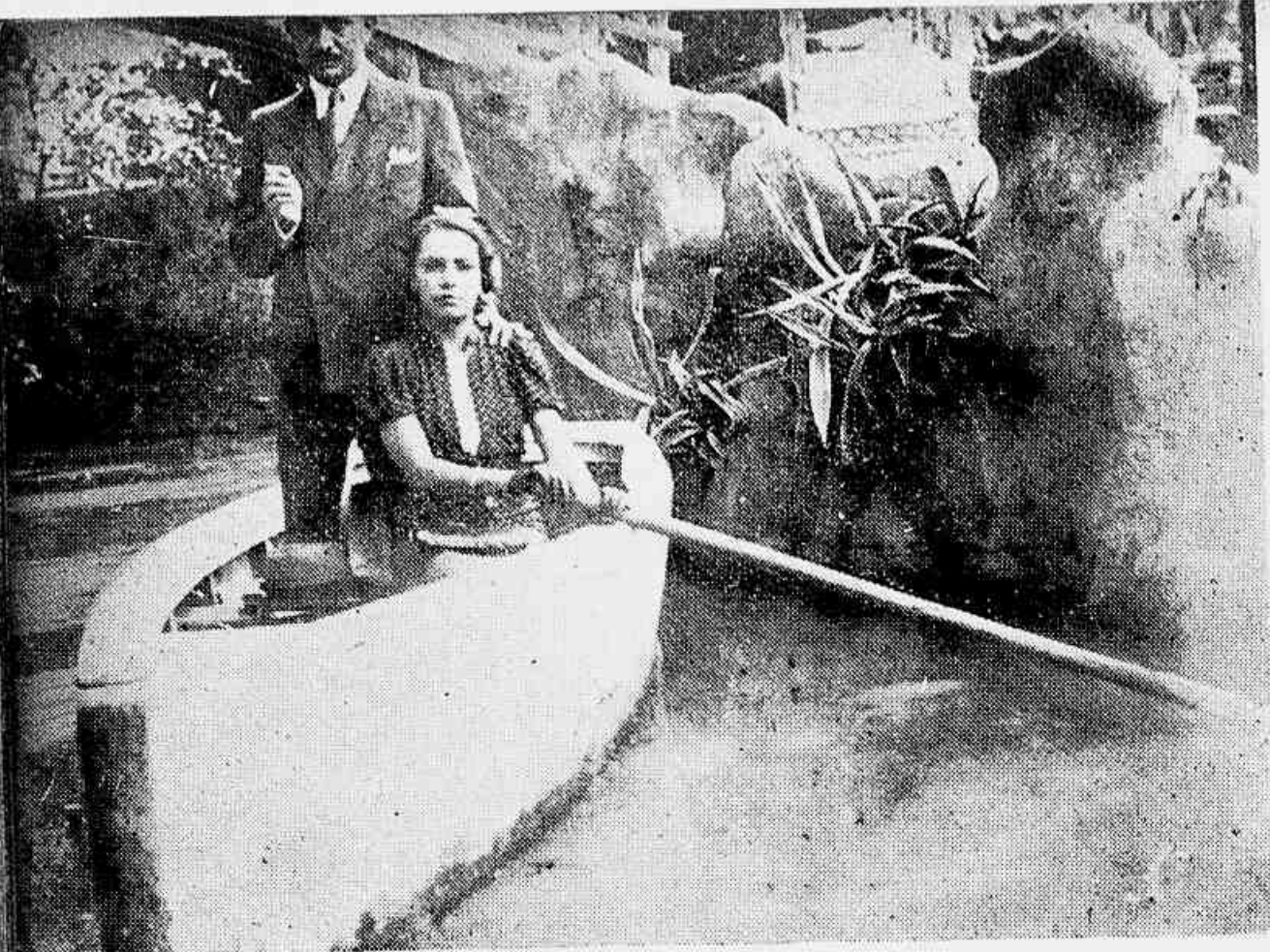
Eduardo Antônio tem cinco anos apenas. Por enquanto não sabe se seguirá a
carreira do papai... Com essa idade, no entanto, já começa a
entender de futebol — e é "fan" do Botafogo...

gar trabalho para seu sustento. A solu-
ção, no momento, estaria na atração de
capitais nacionais ou mesmo estrangei-
ros para a instalação de novas indústrias,
distribuídas pelo interior riograndense, de
modo a oferecer oportunidade a essa
massa trabalhadora, seus filhos e afins
— para que destarte pudessem cessar as
condições peculiares que causam as "mi-
grações periódicas" — tão conhecidas de
nossos sociólogos. Tal solução se me

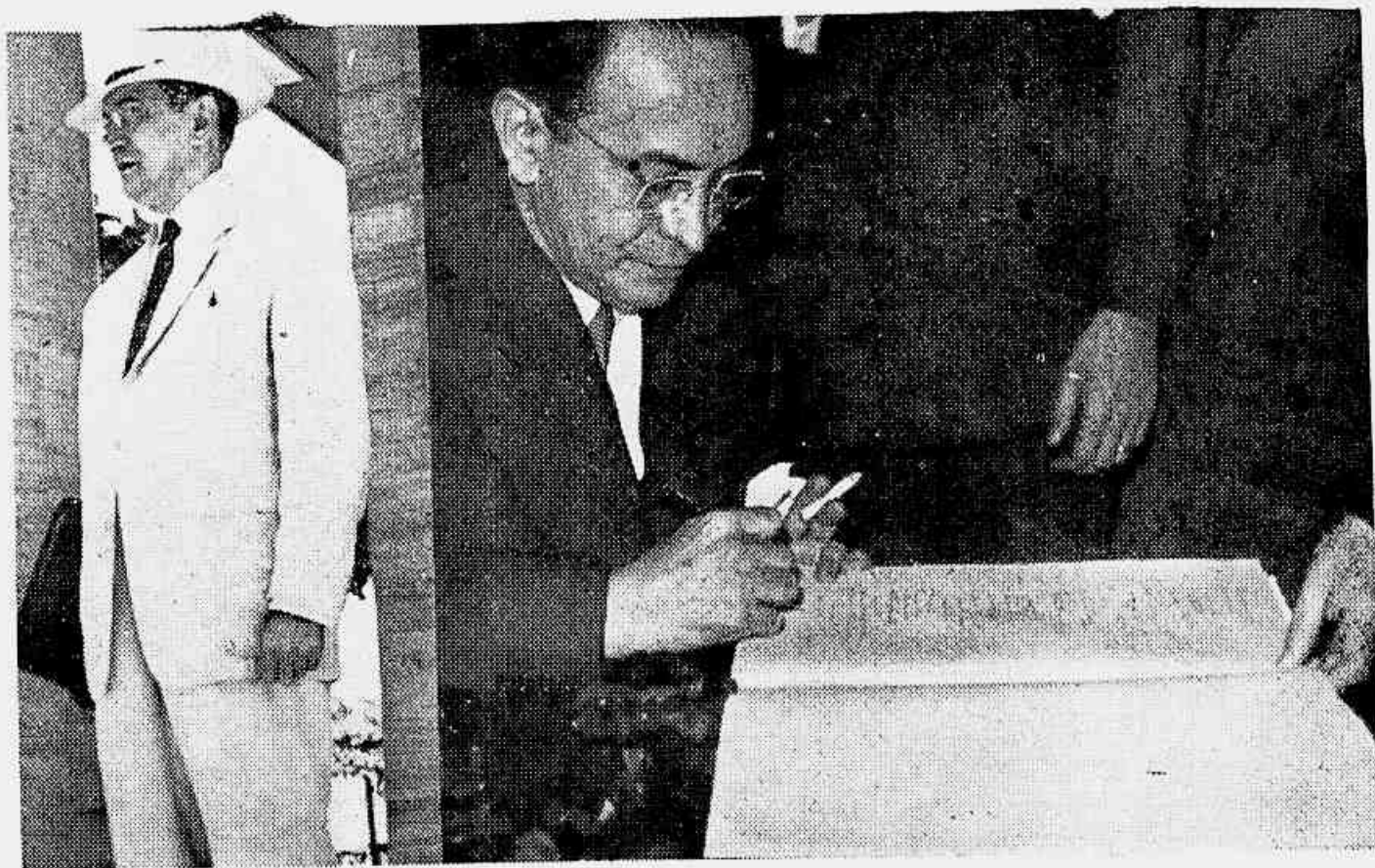
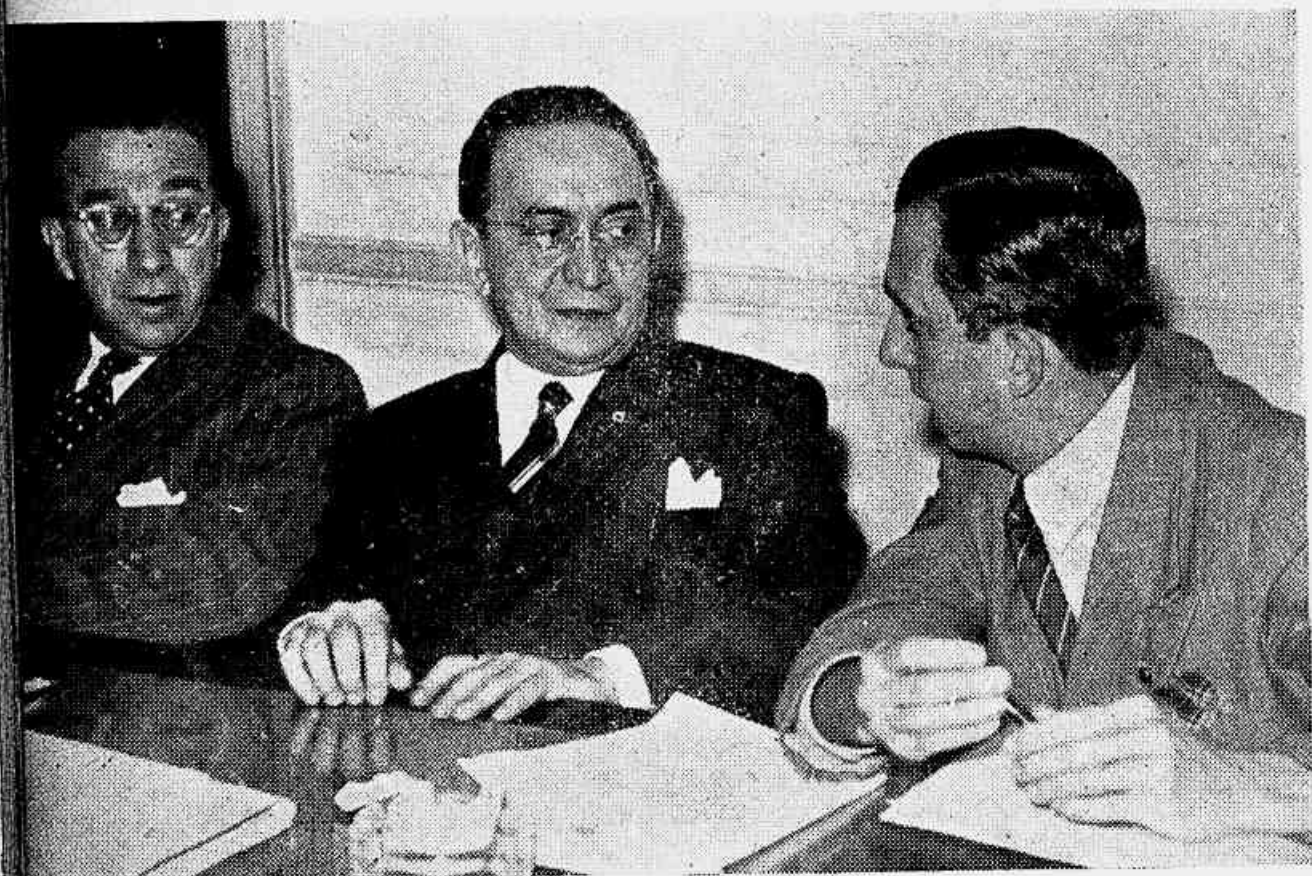
aida de se esbanhar, diariamente, bem direitinho... A' direita: Café Filho mostra ao repórter uma
rade de Campos congratulando-se pelo lançamento de sua candidatura ao Governo do Rio G. do Norte



O Sr. Café Filho, após a refeição, parte discretamente
u'a maçã. E o repórter não disse, mas pensou. "N
poderia ser uma banana... 24 mil cruzeiros
por mês!"



A esquerda: Café Filho e esposa durante o exílio em Buenos Aires. A direita: Quando Café Filho se viu obrigado a fugir pela primeira vez de seu Estado, foi residir em Bezerros, interior de Pernambuco. Durante os poucos meses que ali permaneceu, conseguiu reunir regular número de adeptos a sua causa. A foto mostra a sua partida de Bezerros com destino à Recife



A' esquerda: Membro da Comissão de Finanças da Câmara, em 1945 entre os deputados Gabriel Passos e Fernando Nobre. — Café Filho se retirou da mesma em face de divergência quanto ao critério de proporcionalidade dos partidos. Ao centro: O Sr. Café Filho não aboliu o uso do chapéu. Na porta de sua residência, à espera de condução para a cidade. A' direita: O Parlamentar quando assina a Constituição Federal, em 18 de setembro de 1946



afigura como a mais correta, uma vez que parece problemático o amparo oficial imediato, quer por parte do Governo do Estado quer do Governo Federal. O nordestino caminha em direção ao sul, onde melhores se oferecem as condições de vida, e termina seu fadário nas favelas das capitais como o Rio e São Paulo.

Já que o assunto abrangia aspectos variados do problema social do Brasil, per-

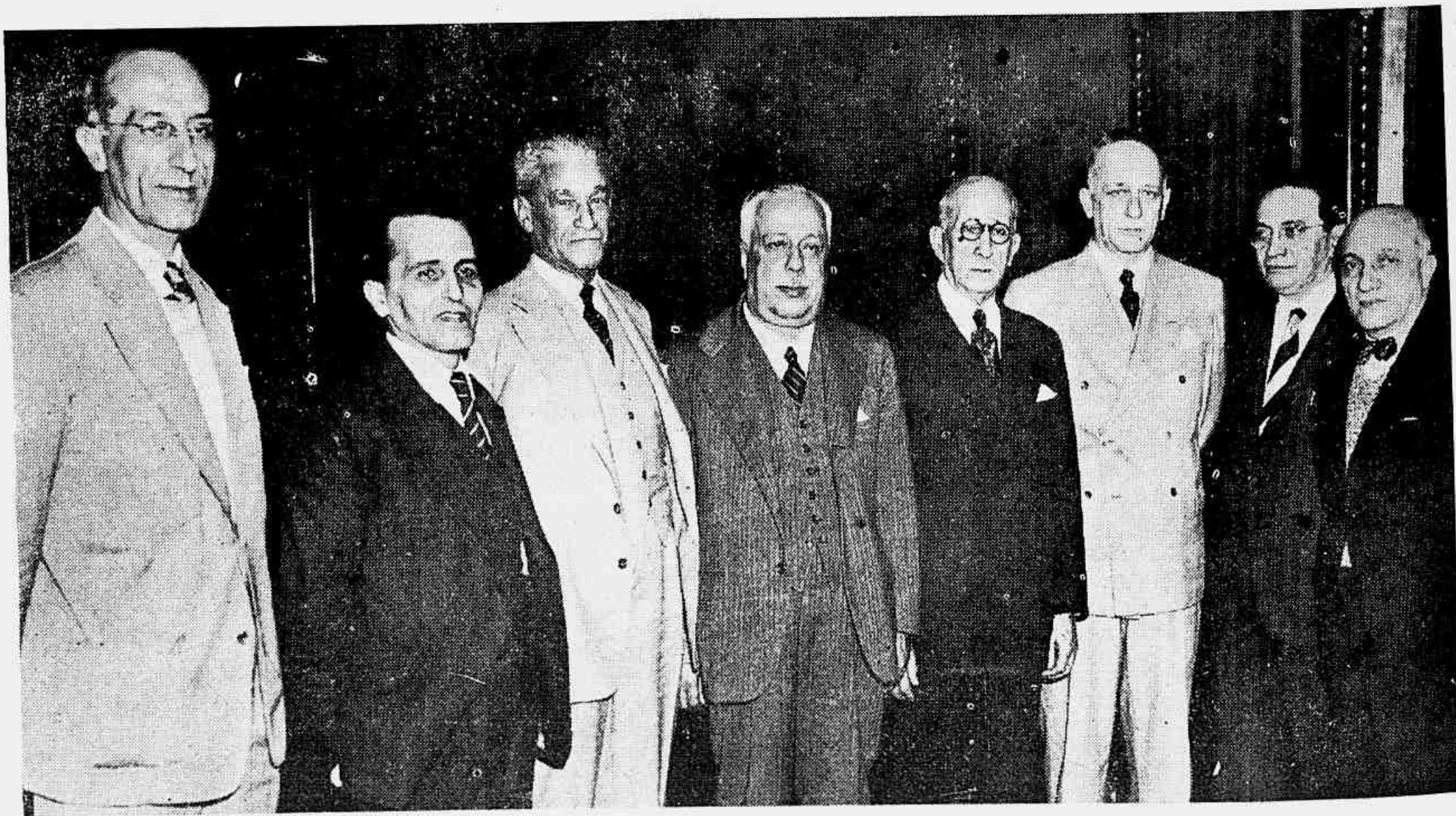
guntamos a posição do candidato ao Governo do Rio Grande do Norte, em face do Comunismo.

— “Meu ponto de vista a esse respeito é por demais conhecido. Em várias oportunidades tive ocasião de demonstrá-lo publicamente. O combate às idéias de Marx e Engels não pode e nem deve ser feito em moldes policiais, mesmo porque isso de nada adiantaria, conforme o Mundo inteiro está farto de constatar.

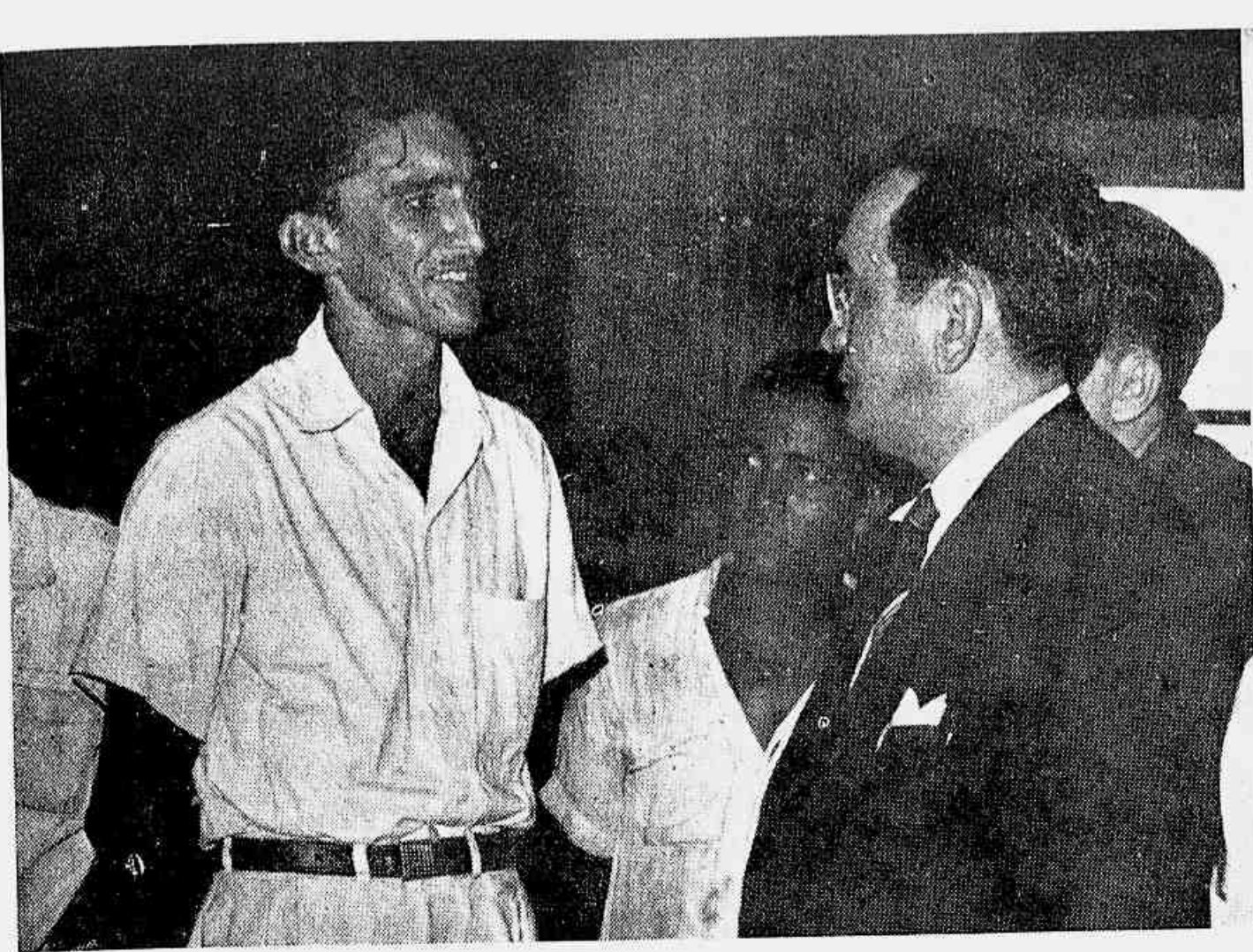
Na eliminação das causas determinantes do desajuste entre as classes que compõem uma sociedade, em qualquer regime, é que está o segredo da derrota do comunismo.”

— Por que não pertence ao Partido Socialista?

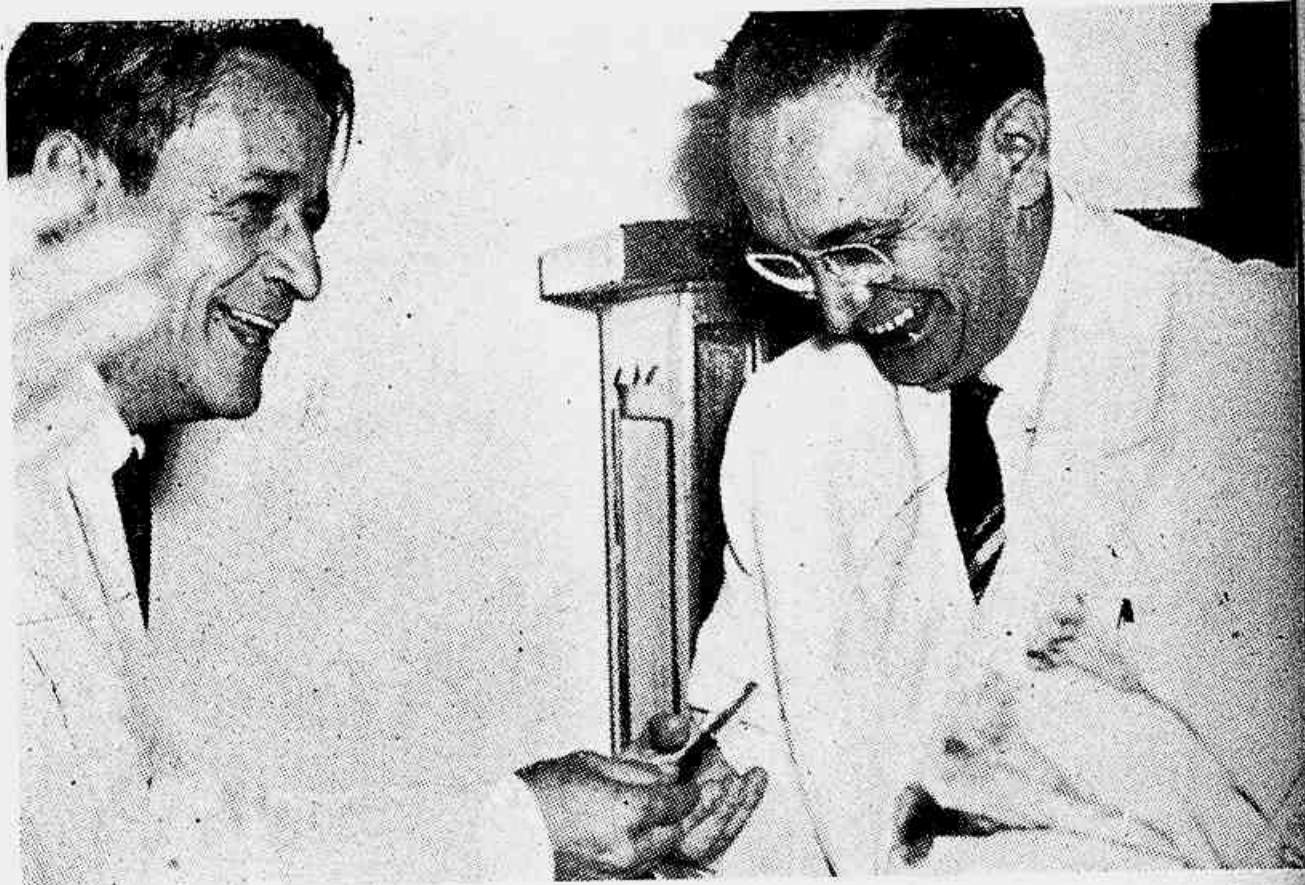
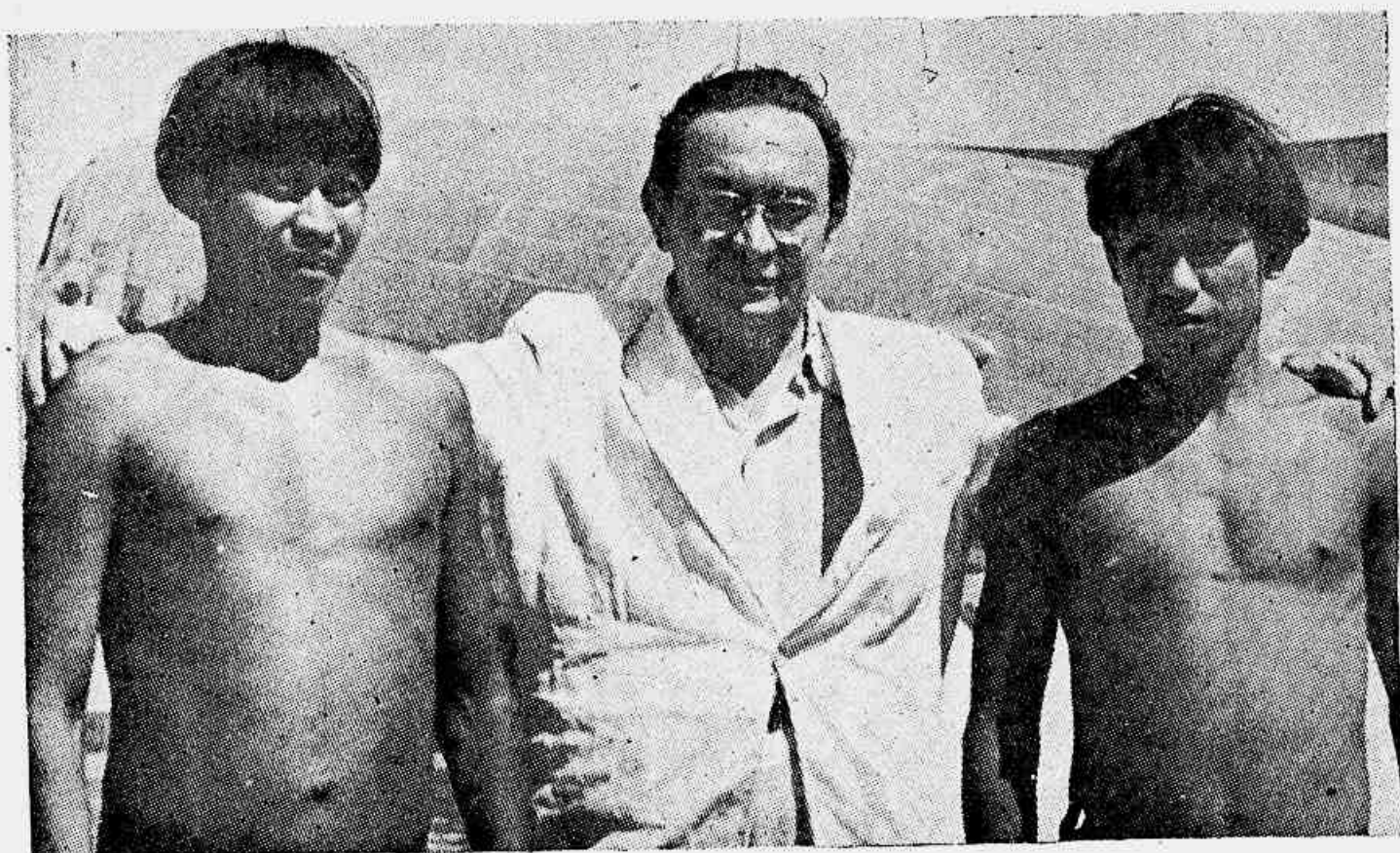
— “Dirijo, no Rio Grande do Norte, uma ala política de linha democrática, do tipo muito comum na vida brasileira, possuindo em seu seio elementos das



A esquerda: — “Café, amigo: Que bela surpresa! Felicito-me por vê-lo ao meu lado. Você, parlamentar exímio, que põe os interesses da Pátria acima das coisas materiais...” — escrevem Monsenhor Cláudio nas costas dessa foto, do arquivo de Café. A direita: — Os tempos mudaram: hoje não é difícil encontrar-se o sr. Café Filho entre os “bigs”. Na foto, os líderes em 45, a começar da esquerda: Domingos Velasco, Carlos Prestes, Melo Viana, O. Mangabeira, A. Bernardes, Marcondes Filho e Café Filho, tendo à esquerda, por coincidência, Georgino Avelino, candidato oficial ao mesmo posto que ele



A esquerda: No interior do Estado da Pará, em Belterra, Café Filho ouve um remanescente da "Batalha da Borracha". À direita: Por ocasião do impedimento do Teatro Fenix, fato que ocupou durante largo tempo o noticiário dos jornais, a antiga atriz Itália Fausto — do elenco de "Tobaco Road" — apela dramaticamente para que o parlamentar interceda em favor dos artistas que iam ser despejados



A esquerda: Quando da visita da Comissão Parlamentar ao Brasil Central, Café Filho que a integrava, visita o marco da futura Capital Federal — um pouco acima de Goiânia. Esse marco, coberto de folhas de coqueiro, é o centro da futura Capital. À direita: Durante a comemoração de seu cinquentenário, um jornalista carioca oferece a Café Filho uma caneta de ouro, para ser usada na assinatura do termo de posse do Governo do Rio Grande do Norte...

mais variadas tendências e origens. Esse grupo não é bem uma ala socialista, embora tenha muitos membros que o são. E' um grupo de liberais — pode-se dizer brasileiromente assim — e na chefia desses elementos eu sou u'a média de suas aspirações.

— E por que faz parte do Partido Social Progressista?

— "Fui um dos fundadores do P.S.P. sob a antiga denominação de Partido Democrático Progressista. Para atender às exigências da legislação em vigor, quanto à formação de núcleos eleitorais para registro de legendas, fizemos uma

fusão de forças com as que, no momento, obedeciam à orientação do sr. Ademar de Barros — que nucleava seus elementos em São Paulo, sob a legenda do Partido Republicano Progressista. Pertencio, assim, ao P.S.P. por ter sido o seu fundador e por ter acordado que os núcleos estaduais manteriam orientação política própria."

— E o P.S.P. não tem um programa de âmbito nacional?

— "Sim. E esse é coincidente com a minha diretriz política e em linhas gerais, com o programa dos outros par-

tidos nacionais, exceção, talvez, do P.S.B."

— Acredita pessoalmente na sua eleição para Governador?

— "O meu nome foi lançado como candidato de combate à candidatura apoiada pelos dois situacionismos — federal e estadual. E' assim uma candidatura caracteristicamente de oposição. Congregando não só o eleitorado que me segue há muitos anos, como também as forças descontentes com os dois governos... Do grau de descontentamento manifestado nas urnas — se fôr possível um pleito livre — resultará o sucesso de minha candi-

datura. Eu, pessoalmente, posso estar enganado, mas estou acreditando nele..."

— Haverá possibilidade de uma desistência sua em favor de uma união com outro partido?

— "Não caberá a mim a desistência. Os que me fizeram candidato é que poderão retirar o meu nome. Marcharei para o sacrifício da derrota... ou do exercício do posto, obedecendo às vozes que impuseram minha candidatura."

Solicitamos, ainda, ao sr. Café Filho, o seu ponto de vista em face da Igreja. O deputado, pensou, parou...

(Continua na pág. 48)

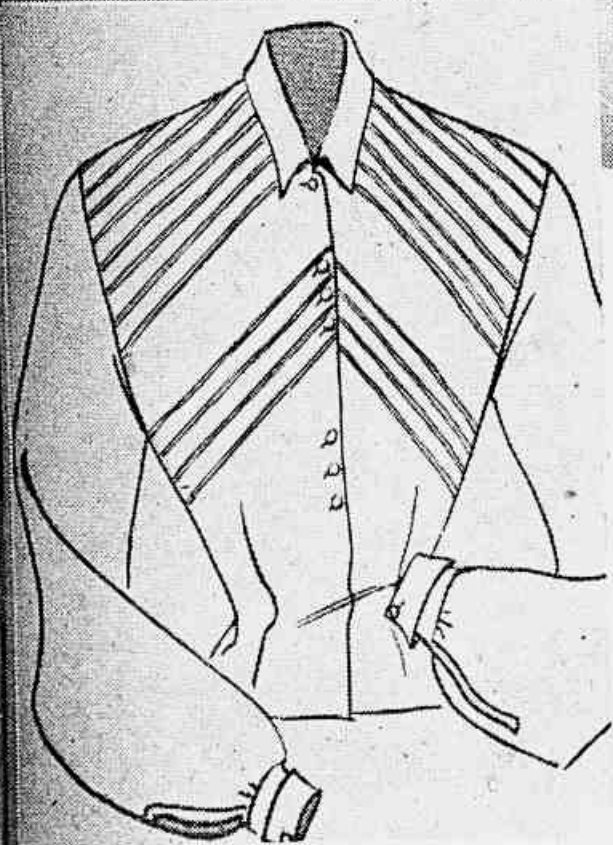
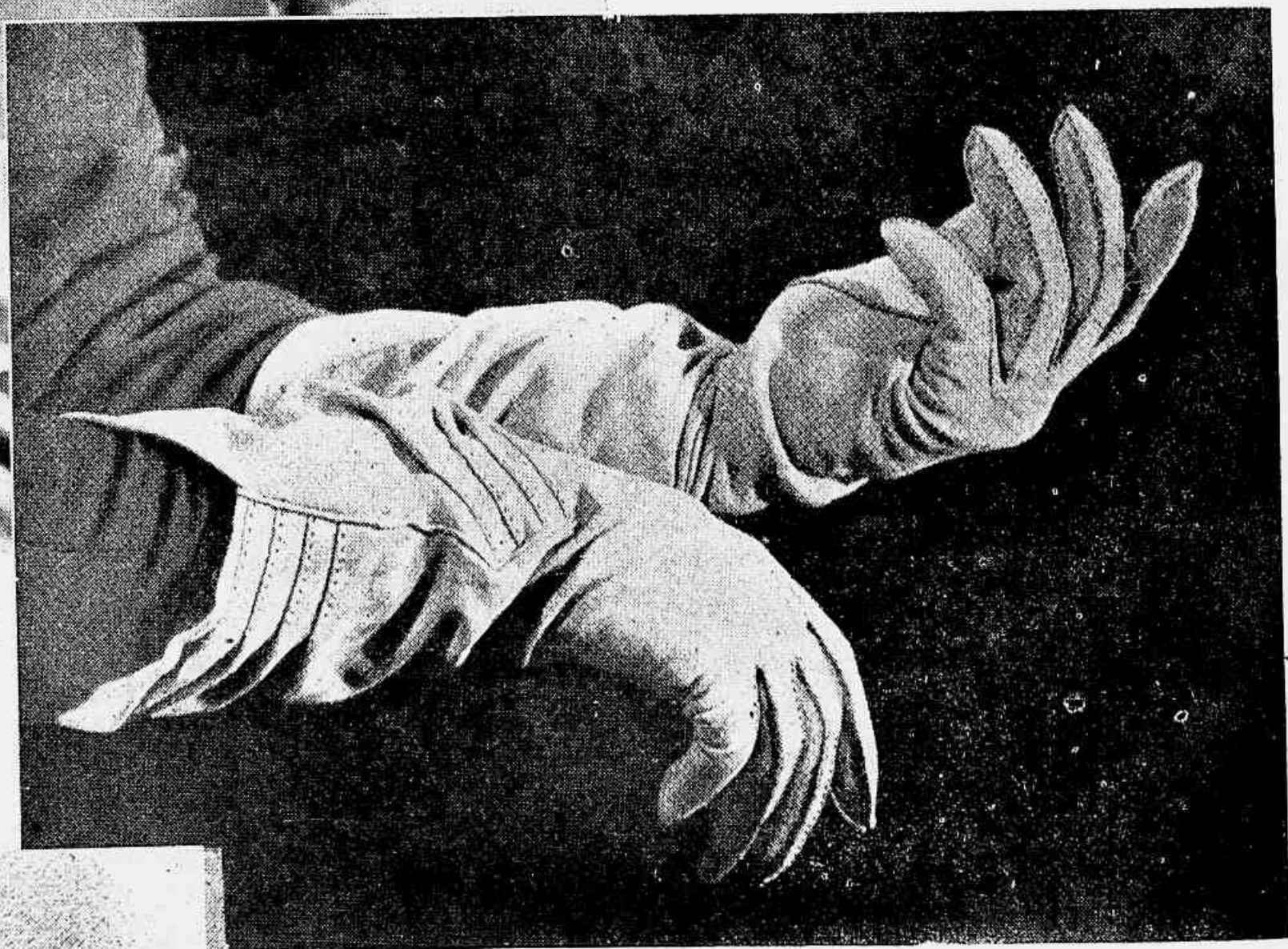


A esquerda: A 900 quilômetros de Buenos Aires, Café e D. Jandira, em companhia da senhora Senador Mário Bravo e srta. Sarah Supagga. À direita: "O hábito faz o monge..." — O Deputado Café Filho, dentro d'água, em Copacabana, numa atitude oratória, tendo como único assistente seu filhinho Eduardo...



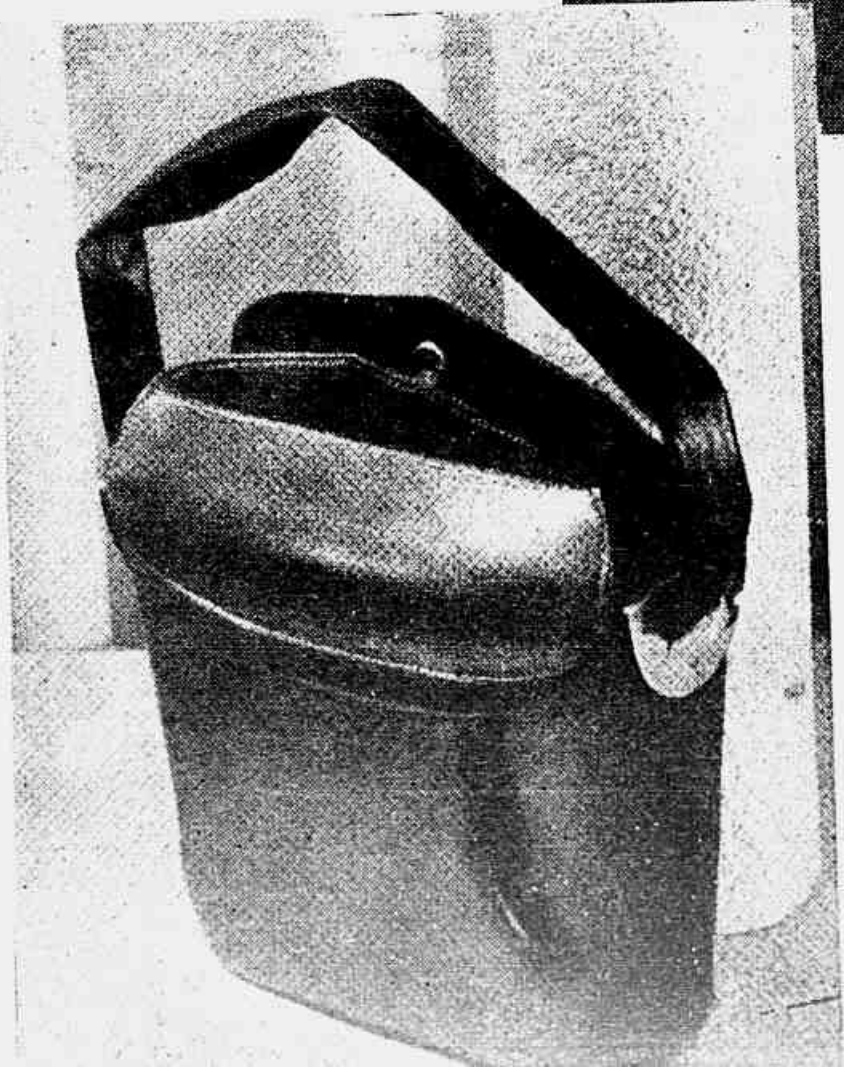
Sapato de duas cores, simples e elegante, em camurça e pelica

Luvras em camurça branca, com drapeados e pespontos, uma das últimas novidades da moda atual



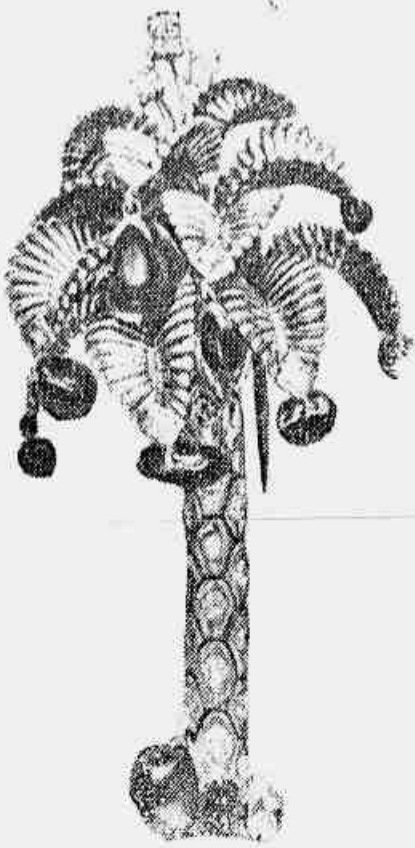
Coleira dourada com pedras, brincos iguais, sugere Ann Jeffreys, da RKO, para você usar com sua "toilette" de noite

Grupos de nervuras guarnecem esta blusa de cambráia branca, que poderá enriquecer o seu guarda-roupa de passeio



E' muito moderna e original a linha desta bolsa, em couro marron ou pelica preta

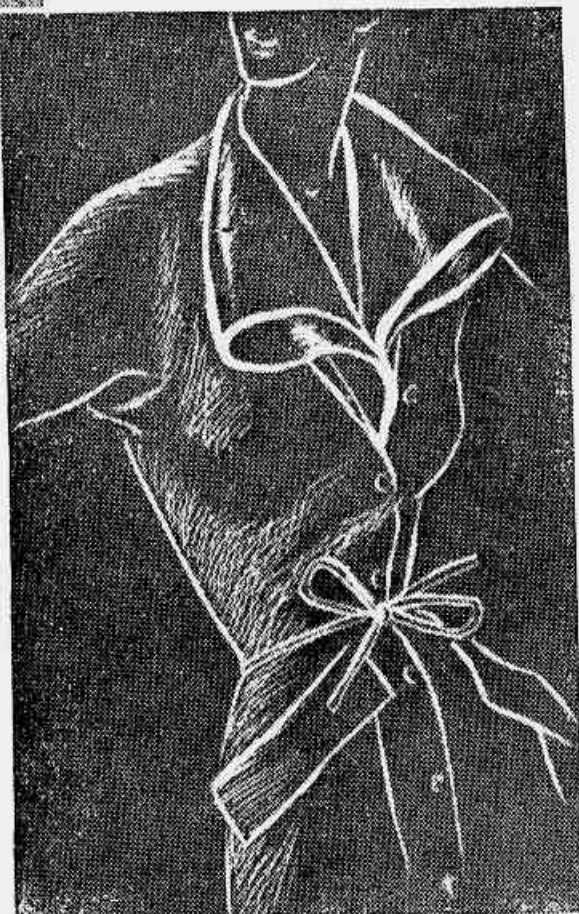
DETALHES E NOVIDADES



Um broche inédito, em ouro e pedras, estilização de uma tamareira

Calça ajustada sob o joelho e "Duas-pegas" para praia, encantadoras sugestões para o seu "guarda-roupa" esportivo

Eis uma gola bastante "chic", que você poderá aplicar ao seu elegante traje, notar também a originalidade dos bolsos



Um anel de linhas modernas, em ouro, platina e pedrarias, elegantíssimo e original



Para a próxima estação, dê um "toque" novo ao seu "tailleur" com esta gola de penas...



POBRE ADOLESCÊNCIA . . .

Sim pobre adolescência, mas também pobres pais que são responsáveis pelo estado em que se encontra a maior parte dos adolescentes de hoje! Naturalmente são pais comodistas ou excessivamente liberais que julgam estar prestando um grande benefício à humanidade quando "soltam" inteiramente os seus filhos adolescentes. Se há beneficiados no caso, estes só poderão ser os pais ou as mães que só assim podem dispor de mais tempo para cuidar da sua própria vida e... da dos vizinhos...

Não crêmos, no entanto, que qualquer pessoa de inteligência, sentimentos e juízos normais, troque pelo seu conforto a felicidade de um filho.

Então, quais as razões que levam os pais a deixar que seus filhos se atirem tão precocemente à vida? Deve haver um grande e tremendo erro em tudo isso. Um erro tão grande e tão tremendo que é preciso corrigir sem perda de tempo! É preciso que não presenciemos mais cenas desagradáveis e degradantes vividas por adolescentes; é preciso que a eles seja ensinado a ter caráter e dignidade; é preciso que se lhes ensinem a ter respeito aos outros e à si próprios. É preciso que se lhes

ensinem tudo isso, ou estarão perdidos... Porque, de uma adolescência assim só podemos esperar criaturas desiludidas, infelizes e inúteis. Que encantos poderá ter a vida para quem tudo viu e tudo conheceu, cêda e pior ainda, sob o aspecto mais lamentável? O adolescente que se habitua ao mal, dificilmente se livrará dele.

É realmente triste vermos, a cada passo, rapazes e mocinhas de pouca idade, sem controle algum, revelando em cada gesto e em cada palavra a sofreguidão com que procuram novas emoções. Como se deprimem e como se vulgarizam! Alguns são tão arcados que parecem pessoas muito vividas e de péssimos hábitos.

Muito poderia ser evitado se os pais aprendessem a educar os seus filhos dentro de uma norma adequada à cada fase que atravessam na vida... Era preciso que os pais cuidassem melhor da educação dos seus filhos, que tudo fizessem a fim de que eles não chegassem nunca a pertencer a essa mocidade infeliz que é atirada à vida sem uma base sólida, sem uma noção maior do que seja dignidade e decência... E, não esqueçamos também os pais, que bons exemplos fazem bons filhos...



CONSELHOS — Não queira que o seu filho ou filha, venha a ser um gênio, enchendo-o, desde cedo, de um milhão de obrigações. ★ Se pela primeira vez ele frequenta o colégio, deixe que seja essa a sua única ocupação. Línguas, música, etc., poderão esperar um pouco mais, pelo menos até que ele se adapte com a nova vida. ★ Não o force também a estudar aquilo para o que não tenha vocação. Experimente tudo, e só o deixe fazer aquilo que realmente o atrai. ★ A criança precisa se distrair... É dever dos pais saber escolher as dis-

trações apropriadas. ★ Uma alimentação variada e sadia é indispensável à saúde da criança. ★ Observar um horário, com quatro horas de distância entre uma refeição e outra, é outra coisa importante. ★ Entre as refeições nada deveria ser dado às crianças e muito menos balas, bombons, etc. ★ Erram aquelas que julgam que a criança não tem paladar e então lhe dão todos os dias a mesma papinha insossa ou o mesmo purê incolor. ★ A criança deverá se alimentar em horas certas, não devendo ingerir nada nos intervalos entre as refeições.

MODERNOS DRAPEADOS



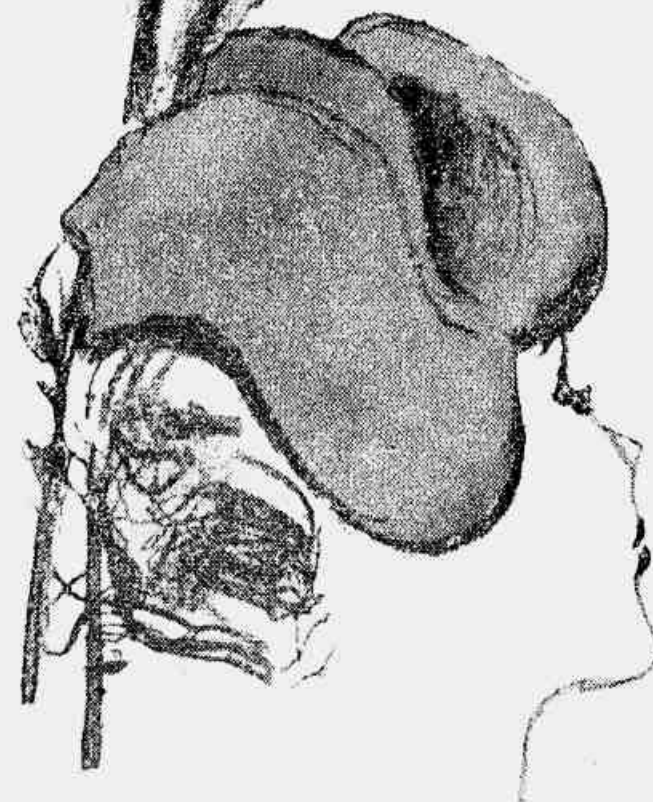
POUCOS detalhes resistem tanto à moda quanto o drapeado. No "new-lock" o seu papel foi importante e agora na "linha" 1949, o é muito mais importante ainda. Ele é visto nos modelos simples para a rua, nos mais "habillés" para reuniões e para a tarde e nos modelos para a noite, quer sejam para jantar ou para "soirée". E' grande, portanto, a aceitação do drapeado e aqui o temos, num modelo de Maggy Rouff em pesado crepe marron, noutro de Jacques Heim em "faillie" estampado e noutro ainda de Maggy Rouff, também no mesmo tecido, sendo os dois últimos modelos para a tarde.



Criação de Albouy que consiste numa rosa de cetim negro colocada de um lado; véu cobrindo todo o rosto, modelo para soirée

Albouy

PEQUENAS



A moda é das cabeças pequenas. O cabelo curto ou levado para cima e os chapéus também pequenos, sem abas, combinando com os penteados

Feltro verde, original feitio, penas multicores, bem longas

Tafeta listrado, e véu com "pois"
— seda verde e feltro cinza



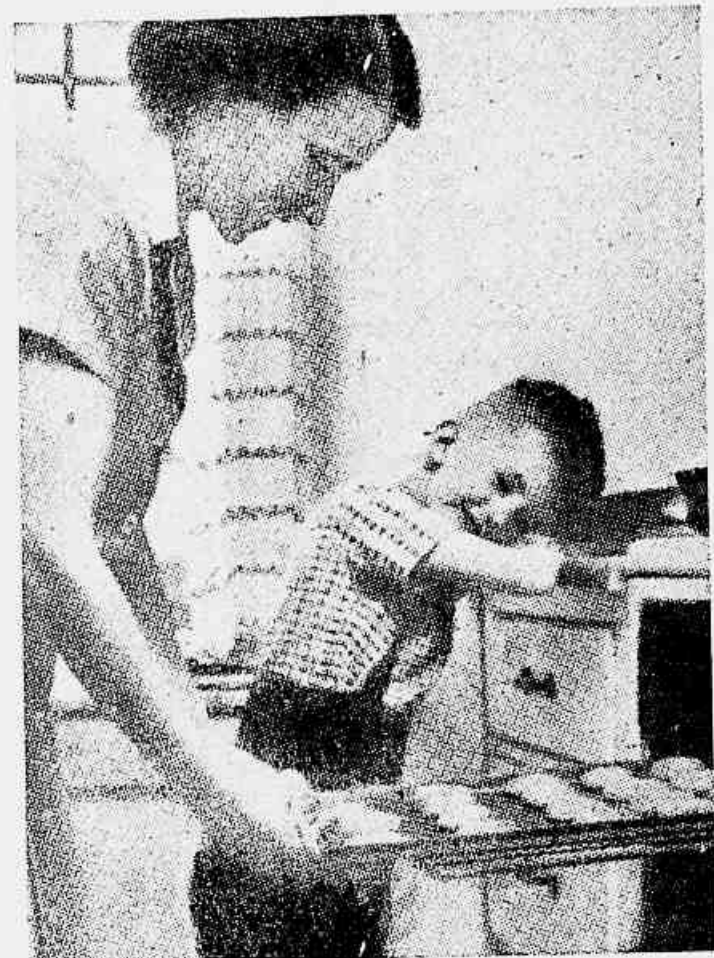
Criação de Claude St-Cyr em astrakan negro, com asas cinzentas, maravilhoso este modelo para a noite



week-end NA COZINHA

PASTÉIS DE FUBA

Misture 300 grs. de fuba de arroz com 1 ovo inteiro, 1 colher de banha, sal e água quanto baste. Bata bem a massa e estenda. Coloque pequenos montes de guizado de carne de porco, cubra novamente com a massa e frite com bastante gordura. Se esfriar muito, junte à massa 1 colher de farinha de trigo.



As crianças adoram bolos, doces e biscoitos. Porque não satisfazê-las? É melhor, no entanto, que tais coisas sejam feitas em casa

TIGELINHAS DE OVOS

Bata 5 ovos inteiros, junte um pouco de sal e pimenta; deite por cima 1 xícara de bom caldo de carne e leve ao forno em banho-Maria em tigelinhas untadas de manteiga. Sirva sobre torradas ou fôlhas de alface.

SALADA DE FRANGO

Tome um frango assado, corte-o em pedaços e deite-os no seguinte molho: bata 2 gemas com sal e vá pingando azeite até usar meia xícara. Adicione 1 colher de mostarda e desmanche com vinagre até formar um molho brando. Sirva com alface.

PALMITO FRITO

Passar pedaços de palmito em manteiga e deite-os em ovos batidos e ligeiramente engrossados com farinha de trigo e condimentados com sal e pimenta. Frite em gordura.

CREME DE ILUSÃO

Passar por peneira 12 gemas, 1 copo de vinho Madeira, 2 xícaras de açúcar e 1 colher de chá de canela. Deite essa mistura em forminhas carameladas e asse em banho-Maria no forno.

PUDIM DE CÔCO

Faça uma calda com 4 xícaras de açúcar, junte leite de 1 côco, meio côco ralado, 2 colheres de sopa de farinha de trigo, 4 gemas e 2 ovos inteiros. Misture bem, deite em fôrma caramelada e leve ao forno em banho-Maria.



Os copos ficarão bem claros e transparentes quando lavados, da maneira prática e simples que vemos acima

CULINÁRIA

As conservas são um valioso auxiliar da dona de casa, para os momentos de apuro. Porém é preciso certificar-se muito bem, ao adquiri-las, de que os invólucros não estejam abaulados, o que indica que o seu conteúdo entrou em decomposição, não podendo, portanto, ser ingerido. ★ O vinagre ataca as caçarolas e recipientes de alumínio, especialmente as de inferior qualidade. ★ A sopa fica muito mais saborosa quando se prepara antes um refogado com carne, cebola e tomate, fazendo-se em seguida uma calda que deve ferver alguns minutos. Só depois deverão ser colocados os demais ingredientes.

Renda

A renda voltou, com toda a sua beleza e com toda a sua feminilidade, a fazer parte do guarda-roupa da mulher elegante. Não há quem não tenha pelo menos um detalhe em renda. Agora, as jovens estão dando preferência à renda branca, para os seus vestidos de noite. Assim é o que nos indicam Peggy Ann Garner, da Eagle-Lion, Terry Moore e Teresa Wright, da RKO Radio.



CAMISOLAS

ENCANTADORAS sugestões para o seu guarda-roupa íntimo estão aqui apresentadas nestes três lindos modelos para camisolas. Dos mais variados feitios e dos mais diversos materiais, todas elas, porém, bastante sugestivas



Sobre uma camisola de cetim cor de chumbo, "negligée" de gaze na mesma tonalidade. Sugestão de Virginia Welles, da Paramount



Linda camisola em mousseline azul-pálido, formadas de babados franzidos, com ornatos em fitas e laços de cetim

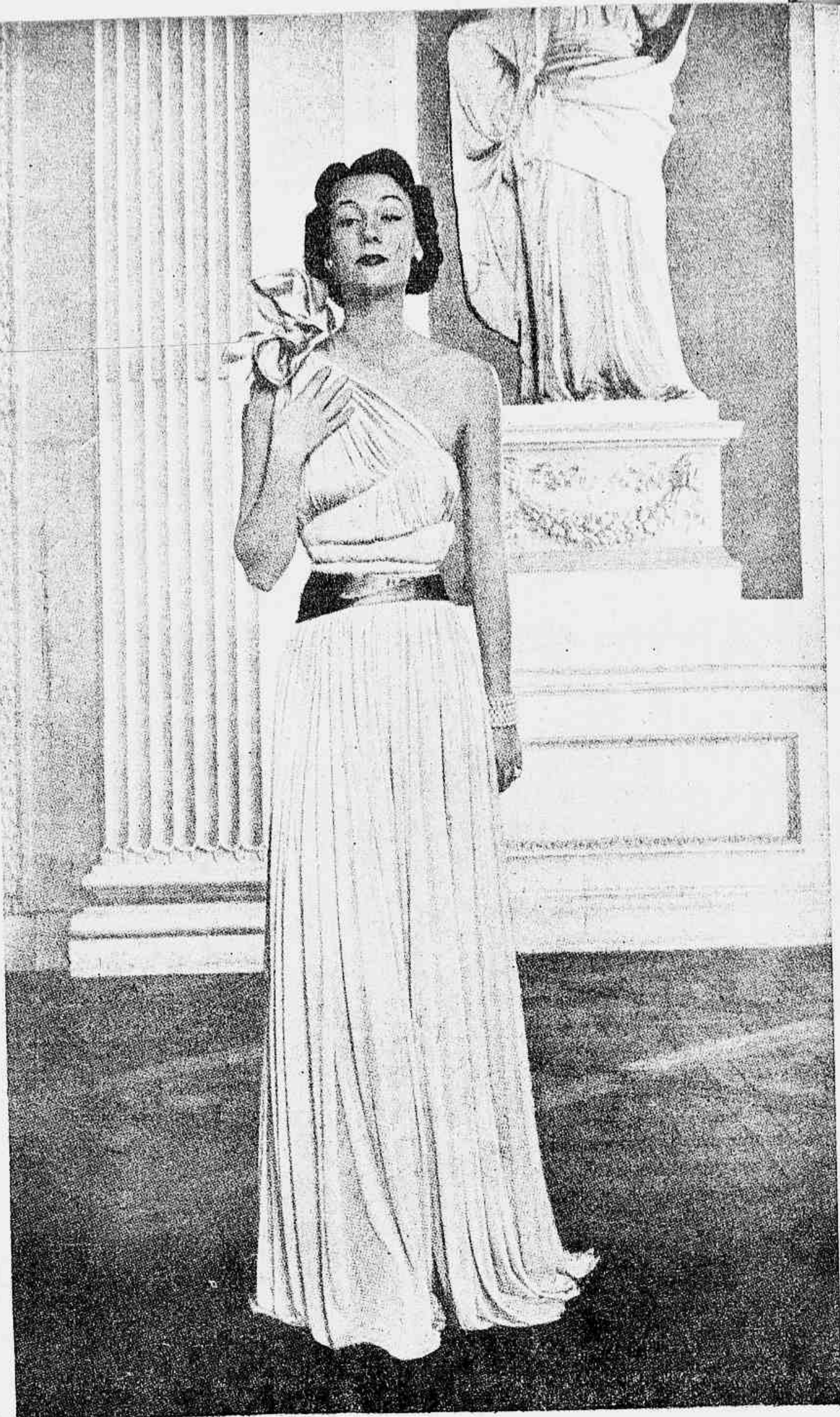


Original modelo em cetim branco, talhe bastante elegante, saia aberta abaixo dos joelhos, incrustações de renda verdadeira

Modêlos Elegantes

Gres foi buscar inspiração na Grécia para este modelo em jersey de seda branco, todo plissado e com cinto de cetim. Na blusa o "plissê" é apanhado por fio dourado, grande laço de fita cor de ouro no ombro esquerdo

Jean Patou drapeou, com extrema elegância este modelo em mousseline azul pálido. Decote quadrado. Marcelle Chaumont, apresenta um modelo em mousseline, saia plissada, blusa toda bordada com pérolas





Criação de Marcel Rochas em tafetá preto, muito colante, com babados em "tulle" que se abrem pouco abaixo dos joelhos, marcados por bordados em pedrarias

Modelo de Pierre Balmain em veludo negro, marcando muito a linha do corpo, e se abrindo em baixo, em ligeiro "godet" que forma pequena calda. Orquídeas sobre o busto

Notabilíssimo este modelo em veludo negro, criação de Marcel Rochas, amplo drapeado nas cadeiras, preso por uma original fivela dourada. Busto e costas nus, bandas forradas em cetim rosa pálido



O Madrinheiro

CONTO DE ANTONIO DE OLIVEIRA VARELA

COMO fantástica serpente coleando serras e barrocas, descampados e sertões, segue monótona e vagarosa a tropa carregada. A estrada vem e a estrada vai, o sol sobe e o sol desce, e o tropel dos animais é sempre o mesmo, como invariáveis são os brados dos tropeiros e o cincerro sonolento da madrinha. Apenas o fundo da cena varia: aqui uma roça de milho ainda em bonecas; ali um pinheiral soberbo e secular; mais além um olho d'água, um vau... uma tapera de longe em longe.

E a tropa segue... Poeira que levanta. Cincerro que não cessa. Broacas e cangalhas comprimindo impiedosas o lombo dolorido dos animais cansados... E segue a tropa, persistente e irreduzível, desafiando o novêlo das léguas. Dentro de três dias estará em São Carlos, vilarejo onde deve ser vendida toda a carga de feijão, ou pelo menos trocada por sal, espingardas e munições.

— Óôôô-páa!... Óôôôpáa!... — os gritos dos tropeiros se repetem indolentemente... — Óôôô-páa!... Óôôô-páa!... Vaam-mô-ooo!... Vaam-môooo!...

De quando em quando o alarido enfadonho de um bando de gralhas; a queda ruidosa de pinhões no taquaral; a corrida de um lagarto que se assusta nas macegas; o ranger das cabriúvas que se atritam entre si; o som estridente e metálico da araponga escondida.

E avança a tropa... molemente... molemente...

Atrás vão os tropeiros, os responsáveis pelo retardo ou extravio de algum muar. Com brados insistentes e estalos de relho, aceleram a marcha da coluna. A conversa é a de sempre: roças, criação de porcos, valentias, carreiradas, cães de caça e doma de cavalos. Logo à frente vêm os burros, um atrás do outro, carregados, suarentos e resfolgantes, lentos no trocar das patas, sacudindo as orelhas e a cauda contra as mutucas impertinentes. Formando a testa da tropa se coloca o madrinheiro, garoto de oito a dez anos, ar vivo e inteligente, montando a mansa e já velha égua madrinha.

O madrinheiro é o guia da tropa. Sozinho, distante dos companheiros de viagem, a ele se apresentam as surpresas da estrada: um atoleiro perigoso, um rio muito cheio, o encontro com uma ponta de gado, um sertanejo com cara de briga e... — quem poderá duvidar? — um esbarro com a onça. Tudo isto há que o madrinheiro arrostar desassombradamente, muito embora seu coraçãozinho dê saltos como o valente jaguar.

Prêso ao pescoço, leva a égua madrinha a "divina música" dos muares: o cincerro. E' esta estranha sineta, monótona sineta, que encanta a tropa com seu "plangente" badalar. Embevecidos por "tão sublime melodia", aceitam os burros o peso das broacas e, compenetrados de seu "gosto artístico", somam ao "concerto" o ranger das cangalhas ressequidas e vão, submissos, para onde quer que a madrinha os chame.

— Óôôô-páa!... Óôôô-páa!... Vaam-mô-ooo!... Vaam-môooo!... — O relho estala. A poeira se levanta mais densa. O tropel aumenta. O cincerro é mais forte. A canícula castiga. O surucua canta tristonho no escuro da mata.

★

O madrinheiro apanha o porongo atado à garupa da égua, destampa-o sonoramente, e calmo sorve uns goles de água vuase morna, que se derrama também pela camisa de pano de saco e calça de riscado do tear. Bate as gotas trêmulas caídas na lã do pelego de couro cru, amarra o porongo à argola do socado, e segue, ociosamente sacudido pela cadência mole da montada. Chapéu de palha à cabeça, pés descalços nos estribos finos e gastos, em mangas de camisa, calças a meia canela... lá vai o madrinheiro! Começa agora a sentir medo da onça, agora que o sertão é escuro e vai ficando tarde. Os tropeiros riram muito quando, no último pouso, ele lhes falara da onça:

— Quar o quê!... Quar onça, quar nada! Aqui nun hai dissu... Vancê é home u num é?... Dêxa di sê bobo i vai vê si a égua num si inliô na sogá, i dispois dê água a ela.

Mas o madrinheiro tinha suas dúvidas. Sempre seu pai lhe contava as façanhas das onças do Passa Quatro, e até bugres apareciam às vezes. E se a onça aparecesse? Que fazer? Estava desarmado como um prêso; e mesmo que tivesse um revólver... como é que se atira de revólver? O Negrinho do Pastoreio lhe havia de proteger. E protegeu, porque o sertão do Passa Quatro ficou para trás, sem nada mais grave que aquele bando de macacos e o serelepe do coqueiro.

★

Espreguica-se o dia. Sombras longas, e cada vez mais longas... Lá longe o adeus

rubro do sol sobre as montanhas que vão dormir. Na baixada entoa o uru sua oração vespertina. Adivinha chuva a saracura no arroio.

— De-lém... de-lém... de-lém... — vibra o cincerro bamboeante no colar de couro da madrinha. Há um ar de alívio na tropa. O madrinheiro, rédeas frouxas às mãos, pensativo, mantém parado seu menino olhar, em direção tangente às orelhas oscilantes da égua. Mas nada vê na estrada, nem fora dela, e nem mesmo a estrada... Está vendo longe, coisas passadas que só os olhos da saudade conseguem enxergar. Lembra-se da primeira viagem que fez com a tropa... Foram até Vila Alta.

Como era bonita a Vila! Bem que disseram, no sertão, que a Vila era bonita... Casas pintadas, com vidraças, com sobrados... Havia dois automóveis parados na praça do coreto. Um automóvel deve custar caro!... Mas também pode levar a carga de dez burros e ainda correr mais do que o parrelheiro do delegado... E as bicicletas? Por que não caem as bicicletas? Deve haver alguma rodinha que a gente não vê. Só pode ser isso! E o circo? Que beleza, o circo! Tinha uma onça, um palhaço engraçado, o equilibrista da escada, a menina da bola... e gente! gente! Quanta gente! Aquêlo homem deu um tiro na onça, mas parece que não acertou. E a moça do circo — a Artista? Tão bonita que nem sei! No sertão não há moça bonita como a Artista. Não deve haver muitas moças assim bonitas no mundo. Quem sabe mesmo se não existe outra assim... Dava tantas viravoltas no balanço e saltos no picadeiro... Cavalgou de pé em cima de um tordilho fegoso. Que pernas roliças e claras tinha a Artista. A Artista era tão linda! Deve ser a moça mais linda do mundo. Sorria para todos... Será que ela gosta de todos? Acho que não, mas todos gostam dela.

— Vamo, piá, cum essa égua, sinão nós num chegüemo nunca — grita um tropeiro. — Parece qui tá drumindo!

Estala o rebenque na surrada garupa da madrinha. Sacodem-se as rédeas, e os calcanhares encardidos do madrinheiro se comprimem contra as costelas onduladas do animal.

★

Já a noite vem perto. O madrinheiro não gosta da noite, por-

que é de noite, nos pousos, que os tropeiros asperamente lhe mandam preparar o chimarrão, buscar água na vertente, pôr a égua na sogá, assar pinhões e repontar os burros. E' de noite, ao clarão do fogo de nó de pinho, que ele ouve as mais horripilantes histórias de assombrações e criminosos, o que lhe acovarda sobremodo para a viagem do dia seguinte. E é de noite, finalmente, que a saudade aperta o seu coraçãozinho bom.

Sente saudades de casa. Sua mãe ficou sozinha, apenas com sua irmazinha menor, e lhe prometeu um petiço caso se porte como um madrinheiro de fato. Mas como iria ela comprar um petiço? Como, se até o dinheirinho que ele ganha dos tropeiros é para comprar rapadura e café para a casa?! Agora compreende bem que não ganhará o presente... mas por que não teria compreendido antes? Não sabe. Não sabe por que, mas quer ser um madrinheiro de fato.

Seu pai foi famoso como caçador e tropeiro. Não havia caça que lhe fizesse frente ou lhe sobrepujasse a astúcia, nem caminho ou picada em que não fosse vaqueano. Homem honesto e trabalhador, jamais faltou com seu papel de bom pai e espôso. Mas um dia gostou da mulher do Pedro Jango, e mais tarde, num baile de puxirão, foi por este morto a tiros de garrucha.

Seus irmãos mais velhos, casados, estão espalhados. São pobres, e nunca ajudaram a mãe com um leitão que fosse, ou com a migalha de um atilho de milho. Sua única irmã é a Rosinha. Tão levada; já sabe montar, fazer bonecos de casca de melancia e arremedar o monjolo. A garupa do petiço seria para ela, e ela epera!

E a cabecinha quente do madrinheiro é toda recordações e planos. Recordações de fracassos e planos de vitórias. Sim, há de conseguir tudo o que pretende. Trabalhará muito nas roças para ter bastante dinheiro. Comprará um "puro sangue" para tirar a fama do balaio do mestre Antônio. Será um caçador do naipe de seu pai. Comprará um revólver para matar o Pedro Jango. Um dia irá servir o governo, e terá uma farda igualzinha à que teve o Laudelino do sapateiro. De volta ao seu sertão passará pelo circo, com farda bonita e falando bem... e casará com a Artista.

— Pára essa égua, piá! Tá surdo, diabo! Num vê qui é noite fechada?... Vamo posá na bêra dêste arroio mêmô.

...E o madrinheiro não gosta da noite, porque é de noite, nos pousos, que ele mais sofre.

SE VOCÊ É INTELIGENTE,

aproveite estas DUAS vantagens

1ª. - CALÇANDO

"MISSOURI ESPORTE"

VOCÊ ESTÁ SERVIDO EM

**QUALIDADE,
DISTINÇÃO
E PERFEIÇÃO**

É UM NOVO TIPO DE
CALÇADO, PARA UM
NOVO TIPO DE CONFÔRTO

★ MODELO — B-30

2ª. - CALÇANDO

"MISSOURI"

★ MODELO — B-29

VOCÊ ESTÁ HABILITADO A
CONCORRER AO SORTEIO,
EM 24 DE DEZEMBRO DE
1949, DE



UM AUTOMÓVEL MERCURY OU CR\$ 100.000,00

Solado de borracha, em couro graneado e impermeável, nas
côres: Preto, Marron, Havana, Beige e Branco

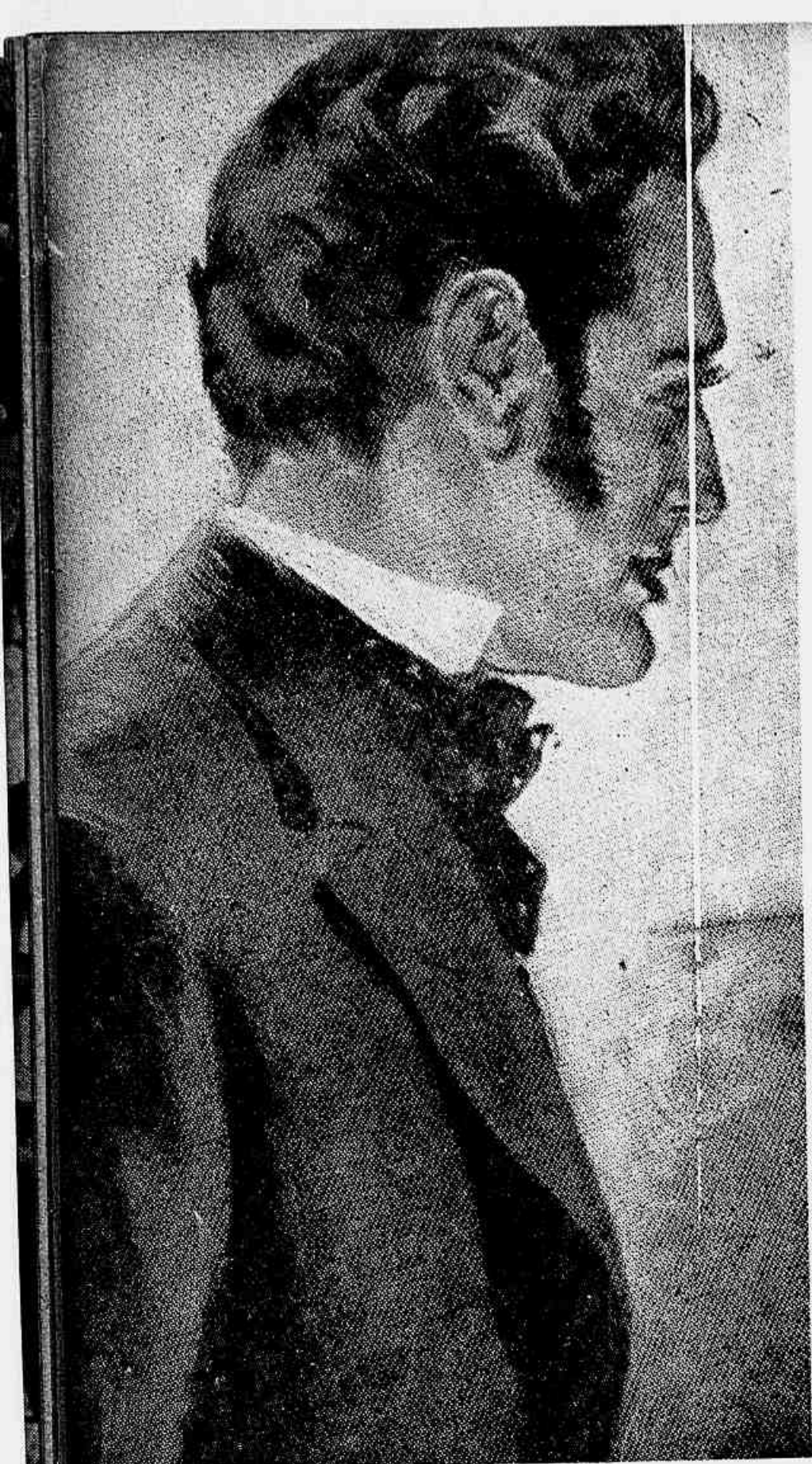
PREÇOS:

De 27 a 32 : Cr\$ 135,00 ★ De 33 a 36 : Cr\$ 150,00 ★ De 37 a 43 : Cr\$ 180,00

FACA O SEU PEDIDO PELO SISTEMA DE REEMBOLSO POSTAL, COM TRANSPORTE GRÁTIS PARA QUALQUER LOCALIDADE DO
BRASIL, ENVIANDO BEM NÍTIDO O SEU ENDEREÇO COMPLETO (RUA, NÚMERO, CIDADE E ESTADO ONDE RESIDE) PARA:

INDUSTRIAL CALÇADOS RUBRO NEGRO LTDA.

AV. JOÃO RIBEIRO, 384 — PILARES — RIO



— De quem está falando você, Marget?

— Do jovem Lachlan Campbell, senhora, aquele distinto moço! Ele havia desaparecido desde a noite passada e somente agora foi encontrado morto! Pobre rapaz! Morreu afogado!

O pranto, os soluços da velha cozinheira deram ao ambiente um aspecto contrastador e comovente. Justina ficara lívida, impassível, sem poder articular uma só palavra.

Mais tarde, ali pelas sete horas da noite, Mr. Geoffrey Beatson sentara-se bastante pensativo diante da lareira a crepitar espalhando calor e lampejos fugazes pelo amplo salão de seu castelo. Esse senhor era o perfeito espôso da época vitoriana, do pai enérgico, autocrático, de maneiras ríspidas. Sua esposa estava à porta a observá-lo naquela posição de meditação e pensamentos que exigiam uma diretriz.

— Então, Cristina? — falou sem olhar a esposa. — Que disse o médico?

— Pediu que deixasse falar a Justina, a sós. Perguntei se isso era indispensável e ele me respondeu, com certa rudeza que, por Deus, lhe permitisse agir de acordo com sua profissão.

Os olhos do casal se encontraram. Mas ficaram em silêncio. Mrs. Beatson se aproximou do fogão e se sentou numa poltrona estilo rainha Ana. Permaneceram em silêncio, apenas quebrado pelo tic-tac de grande relógio colocado a um canto da sala.

Já se passara cerca de um quarto de hora, quando apareceu à porta o médico, que fôra examinar Justina. Vinha com ares de quem está com reservas e não deseja falar.

— Então, doutor? — adiantou-se Mr. Beatson.

O médico puxou uma cadeira e sentou-se. O casal olhava-o com ansiedade.

— Então, doutor? — indagou, por sua vez, Mrs. Beatson. — Que achou nela? Que tem minha filha? Que pensa o senhor? Parece tão estranho que tenha adoecido assim, subitamente...

O dr. Gibson tirou um vistoso lenço, passou-o pelo nariz e o assoou com estrépito.

— Mrs. Beatson — disse ele, por fim. — Tem a senhora conhecimento de amôres entre Justina e algum rapaz residente por aqui?

— Mas... não, doutor! Ela tem sido sempre muito circunspecta. Talvez admirada, mas sem chegar a esse ponto. Por vezes me pareceu que Duvier, o filho do seu professor de canto, a olha com certas intenções; mas estou certa de que minha filha nenhuma importância lhe dá. Que quer o senhor dizer com essa pergunta?

tarei amanhã pela manhã para vê-la. Nesse interim, deixe-a em paz. Ela recebeu grande choque com a notícia da morte do rapaz. Tenham cuidado com o seu estado de saúde.

Após estas palavras se encaminhou para a porta, abriu-a e saiu sem nenhuma reverência ou saudação de "boa noite".

— John! Que devemos fazer...

O revoltado espôso olhou a mulher e resmungou ferozmente, falando entre os dentes:

— Tragam-na para baixo!

— Não, não, John! Não pode fazer isso. Você ouviu o que nos recomendou o médico!

— Não sou o dono da casa? Tragam-na aqui. Pecou e precisa pagar por isso.

Mrs. Beatson obedeceu. As ordens do espôso eram decretos. Tinham que ser executadas. Com palidez nas faces, vergonha na alma e tremura na voz, ela apenas balbuciou olhos para o alto, como se desejasse falar a Deus:

— Deus meu! Ajudai-me! Sinto-me só. Amen.

Subiu ao quarto da filha. Entrou sem bater. Era um aposento pequeno, decorado de rosa e branco, com janelas com vistas para os lados do mar. Justina estava deitada em seu leito, muito pálida, olhos cerrados.

— Justina — disse sua mãe, entre a censura e o perdão. Jamais pudera pensar que ainda teria que se dirigir à filha em tal situação. E lhe falou com grande desespero:

— Justina! Que tristeza, minha filha! De quem foi apaixonar-se! Do filho do nosso marchante!

A menina abriu os olhos. Tinham o brilho esmaecido de uma coisa morta. Olhou sua mãe e tornou a fechar as pálpebras.

— Seu pai quer falar-lhe lá em baixo, minha filha.

— Não posso descer — respondeu com voz muito fraca.

— Ele o ordena!

Mrs. Beatson foi buscar um vestido de casa bem alegre, de cores agradáveis, fundo escuro, e continuou:

— Aqui está. Vista-se e desça para falar a seu pai.

— Não importa — respondeu ela. — Nada mais importa.

Levantou-se, vestiu a roupa, calçou os sapatos, sem um olhar para o espelho e saiu com a mãe como se fosse uma sonâmbula. Mrs. Beatson a seguiu com o coração partido. Seu espôso devia saber também o quanto a jovem sofria, e desejara mesmo que o médico ainda estivesse lá em baixo. Ela era uma pecadora, mas, antes de tudo, era sua filha. As luzes estavam acesas e se misturavam às das chamas que crepitavam no fogão. Estranhas sombras se projetavam disformes e agitadas nas paredes da sala bem ornamentada a estilo antigo. Sobre uma pequena mesa

UM CASAMENTO NA ESCOCIA

NOVELA DE MARY JUST



TRADUÇÃO DE RENATO DE ALENCAR

O sol inundava de luz aquela tarde poética da primavera de 1865. As tulipas recebiam nas corolas de cores vivas os raios do sol, e a natureza parecia uma festa.

No vasto jardim do castelo de Highland, o jardineiro regava as flores e aparava a grama, enquanto, lá dentro, Justina cantava uma canção escocesa acompanhada ao piano por sua mãe.

— Vamos outra vez, minha filha. Você não se saiu muito bem.

A jovem tornava a cantar, com os olhos fitos no piano, mas o pensamento distante.

— Justina! — exclamou a velha com voz de censura.

— Sinto muito, mamãe; porém... eu estava pensando...

— Ora! Pense mais tarde, minha filha. Agora você está procurando melhorar sua arte de canto. O sr. Duvier estará aqui às três horas e ele espera que você esteja em ordem.

A moça sorriu como se estivesse cheia de confiança e contentamento. Parecia que o ambiente todo iluminado pelo sol resplendente da primavera estava também a influir-lhe na alma cheia de sonhos e castelos para o futuro. Mrs. Beatson, entretanto, era uma mulher mais prática e menos sonhadora. Ela e o espôso estavam pagando bom dinheiro pelo curso de canto da filha, a um professor francês de meia idade que viera residir na cidade próxima, fazia alguns anos, e era preciso que a moça procurasse repassar as lições antes de chegar o professor, a fim de que não fizesse papel feio, de aluna desdenhosa, negligente. E o que era mais importante, a menina possuía excelente voz, muito clara, bem modulada, precisando apenas de quem soubesse dirigí-la e cultivá-la tecnicamente.

— Agora, Justina, vamos novamente repetir o prelúdio.

Desta vez a menina se desempenhou a contento, o seio arfando, os lábios bem proporcionados na articulação, os olhos brilhando, os dedos de uma das mãos a tocar no piano, algo nervosos, deixando sair de sua alma de jovem cheia de sonhos a modulação de linda canção cheia de amor e vida.

Mal terminava o canto, quando a porta da sala se abriu com violência. As duas se voltaram. Era a cozinheira, a velha Marget, que foi exclamando com ares de quem vê o fim do mundo:

— Oh! Mistress Beatson! Que coisa horrível! Que desgraça! Uma notícia tristíssima acaba de chegar!

— Que sucedeu, Marget?... Fala!

— Foi achado o corpo dele agora depois de meio dia depois de uma busca na floresta!

— Muito simples. Quero saber se Justina ama algum jovem. Isto é pergunta muito clara, não acha?

— Claro que não, doutor! Mas por que nos faz essa pergunta? Que teria acontecido? Será que... — Estacou.

— Justamente, Mrs. Beatson. Alguma coisa sucedeu mesmo. Alguma coisa tão velha como o tempo e tão nova como esses rebentos primaveris que brotam em seu jardim.

— Doutor! Que quer dizer?

— Apenas que sua filha Justina está para ser mãe dentro de sete meses. Só isso o que quero dizer.

— Deus do céu! — exclamou o pai da jovem.

— Estas coisas, às vezes, constituem verdadeiras surpresas.

— Mas dr. Gibson! Está certo disso?

— Absolutamente certo, e ela não me negou nada.

— Revelou-lhe o nome dele?... —

— Sim. O jovem Campbell, que morreu afogado em Witches' Burn à noite passada.

— O filho do meu açougueiro?

— Que é isto, não sei. Eles dançaram juntos no baile de Ano Novo oferecido por Yeomanry.

— Lembrou-me — respondeu Mrs. Beatson com voz sumida e muito pálida.

Recordava-se ainda de que eles dançaram muito juntos, e se olhavam mutuamente como se fossem dois namorados. Isso deixou suspeitas no espírito de Mrs. Beatson, mas não julgou que se tratasse de amor.

— Depois eles se encontraram aqui no jardim, quando já escurecia. Ela nada me escondeu — prosseguiu o médico — e confessou que saía à noite, por pouco tempo, para encontrar-se fora, deixando o castelo por uma saída dos fundos. Respondeu a todas as minhas perguntas com a maior lucidez, sem derramar uma lágrima.

— Penso que ela já perdeu os sentimentos — murmurou indignada Mrs. Beatson.

— A senhora se esquece de que sua filha tem apenas dezesseis anos? Ela amou-o e acreditou nele. Eis tudo. É história tão velha como as montanhas. Não desejo falar a respeito dele. Morreu. Agora é deixá-lo em paz.

Sucedeu a esse diálogo enervante silêncio, do qual se sobressaía o tic-tac do grande relógio. Mr. Beatson, depois do seu primeiro movimento de ódio, manteve-se calado, mãos aos joelhos, olhos nas chamas, ar de quem delatava no fundo da alma as explosões de enorme raiva. Sua esposa olhava ora um, ora outro, como se procurasse receber de um deles uma solução salvadora para a situação da filha.

— Eu prescrevi esta poção para que a menina possa dormir esta noite. Aqui está — disse o médico. — Vol-

estava uma grande e velha bíblia, tradição da família, iluminada por uma vela triste.

— Venha cá — ordenou o velho à pobre Justina.

A jovem caminhou até ficar a uns três pés do pai. Mr. Beatson colocou os óculos de aros de ouro e apontou com um dedo o livro aberto, temperando a gula:

— Disse-me o dr. Gibson que você vai ter criança em virtude de uma união ilícita com o jovem Campbell, o filho do açougueiro.

Justina olhou-o com a maior serenidade. Nada respondeu. Tinha os olhos de uma criatura morta. O pai prosseguiu:

— O médico nos contou tudo que obtive de sua confissão. O castigo de Deus é implacável. As vezes ele mesmo exerce o castigo; outras vezes Deus nos confia o direito de punir os pecadores conforme sua vontade. Tudo fiz para fazê-la virtuosa e temente a Deus, Justina, e eis como você me paga.

— Lachlan me disse que tudo estaria bem — murmurou ela, falando pela primeira vez, mas com entonação de grande dor. — Disse que quando duas pessoas se amam, tudo está muito bem.

— John! — gritou sua esposa avançando para deter-lhe a mão que se erguera para esbofetear a filha. — Lembrou-se do que recomendou o médico!

— Acha que é este o momento para relembrar recomendações do médico? Ela se gloria de sua falta de pudor. Vai a um canto da sala e volta com um chicote na mão. Tinha nos olhos a raiva mais fuziladora. Pôs uma das mãos no ombro de Justina.

— Isto é para salvar tua alma, Justina — disse ele com voz mais calma. — O pecador deve ser punido, e você pecou excessivamente.

Ergueu o braço e ia descarregar sobre a jovem a primeira chicotada, quando alguém correu para ele sem se anunciar e ainda chegou a tempo de segurar-lhe o braço no ar, como se fosse uma tenaz de ferro.

— Basta! Não pratique tamanha leucura! — exclamou o intruso com voz firme.

Era um jovem senhor, bem vestido, de estatura elevada, de cabelos negros, faces pálidas, olhos cinzentos, e que falou com ligeiro acento de estrangeiro.

Vendo-se subjugado, Mr. Beatson bradou-lhe:

— Não se meta! Largue meu braço!

— Meto-me, sim, senhor! — replicou André Duvier. — Sou mais jovem e mais forte do que o senhor, e não sei até onde iria se o visse descarregar esse chicote.

Por uns instantes aqueles homens ficaram imóveis como se fossem dois bonecos de cera. Súbito o francês arrebatou

o chicote e o lança ao assoalho, desarmando o velho raivoso. Deixando-o atônito, ele se dirige à jovem e lhe diz:

— Venha cá, menina. Sente-se aqui nesta cadeira.

Depois que a jovem mártir se acomodou, ele se dirigiu à mãe de Justina:

— Meu pai, tendo recebido seu recado de que Justina estava muito doente e impossibilitada de dar a lição de canto, mandou-me saber de sua saúde; mas, ao chegar aqui, vi uma coisa de que não gosto.

— O senhor se arrepende! — bradou irado Mr. Beatson.

— Como diabo pode você gostar ou não de um assunto que se passa em minha casa?

— Vejo ali a bíblia — diz o francês, com voz tranquila.

— Se, como parece, é esse livro sagrado o seu guia ou mentor, também posso relembrar-lhe umas palavras que podem comprometer-lo diante da bíblia. Esta jovem está nos seus dezesseis anos. Encontrei-me com o dr. Gibson logo ao sair daqui e conversamos uns momentos. Então eu vim até aqui. Ele não me confiou nenhum segredo, mas eu adivinhei o que se passa aqui. Por uma ou duas vezes vi Mlle. Justina no jardim, à noite, junto ao rapaz a quem amava e que sei quem era.

— Então o senhor também sabe que esta mulher a quem procura defender de um pecado e do merecido castigo é uma desavergonhada? — gritou o pai violentamente.

— Essa expressão eu a desconheço. Apenas sei que ela está a sofrer cruelmente. Senhor — disse ele serenamente — nunca perdeu um amor? Será o senhor incapaz de compreender o que esta criança sente neste momento?

Esmagado por variados pensamentos, Mr. Beatson se sentiu enfraquecer. Sentou-se pesadamente a uma cadeira e ficou silencioso perto da esposa.

André Duvier, aproveitando-se daquele momento, dirigiu-se a Justina e a conduziu para um lado, afastando-a dos olhares dos pais.

— Minha pobre menina! Vejo que está com a taça da amargura nas mãos. Seja forte, corajosa.

Tremeram os lábios da moça e duas lágrimas deslizaram pelas faces. Era a primeira vez que chorava.

— Como é amável, sr. Duvier... — agradeceu ela com voz triste. — Posso dizer-lhe como sucedeu isso?

— Conte-me. — E fez um gesto pedindo cautela para não serem ouvidos pelos velhos.

— Foi por ocasião das festas do Ano Novo, no baile do Town Hall — começou ela com aquele acento de voz característico das moças de pouca idade. — Lembra-se? Ele pediu-me uma contradança. Mamãe não gostou muito do convite, pois o pai dele é o nosso açougueiro.

— Que tem isso? — interrompeu André. — Meu pai é um modesto professor de canto e música.

— Sei, sei — disse ela a sorrir pela primeira vez. — Mas você sabe, é assim mesmo... Como podem sobrevir essas coisas?

— Sei como sucedem — respondeu o rapaz a fitá-la com os seus olhos muito negros.

— Quando dançamos ele me pediu para nos encontrarmos lá no castelo, outras vezes, logo que todos estivessem dormindo. Assim fiz e me encontrei com ele saindo por uma das comunicações dos fundos. Assim começou...

— Sei... sei... — murmurou André. — Depois, outros encontros entre os dois e o prazer de palestrarem, de trocarem juras de amor, nesse idílio de dois corações que se amam, não?

— Sim, foi assim mesmo... — confirmou Justina com aqueles seus olhos misericordiosos a olhar o rosto de André.

— Bem, mas... disse-lhe ele alguma coisa acerca de casamento?

— Sim. Falou-me a tal respeito, mas dizendo que meu pai jamais permitiria... Então, na noite passada, o tempo estava tempestuoso e muito escuro. Quando ele se retirou de minha companhia, eu lhe pedi que tivesse cuidado ao passar sobre a ponte, a caminho de sua casa em Witches Burn, pois ele não levava lanterna para guiar-se no caminho. Ele ri de meus cuidados e disse que eu não tivesse nenhum receio. Abraçou-me com força, beijou-me muitas vezes e saiu...

Justina parou. Estava chorando. As lágrimas corriam pelas faces em sulcos luminosos ao reflexo das luzes. Cobrindo o rosto com as mãos, ela encerrou a confissão.

— Eis tudo.

André puxou-a brandamente para si e deixou que ela repousasse a cabeça em seu ombro. Depois, voltando-se para o velho, falou:

— Eis a criança sobre quem o senhor ia descarregar as iras de uma vingança, com este chicote.

— Muito bonito, sim, senhor! — respondeu Mr. Beatson como se ressuscitasse em si mesmo todas as gerações de seus antepassados. — Muito bonito! Sei como os senhores, lá na França, encaram essas coisas de moral. Acha que ela é ainda uma criança? Esquece o senhor que, nem mesmo à força, poderemos conseguir que aquele odioso indivíduo se case com ela? Ele está morto, e Justina em situação irreparável perante as leis humanas e perante Deus.

André adiantou-se até ficar frente a frente com o orgulhoso aristocrata, enquanto Justina se sentava numa cadeira de almofadas e aguardava o desfêcho daquele duelo verbal.

— Compreendo tudo isto muito bem, Mr. Beatson. E, qualquer que seja o nosso conceito de moral na França, assunto que não precisamos discutir, posso garantir-lhe que minha mãe tratará esta menina com o maior desvelo e carinho. Minha mãe é compreensiva, muito educada e terna. O mesmo sucede com papai. Ele gosta muito de Justina, sua aluna favorita. Em face de tudo isto, o que me cumpre é pedir sua mão em casamento, agora mesmo. Tenho vinte e cinco anos, sempre mantive uma vida limpa e acabo de obter excelente colocação, como chefe de orquestra numa cidade inglesa do sul. Dentro de uma

semana viajarei para lá. Isso auxiliará Justina a esquecer todos estes dias cruéis, torná-la-á mais alegre, livre de recordações dolorosas. Ela terá em mim um amigo e um companheiro amoroso e dedicado. Nada temam.

Mr. Beatson ergueu-se indignado e fitou o músico.

— Que atrevimento! Que impertinência! — gritou.

— Mas John! — interveio sua esposa com ar conciliador.

— Então? — voltou André, serenamente.

— John! — continuou a esposa. — Não vê que essa solução salva Justina, moralmente? Não percebe que assim o filho terá um pai, um nome? O povo de nada saberá.

John, peço-lhe que reflita bem!

— Quer você então que eu tenha por genro um francês, um papista?

André Duvier torceu as mãos num gesto nervoso e respondeu:

— Se é por isso, fique sabendo que somos protestantes; se pensa que sou francês, saiba ainda que nasci aqui, no Langness, para onde vieram meus pais em 1840 depois da queda da monarquia. Sou, portanto, um escocês.

— John! — exclamou sua esposa, mais uma vez.

— Um violinista! — rugiu ele. — Um violinista! Minha filha casar-se com um violinista!

Houve um instante de silêncio. Notava-se uma ansiedade geral. Mrs. Beatson tornou:

— Mas John! Não vê que nunca seremos felizes se Justina permanecer sem casar-se?

— Está bem... Você está falando com senso — concordou ele. — E, voltando-se para André: — Está disposto a chamar de filho a uma criança de outro pai?

— Estou, sim, embora saiba que muitos homens seriam incapazes de fazer isto.

— Agradecer-lhe-lá o favor de nada dizer lá fora sobre tudo o que aqui se passou agora. Em face das circunstâncias, consideramos seu pedido atendido.

— O senhor é muito gentil, Mr. Beatson; mas há uma pessoa em tudo isto que ainda não foi consultada.

Os pais ficaram admirados. Referia-se a Justina.

Duvier dirigiu-se a ela e perguntou:

— Justina, permite-me tomar conta de você e cuidar de seu filho?

— Por que quer fazer isto? — indagou ela, surpreendida.

— Porque eu a amo, Justina, amo-a há muito tempo.

Pode confiar em mim. Seu filho será o nosso filho. Crescerá entre nossa felicidade. Espero que você me diga "sim", Justina.

Mr. Beatson pela primeira vez se dirigiu à filha com entonação paterna:

— Venha cá, Justina.

Ela ergueu-se e foi até ele levada pelo braço de André.

— Fiquem os dois aqui diante de mim — pediu. —

Como é o seu nome inteiro? — perguntou a André.

— André Paul Marie Duvier.

— Mari... — rosou o velho a repetir a palavra, como se se retardasse de coisas passadas.

Então abriu a Bíblia Sagrada no centro e foi à secretaria, de onde trouxe tinteiro e pena. Sua esposa se ergueu e ele se dirigiu a André:

— Tome-lhe a mão. Agora repita as palavras que vou proferir: "Eu, André Paul Marie Duvier, recebo Justina Beatson por minha única, legítima e verdadeira esposa, na presença de Deus e destas duas testemunhas".

André repetiu tudo, palavra por palavra. Então o velho se voltou para a filha:

— Agora você, Justina. Repita minhas palavras: "Eu, Justina Beatson, recebo André Paul Marie Duvier por meu verdadeiro, único e legítimo esposo na presença de Deus e destas duas testemunhas". Agora, André, assine aqui; e Justina, aqui.

Depois disso o velho assinou, seguindo-se a esposa.

Durante essa última parte, os olhos negros de André se encontraram com os azuis de Justina, como se interrogando. As mãos da moça apertaram as do seu salvador, num gesto nervoso, indefinível.

Meio admirado, André se voltou para o sogro e perguntou:

— Já estamos casados?

— Justamente.

— E basta isto?

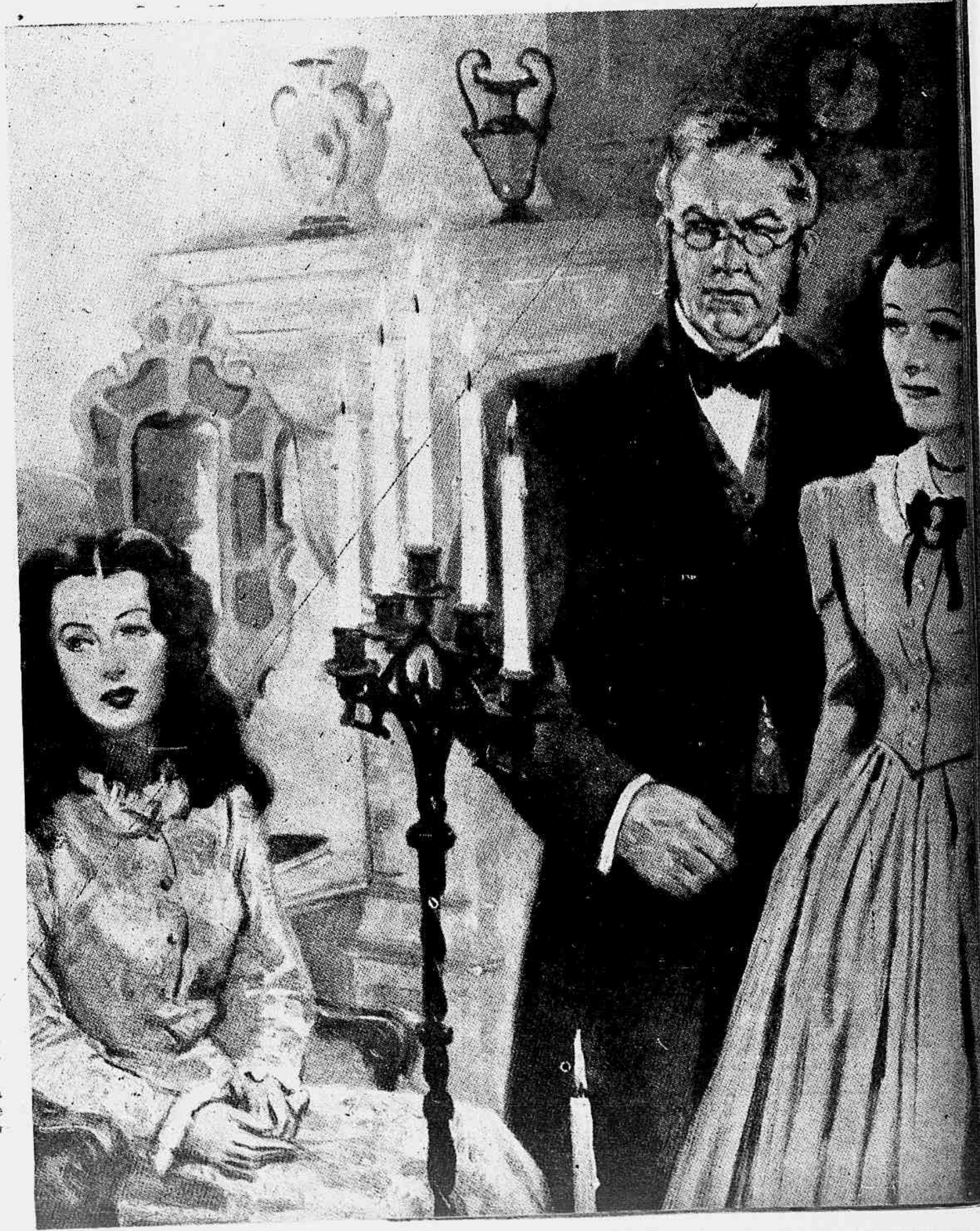
— Basta.

— Mas... estamos legalmente casados?...

— Sim. E que Deus nos ajude e esqueça todos os nossos erros.

André, não tendo perdido o espírito francês, não se conteve e sorriu para o velho:

— Como gosto de sua Escócia!



Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

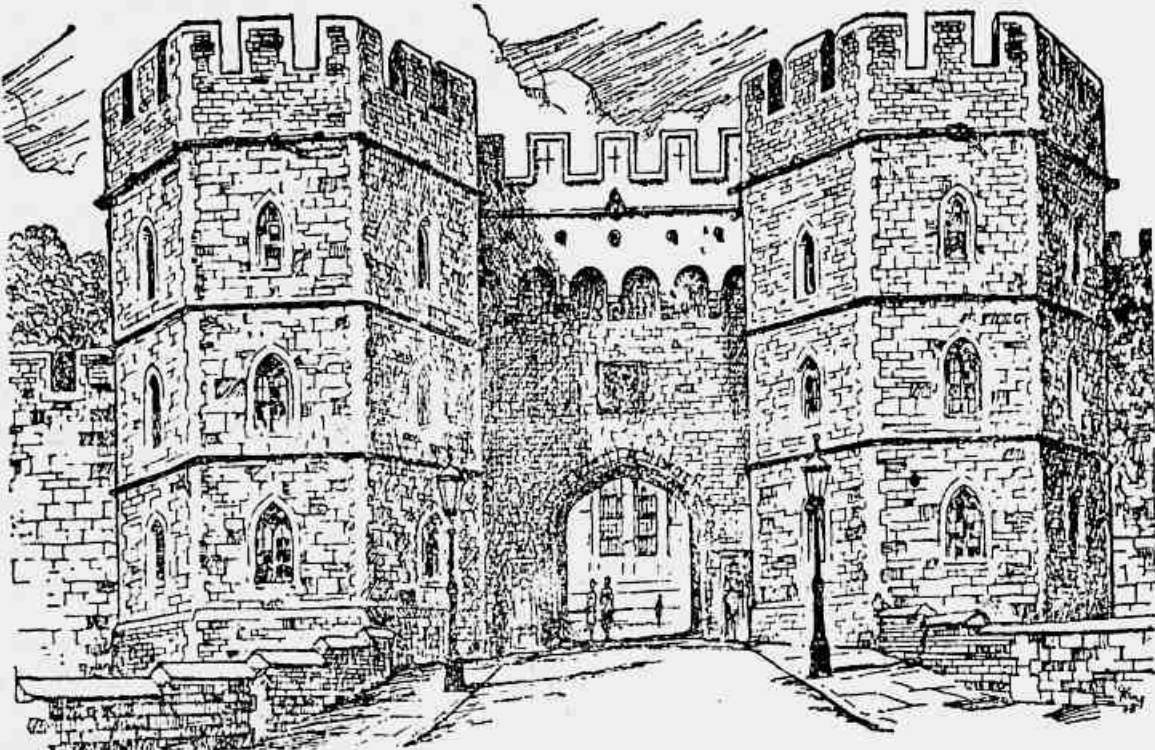
D. G. COIMBRA

Leicester, Inglaterra, novembro de 1948.

Chegamos hoje aqui. Um lindo dia de sol, mas um bocado frio. A cidade não estava na lista dos lugares marcados para bombardeamentos. É muito antiga, data do tempo em que os romanos andaram ocupando esta ilha. Toda cidade é inglesa e seu nome termina em "CESTER". Tem catedral e é muito antiga. Londres não termina em "CESTER", mas é antiga também — da era romana, e possui várias catedrais. As ruas têm bastante movimento, mas depois dos milhões de Londres, 300 mil é "café pequeno". Há várias grandes lojas, muito bem sortidas e as pequenas possuem excelentes vitrines, muito bem arranjadas, com enorme variedade de mercadorias e novidades. Temos visto muita coisa boa que não encontramos em Londres, e quando fomos à charutaria, vimos um cavalheiro na nossa frente pedir dois maços de cigarros e levá-los imediatamente, como a coisa mais natural de Leicester... Então, mudei e pedi também um maço de cigarros.

Em Londres, fazem fila e muitas vezes não há cigarros; e quando há é sempre de uma marca completamente desconhecida. Aqui, não. Estou simpaticizando com esta gente. As moças são bonitas e fortes — cada muque que me faz lembrar as "vikings" norueguesas... Andamos visitando fábricas de meias, vestidos, tinturarias, nylon, sweaters e outras roupas para senhoras, tudo pertencente a uma companhia com o capital de 150 milhões de cruzeiros, cujo dividendo no ano passado foi de 5% líquidos! Valor das ações na Bolsa: 20 shillings... Visitamos o laboratório da fábrica — dois enormes salões com mais de trinta engenheiros químicos, algumas mulheres. Foi nesse mesmo laboratório que descobriram um método de fazer com que o tecido de lã e meias de lã não encolham. Alugaram a patente a uma companhia americana por um dinheirão. Mas ainda há muito artigo de lã por aí agora que encolhe. Aqui, neste laboratório, podem acabar os encolhimentos. Fomos almoçar num restaurante enorme, de grande estilo, com garçons de casaca e gravata branca. Pareciam até aqueles "amanuenses" do Banco de Bruxelas.

O Governo inglês tem um belo sistema de controlar o custo da vida e do desperdício. O restaurante mais elegante que há só pode cobrar o máximo de Cr\$ 20,00 por um jantar. Um estabelecimento médio cobra Cr\$ 12,00 e um popular menos de Cr\$ 8,00! Dessa maneira, o restaurante que antigamente era de grande luxo e cobrava, digamos, Cr\$ 80,00 por uma boa e farta refeição, agora tem que simplificar muito os pratos para poder servir até Cr\$ 20,00 e assim para baixo até o homenzinho dos 8,00...



Um dos portões laterais do Castelo de Windsor — o Henrique VIII — em Londres

Não podem cobrar mais de Cr\$ 20,00. Assim, o preço elimina o câmbio-negro e as tapeações dos pratos de fantasia e podemos assegurar que tanto por Cr\$ 20,00 como por 8,00, as refeições são bem feitas e satisfazem. Aquêlê homem que nos serviu o tal macarrão com extrema elegância, trejeitos, movimentos e articulações e cobrou Cr\$ 70,00, estaria mal de vida se deixasse Bruxelas e viesse funcionar na Inglaterra... Mas, em compensação lá havia poucos fregueses e aqui os restaurantes estão quase sempre cheios em toda parte, tanto os mais baratos como os outros.

Como em quase todas as cidades inglesas esse negócio de ruas retas não é muito usado. As ruas são curvas, estreitas, antigas, largas ou não, outras modernas, que às vezes nos confundem. E quando fomos ao encontro do amigo que nos levou a almoçar, quase fizemos feio, pois chegamos com perto de cinco minutos de atraso. Pelo código de "etiqueta" destas paragens isso não se deve fazer. Andamos tão na hora aqui que, às vezes, até nós nos desconhecemos... A gente vai criando os bons hábitos ou recuperando-os sem sentir.

★

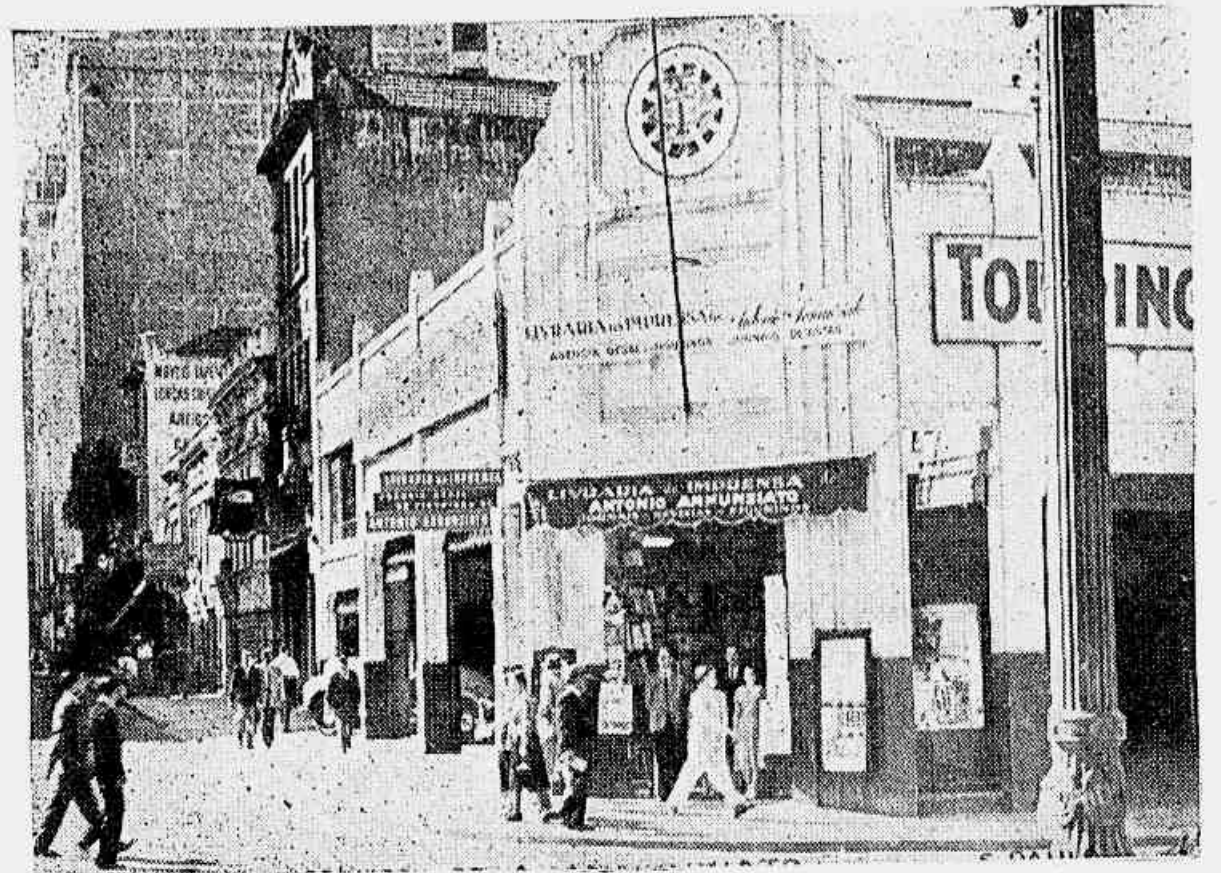
As fitas nos cinemas são marcadas na Inglaterra com 3 letras "A" — quer dizer que serve para adultos ou crianças de mais de 16 anos, quando acompanhadas de adultos. "U" serve para uso Universal, para todo mundo. "H" não serve para nenhuma pessoa de menos de 21 anos, pois são classificadas de "Horíveis". Quase todas as fitas de tiroteios, gangsters e semelhantes aqui ganham a letra "H"...

★

O trem que nos trouxe de Londres é dos que fazem 125 quilômetros por hora e tomam água para a locomotiva em certos canaizinhos ao lado do trilho, enquanto o trem vai andando a toda velocidade para não perder tempo com caixas d'água e aquela mangueira de lona ou borracha, que tanto conhecemos no Brasil... Tinha dois carros restaurantes, sendo um para a primeira e outro para a terceira classe, ambos muito semelhantes e com os mesmos preços para as refeições e pequeno almoço, Cr\$ 6,00, almoço 12,00, jantar, 16,00. As cabines são muito confortáveis e só levam três passageiros de cada lado. Assentos estofados, de veludo, muito macios. Os carros de 1.ª são diferentes na cor do veludo, mas nas caras dos viajantes e nas roupas a diferença é ainda menor...

★

Há um grande parque no centro desta cidade, onde existem ainda partes da muralha centenária dos tempos romanos e fica perto duma abadia histórica. Leicester é uma cidade muito pitoresca e extremamente asseada: não há papel nas ruas, nem para limpar uma caneta tinteiro e quando, para isso, arranquei uma folha do meu caderno de notas, guardei-a no bolso até encontrar uma cesta da municipalidade. A extrema limpeza também nos parece contagiosa!... Todos estão admirados com o resultado das eleições americanas; a vitória de Truman não era absolutamente esperada aqui. As apostas eram de 15 contra 1, a favor de Dewey. Devido à nossa gravata, chapéu e não sei o quê mais, várias pessoas comentaram essa eleição conosco como se tivéssemos muito o que ver com o assunto!...



Flagrante apanhado na Capital do Estado de São Paulo, vendo-se, no mesmo, a "Livraria da Imprensa", à Rua Vinte e Quatro de Maio, n.º 16, especializada em revistas ilustradas



Flagrante apanhado na igreja de São José, nesta capital, em fevereiro próximo passado, por ocasião do enlace matrimonial da senhorita Ilka de Souza com o sr. Abel de Miranda Coêlho, elementos da nossa sociedade



Fotografia do bloco carnavalesco "Última Hora", que conquistou a primazia no Carnaval deste ano, na cidade de Obidos, Estado do Pará

SINHÁ DA CASA GRANDE

(Continuação da pág. 22)

Paulo César já estava para estourar.

A mulatinha, com desdém, esticou o beijo inferior num atrevimento medonho, a Paulo César e deu a mão a Fred, que não cabia em si de orgulho:

— Ué, quero brincar é com você, Fred.

Paulo César, em resposta, atirou-se a ela e lhe encheu de socos as bochechas. Fred, defendendo a "sua conquistada", atirou-se sobre o irmão, que caiu sem forças, pois que o outro podia mais, era mais forte, vencia-o sempre!

★

Os dois irmãos da Fazenda do coronel "Zé" Domingos ficaram moços, terminaram o curso ginásial, na cidade, e chegaram à Fazenda. Como Frederico estava bonito, santo Deus! Muito alto, atleta mesmo, corado, risonho, olhos verdes, moreno — o retrato da mãe! O outro não era bonito: sempre franzino, não era alto, estatura mediana, moreno, também, olhos castanhos e cabelos escuros. Quem os visse separados, acharia bonitos os dois. Mas como os ver separados?! Eram unidíssimos, e a beleza de Fred ofuscava o irmão.

Os dois deviam ser médicos, "doutores". Mas, não. Fred decidiu ficar na Fazenda. Amava a vida ao ar livre, a natureza! Nada de "doutor". Depois, detestava o bulício das grandes cidades. Ficou na Fazenda. Estava decidido: Fred seria fazendeiro e Paulo César seria "doutor", seria médico.

E lá se foi o irmão de Fred, para a Faculdade da Capital, em busca da ciência.

★

Inteligente, estudioso, de caráter nobre, ajuizado e sério, Paulo César ia vencendo, ia galgando, célere, os degraus do prestígio e da fama na Faculdade.

Terminou os estudos. Era médico!

Conheceu Paulo César, na Capital, logo que lá chegara, uma carioca bonita e atraente que lhe prendera o coração: Anecy. Era bonita, delgada, morena e com um par de olhos negros que desafiava a própria "Iracema, a Virgem dos lábios de mel", a heroína de José de Alencar...

A festa de formatura do moço da Fazenda da Felicidade só compareceu o pai, todo orgulhoso com o filho "doutor". Cristina e Frederico ficaram na Fazenda, para promoverem a festa da recepção, lá, do jovem médico, que contratara casamento, na Capital, com uma carioca bonita e gentil. Todos queriam conhecer a noiva! Ela seria a "Sinhá da Casa Grande", o seu riso cristalino, a orquestra divina que encheria de ventura a Fazenda da Felicidade.

★

Lá na estrada estava a charrete, onde d. Cristina aguardava, curiosa e ansiosa, a chegada do filho médico e da futura nora.

Anecy, antes do casório, devia conhecer a família a que pertenceria. Por isto vinha ela conhecer aquela gente simples e boa da casa grande, da qual, um dia, ela seria a "Sinhá", a dona, a senhora absoluta. Para ser franca a si própria, não amava muito o Paulo César, mas o admirava e compreendia e esperava ser feliz com ele que era bom e digno; um dia, talvez, quem sabe? ela viria a amá-lo! Não conhecera, até hoje, o amor. Por que não se apaixonaria por um esposo dedicado e leal?!

★

Todos os colonos rodeavam a Fazenda, o casarão alegre, todo enfeitado e festivo! Queriam ver o "doutor" Paulo César e a "Sinhá", sua noiva. Chi! Como era bonita! O "doutor" estava todo risonho, ao descer da charrete, com a noiva e o pai. Mais atrás, outra charrete, em que vinham d. Cristina e Frederico, alegres e risonhos também. Que festa! Que felicidade!

★

— Está gostando daqui?

— Muito, Frederico!

— Não supus que meu irmão fosse trazer uma moça tão bela para essa terra longínqua. Sabe? Será a "Sinhá" mais bonita que já pisou este rincão! — E num suspiro, o moço bonito, que já prendera a atenção e os olhares da moça do Rio, prosseguiu:

— Será você, em vez da moça da Capital, a "Sinhá da Casa Grande"... flor bonita, transplantada da cidade para o sertão rude e agreste.

Uma gargalhada cristalina foi a resposta da moça.

— Olhe a cachoeira, Anecy... Aquel, outrora, quando guris, César e eu fazíamos as nossas conquistas amorosas: as filhas dos colonos; e como brigávamos por uma mulatinha ou qua puri dengosa!

Riu-se o moço, mostrando os seus dentes alvos e tomou Anecy pela mão morena:

— Suba e veja a cachoeira espumante.

A moça olhou tudo aquilo, maravilhada, e, como que em êxtase, pousou os seus olhos de veludo, demoradamente, nos olhos verdes e risonhos do rapaz. Que de estranho ela já sentia por esse moço rude e audacioso, de porte altivo e lindo?!

Enquanto Fred mostrava a Fazenda e suas terras a Anecy, o jovem "doutor" contava à sua mãe carinhosa, que o ouvia com orgulho, as "façanhas" na Capital, as lutas, as vitórias...

★

Festa bonita na Fazenda da Felicidade!

Um festão para a "Sinhá", noiva do "doutor", que resolvera, de repente, voltar para a Capital. Já estava há dois meses na Fazenda. Engordara, estava corada, um brilho novo nos olhos escuros, mais bonita. Contudo, voltaria, dentro de uma semana, para a sua terra.

Muitas pessoas vieram das fazendas vizinhas: o casarão estava cheio de gente moça, alegre e barulhenta.

Baile animado, rústico, mas alegre e festivo.

Eram 11 horas da noite. Todo mundo ia dançar até de madrugada.

Mas o "doutor" estava, agora, sem a noiva, pálido, aflito, empurrando os pares dançantes e procurando a linda moça do Rio. Nada! Desceu, pressuroso, a escada da varanda e foi até o jardim mal iluminado... Anecy estava com um vestido branco e comprido, um vaporoso vestido de organza, muito bonito. E como estava linda naquela noite!

De repente, o moço empalideceu mais ainda... Suou frio e passou a mão nervosa pela fronte... cerrou as pálpebras exaustas... o coração parecia-lhe que ia parando aos poucos... foi andando devagar, sem ruído, em meio às folhagens. Parou. Era incrível! Lá estava ela, Anecy, delirante de amor e de beleza, enlaçada ao pescoço de um homem alto e forte, e ainda com os lábios colados aos dele, daquele rapaz que a escuridão da noite não permitia ao "doutor" saber quem era. E o noivo, humilhado e abandonado, conseguiu ainda escutar, quase num sussurro, as palavras apaixonadas daquela a quem ele amava perdidamente:

— Eu o amo, meu querido! Não vê que me apaixonei, logo, por você? Preciso voltar para que você vá me buscar lá longe, na minha terra... César me esquecerá. De mais a mais, não amo Cesar. Serei sua...

Mal a moça terminou esse desabafo ardente e eis que um estampido se fez ouvir, seguido da queda de um corpo forte que tombou e um grito lancinante!

Ainda trêmulo, o jovem médico, com a arma na mão, chegou bem perto do corpo daquele a quem não reconhecera. Queria liquidar a noiva também. Oh! Que horror! Quem jazia morto e banhado em sangue, ali, era Fred, seu irmão! Era Frederico, então, aquele por quem se apaixonara Anecy! Era seu irmão — o seu rival! — Outro estampido se fez ouvir, e outro, e outro mais! Desesperado, os cabelos revoltos, as mãos cheias do sangue quente do irmão, ao qual se abraçara, em soluços, o "doutor" liquidara, também, com sua própria vida! Dois corpos faziam em meio do sangue que tingia de vermelho a grama e a folhagem.

O povo todo correu para ali, apavorado. D. Cristina enlouqueceu.

Os moços foram enterrados juntos: unidos na vida, na desdita e no túmulo.

A moça do Rio, na mesma noite, entre desesperada e louca, deixou a Fazenda da Felicidade...

Dizem que Anecy é monja num convento do Rio de Janeiro. Deixou o mundo e se fez freira.

★

— Eu já conhecia esta história, Benedita.

E pus-me a pensar, entre impressionada e atônita: "Será que Anecy, ao chegar à Fazenda, não prestou atenção, como eu e não meditou bem nas palavras enormes de sua inscrição? — "Fazenda da Felicidade — Por favor, não perturbe a paz deste rincão"!"

PELAS estradas do CEU



ANDRÉ MAX

SEGUNDO notícias recentes, os técnicos da Força Aérea dos Estados Unidos anunciaram o bom êxito da primeira experiência feita com um novo tipo de avião — que muito se assemelha com o perfil da moderna "asa voadora" americana... Esse aparelho, saído das oficinas da Wiling Consolidated Vultee, recebeu a designação de "Modelo 7.002", e foi especialmente construído para voar a uma velocidade superior à da propagação do som, a uma altitude superior a 12.000 metros. Os engenheiros aeronáuticos incumbidos dos projetos referentes a esse moderníssimo aparelho o descrevem como dotado de asas de formato triangular, cuja abertura no ângulo maior regula cerca de 60 graus.

O "Modelo 7.002" está equipado com um possante motor Allison — turbo-jacto — tendo de envergadura cerca de 30 metros, e pesando aproximadamente 7 toneladas e meia, completamente equipado. Foi construído originariamente como um novo modelo de "asa voadora", havendo no entanto os técnicos deliberado introduzir certas modificações e algumas retificações em suas linhas, que deram como resultado a completa aprovação e inteira viabilidade de construção de novos aparelhos desse tipo.

★

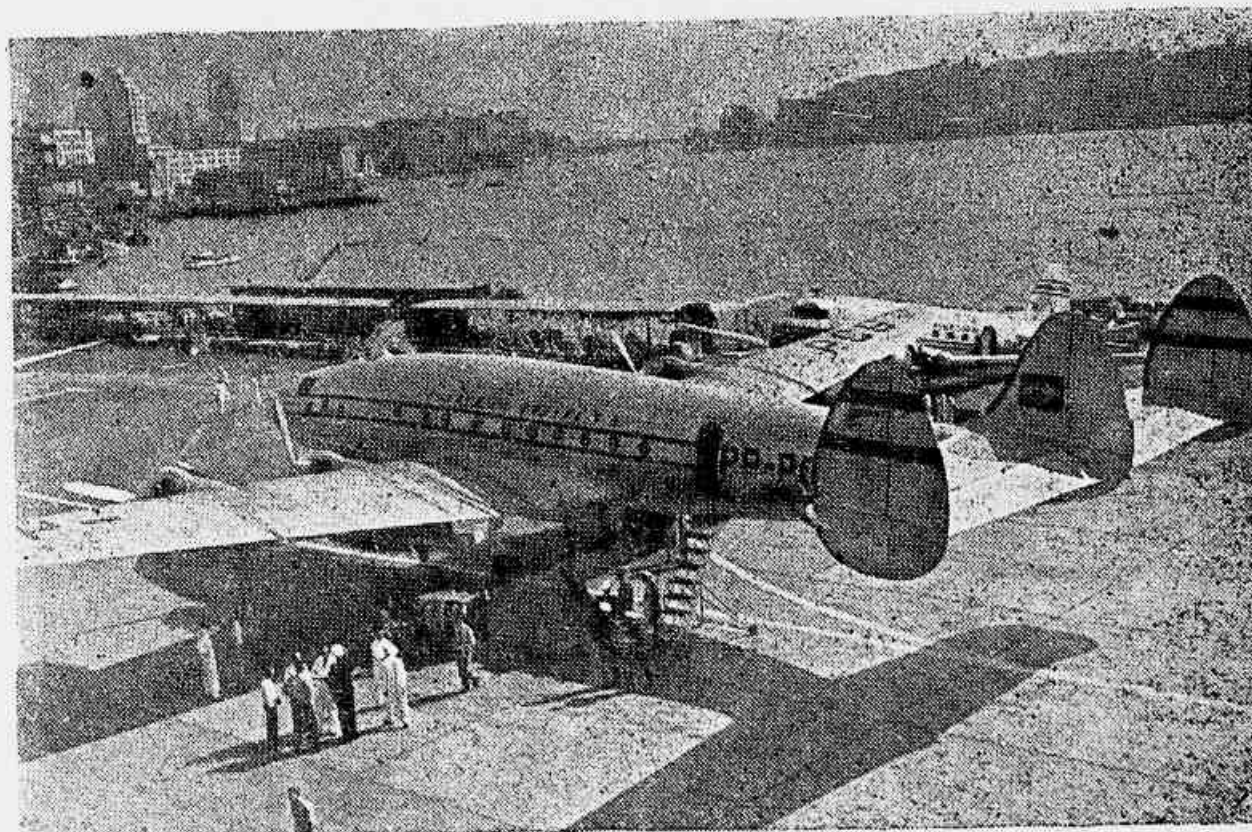
Já vão bastante adiantadas as obras de construção da maior base aérea comercial do mundo, iniciadas pela Pan American Airways, em Miami, na Florida. Servirá essa nova base para reparações de aviões que fazem a linha comercial regular para toda a América Latina, tendo sido arrendados pela referida companhia as antigas instalações e todo um grupo de edifícios que inestimáveis serviços prestaram ao Exército norte-americano durante a última conflagração.

A proximidade destas grandes oficinas — todas elas localizadas numa área aproximada de 1.700.000 pés quadrados — com os países da América Latina, trará resultados dos mais eficientes para o trabalho de reparação das aeronaves que sobrevoam o mar das Antilhas, a América Central e do Sul. Uma vez concluídas as obras de reconstrução e readaptação, poderá ser reparada ali a totalidade dos motores dos 125 "clippers" quadrimotores que cobrem as rotas do mundo inteiro. A nova base de reparações proporcionará emprego a cerca de mil pessoas, além dos já empregados nesta classe de trabalho, entre elas mecânicos, técnicos e inspetores.

★

Realizou-se no dia 10 deste, na Associação Brasileira de Imprensa, o "cocktail" que a "Braniff International Airways" ofereceu à imprensa a propósito do voo inaugural dessa empresa no Brasil, realizado no dia anterior.

A nova linha Brasil-Estados Unidos tem o seu traçado via Lima, no Peru, tendo participado da inauguração, além do sr. Thomaz E. Braniff e esposa, altas personagens do governo, comércio e indústria norte-americanos, com a presença de representantes do governo brasileiro.



Realizou-se em fins da semana passada o voo inaugural da nova linha regular para a cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, que a Panair do Brasil S. A. irá manter para o sul, usando os modernos aparelhos denominados "Constellations". Nesse primeiro voo tomaram parte grande número de jornalistas profissionais, homens de negócios, representantes do Ministério da Aeronáutica e ainda diversas outras personalidades, que regressaram daquela breve excursão à capital gaúcha pelo mesmo aparelho, mostrando-se todos magnificamente bem impressionados com o conforto e a incontestável sensação de segurança oferecidos pelo "Constellation", um dos maiores e mais confortáveis aviões para linhas comerciais em todo o mundo. Na fotografia acima vê-se o "Constellation" que inaugurou com absoluto sucesso a nova linha ligando o Rio a Porto Alegre.

A VIDA DE BACON

(Continuação da pág. 14)

dos para resolver essas questões, as quais recentemente dera a entender serem de tão grande importância; e o fizesse tão secretamente como lhe fosse possível". Bacon enviou-lhe então o seu manuscrito, o *Opus Majus*, por um dos seus discípulos predilectos. Mas os caminhos eram poucos, e as viagens demoradas. O papa morreu dentro de um ano, antes que o manuscrito lhe chegasse às mãos. A Santa Sé estava mergulhada em grandes lutas políticas com os imperadores alemães, e no meio das querelas ninguém teve tempo de examinar o maior tratado científico da época. O manuscrito ficou em completo esquecimento por quatrocentos e cinquenta anos, até ser finalmente publicados em 1733. Não é de admirar que Bacon manifestasse o máximo desprezo pela opinião dos seus semelhantes!

Durante os anos de prisão, contudo, esse desdém cético se transformou em filosófico distanciamento. Pouco a pouco se firmou nele a idéia de que a sua separação do grosso da humanidade era mais que física. Era o símbolo exterior de uma brecha espiritual entre os pensadores originais e o mundo dos dogmas supersticiosos. Os autênticos prisioneiros da vida não eram os encarcerados atrás de grades de ferro, mas os dogmatistas que tinham o espírito enclausurado atrás das grades do preconceito. Deplorava os seus carcereiros pela servidão em que viviam as suas almas. "Oxalá Deus os liberte dos grilhões da ignorância".

Esse propósito é que lhe animara as investigações científicas e as convicções religiosas. Procurava libertar o espírito humano por meio de uma compreensão mais inteligente das leis eternas do Criador. Fora acusado de herético, e no entanto se considerava o mais honesto dos crentes. Pois quisera demonstrar a validade da sua crença — fortalecer o seu amor a Deus com o conhecimento de Deus. Realizara os seus estudos científicos com um único fim — "colocar em base mais firme os divinos ensinamentos da Igreja".

E era por esse serviço que o tinham condenado ao "martírio do silêncio". No entanto, o seu silêncio não foi completo. Nos últimos tempos de reclusão, permitiram-lhe conversar com os seus discípulos. Os resultados de muitas pesquisas que fizera — tais como a descoberta da pólvora e de gases venenosos — ele os sepultara no mistério da linguagem cifrada, para que nunca pudessem ser utilizados com fins destrutivos por leigos inescrupulosos. Mas os elementos da sua filosofia construtiva — esses "princípios da paz" destinados a trazer uma compreensão melhor entre homem e homem — ele os transmitiu oralmente aos discípulos que o rodeavam com solicitude. Em certa ocasião declarou que no espaço de um único ano poderia ensinar a um aluno inteligente "a essência de todos os conhecimentos humanos". E para prová-lo, dedicou-se com especial atenção a um discípulo humilde, "o pobre João", que passou um ano com ele em aturados estudos, e nesse breve período "ampliou de tal modo o campo dos seus conhecimentos, que espantava a todos os amigos".

Assim, trabalhando com os discípulos, aclarava as suas idéias e esperava pelo dia da libertação. Mas gradualmente foi compreendendo que já era muito tarde para que o libertassem. Era chegado o fim da pesquisa, e ele ainda não contava oitenta anos — um simples calouro na escola da realidade última. Um único ano para percorrer todos os domínios do pensamento humano, e uma vida inteira para vislumbrar um lampejo da verdade divina. Apenas relanceara os olhos na primeira página do manuscrito de Deus, e agora devia fechar o livro. "Um breve tatear em busca da luz — e depois, a noite".

Com frequência, por entre as grades

da prisão, observava as estrelas — frias e distantes pontinhos de luz a zombar eternamente da impotência do homem. Contudo, às vezes lia nelas as estrelas um pensamento consolador. Algum dia, talvez o mundo descobrisse as pesquisas de um frade de Deus, chamado Roger Bacon. E os cientistas construiriam lentes para aproximar a distante e focar os raios da verdade, clareando a visão humana. E então — quem sabe? — talvez o homem olhasse o seu semelhante através das lentes dessa compreensão ampliada, e reconhecesse nele um irmão...

E reunindo os discípulos em torno de si para dar voz ao seu sonho profético, os olhos de Bacon se iluminaram:

"Creio que a humanidade aceitará como regra axiomática o princípio pelo qual sacrifiquei a minha vida — o direito de investigar. E' esse o credo dos homens livres — a oportunidade de ensaiar, o privilégio de errar, a coragem de tornar a experimentar. Nós, o cientistas do espírito humano, havemos de experimentar, experimentar, experimentar sempre. Através de séculos de tentativas e erros, através de angustiosas dificuldades... Experimentemos com leis e costumes, com sistemas monetários e governos, até podermos traçar o caminho verdadeiro, — até encontrarmos a majestade da nossa órbita como, acima de nós, os planetas encontraram a sua... E então, por fim, nos moveremos juntos na harmonia das nossas esferas, sob o grande impulso de uma criação única — uma unidade, um sistema, um desígnio".

(Do livro "Vidas de grandes cientistas".)

A VIDA ATRIBULADA DE...

(Continuação da pág. 33)

E disse:

— "A condição precípua da vida, no seu imediatismo contingente, está em que os homens procurem se entender através do espírito de concordância, sob o manto da paz social — objetivos esses que a Igreja tem preconizado sempre e vem procurando concretizar. O princípio e as idéias pelas quais se bateu Cristo há 20 séculos atrás, e que constituem a sublimação da verdadeira justiça entre os povos — julgo serem os mesmos que norteiam as religiões na era atual — e pode o sr. afirmar que não só apoiarei as pretensões encaminhadas nesse sentido, como também incentivarei os esforços da Igreja para a resolução do problema social brasileiro — aceitando, de qualquer religião, a colaboração que ao meu governo emprestar sob essa bandeira. E, assim agindo, penso estar prestando um grande serviço ao povo de minha terra e ao povo brasileiro."

O deputado parou como quem deseja encerrar a entrevista.

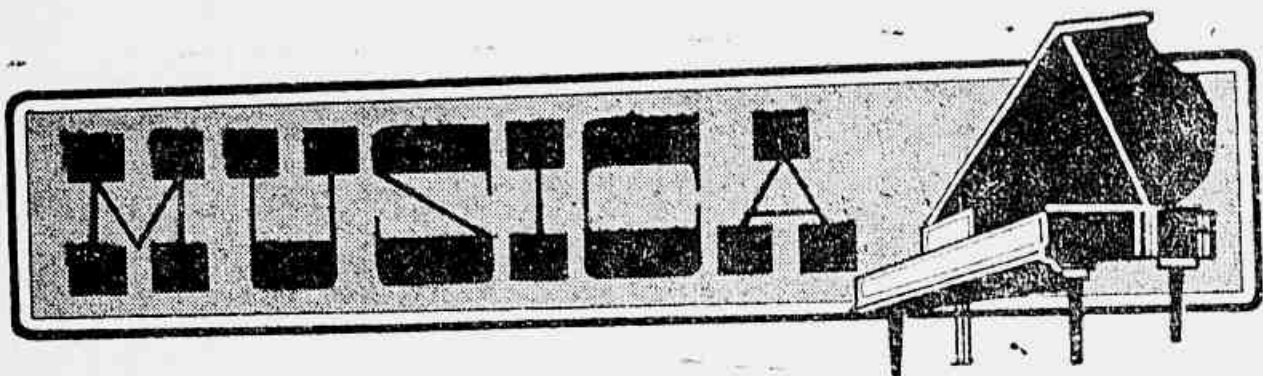
Foi quando apelamos para D. Jandira de quem obtivemos os elementos para narrar o seguinte:

*

Nos agitados dias de novembro de 1921, em plena campanha da famosa "Reação Republicana", na capital do Rio Grande do Norte, um rapazola de seus vinte e poucos anos percorria sozinho balços e subúrbios de Natal, numa vigorosa campanha política em favor da sua candidatura e pela regeneração dos costumes políticos. Agitou vivamente a opinião pública, promovendo comícios, debates e conferências, chegando, exausto, ao fim da jornada que tanto sacrifício lhe havia custado, para assistir ao resultado do pleito eleitoral. A recompensa de todo aquele esforço era o resultado expressivo da apuração final: Para vereador, João Café Filho: 22 votos...

*

Esse foi o primeiro capítulo da vida política do sr. Café Filho, único Deputado Federal, na atual Legislatura, que já conseguiu manter, desde a formação da Assembleia Constituinte, em 1945, três "records" até hoje nunca igualados por nenhum parlamentar, desde que a República Brasileira foi proclamada: o



TEMPORADA NACIONAL — UMA INICIATIVA DA PREFEITURA — UM OFERECIMENTO DE ELEAZAR DE CARVALHO

De ROBERTO LYRA FILHO

(Para a REVISTA DA SEMANA)

A Prefeitura do Distrito Federal organizou uma série de concertos com o objetivo de oferecer ao público carioca música brasileira, interpretada por artistas brasileiros. Os programas, já anunciados, indicam que houve uma seleção cuidadosa e está bem representada a nossa música contemporânea. Aliás, a série foi inaugurada com um recital dedicado a Camargo Guarnieri.

A temporada de 1949 é, assim, iniciada, auspiciosamente, com a apresentação de artistas e compositores nacionais. Estes ganham, finalmente, o merecido destaque, depois de terem sido colocados, em temporadas anteriores, no segundo plano, em benefício, muitas vezes, de famosas... mediocridades estrangeiras.

Nesta ocasião, portanto, não podemos deixar de elogiar a feliz iniciativa da Prefeitura. Em diversas crônicas, temos procurado mostrar que os compositores nacionais precisam ouvir as suas obras, executadas por intérpretes competentes. Essa audição não constitui, somente, um poderoso estímulo, como por outro lado, permite que o artista tenha uma impressão completa da obra e melhora, não raro, a sua orquestração.

ARTISTA, PÚBLICO, INTÉRPRETE

O musicólogo espanhol Adolfo Salazar aludiu a essa qualidade especial da música, em uma de suas obras, mostrando por que é indispensável que o músico ouça as suas próprias obras. O escritor tem diante de si, sem auxílio de um intermediário, o seu trabalho realizado e completo: o livro. Resta-lhe, apenas, fazer com que este chegue aos olhos do leitor, para que a obra de arte se comunique. E', por assim dizer, uma transmissão direta da arte — de produtor... a consumidor. O mesmo acontece com o pintor. O quadro esgota a sua atividade criadora. O escultor fixa a sua arte na estátua. Mas — o músico? Este, aprisionando a sua inspiração, em sinais típicos na pauta, não termina com isso, a criação. Ela depende, ainda, do intérprete: para que haja música, é indispensável a intervenção desse intermediário. E, assim, conclui Salazar, não há música, enquanto não há interpretação...



Eleazar de Carvalho

Portanto, é o músico quem mais do que qualquer outro artista precisa de auxílio. Para que ele ouça a sua música precisa do intérprete. E, se compõe uma sinfonia, precisa de uma orquestra... Como aperfeiçoar a sua arte se as orquestras não executam a sinfonia?

UM OFERECIMENTO DE ELEAZAR DE CARVALHO

A propósito, registramos, com satisfação, um oferecimento de Eleazar de Carvalho. Este jovem regente conquistou uma posição de destaque internacional pelo brilho e segurança revelados ao dirigir orquestras nacionais e estrangeiras. Recentemente, registrando novos sucessos desse artista nacional, fazíamos um apelo no sentido de que ele cooperasse na divulgação da obra dos compositores brasileiros.

Pouco depois ele nos escrevia, pedindo "colaboração na indicação das obras dos jovens compositores". E', assim, um maestro que tem oportunidade de levar para o estrangeiro a produção musical de nossos compositores quem se dispõe a fazê-lo, num serviço espontâneo ao Brasil e à cultura musical de nosso povo.

O prestígio de Eleazar de Carvalho nos Estados Unidos é autêntico. Quando apresentou uma sinfonia de Lorenzo Fernandez, em primeira audição, o Boston Herald, registrando o "memorável concerto", comentava: "Se o sr. Eleazar de Carvalho voltar do Brasil, cada temporada com uma nova obra desse calibre, não poderemos mais reclamar contra as suas prolongadas ausências dos Estados Unidos". Diz, ainda, o Boston Herald: "Eleazar de Carvalho nasceu para reger". O Boston Daily Globe fala do "controle técnico e vigor dinâmico" de suas interpretações e o Christian Science Monitor, concordando com os elogios do Boston Post, louva a "performance" do regente brasileiro.

E o sr. Eleazar de Carvalho expressadamente declara que seus programas não serão inacessíveis aos jovens compositores brasileiros. Lançará talentos novos, pois a sua autoridade de regente consagrado já o permite. Surge, assim, uma magnífica oportunidade que deverá ser aproveitada pelos interessados, graças à simpatia e à compreensão do maestro brasileiro.

parlamentar que maior número de "pedidos de informação" tem formulado ao Poder Executivo; o parlamentar que maior número de "projetos de lei" tem apresentado; e o parlamentar que maior número de vezes ocupou a tribuna da Câmara.

Além dessa singularidade, necessário se torna também registrar o nome do Deputado Café Filho, como um dos homens públicos, cuja simpatia popular, tanto em sua terra natal como em vários outros Estados da União e mesmo na Capital da República, é uma consequência tão somente de sua própria atuação política, e, sobretudo, pelo seu completo desinteresse no desempenho de cargos públicos.

★

João Café Filho nasceu em 3 de fevereiro de 1899, numa casa modesta da Rua do Triunfo, no coração da capital do Rio Grande do Norte. Embora muitos de seus correligionários políticos se tenham referido ao fato de seu nascimento ter ocorrido em data prematura — como consequência do primeiro protesto solene desse nordestino que nunca tolerou a opressão — podemos garantir que não procede a alegação...

Matriculado, aos cinco anos, no Colégio Americano em Natal, ali aprendeu as primeiras letras, tendo mais tarde ingressado no Liceu do Estado, onde completou os estudos secundários. Aos dezoito anos, fundou o primeiro periódico — "A Gazeta", e desnecessário será dizer que a linha política seguida era: oposição ao Governo, naquilo que lhe parecesse errado.

Por ocasião das eleições municipais — em 1921 — para a Câmara de Vereadores de Natal, candidatou-se pela primeira vez. O resultado foi um fracasso completo, conforme assinalamos. Um ano então foi decorrido sem maiores incidentes, a não ser o prosseguimento de sua campanha de moralização do Governo Estadual, pelas colunas de seu periódico, fato que valeu o crescimento de seu prestígio no seio do povo potiguar. Em 1923, em consequência de uma manobra por parte de algumas autoridades constituídas em seu Estado — o sr. Café Filho não se contentou mais com formular protestos escritos e veio às ruas concitar o povo à reação contra uma série de medidas inconstitucionais que anunciavam iam ser postas em prática, contra os interesses da população. O sr. Café Filho começou pela organização de grupos para uma passeata de protesto, à porta de uma das mais antigas fábricas de tecidos de Natal e terminou pela paralisação total das atividades de toda a Capital. O movimento durou cinco dias. Depois... foi obrigado a ceder.

O sr. Café Filho recebeu não poder sozinho superar a impetuosidade da avalanche, que fatalmente se aproximava. O único recurso era a fuga do Estado. Em face da perseguição policial que lhe foi movida. Fixou-se no interior de Pernambuco, na cidade de Bezerros. Ali tratou de reunir prosélitos para sua causa, o que não lhe foi difícil — pois a sua única bandeira era — "contra a opressão dos poderosos". Quando dois anos mais tarde deixou a localidade de Bezerros, grande foi a manifestação que lhe fizeram. Transferiu-se então para o Recife, indo ocupar o cargo de Diretor do jornal "A Noite". Ao tempo da marcha da Coluna Prestes pelo interior centro-norte o sr. Café Filho, pelas colunas daquele periódico, criticou vivamente a formação do voluntariado para combater a Coluna, fato que veio determinar, posteriormente, o início de um processo — por delito de opinião — de que resultou a sua condenação pelo Supremo Tribunal Federal à pena de detenção por 70 dias.

A LEALDADE DE "PERIQUITO"

O sr. Café Filho se achava recolhido, cumprindo a sentença que lhe fora imposta pelo Supremo, na Sala de Comando do Esquadrão de Cavalaria, sediado em Natal. No terceiro dia de detenção, cerca de duas horas da madrugada, alguém abre a porta da sala de Comando, onde se encontrava ele, aproxima-se e lhe faz o mais estranho dos oferecimentos:

— Dotó Café: Pode fugi qui eu aguento a mão!

Era "Periquito" — assim conhecido um soldado do Esquadrão que fora incumbido da guarda naquela noite. O sr.

Café Filho agradeceu o oferecimento, elogiou-lhe a lealdade à sua pessoa, mas recusou a oferta, preferindo cumprir a sentença, que afinal era só de 70 dias... Ainda há pouco tempo, em Natal o sr. Café Filho teve oportunidade de recordar esse episódio com o próprio "Periquito".

SUBSCRIÇÃO PARA A PRIMEIRA VIAGEM AO RIO

A campanha eleitoral iniciada em 1927, no Rio Grande do Norte, para Deputado Federal, veio encontrar um Café Filho muito mais experimentado. Os erros iniciais haviam sido corrigidos. Desfrutava de maior prestígio no seio do povo, podendo, assim, orientar melhor o seu trabalho para a conquista de votos. Todavia, os costumes políticos naquela época, de tão corrompidos que se achavam, tornavam nulos os seus esforços.

Eleito por larga margem de votos, o sr. Café viu com tristeza a perspectiva da nulidade de sua eleição pela célebre "Comissão de Reconhecimento de Poderes" da Câmara Federal. Era a "degola". Um movimento de viva indignação se apossou de grande parte dos eleitores. Como este não dispusesse de dinheiro para fazer face às despesas de uma viagem ao Rio para contestar a diplomação do seu adversário — que era o atual deputado Dioclecio Duarte — organizou-se em Natal uma subscrição popular para custear a vinda do candidato ameaçado à Capital Federal. O sr. Café Filho aportou pela primeira vez no Rio de Janeiro em fins de 1927.

DERROTADO E SEM DINHEIRO PARA A VOLTA

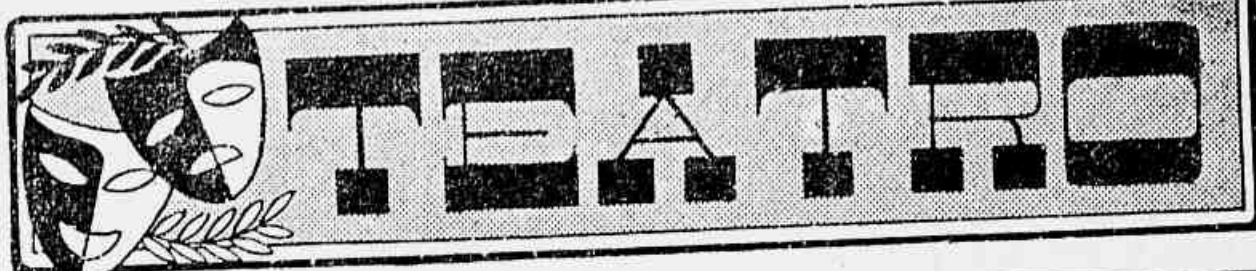
Perante a "Comissão de Reconhecimento de Poderes" iniciou o atual líder do P.S.P. a sua defesa. Antes, porém, um acontecimento imprevisto havia prostrado o jovem Café numa angústia tremenda. Inexperiente, entregara a um datilógrafo avulso — que oferecia serviços nos corredores da Câmara — a papelada em que havia preparado o seu arrazoado para ser copiada. Pois bem, o "serviço" lhe custou a bagatela de 300.000 réis!... Isso naquela época era mais que extorsão... E ele "morreu" com o dinheiro, ficando sem vintém para o regresso. Não é preciso dizer que de nada valeu a sua eloquência. Foi mesmo "degolado". Teve então, novamente, que recorrer aos seus amigos de Natal. Telegrafou-lhe para que lhe mandassem a passagem. Nova subscrição e o sr. de novo na capital potiguar.

A VISITA DA CARAVANA ASSIS BRASIL

O biênio 1928-29 vem encontrar o sr. Café Filho à frente de seu jornal na campanha que precedeu à Revolução de 1930. Em meados de 1928, chega ao Norte a Caravana chefiada pelo sr. Assis Brasil e da qual faziam parte, o atual vice-presidente da República, sr. Nereu Ramos e Maurício de Lacerda. O sr. Café Filho imediatamente lhes deu apólo pelas colunas do jornal, e não ficou só nisso: tornou efetivo esse apólo, hospedando a caravana, presidindo à comissão de recepção e saudando os políticos que a acompanhavam com um discurso violentíssimo, de oposição ao Governador Juvenal Lamartine. A caravana, passou... E as consequências não se fizeram esperar... Elementos da própria polícia de Natal, dias depois, invadiram a redação do jornal e a empastelaram, dando início ao cerco de sua residência. O sr. Café Filho e sua esposa conseguiram burlar o sítio e fugiram do Estado, vindo parar no Rio, após inúmeras peripécias.

"INVADE" O RIO GRANDE DO NORTE

Quando mais acéssa ia a campanha de sucessão de Washington Luís, segue para a Paraíba. Como um dos líderes da Aliança Liberal encarrega-se da recepção de uma outra caravana política que percorria o nordeste, esta chefiada por João Neves e Batista Luzardo. Promove comícios em João Pessoa e em todo o interior paraibano. Sua tristeza maior porém é a impossibilidade de falar aos seus conterrâneos. Um dia resolve tentar um golpe de audácia. Convence um grupo de correligionários destemidos a realizar um comício dentro do território "inimigo". No dia seguinte, atravessa a divisa e, usando uma tática inteligente, consegue reunir quase toda a população da cidade



UM "CASO" NA VIDA TEATRAL — Henriette Morineau, que se encontra atualmente no Recife, escreveu uma carta a Paschoal Carlos Magno, sobre a saída de Ambrósio Fregolente de "Os Artistas Unidos". Publicamos a carta da artista bem como a resposta de Fregolente.

"Meu caro amigo. "A propósito do sr. Fregolente". Devo (isso é uma maneira de dizer) uma explicação sobre o meu gesto, porque a essa hora, com certeza, os boatos mais incríveis devem percorrer a cidade e naturalmente, desfavoráveis a meu respeito.

Em Belo Horizonte, no dia 31 de janeiro, recebi uma carta do sr. Fregolente, pedindo, sem explicação, rescisão do contrato. Aceitei o pedido. Alguns dias depois, o sr. Fregolente, veio conversar comigo, arrependido, disse-me que queria ficar, mas queria ser aumentado e rasgou a própria carta que estava em cima de minha mesa. Não gostei muito do procedimento. A Companhia chegou ao Rio, terça-feira, 22 de fevereiro. Na quarta de manhã, mandei pregar cada artista que haveria no mesmo dia, à noite, na ABL, uma reunião. O sr. Fregolente não compareceu. Durante três dias, foi impossível encontrar o sr. Fregolente. A senhora, onde ele mora, não sabia mais o que responder a tantas perguntas. Enfim, sábado, dia 2, à tarde, algumas horas antes da Companhia embarcar para uma viagem importante, o sr. Lúcio Cardoso me telefonou dizendo o seguinte: "Mme. Morineau, o Fregolente foi filmar em Minas e mandou avisar a senhora que ele fará o possível para estar aqui amanhã, para embarcar". Respondi então: — Faz o favor de dizer ao sr. Fregolente que ele não faz mais parte de minha Companhia, porque não admito que um ator que deve estar à minha disposição, sala do Rio para filmar sem permissão minha e me mande um recado, dessa maneira, com tanta deservidão. Imagine, qual seria a minha situação se cada um fizesse isso". E foi assim que aconteceu. Para com Orlando Guy — ele tinha que acabar de filmar, já tinha dado licença quando a Companhia estreou em São Paulo, mas agora era impossível. Deixei o Orlando escolher e ele ficou, escolhendo a fita que ele devia acabar e teve razão, assim não prejudicou o produtor. Infelizmente, Paschoal, aprendi meu "métier" com gente de disciplina e respeito e conservei esse princípio. Era só isso que queria explicar. Agradeço a V. e mandolhe um grande abraço. (ass.) — HENRIETTE MORINEAU."

"Rio, 16-3-1949.

Senhora Henriette Morineau: — Se Lúcio Cardoso não disse à senhora que em seguida no dia seguinte ao de sua partida, de avião para o Recife, procedeu muito mal. Pois ele me disse que estaria com a senhora, para explicar tudo, que é o seguinte: Era preciso terminar a filmagem em Congonhas do Campo, de qualquer jeito, senão o prejuízo seria enorme e prometeu-me viagem de avião. Aceitei na condição de que ele explicasse tudo à senhora, porque julgo sua inteligência excepcional, e que seria até "bobagem" de minha parte pensar que a senhora não compreendesse o que estava se passando. Fiquei quase que a tranqüilo, e ficaria completamente, se isso tudo que aconteceu não tivesse a forma de recado e que resultasse em uma completa confusão como esta, em que lá fui ofendido várias vezes, inclusive pelo sr. Brant, um dos empresários de "Os Artistas Unidos".

Quando à reunião na A.B.I. não compareci porque a sra. sua secretária não me deu recado algum e quem o recebeu foi a empregada da casa em que residio e que não soube transmiti-lo.

No último espetáculo em Juiz de Fora, suas últimas palavras foram as seguintes: "Aguardem meu telefonema até amanhã". Esperei durante horas seguidas. O telefonema não veio e o seu ator não podia ficar dias inteiros em casa.

Enfim, fomos vítimas de recados deturpados, conforme pude apurar até este momento. Espero que Lúcio Cardoso responda.

Quanto à disciplina que a senhora acentua em sua carta, tenho o prazer de dizer-lhe que fui várias vezes elogiado pela Senhora, na presença de pessoas que podem citar.

Minha senhora, se lhe causou sofrimento involuntariamente, a senhora causou-me muito mais por querer. Desolou-me e aos "Artistas Unidos" muito e merecido sucesso nesta sua excursão pelo Brasil. Beijolhe as mãos. (ass.) — Fregolente."

DO ESTRANGEIRO

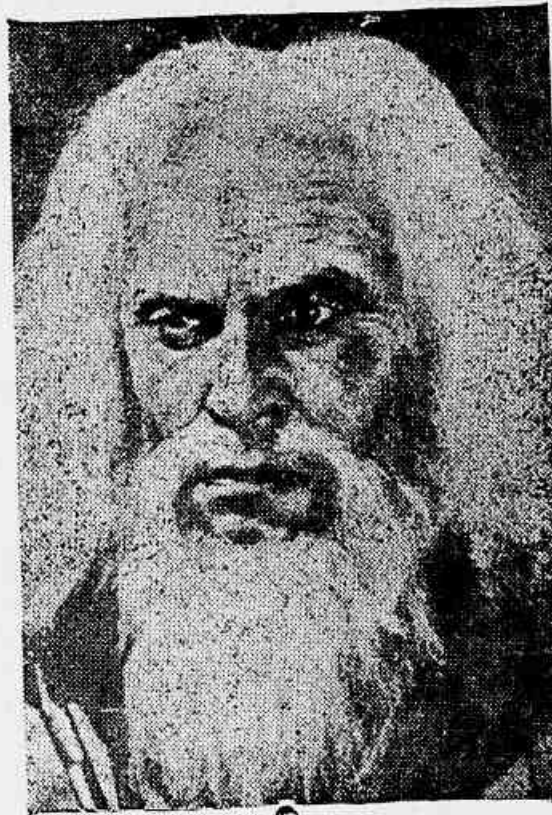
O Teatro Inglês está em pleno florescimento e é curioso contrastá-lo com o Teatro Francês. No ano de 1872, Camille Barrère dizia "Não é o espírito, a arte ou a música que os ingleses procuram nos "music-halls", mas sim o sensacionalismo, a baixa imoralidade, os saltos acrobáticos em que se quebra o pescoço", enquanto que o Teatro Francês atravessava uma das mais brilhantes fases. Hoje este está em plena decadência. Outro ponto interessante é que o movimento teatral francês é inteiramente concentrado em Paris, ao passo que, na Inglaterra manifesta-se em todas as suas cidades. Deve-se grande parte desse incentivo do Teatro na Inglaterra à C.E.M.A. (Conselho de Encorajamento de Música e Artes), que enviava nos anos de 1944 e 1945 grandes companhias dramáticas a quase todas as concentrações militares, dando oportunidade a pessoas que nunca viram um teatro de apreciar famosas peças magnificamente interpretadas. Outro grande batalhador em prol do ressurgimento do Teatro Inglês é Laurence Olivier, que tem revolucionado os meios teatrais com as apresentações das obras clássicas de Shakespeare.

★

"The knew what they wanted", uma comédia de Sidney Howard, apresentada no Music Box Theatre de Nova York, versa sobre o casamento complicado de uma ex-criada com um alijado. No "cast" estão Paul Muni, Carol Stone, Edward Andrews e outros.

★

Christian Berard, conhecido decorador francês, faleceu em Paris em fevereiro último, inesperadamente, durante a execução de cenários para



Laurence Olivier, na esplêndida caracterização de "Rei Lear", de Shakespeare

uma nova peça de Louis Jouvet. Christian Berard foi o cenarista de "The Madwoman of Chaillot", ora apresentada em Nova York, e criou fama com seus cenários de "Ecole de Femmes" e "Don Juan", ambas de Molière. Era grande amigo de Jean Cocteau, Louis Jouvet e Jean-Louis Barrault, com os quais sempre trabalhou com êxito.

★

Em Paris está sendo apresentada "L'Impromptu" (Episódio da vida de um autor) de Jean Anouilh, cujo assunto versa sobre as interrupções quotidianas que impedem um autor de produzir, tais como, o telefone, a esposa sempre pronta a fazer uma cena de ciúmes, a empregada que resmunga, a mãe que está a procura de um apartamento, uma jornalista rumena que discorre sobre o tema do Amor, etc. A peça conta com os notáveis desempenhos de Claude Sinval, Jacques Cartelat e Denise Penet.



"Absoluta..."
...e confiante em si mesma!

porque ODO-RO-NO detém a transpiração das axilas durante muito tempo!

Não deixe que um pequeno descuido em sua toilette quebre o encanto de sua presença... Proteja-se com ODO-RO-NO que é de aplicação muito simples e rápida e que não irrita a pele, mantendo sua acção por três dias. ODO-RO-NO não se resseca no pote e não fica arenoso. Mantenha suas axilas enxutas e acelinadas com ODO-RO-NO e a sua atração pessoal será completa... V. se tornará, em todos os ambientes, dominadora... desejada... "absoluta..."



Veja e compare! Cada pote de ODO-RO-NO contém muito mais creme que qualquer outra marca.

Creme
ODO-RO-NO

A MARCA DE MAIOR VENDA MUNDIAL

DESODORANTE E ANTI-SUDORAL



Protegendo-a, ODO-RO-NO protege também os seus vestidos, evitando o odor das axilas.



para o seu prestígio. Até seus mais ferrenhos adversários se viram forçados a reconhecer publicamente a magnanimidade do gesto.

ROMPIMENTO COM O SENHOR GETÚLIO VARGAS

Para resolver o problema da governança estadual chega ao Rio Grande do Norte, o sr. Juarez Távora. Decide-se então a escolha do interventor do Estado — sr. Irineu Joffely, mantendo-se o sr. Café Filho, até a renúncia do sr. Irineu Joffely, no posto de Chefe de Polícia. Rompendo o sr. Joffely com o Governo Central, o sr. Café afastou-se solidário com o Interventor.

Meses mais tarde, com a ida do Tenente Aloisio Moura para a Interventoria, o sr. Café Filho rompe com os responsáveis pelo Governo Estadual — quando se certificou de que havia preterição de elementos leais aos princípios revolucionários, por parte do Governo, em favor de adversários intransigentes do movimento de 30. Abandona o posto de Chefe de Polícia e, em princípios de 1931, é acusado de conspirador — numa "perigosa" revolução para derrubada das autoridades constituídas — e a sua prisão é decretada em seguida.

OUTRA VEZ CHEFE DE POLÍCIA

Em fins de 1931, ocupa o cargo de interventor no Rio Grande do Norte o sr. Bertino Dutra, e o sr. Café Filho, já em liberdade, é convidado para exercer novamente as funções de chefe de polícia do Estado. Por ocasião das primeiras eleições regionais, os amigos procuraram induzi-lo a se candidatar. Recusa formal do sr. Café Filho e indicação sua do sr. Kerginaldo Cavalcanti que, com seu apoio, é eleito por grande votação. Durante essa outra gestão na chefia de polícia, o sr. Café Filho sofreu um sério atentado, vindo a ser ferido gravemente por dois tiros, num "bar" de Natal, atingido pelas balas disparadas por um capitão do Exército que, procurara ingerência em negócios da alçada da chefia de polícia.

NOVO ROMPIMENTO E VINDA PARA O RIO

Em 1933, antes mesmo de restabelecido, resolve romper com o Governo local e re-
(Cont. na pág. 55)

de Alexandria para um comício-monstro, ante as vistas atônitas das autoridades locais. Indescritível o entusiasmo e caloroso o apoio que recebeu de sua gente.

A REVOLUÇÃO DE 30

Os primórdios da Revolução de 30, sob a bandeira das idéias renovadoras, vinha agitando alguns anos antes a população nordestina. Em Recife, Natal, na Paraíba

e em Sergipe conspira-se abertamente. Os governantes estaduais sentem a aproximação da hecatombe e a vigilância relaxa um pouco. Dêse fato se aproveita o sr. Café Filho para se transportar furtivamente para os arredores de Natal — onde a 3 de outubro, acompanhado por um grupo de amigos estabelecia o "cêrcio" da Capital.

A simples menção de seu nome é uma bandeira de luta. Tamanho é o pânico que provoca entre as camadas responsáveis pela segurança civil e militar de Natal, e eficiente o trabalho de "ligação" efetuado por ele e seus homens com elementos de dentro da Capital, que o Governo resolve abandonar a cidade — aproveitando-se o sr. Café Filho para ocupá-la, conjuntamente com as forças procedentes de João Pessoa, fato esse que se deu exatamente em 6 de outubro de 1930.

ROMPIMENTO COM OS REVOLUCIONÁRIOS

Na tarde do dia 6, quando se realizavam demarches para o estabelecimento do governo do Estado, e como os comandantes militares se resolvessem pela no-

meação de um governo civil para o Rio Grande do Norte, o sr. Café Filho discorreu da solução, alegando a necessidade da formação de uma Junta Militar mantenedora da ordem até a realização das eleições. Não sendo possível um acordo entre os revolucionários, o sr. Café Filho saiu à rua, na tarde daquele dia, e promoveu vários comícios de protesto. A agitação era tão grande entre a população que os militares resolveram pedir uma "trégua". Novo acordo. Desta vez, cederam à sua argumentação. A Junta Militar é constituída e o sr. Café Filho nomeado Chefe de Polícia da Capital po-

COMO CHEFE DE POLÍCIA

Logo após a ocupação de Natal, as tropas revolucionárias realizaram centenas de prisões entre os elementos legalistas. Como consequência, as cadeias se achavam superlotadas. Quase todos os adversários políticos do sr. Café Filho estavam confinados nas "masmorras". A sua primeira providência, na mesma noite de sua escolha para aquele posto, é a libertação de todos os presos de Natal. Esse fato, politicamente, teve um valor inestimável

Publicidade para a "Revista da Semana"

em São Paulo:

Tratar com
JARBAS DE FREITAS
GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.º And. Sala 217
Fone: 8-6718

A BELEZA DOS SEIOS BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



BÉL-HORMON
Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Recembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº
NOME Nº
RUA ESTADO
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00



Dr. SABOIA RIBEIRO

GESTAÇÃO E CRIANÇA

UMA vez concebida, a proteção da criança cabe quase que exclusivamente à mulher. Daí a importância da gravidez, sob o ponto de vista da saúde do nascituro, e os cuidados que deve dela merecer. Ligada intimamente ao feto que ainda traz no ventre, e atravessando uma fase cheia de modificações mais ou menos profundas, nutrido-se a si e ao feto, a gestante tem uma higiene própria e que diz respeito tanto a ela como à criança em desenvolvimento.

Importam-lhe, sobremaneira, os cuidados que deve ter no sentido de uma vida repousada e livre de maiores fadigas, só se entregando a trabalhos de si leves e enquanto bem disposta, os quais diminuem, naturalmente, à medida que a gravidez se aproxima de seu termo. Algum exercício, passeios moderados, também. Um pouco de sol sempre.

As próprias vestes devem ser folgadas, sem exercerem nenhuma compressão sobre o ventre e os seios ou que lhe impeçam a liberdade dos movimentos respiratórios. As vestes deverão cair naturalmente dos ombros, sustidas por alças. Os sapatos, de salto baixo, cômodos.

Os coletes apertados, cintas de qualquer natureza, usados a título de pura elegância, também são totalmente condenados.

E' de máxima importância a alimentação.

Esta deverá consultar, de um lado, à sua fácil digestão, de outro, às necessidades de um organismo que nutre a si mesmo e ao feto.

Dentro desse critério, deverão ter preferência o leite e os cereais, as verduras, as frutas, fêculas (batatas e raízes). Ovos, de preferência à la coque, mas sem excesso. As carnes em geral entram no cardápio, e mesmo são necessárias. Apenas cumpre limitar o seu uso, bastando como regra uma só refeição. Somente as de vitela e de porco, por muito gordas, e as de conservas ou salgadas, por menos sadias e nutritivas, devem ser postas de lado. Contudo, a de porco, salvante a gordura, é bastante sadia. As variadas vísceras são muito de aconselhar-se — rins, coração, miolos, fígado.

Dispensa dizer que as refeições serão realizadas calmamente, mastigados bem os alimentos, reduzidos a papa. De preferência serão já servidos bem fragmentados, ou em estado semi-sólido — papas, caldos engrossados, etc.

Os alimentos, embora deixando a sensação de plenitude, não deverão causar o estado de entorpecimento da grávida.

Na relação dos alimentos não há esquecer os que são particularmente ricos em cálcio e ferro, fósforo, substâncias minerais estas absolutamente necessárias à formação do feto e do sangue, e retiradas mais intensamente ao organismo materno.

Apenas aludiremos a certos atos, que devem ser evitados, por isso que seus inconvenientes são por si mesmos evidentes; assim as noites perdidas, as fortes e excessivas emoções, o trabalho desmesurado, etc.

São simplesmente condenáveis as visitas a doentes contagiantes, como os de gripe, erisipela, pneumonia, etc.

Esportes apenas moderadamente em princípio, abolidos na segunda metade da gravidez. A ginástica tem sido aconselhada com algum entusiasmo na gravidez, mas nos parece mais um encargo incômodo do que recreação proveitosa, nessa fase. Só aconselhamos simples exercícios a pé, ou que tais, sempre mais conformes com o estado de disposição da mulher grávida. Equitação só apenas até o começo do 5.º mês de gravidez. Aliás, melhor evitá-la se houver alguma predisposição ao aborto.

Afecções que não se ligam, propriamente, ao estado de gravidez, e as infecções crônicas devem ser então tratadas. A anemia, as infecções dentárias e das amígdalas, as parasitoses (vermes), etc. estão nesse caso.

A insuficiência do fígado, e os vários graus das avitaminoses, devem ser pesquisados em um exame clínico logo no início da gravidez; assim, ter-se-ão evitados muitos males futuros na saúde da criança. E' que ambos trazem modificações diversas no próprio sangue materno, que é a fonte nutritiva do feto.

Nessa higiene, a mulher terá sempre em vista ao mesmo tempo a saúde da criança futura.

E' de rigor, então, durante a gravidez, e o mais cedo possível, fazer um exame que afaste ou positivo a existência da sífilis, para o tratamento adequado na última hipótese.

Dada a tão vasta difusão da sífilis, entre os homens, e a resistência graças à qual, tantas vezes, ela se perpetua através de gerações e gerações por falta de um tratamento adequado, enérgico e tenaz, nenhuma mulher poderá dizer isenta dela, pela herança. De mais a mais, a origem muitas vezes é marital, caso que obriga sempre ao exame dos dois, homem e mulher, para a profilaxia dos filhos futuros. No entanto, poderá estar o homem contaminado e não a mulher; mas, sempre que a mulher é portadora de sífilis, a criança também o será, daí a necessidade de um exame sempre na gravidez, e indispensável na primeira. Aliás, logo acode que tudo isso já devia ter precedido às uniões, e com exigência, nisso está o grande mérito do exame pré-nupcial.

Ora, o tratamento da sífilis da mulher durante a gestação representa um grande benefício para o feto, e tanto maior quanto mais precoce é instituído.

A respeito da sífilis, haverá que recorrer, em falta de estigmas e de sinais clínicos evidentes na gestante, às provas sorológicas (exame de sangue, etc.), de resto indolor, e decisivo em muitos casos para o diagnóstico de uma sífilis latente, mas que poderá aparecer na criança com uma feição absolutamente grave.

Muitas crianças, na aparência sã, possuem uma sífilis visceral que apenas reconhece esta origem materna.

A tuberculose e seu contágio à criança abrange conduta semelhante. Não obstante a multiplicidade de meios e de forma pelas quais pode a criança contaminar-se já depois de nascida, é perfeitamente admissível que, de pais tuberculosos, podem provir crianças mais predispostas à doença; como que devido ao íntimo convívio, é a genitora sempre infectante se dela portadora, e não é feita a separação de mãe e filho logo após o nascimento.

Assim, a vigilância contra a tuberculose na criança em gestação deve conduzir a gestante a cuidados especiais, maxime se há que suspeitar de seu próprio estado, por si própria ou pela pessoa do pai.

Quanto a tuberculose, o exame de Raios X, escarro e pouco mais, alucinará cada caso e orientará a verdadeira conduta.

Duas são as hipóteses: se há suspeita no estado de saúde do pai e da mulher, impõe-se o tratamento de ambos; se um deles apenas é o atingido, esse deve ser tratado, e de todas as formas de seu convívio, separada inteiramente a criança logo após o nascimento.

De fato é indiscutível que, mesmo vindo ao mundo sem aparentes predisposições a doença, uma criança em contacto de o nascimento com pessoa tuberculosa, e maior razão a genitora, contrai com grande facilidade a infecção, de uma gravidade extrema nela pela imensa facilidade com que a leva à meningite quase sempre mortal.



UM ELOGIO QUE VEM DE LONGE...

...Desde 1830 que nossos maiores fizeram o elogio do SABÃO RUSSO por ser benéfico em todos os lares. Portanto, há 119 anos que o mesmo elogio é repetido pelas gerações que sucederam. Daí a confiança de que goza hoje o poderoso SABÃO RUSSO. Faz desaparecer espinhas, panos, rugas, sardas, erupções, comichões, dartros, manchas, frieiras, eczemas, assaduras, etc.

Incomparável no asseio da cabeça, fortifica o cabelo, torna-o vivo, abundante e sedoso.



LÍQUIDO, SÓLIDO

E EM

BASTÕES PARA BARBA

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

AS MULHERES ASSALTARAM A...

(Continuação da pág. 6)

foram visitar a casa das máquinas com todos os seus painéis de comando. Os oficiais as receberam com a mais cordial acolhida e mostraram a Margaret Hood e a Barbara Lee, os nervos e o cérebro daquele moderno navio de mais de 6 mil toneladas, explicando-lhes como funcionava aquela engrenagem complicada.

Quando sucedia chegarem a algum porto, elas mudavam de traje, envergavam o antigo uniforme da "Women's Royal Naval Service", e desciam a terra para compras, respirar os ares de terras desconhecidas, pisar o chão firme e despertar nos circunstantes a mais justa das curiosidades.

Como sucede em todas as comunidades, especialmente na das mulheres, deram a uma dessas moças o apelido de "tigre", em homenagem à sua figura de líder, de dirigente das demais. A "tigre" foi miss Margaret Kennedy, que, para mostrar não ser nenhuma fera, se propôs ornamentar de flores o camarote do comandante.

Contudo, a nota sensacional dessa tripulação feminina no "Cordillera", foi a presença da dra. Marguerite Sheare, primeira médica com posto de oficial da ma-

rinha mercante a servir em vapores daquela ou de outra empresa da Inglaterra. A médica Marguerite Sheare, não embarcou apenas para prestar assistência clínica à equipe feminina, e sim a toda a tripulação do "Cordillera". Como as demais amigas e colegas, ela trajava seu uniforme da citada organização de guerra para socorro aos marujos náufragos, à que também pertencera.

A evolução do mundo continua a sua marcha inescapável, e o elemento feminino invade todos os setores das atividades humanas, desde os mais simples aos mais complicados, difíceis e perigosos como este de servir em navios mercantes de longos cursos. Mas, segundo o testemunho de quantos tiveram ou têm ciência do acontecimento trazido à luz do noticiário pela inovação a bordo do "Cordillera", as catorze jovens que invadiram o navio de H. G. Mann, deram as maiores provas de competência, sangue frio, urbanidade e elevadíssimo comportamento moral em todos os pontos de vista.

As saias assaltaram de um golpe os navios daquele armador e, segundo parece, uma tripulação feminina em navio de carga, contribui poderosamente, para diminuir o peso dos porões e para corrigir muita gente de calça que vive a se queixar de serviços pesados...

O TESOURO DE SERRA MADRE

(Continuação da pág. 56)

no dinheiro e passam, automaticamente, a ser seus próprios escravos, agindo em sua função. Mil e um planos lhes passa pela mente perturbada. Não raciocinam. Sentem-se dominados pelos seus instintos animais. Com o ouro na mão, seus sonhos parecem concretizar-se, mas logo caem na realidade. Dêse tema, aparentemente sem importância, Huston construiu um argumento sólido, reforçado pela sua direção vigorosa. Disso resultou um filme violento, porque Huston não procurou esconder nada; ao contrário, fez questão de deixar transparecer toda a brutalidade e rudeza de seus personagens. E essa filosofia de cabeça adquiriu novas tonalidades sob a orientação desse grande diretor, porque ele fez questão de lhe imprimir um aspecto realista e, sob esse prisma, o filme atinge, em certos momentos, uma crueldade invulgar. É um trabalho apreciável, sob todos os pontos de vista. Seu "cast" é composto exclusivamente de elementos masculinos, destacando-se Humphrey Bogart, num dos melhores trabalhos de sua carreira; Walter Huston, num ótimo desempenho; Tim Holt, numa "performance" correta, e Bruce Bennett que, num pequeno papel, embora, deixa bem assinalada a sua passagem pelo filme. Huston demonstra sua grande capacidade em criar "atmosfera", num local deserto, onde tudo é selva, e apenas três vidas se movimentam, pois grande parte do argumento é filmada com apenas três personagens. O excesso de diálogos, por

isso mesmo, é notório; mas é compensado por algumas passagens muito boas, onde as palavras cedem lugar às expressões fisionômicas, criadas pelo antagonismo de suas ambições. Ele não só tirou partido dos diálogos como explorou muito bem o silêncio. Movimentou a câmera com perícia, fixando alguns "close-ups" expressivos. Para alcançar esse realismo, Huston transportou-se ao México com atores e técnicos, aproveitando os cenários naturais da terra. A música de Steiner é vibrante e vigorosa e empresta ao filme a intensidade dramática que ele requer. A fotografia de Ted Mc. embora sem ângulos extraordinários, é de categoria superior. Não se trata, em nossa opinião, do melhor filme dos últimos dez anos, como se propalou por aí. Mas é, evidentemente, uma obra de arte. (Produção Warner Bros.)

PERFUMES EXÓTICA



Para qualquer parte do Brasil ser-lhe-á remetido, pelo Correio, este lindo estojo com 3 vidros de finos e exóticos perfumes diferentes

Pelo Reembolso Postal, sem qualquer outra despesa

Cr\$ 55,00

(Não remeteremos por via aérea)
Faça seu pedido à

PERFUMARIA EXÓTICA

Rua Campos da Paz, 165 — Rio — Fone 48-8137

Enviamos catálogos a quem solicitar

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

VINOVITA

RENOVADOR DAS FORÇAS

Tônico poderoso

O preço desta revista para venda ao público, em qualquer parte do território nacional, é de Cr\$ 3,00.

Aos distribuidores é concedido um desconto que dá margem ao respectivo lucro dentro daquele preço mencionado na capa.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam



DRAGO

Nº 9

Por
Hogart

O DIABÓLICO PLANO DE CESAR DE DESTRUIR A ALDEIA TERIA SIDO BEM SUCEDIDO NÃO FOSSE A CHEGADA OPORTUNA DE UM MISTERIOSO CAVALEIRO.

DRAGO!
PUZERAM
A CULPA
DO INCÊNDIO
EM VOCE!

EU? E PORQUE
ME CULPAM,
TABASCO?

DIZEM QUE VOCE
QUER VINGAR-SE PORQUE
FOI EXPULSO DOS
SEIO DELES.

O INCÊNDIO
CAUSOU
MUITOS
PREJUÍZOS?

NÃO, PORQUE UM CAVALEIRO MIS-
TERIOSO, QUE SE INTITULA O TIGRE
APARECEU NA ALDEIA E ORDENOU
QUE O POVO COMBATESSE
O INCÊNDIO! ELE
SALVOU A ALDEIA!

O TIGRE
E'
ASSIM?

VOCÊ! O TIGRE!
DRAGO! VOCÊ
SALVOU A ALDEIA!

ENQUANTO ISSO, O NOSSO PLANO DE
DESTRUIR A ALDEIA COM
UM INCÊNDIO FOI INUTILI-
ZADO POR UM IMBECIL QUE
SE INTITULA O TIGRE

SIM... DOMINARAM
AS CHAMAS E FICARAM..
E AGORA, CESAR, COMO
É QUE VAMOS
EXPULSÁ-LOS?

PRECISAMOS
FAZER COM QUE
TODOS SAIAM
A CAÇA DE
DRAGO. DURANTE
A AUSÊNCIA DELES
TERMINAREMOS
O SERVIÇO.

MAS COMO? O INCÊN-
DIO CAUSOU POUCOS
ESTRAGOS. PRECISAMOS
DE OUTRO MOTIVO
PARA IREM ATRÁS
DE DRAGO.

DESTA VEZ O CRIME DE
DRAGO SERÁ MAIOR DO
QUE O ANTERIOR!
DON PEDRO - O PAI DE
FLAMINGO - VAI
MORRER!

MAS, DRAGO, VOCE
QUASE NÃO COMEU!
ONDE É QUE VAI?

A ALDEIA, TABASCO! CESAR DARA
NOVO GOLPE... QUANDO OU
ONDE NÃO SEI!

Copyright 1946, N. Y. Post Corp.

DRAGO

Nº 50

Por Hogart

CESAR QUER APODERAR-SE DO COBRE EXISTENTE NAS TERRAS DOS RANCHEIROS. ATEU FOGO NA ALDEIA E, PARA EVITAR SUSPEITAS, PÔS A CULPA EM DRAGO. TENDO FRACASSADO ESTE PLANO, ELE TENCIONA MATAR DON PEDRO, O PAI DE FLAMINGO, E POR TAMBEM A CULPA EM DRAGO.

ESTA' CALADO ESTA NOITE, DRAGO. DEVIA ESTAR CONTENTE. AFINAL A ALDEIA FOI SALVA.

ESTOU PENSANDO FLAMINGO, NA POUCA MEMORIA DA NOSSA GENTE.



COMO ASSIM, CESAR?

ESQUECEM-SE FACILMENTE DAS COISAS. E FOI POR CAUSA DISSO QUE DRAGO ATEU OS INCENDIOS PASSADOS. PERIGO, ELES SE ESQUECEM DO CULPADO.



ORA, CESAR, NAO, PODEMOS CENSURA-LOS POR ESTAREM CONTENTES. O TIGRE DOS PAMPAS SALVOU NOSSOS LARES. TEMOS UM NOVO CAMPEAO CONTRA MAL. AH, CESAR, QUE HOMEM!



O TIGRE? BAH! ESCONDE O ROSTO SOB UMA MASCARA! NAO E' COMO EU, FLAMINGO.

ESTA COM CIUMES? NAO ME ESQUECER DO TIGRE, MAS TOME O MEU CONSELHO... ESQUEÇA-SE DE DRAGO! BOA NOITE!



VOCÊ ME DIZ PARA ME ESQUECER DE DRAGO... MAS QUERO VER, FLAMINGO, SE VOCÊ SE ESQUECERÁ DELE DEPOIS QUE SEU PAI MORRER!



SE EU LHE DISSER QUE FOI DRAGO QUE O MATOU!



REZE, DON PEDRO, PORQUE VAI MORRER!



CRACK!



UM TIRO... E VEIO DA ALDEIA! VAMOS, DIABLO!

Copr. 1916, N. Y. Post Corp.

10-13-44

OS NEGÓCIOS DA CAIXA ECONÔMICA DO RIO DE JANEIRO, ATRAVÉS DO RELATÓRIO DE 31 DE DEZEMBRO

O Balanço Geral da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, referente a 31 de Dezembro de 1948, é, sem dúvida, um documento que exprime com exatidão o quanto tem feito sua atual administração em prol do desenvolvimento do crédito e economias populares. Esse quadro demonstrativo que agora vem a público, expondo claramente a situação da prestigiosa autarquia, exhibe algarismos que bem revelam um grande movimento financeiro, e atestam eloquentemente os magníficos resultados de uma gestão honesta e capaz. Por isso mesmo é que o Balanço merece divulgação ampla, não através de seus quadros, onde falam bem alto e com clareza os números, mas por meio de notícias ou comentários, que levem à população desta grande Metrópole a convicção de que no Brasil os poderes públicos tudo vêm fazendo no sentido de introduzir nos hábitos do povo a ideia da poupança.

Com uma soma de Cr\$ 6.991.389.853,50, apresenta o Ativo algarismos que oferecem exame aos estudiosos de questões financeiras e aos que depositam na caixa suas economias, encorajando-os a assim continuarem fazendo, haja vista o atestado de desenvolvimento que eles evidenciam. De início, o Ativo fixa os Valores disponíveis na Tesouraria, nos Bancos e no Tesouro Nacional, os quais montam a Cr\$ 292.289.390,70. Os valores em Circulação, num total de Cr\$ 3.014.781.971,70, representam a poderosa cooperação da Caixa Econômica na solução do problema da habitação com a aquisição da Casa Própria. Os empréstimos a longo prazo sobre garantias simultâneas, hipotecas e outras, atingiram a Cr\$ 1.763.765.202,30, enquanto que os a médio e a curto são representados por Cr\$ 666.980.197,60, oferecendo, assim, essas duas classes de empréstimos um total de Cr\$ 2.430.745.399,90. Este total, representando um extraordinário aumento sobre as operações daquele gênero realizadas no exercício anterior, demonstra que a prestigiosa instituição continua fiel ao bem servir à população da cidade, colaborando eficazmente nas construções de belos edifícios e ótimas residências para todos os que apelam para as economias populares ali depositadas e sábiamente ministradas.

Os empréstimos de Mutação, representados por Cr\$ 466.041.396,10, e os Transitórios, fixados em Cr\$ 117.995.175,70, completam os Valores em Circulação. Os Valores Patrimoniais, representados por ações das Companhias Hidro-Elétrica São Francisco, Siderúrgica Nacional, Vale do Rio Doce, Cauções Imóveis, Móveis e Utensílios, Museu, Veículos, etc., estão fixados em Cr\$ 217.116.319,40. Encerram o Ativo as Contas Paralisadas — Valores de Compensação, Depositários de Valores, Contratos de Empréstimos Mutuários — cujas parcelas atingem a soma de Cr\$ 3.467.202.171,70.

O Passivo, também evidenciando a invejável situação da Caixa Econômica ante a confiança popular, oferece, como é natural, soma igual à do Ativo, ou seja Cr\$ 6.991.389.853,50, constituindo os Depósitos. As classes menos favorecidas da fortuna ali depositaram em 1948 o total de Cr\$ 2.494.290.692,20, total este que supera por larga margem o do ano anterior. É conveniente frisar-se que nesse total não estão incluídos os Depósitos Escolares, com Cr\$ 10.813.151,90, os Comerciais com Cr\$ 122.658.706,50, os de Prazo Fixo com Cr\$ 83.534.582,60, os de Aviso Prévio com Cr\$ 168.121.736,90, e os em Liquidação com Cr\$ 6.787.701,50. Os Depósitos Voluntários oferecem, assim, um total de Cr\$ 2.886.206.571,70. Os Depósitos Compulsórios, constantes de Cauções e Judiciais, figuram no Balanço com a importância de Cr\$ 99.359.844,70. Na parte referente às Contas Exigíveis, o Balanço ainda consigna as Transitórias, com a importância de Cr\$ 108.419.549,10. Depois vêm as Contas de Regularização com Cr\$ 34.413.570,30; as Patrimoniais, com Cr\$ 395.788.146,10; e as de Compensação, num global de Cr\$ 3.467.202.171,70.

Os quadros demonstrativos da Despesa e da Receita, relativos ao segundo semestre de 1948, os quais, como os anteriores, revelam claramente o progresso da Caixa Econômica, completam o Balanço Geral. Do quadro da Despesa, um fato importante deve ser ressaltado: trata-se dos juros pagos por aquela instituição durante o segundo semestre do ano referido. Os juros Devedores tiveram um montante de Cr\$ 60.802.736,80, sendo de notar que somente os Depósitos Populares absorveram Cr\$ 52.377.900,70.

As pequenas economias da infância escolar, constituindo os Depósitos Escolares, tiveram Cr\$ 165.569,60 de juros, o que demonstra também que aumenta de ano para ano a cooperação dos pequenos estudiosos. O Balanço Geral, por seus números, que só traduzem o que de mais real pode-se dizer do progresso de uma instituição com os fins como o da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, evidencia de modo extraordinário o desenvolvimento dos negócios desse estabelecimento de crédito popular, graças aos seus administradores, que não têm poupado esforços nesse sentido, aumentando também a incontestável confiança dos que ali depositam suas economias, adquiridas depois dos incessantes labores de todos os dias.

A VIDA ATRIBULADA

(Continuação da pág. 50)

tira-se para o Rio de Janeiro, onde vem ocupar o cargo de Inspetor de Trabalho — posto que abandonou meses depois ao lhe ser negada licença para candidatar-se à deputação federal pelo seu Estado. Eleito Deputado Federal, em 1934, logo se destaca na sua intransigência de oposicionista. Por ocasião do golpe comunista de 1935 — o sr. Café Filho se faz porta-voz de quantos se diziam vítimas de violências e logo foi referido como "Comunista".

O GOLPE DE 37 E O EXÍLIO NA ARGENTINA

Meses antes do novembro fatídico de 37, a Câmara e o Senado em pleno funcionamento, o sr. Café Filho, vítima da solécia de adversários políticos, vê sua residência cercada por elementos da Ordem Política. Consegue mais uma vez burlar a vigilância e vai solicitar asilo na Embaixada Argentina. E, pouco depois, embarca com destino à Capital portenha. Na passagem do navio Pedro II, que o transportava, pelo porto de Santos, enorme é o aparato policial no Cáis, o mesmo acontecendo nos demais portos brasileiros do sul. Ao chegar a Montevideo, é impedido de desembarcar pela polícia uruguaia e a mesma proibição é mantida para visitas à bordo — fato que mereceu protesto da imprensa do vizinho país e do atual deputado Flores da Cunha, também exilado no Uruguai.

RECEBIDO EM BUENOS AIRES PELA POLÍCIA

A chegada em Buenos Aires em nada aparentava diferença da terra brasileira. A polícia argentina compunha o "comitê" de recepção. Até o quarto que foi designado para o sr. Café Filho, permanecia constantemente vigiado — inclusive um "secreta" que lhe fazia companhia, na cama ao lado da sua... Fato que causou estranheza também ocorreu na capital argentina: o sr. Café Filho foi levado a chefatura de polícia e... fichado como agitador internacional! Era bem um sinal dos tempos...

AFINAL EM GOZO DE LIBERDADE

O 10 de novembro surgiu. A situação ficou confusa. Nessa época, por um decreto especial do General Justo, o sr. Café Filho foi internado, oficialmente, com um estipêndio mensal de 150 pesos (que só recebeu no primeiro mês) na província de Córdoba, onde chegou dias depois acompanhado por um policial. Todavia, a província de Córdoba era governada por uma ala liberal, e o chefe de polícia na mesma tarde ordenou o regresso do detetive dando plena liberdade ao exilado.

REGRESSO AO BRASIL

Afinal, por intermédio do ex-embaixador argentino nesta Capital, sr. Carcano, em "demarches" demoradas, o sr. Café obteve permissão do governo brasileiro para regressar à sua terra, fato que ocorreu em 3 de maio de 1938. Durante os anos sombrios que precederam à queda do regime implantado em 1937, o sr. Café Filho se manteve afastado da política, dedicando-se a seus afazeres particulares.

DEPUTADO FEDERAL EM 1945

No reinício das atividades políticas, em 1945, o sr. Café Filho voltou ao Rio Grande do Norte, tomando parte ativa na campanha eleitoral de que saiu vitorioso como candidato a Deputado Federal, obtendo mais de 17.000 votos em seu estado natal.

Quando acabamos de colher os dados, de que nos valem para a narrativa acima, já se aproximava a hora do almoço. O clássico almoço em família, frugal, simples, sem etiquetas, para o qual fomos gentilmente convidados.

Novos flagrantes, apertos de mão, etc. Já na porta, duas perguntas banais:

— O sr. é formado?

— "Sou diferente até nisso... Não sou "doutor", positivamente, porque não me deram socôgo para isso... Entretanto, tenho "advogado" muito..."

— Gosta do seu nome?

O brilhante parlamentar sorri, e responde prontamente:

— "Se todo brasileiro gosta de café, por que não haveria eu de gostar dele?..."



ANGELUS RAVEL

QUANDO Saul Baizermann apanha o cinzel especial e o martelo de ferro que usa para modelar suas composições, com a técnica de que é exclusivo conhecedor — o barulho que faz, muito se parece com o que poderia fazer um "pica-páu" dentro de uma lata de querosene...

É que Saul Baizermann não realiza suas esculturas com o material comumente empregado para essa modalidade de arte — mas sim com chapas finas de cobre moldável...

Recentemente, um corretor de imóveis — que mora em frente ao seu estúdio — tentou mover um processo contra o artista — constituindo advogado para representar os moradores vizinhos ao gabinete de trabalho do escultor com o louvável objetivo de "acabar com aquela barulheira infernal". Todavia, pelo único motivo de ser a maioria dos residentes seus vizinhos de nacionalidade ou origem italiana... a tentativa não vingou. Baizermann explicava mais tarde o insucesso da empreitada: "Para o italiano, a Arte é quase uma religião..."

★

A Arte parece ser também quase uma religião para Saul e sua esposa Eugênia, pintora de algum mérito e muita originalidade. Em sua modesta residência de Greenwich Village, o casal vem trabalhando há cerca de vinte e cinco anos. As paredes de todos os cômodos estão cheias de quadros e por toda parte se vêem vestígios do árduo trabalho de Baizermann. Uma de suas últimas obras é de um tamanho tão grande, que Saul somente agora é que percebeu que talvez não a possa tirar de casa — a não ser que a destrua em parte ou enão... iniciou a demolição da parede do estúdio... Quanto à sua esposa — Eugênia — no quadro que está compondo atualmente, já empregou até agora cerca de 825 tonalidades de cores diferentes... contadas pelo próprio Baizermann.

★

Desde a sua primeira exposição, realizada na Galeria de Artes da 57.^a Avenida, em Nova York, Saul Baizermann vem merecendo elogios por parte dos críticos notáveis. O inventor do cinzel especial para modelar chapas de cobre é o único escultor a empregar esse material na arte da escultura, o que aliás não deixa de produzir efeitos magníficos quando a obra acabada.



Saul Baizermann terminando uma de suas obras. Ele emprega chapas de cobre moldável para realizar suas esculturas

"Devido às vibrações violentas e a dureza do material tenho que usar um cinzel por dia, pois a aresta se gasta rapidamente". Saul Baizermann nasceu na Rússia e, durante longos anos, prosseguiu em seus estudos em várias capitais da Europa e em muitas cidades dos Estados Unidos. Até que conseguiu aprimorar a sua técnica nessa nova modalidade de escultura. No ano passado, conquistou o primeiro lugar no concurso de estátuas realizado em Nova York para a escolha da obra que deveria ser erigida em frente ao Túmulo do General Grant. Entretanto, por ter a Comissão promotora exigido uma retificação nos originais apresentados para julgamento Baizermann recusou-se a fazê-la, alegando a impossibilidade de aceitar uma sugestão que contrariava a sua sensibilidade artística.

O casal Baizermann dá um grande valor às suas obras, cobrando preços elevadíssimos pelo que produzem. Numa de suas últimas exposições realizadas em Long Island, havia uma escultura sua, cujo preço de venda ascendia a 25.000 dólares! "Não me importo se ninguém deseja comprá-la por esse preço — dizia aos jornalistas — o trabalho é meu e somente eu posso dar o justo valor a ele..." "E a ninguém interessa também — se não a nós dois mesmo — se algum dia viermos a morrer de fome por isso..."

NOTÍCIAS

Henri Georges Clouzot, o notável diretor de "Crime em Paris" e "Trágica Inocência", terminou recentemente a filmagem de "L'Assassin Habite au 21", um policial que não desmerecerá, certamente, seus trabalhos anteriores. Nos papéis principais estão Pierre Fresnay e Suzy Delair.

★

O contrato ainda é dessas coisas preciosas que os produtores cinematográficos não deixam de louvar constantemente. Não fôsse isso e o sucesso de um artista estaria em constante leilão, pois ele daria preferência a quem pagasse melhor... Richard Conte, por exemplo, que consideramos uma das figuras promissoras da atual geração cinematográfica americana, assinou um contrato de 7 anos que lhe exibiu a 20th Century Fox, depois que viu o completo êxito de "Uma Vida Marcada", onde ele aparece em primeiro plano. Darryl Zanuck acredita que Conte será um dos maiores nomes do cinema, antes que 1949 chegue ao seu fim.

★

A história dos paraquedistas mereceu do cinema americano um certo destaque. Entre as boas produções do gênero, podemos citar "Um Punhado de Bravos" (Objective Burma), a epopéia cinematográfica em que Raoul Walsh empregou toda a sua experiência e habilidade, tirando a fita uma das maiores criações de sua carreira. O tema não foi esquecido, e terá sempre boa aceitação desde que seja bem feito. O cinema francês vem de realizar, por isso, "Nosso Sacrifício, Nossa Glória" (Le Bataillon Du Ciel), filme que descreve com profundo realismo o drama dos heróicos "soldados do ar", que colocam o dever acima da vida. Seu objetivo é focalizar as atividades de famoso batalhão de paraquedistas do exército gaules em atividade no "front", na árdua luta pela liberdade. Pierre Blanchard tem o principal papel e a direção coube a Alexander Esway.

★

A Metro está acabando de terminar a construção de sua segunda escola de sereias, que receberá o título de "Neptune's Daughter". Até o momento, já estão matriculados os seguintes alunos: Esther Williams, Red Skelton, Ricardo Montalban, Betty Garrett, Keenan Wynn e Xavier Cugat e sua orquestra. A direção é de Edward Buzzell. Nathalie Kalmus comparece para dar a "cor local".

★

Walter Plunkett, o mesmo desenhista de todos os vestidos de Vivien Leigh e Olivia de Havilland em "...E o Vento Levou", desenhou os modelos que Greer Garson, exibirá em "The Forsyte Saga". Para um dos vestidos, aliás, Walter criou o "Verde Garson", que combina muito bem com o vermelho de seus cabelos. O diretor do filme será Compton Bennett, que dirigiu "Sétimo Veu" na Inglaterra. Sabem quem será o galã? Errol Flynn, amigos. E Janet Leigh, a encantadora figurante de "Inverno D'Alma", completa o triângulo.

★

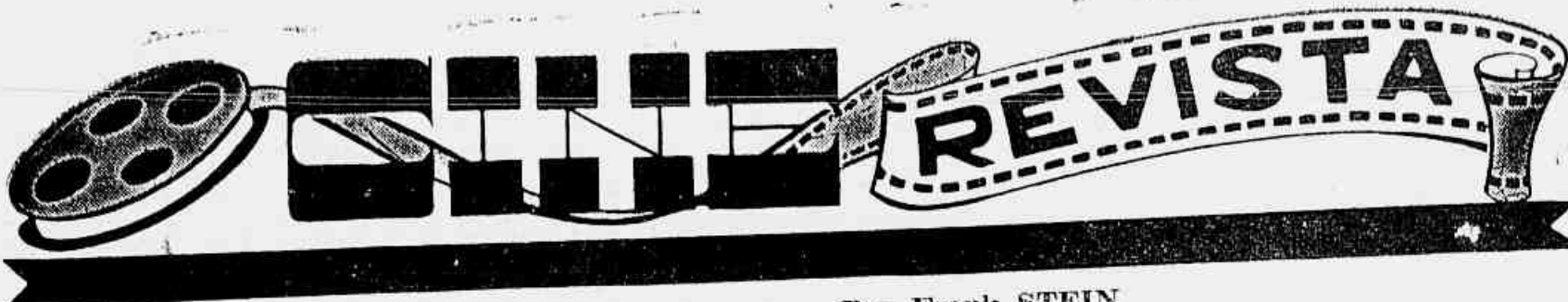
"A Outra" (L'Altra) — é a história emocionante de uma mulher que não pode fugir à voz da consciência. Premiado no festival bienal de Veneza, tem como intérpretes Fosco Giachetti, Blanchette Brunoy, Maria Michi, e outros. Diretor: Carlo Ludovico Bragaglia.

★

"Hadji Murad", célebre romance de Leon Tolstói, foi levado às telas italianas, sob o título de "O Diabo Branco". Nessa película, onde se focaliza de forma brutal a eterna luta entre a força e o direito, figuram Rossano Brazzi, Annette Bach, Rodano Lupi, etc.

★

Paschoal Segreto inaugurou, há pouco, mais um cinema. O "Presidente", localizado na Praça Tiradentes, com capacidade para 1.200 pessoas, dotado de poltronas estofadas e ar condicionado, atenderá, assim, ao público carioca com lançamentos de filmes europeus. Pena é que não exista um desses cinemas em Copacabana e na Tijuca, evitando ao público de ir à cidade para aplaudir as produções francesas e italianas de após-guerra, cujos filmes têm tido a melhor aceitação possível. De qualquer forma, Segreto está de parabéns. E o público, idem.



LE DIABLE AU CORPS

Antes de tudo, humano

No leito, segurando a mão de seu marido, ela pronuncia, apressa em explicar que é o nome do menino que nasceu.

Argumento delicado e ousado. Mas nem por isso deixa de ser humano, extremamente humano. Em cada esquina de situações não são forçadas e todos os acontecimentos se desenvolvem naturalmente. Nada é falso. A história de "Le Diable Au Corps" é um drama genuinamente humano, baseado no romance de Raymond Radiguet, feito com uma adaptação com inteligência e gosto. Claude Autant-Lara, seu diretor, não desperdiça nenhum detalhe, penetra nas coisas mínimas, nos gestos mais insignificantes. Mas não se perde em bobagens, porque, apesar das minúcias, sua narrativa é crua e direta. Sua descrição é corrente, sem interrupções, dentro de uma linguagem fluente, de um estilo elegante e sóbrio. Para isso, muito contribuiu o corte e a montagem, revelando a mão de um mestre. A continuidade é perfeita e o ritmo seguro, sem deslizes. Acompanha-se a narrativa como quem está tomando parte ativa no argumento, pois os fatos se sucedem com perfeita naturalidade.

"Adúltera" é um drama de amor. Os tipos estão bem marcados, são humanos, e vivem com absoluta fidelidade os seus papéis. A história de Martha é triste. Moça sem experiência, e influenciada pelos conselhos maternos, casa-se com um militar que está de partida para o "front". Nas vésperas do casamento, conhece, casualmente, um jovem estudante de 17 anos, mais novo do que ela. O rapaz se apaixona por ela, evidentemente, a beleza e a personalidade daquela mulher apaixonariam qualquer um. E Martha retribui esse afeto. Ainda indecisa, ela se deixa entusiasmar pela idéia do casamento, mas seu coração não deixa de pertencer ao jovem. Novamente se encontram e o amor entre os dois é inevitável. Com a ausência do marido, ambos se vêem envolvidos pela paixão que os domina, que os prende, que os faz esquecer o mundo. O dever moral não existe. O amor cresce cada vez mais. Ele, desprotegido, uma criança ainda; ela, alheia a tudo, resuma nele a sua vida, sem preocupar-se muito com o futuro, embora a sua intuição feminina lhe ditasse todos os próximos acontecimentos. O nascimento de um filho e o término da guerra, viriam abrir seus olhos. A tensão nervosa domina suas almas infantis. A irresponsabilidade cede lugar à razão tarde de mais. Quando a força do amor não pode mais ser dominada. Passo a passo, a trama vai chegando ao auge. Quando resolve abandonar o rapaz, este fica alucinado. Segue-a. E as coisas se transformam novamente. Os dois se querem. E a mãe da pequena se interpõe, quando uma crise violenta a ataca e ela morre na maternidade, depois de dar à luz um filho, em delírio, o nome do outro: "François". Mas a mãe se

Por Frank STEIN

ADÚLTERA (Le Diable Au Corps)

Há quem diga que este seja um filme audacioso. Em verdade, não existe audácia quando se trata de Arte. Qualquer fato, quando bem relatado, dentro dos princípios que regem a Moral e a própria Arte, merece especial atenção. "Le Diable Au Corps" é um drama genuinamente humano, baseado no romance de Raymond Radiguet, feito com uma adaptação com inteligência e gosto. Claude Autant-Lara, seu diretor, não desperdiça nenhum detalhe, penetra nas coisas mínimas, nos gestos mais insignificantes. Mas não se perde em bobagens, porque, apesar das minúcias, sua narrativa é crua e direta. Sua descrição é corrente, sem interrupções, dentro de uma linguagem fluente, de um estilo elegante e sóbrio. Para isso, muito contribuiu o corte e a montagem, revelando a mão de um mestre. A continuidade é perfeita e o ritmo seguro, sem deslizes. Acompanha-se a narrativa como quem está tomando parte ativa no argumento, pois os fatos se sucedem com perfeita naturalidade.

"Adúltera" é um drama de amor. Os tipos estão bem marcados, são humanos, e vivem com absoluta fidelidade os seus papéis. A história de Martha é triste. Moça sem experiência, e influenciada pelos conselhos maternos, casa-se com um militar que está de partida para o "front". Nas vésperas do casamento, conhece, casualmente, um jovem estudante de 17 anos, mais novo do que ela. O rapaz se apaixona por ela, evidentemente, a beleza e a personalidade daquela mulher apaixonariam qualquer um. E Martha retribui esse afeto. Ainda indecisa, ela se deixa entusiasmar pela idéia do casamento, mas seu coração não deixa de pertencer ao jovem. Novamente se encontram e o amor entre os dois é inevitável. Com a ausência do marido, ambos se vêem envolvidos pela paixão que os domina, que os prende, que os faz esquecer o mundo. O dever moral não existe. O amor cresce cada vez mais. Ele, desprotegido, uma criança ainda; ela, alheia a tudo, resuma nele a sua vida, sem preocupar-se muito com o futuro, embora a sua intuição feminina lhe ditasse todos os próximos acontecimentos. O nascimento de um filho e o término da guerra, viriam abrir seus olhos. A tensão nervosa domina suas almas infantis. A irresponsabilidade cede lugar à razão tarde de mais. Quando a força do amor não pode mais ser dominada. Passo a passo, a trama vai chegando ao auge. Quando resolve abandonar o rapaz, este fica alucinado. Segue-a. E as coisas se transformam novamente. Os dois se querem. E a mãe da pequena se interpõe, quando uma crise violenta a ataca e ela morre na maternidade, depois de dar à luz um filho, em delírio, o nome do outro: "François". Mas a mãe se

Gérard Phillip, o ator de "O Idiota", tem uma "performance" excelente. Não se pode dispor de seu talento, que é inegável, e esta caracterização sem falhas bem o comprovam. Micheline Presle acompanha-o de perto, com uma ótima interpretação. Os demais, J. Debucourt, Denise Grey, Palau e Jean Varas, mantêm-se à altura dos principais, embora com papéis menores. (Produção de Paul Graetz; distribuição da U-International. Impr. para menores de 18 anos.)

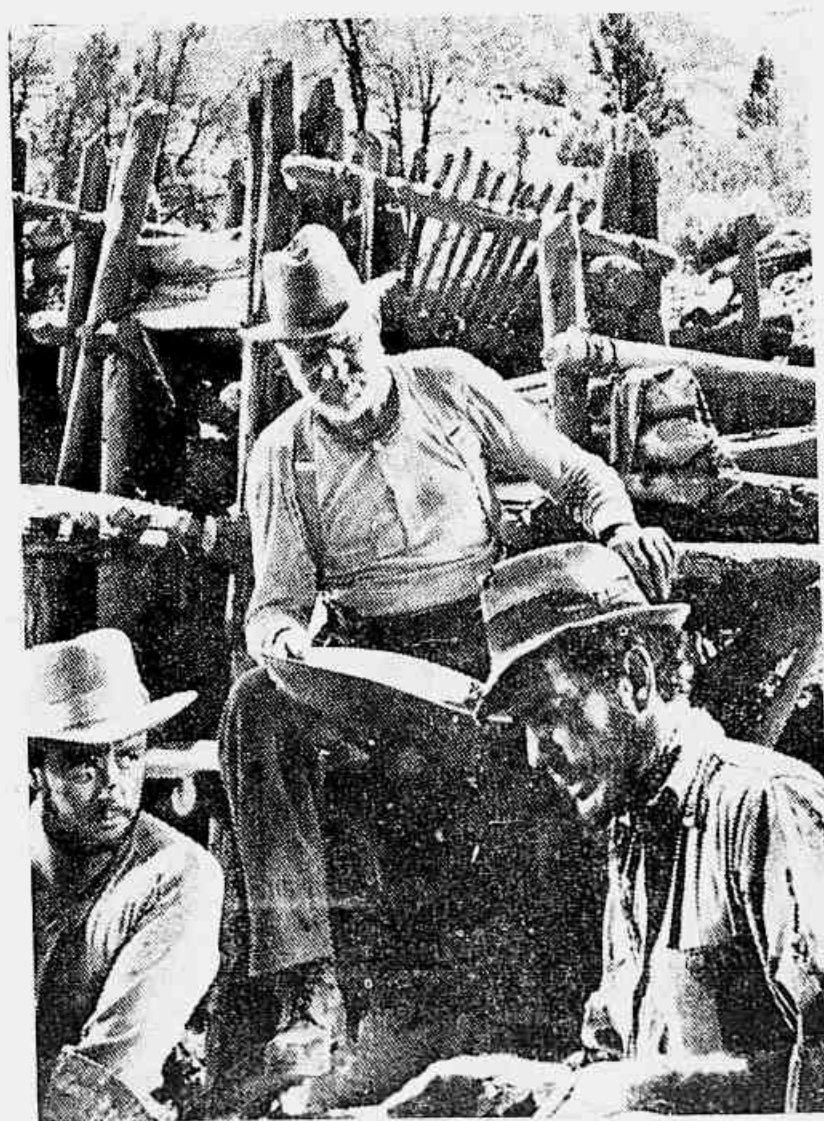
O TESOURO DE SERRA MADRE

(The Treasure of Sierra Madre)

ESSE filme é, antes de mais nada, uma fábula. Mas aqui não são os bichos que adquirem personalidades humanas; antes, os homens é que se transformam em animais. Em toda a sua história, predomina o sentimento de ambição que reside, latente, no coração do homem, e que, numa explosão violenta, fá-lo mudar inteiramente de caráter. O ouro simboliza, no argumento, os ideais humanos, pelos quais os homens se deixam prender, tornando-se, por vezes, verdadeira obsessão. Deixa de existir para eles, portanto, a noção de direito, de justiça, de honestidade. A tentação infiltra-se em seu sangue, prende-se à sua carne, e de tudo eles são capazes para alcançarem o seu objetivo.

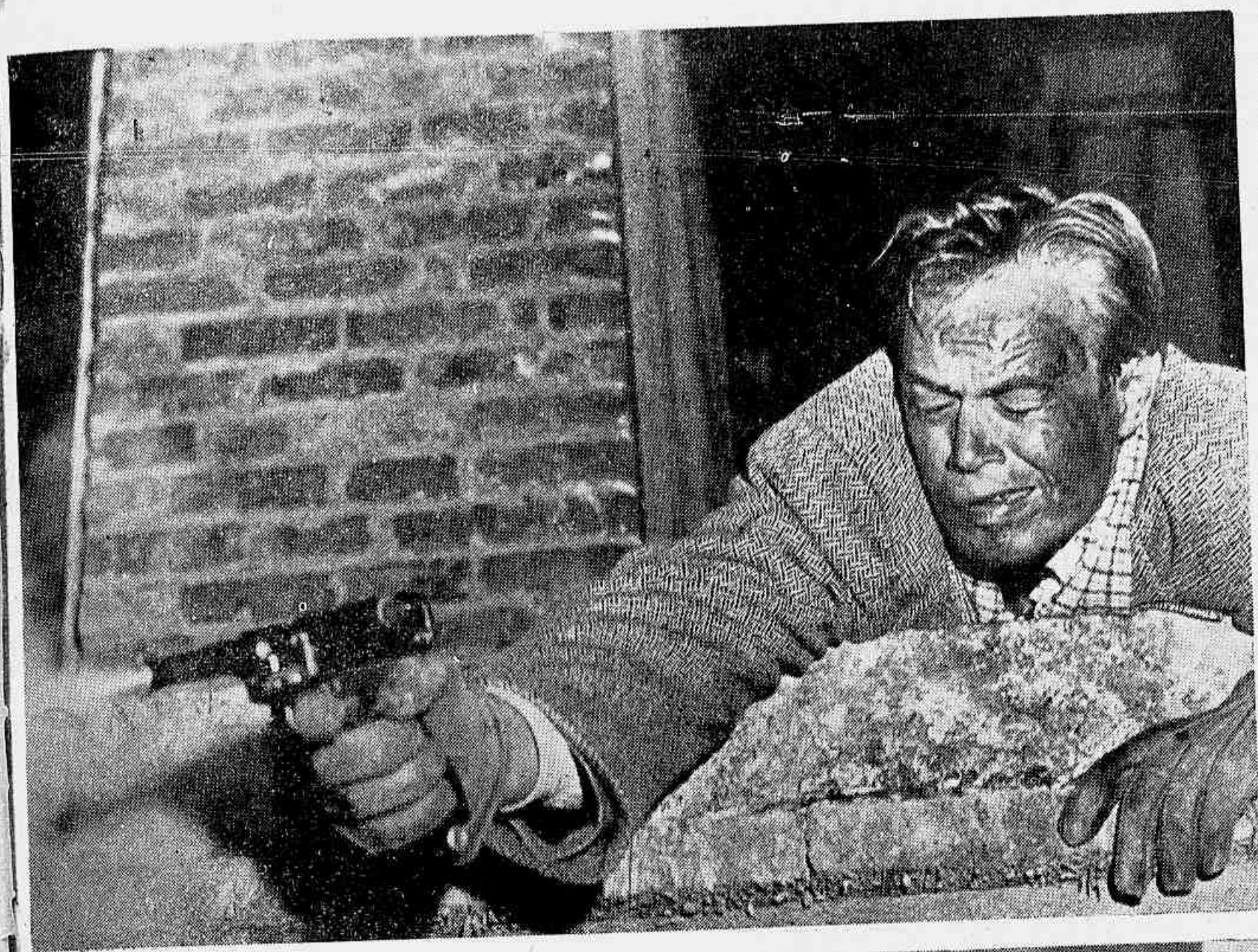
John Huston, debaixo dessa filosofia de que "quem tudo quer, tudo perde", constrói uma fábula à maneira de La Fontaine. E forja, assim, à força de sua habilidade, uma belíssima lição de moral, para crianças e adultos. A história é simples: nada tem de original. Focaliza três homens, arruinados financeiramente, que não encontram oportunidade alguma na vida. Afastados de sua terra natal, não conseguem emprego no local em que se acham, em Tampico, no México. Evidentemente, a sorte não lhes ajuda, e os bilhetes de loteria lhes rouba os poucos níqueis que conseguem para o pão diário. Decidem-se, então, a partir em busca de ouro, numa montanha, a algumas léguas dali. Acostumados a tudo, passam a considerar aquela empreitada não como uma simples aventura, mas como um jogo onde teriam de arriscar a própria vida em troca de uma fortuna ambicionada. Arranjam o dinheiro necessário para a árdua jornada e partem em busca do precioso metal. Depois de inúmeros sacrifícios, e já com os primeiros frutos de seu trabalho na mão, constroem castelos e seus sonhos se multiplicam. Nada os satisfaz, nascendo sempre e sempre uma vontade imperiosa de conseguir mais e mais. Nada lhes é suficiente, porque a sua ambição não tem freios. Passam a cobiçar a fortuna dos companheiros e surge, daí, o sentimento de desconfiança. Suas idéias fixam-se

(Continua na pág. 57)



THE TREASURE OF SIERRA MADRE

Extremamente violento



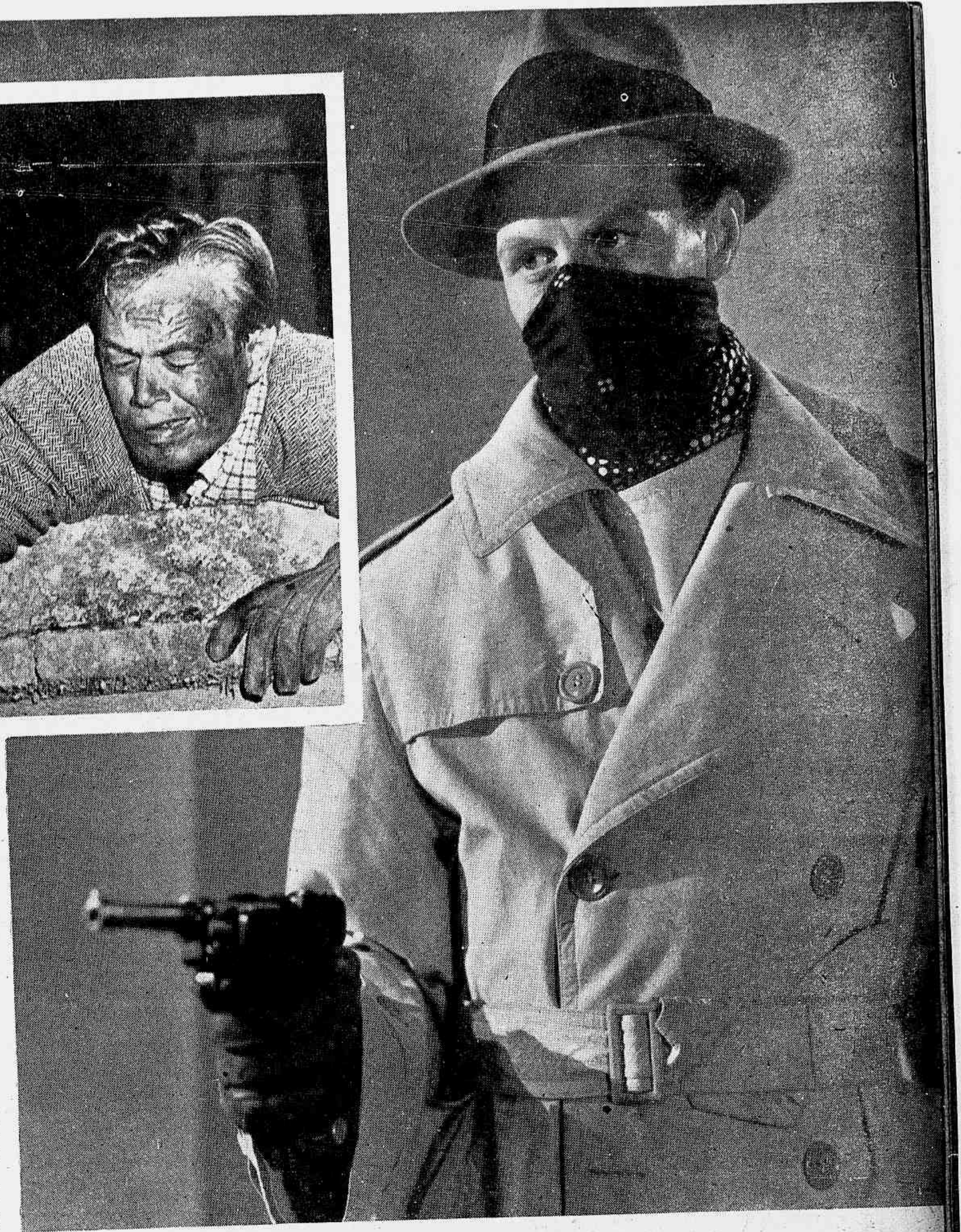
Renasce a "era do gangsterismo" no cinema. Em cima: Richard Widmark, a revelação de "O Beijo da Morte", transforma-se no mais perverso "gangster" da tela. Será por isso que está ficando mascarado?...

VOLTA HOLLYWOOD A COMBATER O CRIME!

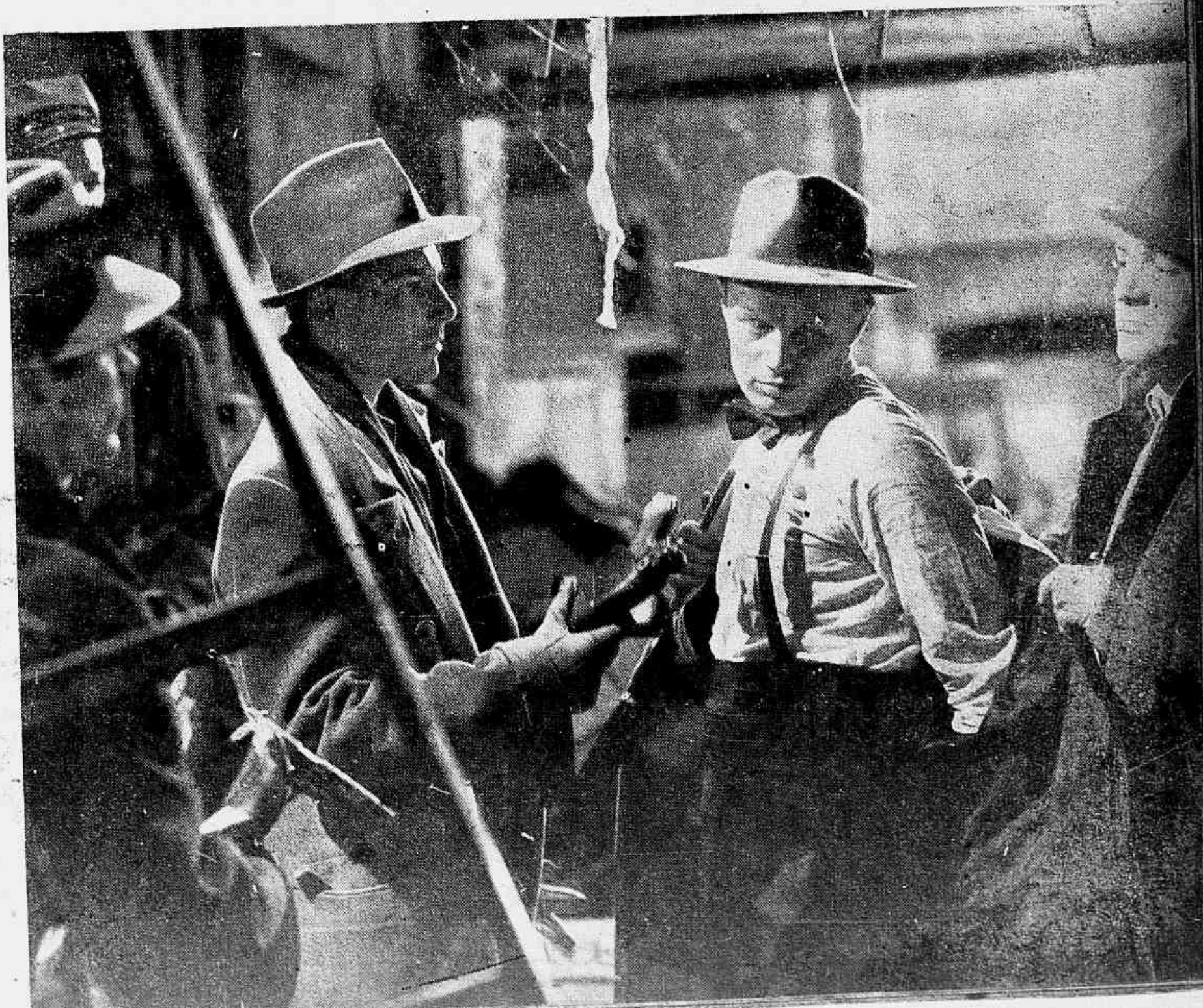
OS FILMES de "gangsters" tiveram sua época áurea, quando "Little Caesar" elevou Edward G. Robinson ao apogeu; quando "Public Enemy n. 1" transformou James Cagney num ídolo; quando Paul Muni viu a glória com sua interpretação em "Scarface" e quando Humphrey Bogart começava a ser notado em "Dead End". Hollywood travava séria e violenta luta na caça aos criminosos que infestavam New York e Chicago. Todos esses "astros" enriqueceram rapidamente — à custa de assaltos em bancos, de contrabando de mercadorias, de crimes de morte. O cinema havia estandardizado seus tipos e eles se tornaram célebres, mundialmente conhecidos. Seus nomes já estavam consagrados e o seu prestígio garantido. Por isso, pouco a pouco, eles foram se regenerando — pois os próprios argumentos de seus celulóides os convenceram de que "o crime não compensa"...

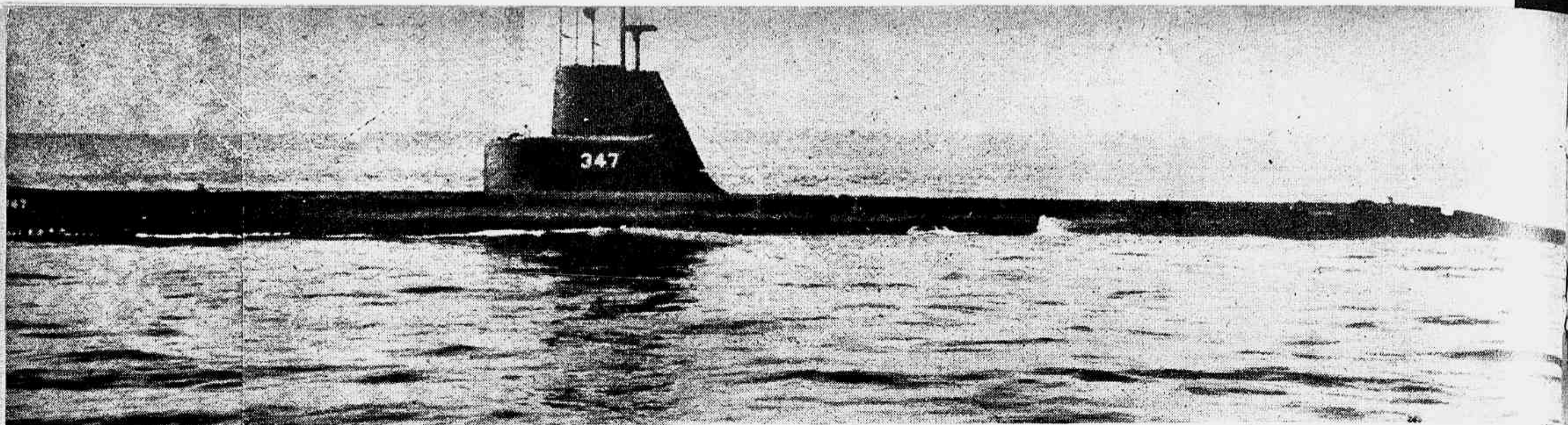
Houve um grande silêncio. Hollywood parecia ter exterminado o crime. Mas, em verdade, suas câmeras saíram de casa para focalizar os canhões, os carros de assalto, as fortalezas-voadoras e as bombas-atômicas que destroçavam os povos, numa guerra lenta e cruel. Suas lentes aumentavam o fogo que envolvia toda a humanidade, alastrando-se vertiginosamente. O mundo inteiro tornara-se assassino — com a justificativa de que "matar era um dever", até que a bandeira da paz envolvesse o globo. De volta ao lar, as câmeras cinematográficas ficaram surpresas. Porque, à semelhança do Rio de Janeiro, o índice criminal subia assustadoramente, não só em New York e Chicago, como em várias outras cidades. O cinema, sozinho, não podia tomar a si a responsabilidade de uma nova investida. A crueldade sangrenta da guerra havia acostumado o público à uma realidade crua e brutal. E o cinema, dentro de seus estúdios, não lhe podia oferecer essa realidade. Dai recorrer ao auxílio do F.B.I. (Federal Bureau of Investigation) — organização americana de segurança pública das mais eficientes do mundo, semelhante à Scotland Yard, de Londres. O F.B.I., que havia prestado relevante serviço durante a guerra, na dissolução das redes de espionagem, colaborando mesmo com o cinema naquele célebre filme — "A Casa da Rua 92" — não se negou a prestar a sua colaboração em tempos de paz, na luta contra o crime.

"Rua Sem Número" (Street With No Name) é um filme de semi-documentário, gênero iniciado com "House on 92nd Street" e seguido por "13, Rua Madeleine", "Cali Northside 777", "Boomerang", "Kiss of Death", "The Naked City", e vários outros, onde as cenas principais são rodadas nos próprios locais dos acontecimentos. Fictício ou não (alguns desses filmes são baseados em casos verídicos) seu argumento toma todas as formas e características da realidade. Aqui temos a história de um temível "gangster" e seu bando, que são procurados pela polícia. O filme nos mostra todos os processos de ação do F.B.I. em tempos de paz, e segundo o seu diretor, J. Edgar Hoover, a 20th Century Fox pode orgulhar-se de ter realizado um trabalho sincero e digno. Película violenta, William Keighley, seu diretor, fez questão de lhe imprimir um cunho realista, não poupando ao público a oportunidade de ver as cenas mais brutais e chocantes, muito habituais no mundo do crime. Richard Widmark, seu principal personagem, revela-se, nesse papel, o mais perverso "gangster" que o cinema já nos apresentou. Mark Stevens faz um agente do F.B.I.; Lloyd Nolan, um inspetor, e a loura Barbara Lawrence, que é um amor de pequena, faz a esposa do "gangster", num papel que a elevará ao estrelato. A ação do argumento passa-se numa rua sem nome, que bem poderia ser em qualquer cidade do mundo onde quer que seja, pois sempre haverá ali um "gangster", um malfeitor, um assassino, que cria o mundo de crime, e de tragédia. E sempre haverá também um F.B.I. que faça a limpeza da maldade e da crueldade humana. Partindo das próprias declarações de Mr. Hoover, diretor do F.B.I., publicadas na célebre coluna de Walter Winchell, até críticos especializados, trata-se de um filme violento e brutal, e que faz reviver, de uma forma mais crua e mais objetiva, a "era do crime" no cinema.



Em baixo: J. Edgar Hoover, diretor do Federal Bureau of Investigation, diz que "A Rua Sem Nome" é um filme violento, mas um relato sincero e emocionante da ação do F. B. I. na luta contra o crime





Éis o perfil do novo dispositivo. Válvulas especiais, de controle elétrico, impedem a entrada de água no respiradouro, que fica a uns 30 centímetros da superfície

O SUBMARINO DO FUTURO

O NOVO TIPO DE SUBMERSÍVEL QUE
FODE "RESPIRAR" QUANDO MERGULHA

UM novo tipo de submarino, recentemente experimentado pela Marinha dos Estados Unidos, veio revolucionar por completo a estratégia, até hoje empregada, nas operações da chamada "guerra anti-submarina".

Trata-se, nem mais nem menos, de que um submersível, dotado de grande velocidade, em águas profundas, e que se encontra aparelhado para manter continuamente ventilado o seu interior, como se estivesse com as escotilhas abertas, à superfície do oceano.

O antigo perfil dessa sinistra e poderosa arma ofensiva foi consideravelmente melhorado agora, e o "Snorkel" — assim denominado um dos tipos construídos para experiência — no seu aspecto exterior, é uma elegante nave, de linhas aerodinâmicas.

★

Nas operações de guerra do Pacífico, durante os desembarques executados pelas forças navais norte-americanas, e no aprovisionamento de víveres e munições, às guarnições de Corregidor e Bataan, os submarinos da Marinha de Tio Sam realizaram proezas incriveis de eficiência. Chegando a transportar mais de 100 homens perfeitamente equipados, aqueles submersíveis dispunham, ainda, de plataformas especiais de desembarque — do tipo das usadas nas famosas lanchas dos "comandos britânicos".

O equipamento mais moderno, usado nos submersíveis durante a Segunda Guerra Mundial, pode hoje em dia ser considerado obsoleto, se levarmos em conta a enorme variedade de dispositivos e instrumentos eletrônicos introduzidos, e a grande diversidade dos chamados elementos protetores "anti-radar" — de que dispõe o "Snorkel" — e que vêm oferecer às naves de profundidade, excepcionais garantias de segurança, quando em missão numa guerra futura.

A par desses melhoramentos em seu sistema defensivo, o novo submarino é dotado de novas armas, mais poderosas e mortíferas, inclusive um engenhoso dispositivo para o lançamento de "bombas-atômicas" — o que, incontestavelmente, vem dar a última palavra como indicadora de sua tremenda potencialidade ofensiva.

A simples enumeração dos melhoramentos introduzidos nesse novo submersível, nos dão idéia da importância que assume a quarta-armada no desenvolvimento duma guerra próxima.

O "snorkel" pode navegar, quando submerso, a uma velocidade de mais de vinte e cinco nós por hora.

Um respiradouro, especialmente desenhado, permite a renovação constante do ar de seu interior, ao mesmo tempo que, por meio de exaustores, alivia a atmosfera interna dos vapores produzidos pelo trabalho dos motores Diesel. Esse respiradouro consiste em dois tubos cilíndricos, iguais aos dos periscópios comuns, porém de diâmetro muito maior. Um para "inspirar" e outro para "expirar". A ponta do periscópio e a extremidade do respiradouro, que fica a uns 30 centímetros fora da

linha d'água, dificilmente podem ser divisados pelos aviões. O material de que são fabricados, e a pintura especial de seu revestimento externo, também tornam extremamente dificultoso a sua exata localização por meio do "radar". Na extremidade do tubo que inspira o ar da superfície, válvulas especiais, que agem por mecanismo elétrico, impedem a entrada de água.

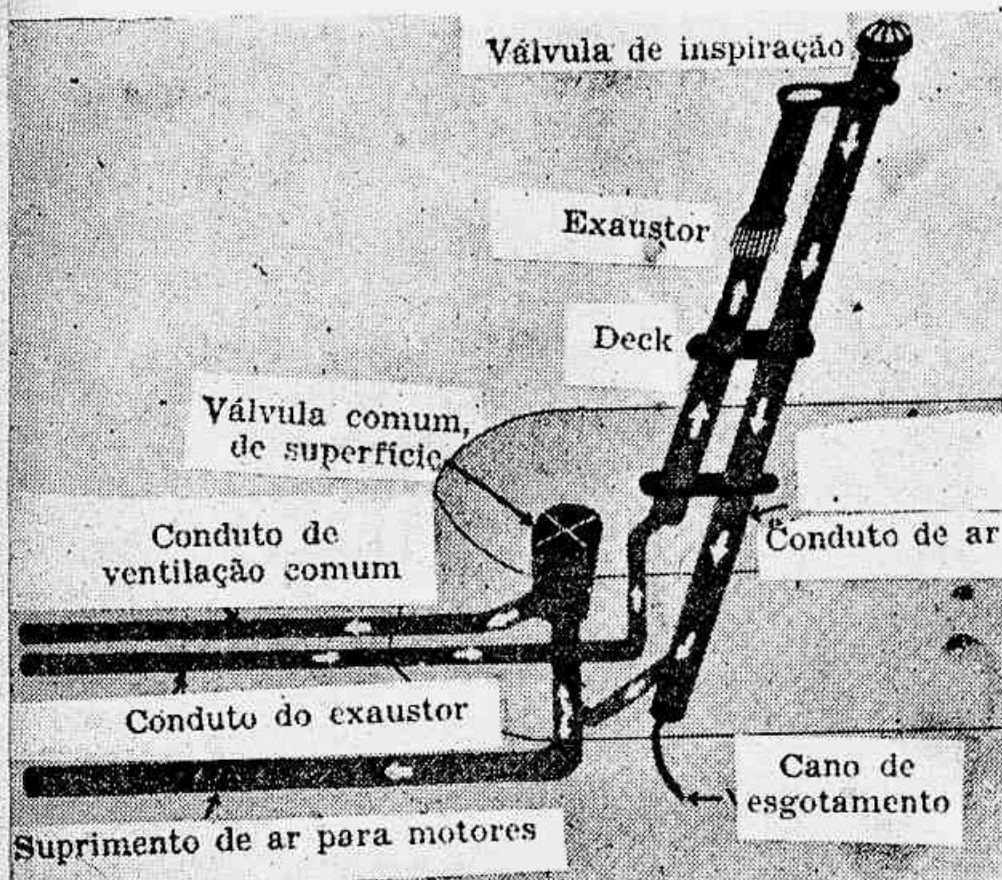
Por um outro instrumento, de construção delicada e ainda conservado em segredo, à simples interferência das ondas de um "radar" inimigo, toda a estrutura metálica de que se compõem, tanto o respiradouro como o periscópio, desaparecem da superfície, pelo movimento retrátil — como os trens de aterrissagem dos aviões modernos.

A velocidade extraordinária que pôde desenvolver o "snorkel" (cujo nome original deriva do alemão "schnorkel", e que os ingleses chamam de "snort" (roncador), navegando a uma profundidade de mais de 400 pés, se deve ao fato de seus potentes motores à óleo "Diesel", poderem funcionar sem perigo resguardados as funestas consequências dos vapores asfixiantes, pelos trabalhos dos exaustores a que já nos referimos.

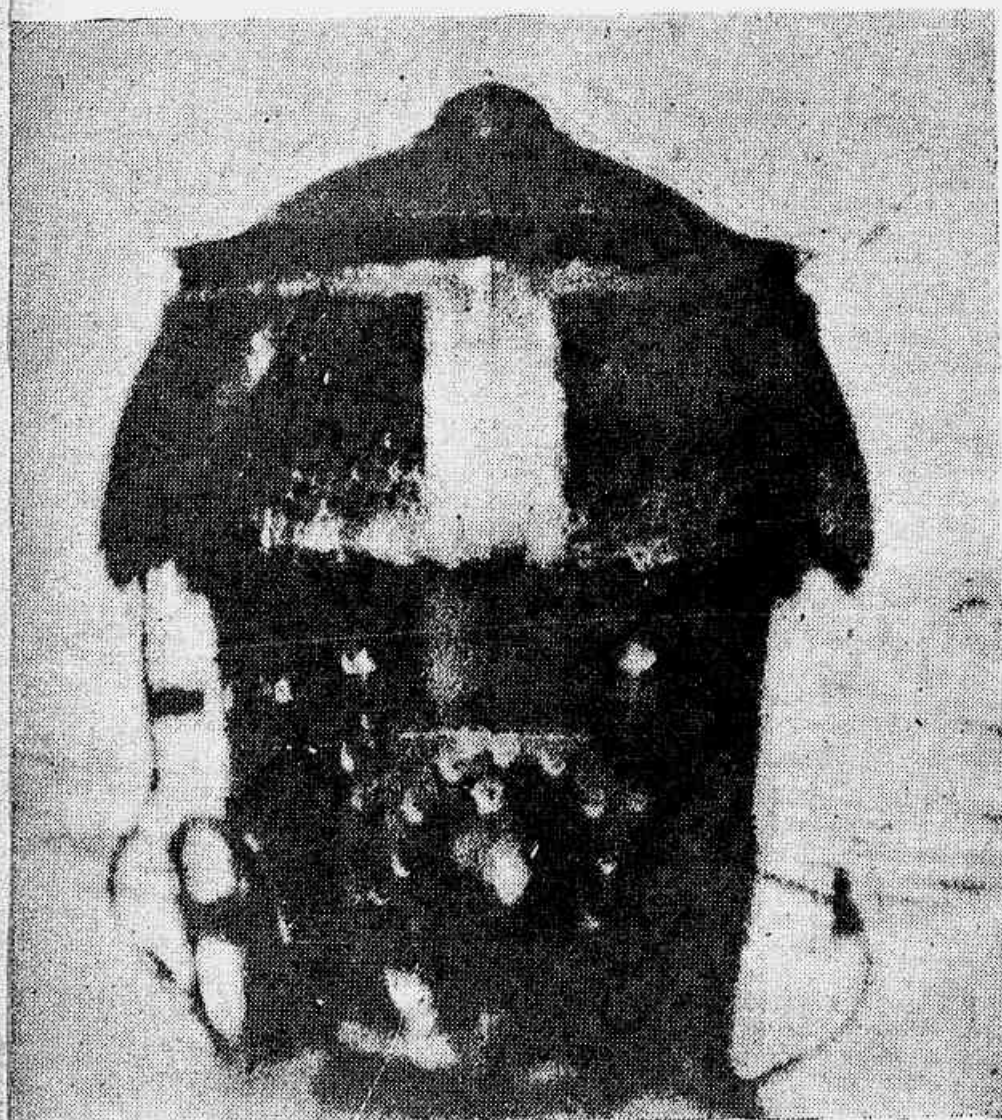
Os tipos de submarinos mais modernos, utilizados pelas forças navais alemãs, durante a última guerra, apresentavam muitos inconvenientes, inclusive a sua pouca velocidade (cerca de oito nós, no máximo, por hora) o que os tornavam praticamente perdidos, quando localizado pela aviação aliada. Além disso, eram obrigados a navegar, durante o dia, com o periscópio mergulhado, reservando as noites para a operação de carregamento de suas baterias. A morcosidade de sua deslocação dentro d'água impedia o acompanhamento da marcha, muito mais veloz, das embarcações comboiadas, vantagem que garantiu a ininterrupção do fornecimento de víveres e munições à Inglaterra, nos terríveis dias que precederam à Dunquerque.

★

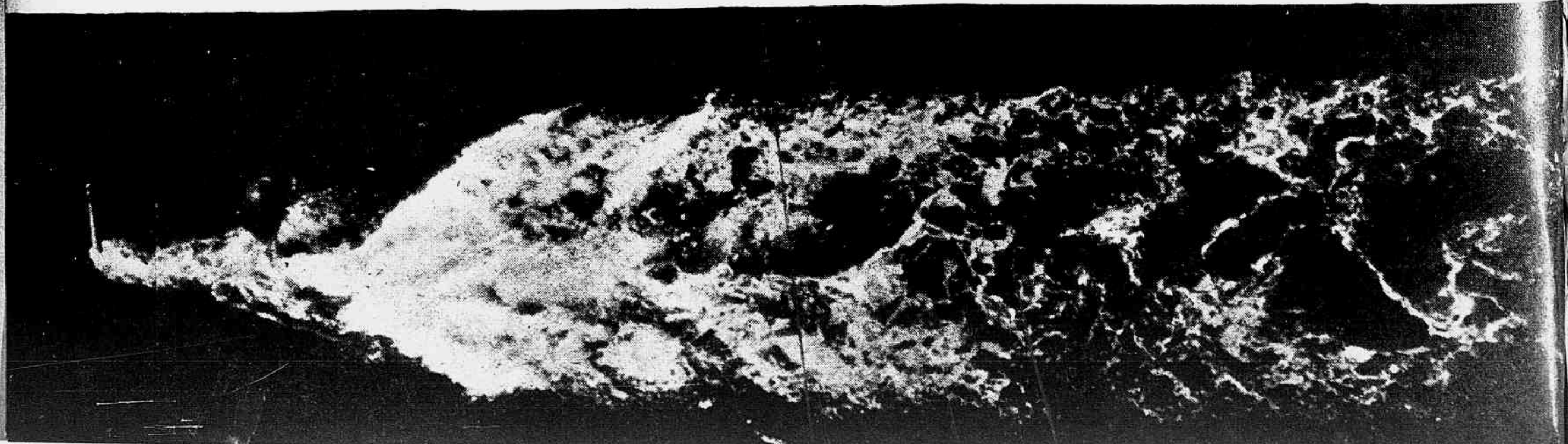
O aparecimento do "snorkel", cujo modelo original de que se serviram os técnicos navais norte-americanos para a sua construção foi um submarino alemão (Tipo XXI) — veio trazer novas preocupações para os estrategistas da guerra anti-submarina. A corrida entre o submersível e os que lhes dão combate já começou de há muito, na Marinha dos Estados Unidos. As investigações para a descoberta de novas armas, uma aplicação mais desenvolvida e mais penetrante das ondas do "radar", um novo e muito mais sensível mecanismo anti-magnético, a par de armas mais potentes e de poder destruidor, tanto na superfície d'água, como em profundidade, estão sendo procedidas nos arsenais e laboratórios da Marinha de Tio Sam. Novos tipos de "caça-submarinos" de velocidade maior, catapultas de controle eletrônico para lançamento de bombas de profundidade, e uma série enorme de melhoramentos vêm sendo estudados, para ampliar magnífica performance do novo "snorkel" — o submarino do futuro.



Em cima: Um diagrama simplificado do novo mecanismo. Em baixo: O "snorkel" à superfície, vindo-se, atrás do periscópio, o "respiradouro", recentemente inventado e o "exaustor", que permite o funcionamento, sem perigo, dos potentes motores Diesel, que lhe dão, quando mergulhado, velocidade superior a 25 nós por hora



Quando submerso apenas o periscópio e o respiradouro aparecem. Segundo os técnicos navais, a sua localização do ar é extremamente difícil



DECORAÇÕES INTERIORES



RESIDENCIA DO SNR. JOÃO BRAGA FILHO • GRAJAU • R. CANAVIEIRAS • 321

INTERIORES • COMPLETOS

MOVEIS • CORTINAS • TAPETES • PASSADEIRAS • TECIDOS



65 • RUA DA CARIOCA • 67
RIO DE JANEIRO



Hollywood - Calif. Judy Garland aparece pela primeira vez num filme com Fred Astaire que esteve dois anos afastado "studios". E "Desfile de Páscoa", que apresenta igualmente Ann Miller e Peter Lawford está fazendo furor. Brevemente êsse grande filme da Metro alcançará o mesmo sucesso no Brasil.

Os astros do cinema, e entre eles Judy Garland, Fred Astaire, Ann Miller e Peter Lawford têm a mesma atitude, quando fumam: exigem qualidade. E por isso fumam somente cigarros onde entra a alta qualidade de tabaco que é empregada nos cigarros Hollywood. Preferindo o cigarro Hollywood, você dá igual prova de bom gosto.

CIGARROS

Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz

é sempre o melhor em sua classe.



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz